

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TESE DE DOUTORADO

**GEOGRAFIAS INVISÍVEIS: O EFEITO DA VONTADE DE POTÊNCIA PARA
A GEOGRAFIA**

ALEXANDRE ESLABÃO BANDEIRA

ORIENTADORA: PROF^a.DR^a. DIRCE MARIA ANTUNES SUETEGARAY

PORTO ALEGRE, MAIO DE 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**GEOGRAFIAS INVISÍVEIS: O EFEITO EPISTEMOLÓGICO DA VONTADE
DE POTÊNCIA PARA A GEOGRAFIA**

ALEXANDRE ESLABÃO BANDEIRA

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Dirce Maria Antunes Suertegaray

Banca Examinadora:

Prof. Dr^º Nelson Rego (POSGEA/UFRGS)

Prof. Dr^º Dário de Araujo Lima (ICHI/FURG)

Prof. Dr^º Cleder Fontana (IFSC)

Tese apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Geografia como
requisito para obtenção do título de
Doutor em Geografia

PORTO ALEGRE, MAIO DE 2018.

CIP - Catalogação na Publicação

Bandeira, alexandre Eslabão
Geografias Invisíveis: o efeito da vontade de
potência para a Geografia / alexandre Eslabão
Bandeira. -- 2018.
244 f.
Orientadora: Dirce Maria Antunes Suertegaray.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de
Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Geografias Invisíveis. 2. Epistemologia. 3.
Ciência geral. 4. perspectivismo. 5. Friedrich
Nietzsche. I. Suertegaray, Dirce Maria Antunes,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Seria muito difícil fazer justiça ao grande número de pessoas que de uma forma ou de outra, ao longo da minha vida existencial ajudaram a me formar e deformar nessas quatro décadas, de qualquer forma colaboraram com a realização deste trabalho. Sendo assim, reconheço todos que de alguma forma participaram desta caminhada. Agradeço o apoio fundamental da minha orientadora, Dirce Maria Antunes Suertegaray na construção desta pesquisa, e do mesmo modo a todos que ajudaram na construção e desconstrução desta pesquisa.

Agradeço a minha companheira e querida esposa Bruna e filha Antônia pela base e atitudes que sustentaram a minha pessoa no equilíbrio existencial, juntamente com a minha família. Assim, não poderia de deixar de registrar mais um título na minha vida, que dedico a todas existências, e, aqui quero destacar a vinda da mais nova flor na minha vida, a nossa Helena, que fez parte desse momento, tese.

O passado e o presente registram cada atitude o qual cada ser participa, e nesse caso a de produção e de consumo. Assim, nada é por acaso, tudo tem um por que. Cada segmento faz parte de um todo e este todo confere as atitudes e não atitudes que esses submetem e são submetidos por justificativas nos quais cada período histórico é elencado. Portanto, a complexidade da vida, pede novas atitudes, e não permite persistirem com ingenuidades coletivas e individuais. Os fatos são visíveis e plausíveis então, por que a humanidade não colocou uma nova ordem nos seus problemas: consentido tolerado e desejado? A manifestação de uma nova ordem requer uma nova atitude, novos/ velhos caminhos onde o ato de existir não é somente o “consumo”, mas a existência da sabedoria de cada ser na sua ação individual e coletiva as quais privilegiam a sua natureza primitiva, ou seja, não uma involução do conhecimento geral, mas uma própria reconstrução do conhecimento da espécie humana. Não percebemos as artimanhas as quais estamos enveredados, sem nenhuma reação. Assim, as atitudes pequenas que ocorrem, são aptidões de mascaramento e ações paliativas. Digo pequenas, para ações envolvidas ao modo de produção capitalista, onde qualquer “discurso” é para o benefício de perpetuação dos conflitos sociais e suas artimanhas.

RESUMO

A geografia invisível norteia esse caminhar aqui proferido em diversos momentos, internos e externos, que diante de um ato reflexivo com a vontade de potência em Nietzsche, colabora para não desqualificar tudo que já ocorreu até aqui mas, provocar tudo e todos de alguma forma, para outros olhares geográficos. É preciso distanciar-se dessa perpétua materialidade desses sistemas de objetos e de ações, não aniquilar, mas potencializar para outros olhares. A presente pesquisa problematiza que uma realidade não cabe na outra, mas acima de tudo, uma esta na outra. Geografias Invisíveis é um ponto confrontador, inserido como meu meta-ponto para análise das realidades. A análise opera e situa-se por momentos no processo biográfico, genealógico das minhas experiências coexistentes. Assim, o termo invisível faz um papel de confronto às objetivações, idealizações que embora tenham uma genealogia profunda na sua praticidade tornam-se muletas, que fazem da realidade um ato desconexo para com o mundo da vida. Devemos ultrapassar a questão social e individual dos moldes atuais, para dessa forma, diante de um mundo de perspectivismo, elaborar uma nova forma de perceber e conceber esse mundo. Devemos encarar as perspectivas atuais como nocivas para esse homem atual, pois esse mundo foi criado para anular qualquer ordem diferente da sua. Coloco a filosofia de Nietzsche como um grande marco para um rompimento paradigmático, pois para o autor tudo tem interesse, e dentro desse caminho existencial a consciência é um subproduto insignificante da nossa psique, uma espécie de holofote, um recorte, um ponto de vista dentro da manifestação existencial do homem.

Palavras chave: Geografias Invisíveis, Epistemologia, conhecimento, perspectivismo, Friedrich Nietzsche

ABSTRACT

Invisible geography guides this journey, which has taken place in various moments, internal and external, that, in the face of a reflexive act with the will to power in Nietzsche, collaborates not to disqualify everything that has happened up to now but to provoke everything and everyone in some way, for other geographical views. It is necessary to distance ourselves from this perpetual materiality of these systems of objects and actions, not to annihilate, but to potentiate for other looks. The present research problematizes that one reality does not fit in the other, but above all, one in the other. Invisible Geographies is a confronting point, inserted as my meta-point for analyzing realities. The analysis operates and situates itself at times in the biographical, genealogical process of my coexistent experiences. Thus the invisible term plays a role in confronting the objectifications, idealizations that, although they have a deep genealogy in their practicality, become crutches, which make reality a disconnected act towards the world of life. We must go beyond the social and individual question of the current molds, so that, in the face of a world of perspectivism, we can work out a new way of perceiving and conceiving this world. We must view current perspectives as harmful to this present man, for this world was created to nullify any order other than his own. I place Nietzsche's philosophy as a great landmark for a paradigmatic breakthrough, for to the author everything has an interest, and within this existential path consciousness is an insignificant byproduct of our psyche, a kind of spotlight, a cut-out, a point of view within of the existential manifestation of man.

Kei Words: Invisible Geographies, Epistemology, knowledge, perspectivism, Friedrich Nietzsche

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
Problemática de pesquisa	10
Metodologia	26
Minha biografia- minha história de vida	47
Momento auto- biográfico	52
Objetivos	65
MOMENTO I	66
1.1 As condições da exclusão espacial dentro do topos existencial	66
1.2 Mecanismo de separação dos homens e da natureza	70
1.3 A chave para o surgimento do modo de produção capitalista	71
1.4 Mecanismos de manipulação e transformação do espaço	73
1.5 A relação dos contrários no espaço desde o primitivo ao contemporâneo	75
1.6 O duelo dos titãs	89
1.7 A gênese dos múltiplos ‘Brasis’	80
1.8 Palco das diferenciações entre os seres possuídos e os pseudo excluídos	85
1.9 A ilusão moderna de pertencimento dentro do sistema mundo e seus sistemas coexistentes	90
1.10 Especificidades brasileira dentro de uma economia dependente?	102
1.11 As construções da subjetividade do indivíduo	113
MOMENTO II	129
2.1 Consciência da realidade na perspectiva do filósofo Álvaro Vieira Pinto	129
2.2 A(s) cultura(s) como um bem de consumo e bem de produção	145
2.3 O conceito de tecnologia sob o olhar do filósofo Álvaro Vieira Pinto	147
MOMENTO III:	154
3.1 O progressivo- regressivo vir a ser dentro de super-previsões humanas	154
3.2 Nascemos com potencial para desenvolver múltiplas inteligências	160
3.3 Negar o sofrimento psicossocial é negar a negação da existência	170
3.4 Para mudarmos o mundo só mudando a consciência	173
3.5 As mudanças de poder	177
MOMENTO IV:	182

4.1 Uma introdução a Nietzsche I	182
4.2 Uma introdução a Nietzsche II	186
4.3 Quem são os suspeitos?	192
4.4 Perspectivismo em Nietzsche	197
4.5 Nietzsche e a filosofia em Deleuze	200
4.6 Verdade um batalhão móvel de metáfora	206
4.7 Os ídolos em Nietzsche	210
4.8 Vontade de potência em Nietzsche	212
MOMENTO V:	217
5.1A realidade sob metáforas	217
5.2 Geografias Invisíveis	219
5.3 Fronteira do meu pensamento	225
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	235
REFÊRENCIAS:	238

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Problemática de Pesquisa

Começo com a justificativa que a vida não é um mero jogo, onde se ganha, se perde ou simplesmente se empata, mas sim, onde ela é feita pela existência contínua, constituída de processos incessantes que só acabam para um indivíduo no momento da morte, sendo o póstumo uma condição que ultrapassará, ou não, tal momento existencial, ficando como critério de absorção para outras gerações. Portanto, o momento da tese, fará parte da minha condição existencial.

Nesta visão existencial, a minha perspectiva de tese, é de que a essência não é nata e que o ser humano, nesse caso eu, dentro do meu entorno (sociedade), em coesão com os outros seres humano em sociedades, é parte deste momento, como um recorte, que se constrói a partir das existências, de nossas escolhas e das múltiplas consequências do existir.

Assim, o homem é responsável pelo seu destino, nesse caso, dentro deste estudo, veremos dentro de uma consciência crítica ou ingênua, ativa ou reativa. Tudo isso, são perspectivas as quais serão lançadas para serem ruminadas por aqueles que irão permear nesse estudo como fonte de conhecimento. Para tanto, devemos recordar nossas angústias e reescrever novos sentidos, pois como diz o filósofo Sartre(2013):“O existencialismo é um humanismo” e “a existência precede a essência” e o “homem é plenamente responsável”, e nossas ações nos remetem para nossas escolhas dentro do nosso ato de viver, e, nessa vida “somos condenados à liberdade”.

Diante dos fatos, momentos, recortes e critérios, o eterno retorno será os meu critérios e seleções, de instantes existenciais, transformando-se em uma seleção de momentos para serem operacionalizados com a tese. Quem sou eu, para esse momento que é a tese será o questionamento norteador do foco. Nesse recanto, devo apresentar-me ao mundo científico com um homem capaz, dentro da capacidade esperada que esse

momento requer, formalizada, nesse caso, em regras. Mas, como irei colocar-me nessas regras, se no mundo da vida não há ordenação?

Segundo a visão Nietzscheana, não existe nenhuma possibilidade de que as palavras dêem conta do mundo da vida. Isso só funciona no mundo da ilusão, e no caso do mundo da vida, ela transita, deixando de ser a todo instante. Essa é a incerteza na qual me instalo, pois a certeza caiu em desuso na minha existência.

Se a verdade não faz parte do mundo da vida, então pergunto-me: o que é que as pessoas buscam nessa vida? Para uns a vida eterna, para outros uma felicidade paradoxal, para outros uma vida líquida e assim por diante. Portanto, cada situação tem que ter uma mesma correspondência ao real, com a mesma “coisa”, onde a padronização dessas diferentes “coisas” é feita, esquecendo de que são diferenciadas. A realidade de ontem não é a mesma realidade de hoje ou de amanhã, embora haja uma seqüência de fatos, que existem e coexistem a cada instante sob formas e condicionamentos para cada tempo. Não que essas deixam de ter ‘tal coisa’, mas essa ‘tal coisa’ flui para outros estados.

Para Nietzsche a verdade é um bem acabado de uma Muleta metafísica, engajada nos discursos, dentro dessa possibilidade de verdades, ilusões para todos os momentos. Mesmo que não exista um só momento, uma só realidade e, se justifique através de recortes fundamentados, dentro de uma conduta organizada, isso é somente escolhas para cada ser. Essa poderá ser o critério do querer de quem vive, ou seja, o seu alcance, a sua vida, os seus desejos, as suas experiências. Ainda de acordo com o autor, é um absurdo tal mundo mediado por muletas, uma existência ilusória ou simplória, nesse caso, um mundo dirigido por ilusões . Não existe nenhuma possibilidade de que as palavras dêem conta do mundo da vida, é apenas um recorte, uma ideologia, determinado por um consciente, uma pequena ponta de um iceberg. E no caso do mundo da ilusão, para cada momento deveremos obter uma hipótese. Isso porque no mundo da vida, as coisas deixam de ser; elas transitam desde sempre.

Ao contrário do mundo da vida, o mundo da verdade se ilude; para este basta que essa coisa corresponda ao momento, como uma consciência ingênua- simplória. A verdade fica estática enquanto o mundo da vida não. Dessa forma, há uma tendência psicológica de se fazer do mundo o que ele não é. Eu faço parte desse momento, a ciência faz parte desse momento, não esqueçamos nunca que tudo flui nesse instante, nessa realidade, nessa existência.

Não sou, por exemplo, nenhum bicho papão, nenhum monstro de moral- sou até mesmo uma natureza oposta à espécie de homem que até agora se venerou como virtuosa. Entre nós, parece-me que precisamente isso faz parte de meu orgulho. Sou um discípulo do filósofo Dioniso, preferiria antes ser um sátiro do que um santo. Mas simplesmente leia-se este escrito. Talvez eu tenha conseguido, talvez este escrito não tenha tido nenhum outro sentido do que trazer à expressão essa oposição, de uma maneira serena e humanitária. A última coisa que eu me prometeria seria “melhorar” a humanidade. Por mim não são erigidos novos ídolos; os velhos que aprendam o que é ter pernas de argila. Derrubar ídolos (minha palavra para “ideais”)- isso sim, já faz parte de meu ofício. Privou-se a realidade de seu valor, de seu sentido, de sua veracidade, no mesmo grau em que se mentiu um mundo ideal... O “verdadeiro mundo” é o “mundo aparente” [...] A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, com ela a humanidade mesma se tornou, até em seus mais profundos instintos, mentirosa e falsa- até chegar a adoração dos valores inversos àqueles com os quais, somente, Ihes estaria garantido o prosperar, o futuro, o elevado direito a futuro (NIETZSCHE, 2011, p.374).

Questiono-me se o respiro dessa Tese, sendo um respiro da águia e não de uma galinha, numa simples metáfora, possa ser comparado a vôos mais siderais do que mundanos, com momentos de superações, pela procura de tudo que é incerto e problemático na existência.

Aqui não fala nenhum “profeta”, nenhum daqueles arrepiantes híbridos de doença e vontade de potência que são chamados fundadores de religiões. É preciso mais que tudo saber ouvir corretamente o tom que vem dessa boca, esse tom alciónico para não fazer uma injustiça deplorável ao sentido de sua sabedoria. As palavras mais quietas são as que trazem a tempestade, pensamentos que vêm com os pés de pomba dirigem o mundo [...] Aqui não fala nenhum fanático, aqui não se “prega”, aqui não se exige crença [...] Exatamente o contrário daquilo que algum “sábio”, “santo”, “redentor” do mundo” e outro dácadent diria em tal caso”(NIETZSCHE, 2011, p.375-376).

Portanto, nesse espaço coloco-me com a minha existência, como parte da tese, diante do meu nascituro, com um olhar para antes de mim e para além de mim; do meu crescimento como um ser, em todas as fases de vida, das angústias, das felicidades,

enfim, de procurar em recortes, de cenários da minha vida; explicar ao longo dessa tese que sou parte real dessa obra (tese), junto com o meu entorno, os outros cenários que sobrepostos são oriundos do existencialismo.

A felicidade de minha existência, sua singularidade, talvez, esta em sua fatalidade: para exprimi-lo em forma de enigma, eu, como meu pai, já estou morto, como minha mãe, vivo ainda e envelheço. Essa dupla ascendência, como que do mais alto e do mais baixo degrau da escala da vida, ao mesmo tempo dácadent e começo- é isso, se é que é alguma coisa, que explica aquela neutralidade, aquela liberdade de partido em relação ao problema global da vida que, talvez, me caracteriza (NIETZSCHE, 20011, p.377).

Mediante uma lógica doente, ressentida, deverei olhar para os conceitos que a vida aceitou, e seus valores mais buscados; olhar para abaixo e ver o secreto trabalho, o invisível trabalho, do instinto que o próprio Nietzsche chamou de decadente. Serão propostos diante das minhas experiências, escolhas, negações e afirmações, onde esse será meu longo exercício para a ciência, para a Geografia e para a vida. Fôlego de condutas, para isso tenho em mãos, mas, devo e persisto aqui nesse caminho, através de “Ecce Homo” de Nietzsche, que tenhamos diante de tais situações, trocas de perspectivas, para enfim, chegar a uma “transvaloração dos valores”.

Vão me perguntar por que, propriamente contei todas essas pequenas coisas e, ao juízo tradicional, indiferentes: com isso prejuízo a mim mesmo, ainda mais se estou destinado a grandes tarefas. Resposta: essas pequenas coisas- alimentação, lugar, clima, recreação, a inteira casuística do amor próprio- são, para além de todos os conceitos, mais importantes do que tudo a que se deu importância até agora. Aqui precisamente é preciso a começar a reaprender. Aquilo que até agora a humanidade ponderou seriamente nem sequer são realidades, são meras imaginações ou, dito mais rigorosamente, mentiras provenientes dos piores instintos de naturezas doentes, perniciosas no sentido mais profundo- todos os conceitos “Deus”, “alma”, “virtude”, “pecado”, “além”, “verdade”, “vida eterna”... Mas procurou-se neles a grandeza da natureza humana, sua “divindade”... Todas as questões da política, da ordem social, da educação foram falsificadas pela base e pelo fundamento por se tomarem os hímens mais perniciosos por grandes homens- por aprender a despertar as “pequenas” coisas, quer dizer, as disposições fundamentais da própria vida...(NIETZSCHE, 20011, p.382).

Por fim, dessa justificativa de momento da tese, parte intrínseca da Tese, é defendido que algum dia necessitaremos de novas instituições, novas formas de aprender e fazer Geografia; uma geografia existencialista para romper com as amarras e roupagens (velhas/novas) em que se viva e se ensine como eu entendo o viver e o

ensinar; talvez sejam instituídas cátedras próprias para a interpretação e manejo de “Geografias Invisíveis”.

E, em conformidade com o filósofo Nietzsche (p.383,2011): “Mas seria uma perfeita contradição a mim se eu já, hoje esperasse encontrar ouvidos e mãos para as minhas verdades”. Não desejo nenhuma forma de consideração, extraclasse. E, “como poderia eu com esse sentimento da distância, sequer desejar dos “modernos” que conheço” tais considerações. Não sou salvador da pátria, muito longe de um eterno idealismo carregado de ufanismo, mas, sim, tentarei aqui a minha explicação. Tudo isso, diante da originalidade das minhas experiências.

Fica aqui a clareza de que o alcance de cada pesquisa científica precisa de muito mais do que tempo e disciplina, há muito mais fronteiras no mundo da vida, do que nas ciências em geral, onde, cada nicho intelectual vive em suas vitrines, modelos e padrões que definem uma capacidade psicológica planejada, consentida e tolerada de fazer do mundo científico uma verdade do que ele não é.

Por último, ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mas do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido. Pensemos então em um caso extremo: que um livro fale de puras vivências que estão inteiramente fora da possibilidade de uma experiência freqüente, ou mesmo apenas rara- que seja a primeira linguagem para uma nova série de experiências. Nesse caso, simplesmente nada é ouvido, com a ilusão acústica de que, onde nada é ouvido, também nada há... Esta é, por último, a minha experiência média e, se quiser, a originalidade de minha experiência. Quem acreditou ter entendido algo de mim, havia ajustado algo de mim à sua imagem (NIETZSCHE, 20011, p.384).

Escrever no “momento da tese”, impõe questões que, no meu caso, transmitirão condições existenciais, materializadas nas ações das minhas experiências, sejam elas familiares ou exteriores a mim, com suas condições e submissões, diante de suas vidas que são representativas de espaços e tempo. Muito mais importante que essas questões, é saber que homem há dentro destas inúmeras experiências, que fizeram em mim no ontem e no hoje, e que diante de suas manifestações provocaram reações.

Venho com minhas experiências tentar entender quem sou eu para o mundo, para mim mesmo e para a existência, visto que a reflexão que desenvolvo é para além

de mim, não para criar um modelo perfeito de causas e fatores sobre a minha personificação, mas, antes de tudo, projetar nessa linha do tempo ainda insipiente de somente 40 anos, um vôo maior, com uma amplitude mais ampla, sempre se permitindo refletir e questionar sobre tais fatos vividos, sofridos e superados.

Ao mesmo tempo que tentarei conduzir fatores externos a mim, também fatores dentro da minha participação ativa ou passiva, diante de lugares, locais, regionalizações e nacionalidades que, além de me conectar ao mundo, condicionam e formatam a minha participação nesse instante em cenários vividos por momentos de vida(s).

Não tenho a pretensão de criar um livro de história tradicional para o uso como ferramenta de direção, como a didática escolar, onde insere-se uma linha reta de fatos, cenários justificados sem nenhum pudor para cada espaço e tempo. Mas, o intuito aqui é desmistificar a minha história, dentro de outras histórias, que diante das minhas angústias, alegrias momentâneas, e, em confronto com as angústias, alegrias momentânea dos outros. A tentativa é colocar esse discurso, não absoluto, mas carregado de dúvidas em prol desse momento de tese. Acima, já tentei justificar o momento da tese, agora procurarei dar conta da minha história de vida, dentro de uma linha do tempo, tentando ser o máximo fiel à realidade, mas sabendo que a fluidez do tempo no espaço é líquida. Talvez de alguma forma até inocente, poderei omitir algo, mas, não é a minha intenção. Esta tese tem uma história: a história de uma pesquisa que durará toda uma vida.

Há um confronto entre a realidade e a existência, oriunda ao meu ver da falta de sintonia entre a prática e a produção do espaço sociais, que é, a acima de tudo, um espaço existencial do homem com o seu processo de humanização das realidades. Hoje podemos dizer que temos uma ausência de espaço existencial (inversão) e por sua vez uma ausência do tempo (submissão), ambos existenciais. Poderão me indagar pela afirmação: como não temos espaço e nem tempo? Esse ter não tendo, é a chave para percebermos onde não estamos mais, ou seja, vivemos comprando cidadania, felicidade e, assim, por diante.

Conforme o geógrafo Milton Santos o espaço é concebido como um sistema indissociável de objetos e ações diante do vivido, esses como experiência da poesia deste espaço(muletas ilusórias), e, dos seus poderes simbólicos vigentes em suas ações. Ao meu ver esse sistema de objetos e de ações não é suficiente para a explicação existencial, que, por sua vez, é frutos dos esforços permanentes dos homens nas suas sobrevivências; nesse viés, cito novamente o filósofo Nietzsche, que relata que essa vida atual, dentro desse espaço de objetos e ações, perpassa somente o ato de sobreviver.

Noto dois aspectos importantes nessa tão conturbada relação entre o homem e a sua sobrevivência, que é a sua existência: inicialmente a metamorfose desse espaço (visto por uma análise progressivo-regressivo) da vida pode ser destacado; já o outro, é a metaforização do espaço diante do seu próprio modo de agir, que por sua vez, transforma-se em uma realidade metafórica em detrimento de uma “despotencialização” do homem).

Vivemos em todos os processos uma desmaterialização permanente desse homem de massas, cujo, suas ações e seus objetos, dentro dessa metamorfose e metáfora do espaço, são tidos hoje como ciber- cultura, ciber- espaço, inteligência artificiais, armas inteligentes, que são consideradas como tendo alma e inteligência em suas objetivações. Vemos portanto, tantas novas nomenclaturas que justificam espaço e tempo, mas não enxergamos mais a origem, o criador, o homem.

A pergunta que faço a todo momento: como será o homem do futuro? No entanto, para responder tal questionamento, preciso saber como foi e como é esse homem atual. Portanto me servirei da análise institucional, do método progressivo-regressivo, para re- criar o caminho desse homem mais que adaptável. Essa adaptação, ao meu ver, oriundo de diversas metamorfoses que perpassaram espaços e tempos, da sociedade de massas, do consumo em massa, ao hiper consumo, transforma-se em um tipo homem, e, vive um novo estado.

Conforme o autor Gilles Lipovetsky (2009, p.21), em seu ensaio sobre a sociedade do hiper-consumo, um homem é camuflado por sua felicidade paradoxal. Um

homem que se acha livre no consumo, esse homem é tido por ele como “conumericus”, não contenta-se mais só com o bem estar material, agora busca um conforto psíquico que ao meu ver é um discurso desse novo estado, no qual o homem perpassa. “A nova sociedade que toma forma funciona através do hiperconsumo, não do desconsumo”.

Sendo assim, não poderei fazer um trabalho no particular, numa visão de sobrevôo, superficial das realidades, visto que acredito que as realidades e as práticas são frutos de uma menoridade do ser humano. Há nesse conjunto de sistemas de ações e objetos uma falsa realidade em detrimento de um modo de conceber esse mundo, no qual estamos inserido e no qual projetamos. É preciso persistir na complexidade de manifestações dessas realidades por isso, comungo com a filosofia manifestante do filósofo Nietzsche, a cerca do qual tentarei expor seus pensamentos e agregá-los como suporte dessa manifestação.

O filósofo Nietzsche em sua filosofia, nesse caso do martelo, fala que aquilo que nos vêem a consciência é um subproduto pequeno e insignificante da nossa psique, do momento que vivemos e vivenciamos. Portanto, nossa existência é absolutamente maior que esse sistema de objeto e de ações, que suportamos como vida.

Vejo o visível como o recorte insignificante do todo e considero, fator muito pequeno dentro das realidades, o meu caminho até aqui. Nesse momento de tese tenho como desafio elevar esse homem atual (eu e nós) para um novo patamar e dar a ele/ nós sentido de protagonizar um novo homem.

A obra que influenciou na prática esta técnica de pesquisa, refere-se ao Francês Remi Hess(2005), o qual traz em seu livro a ideia: “Produzir sua obra: o momento da tese”, onde o pesquisador, ao seu ver, deve procurar pesquisar e escrever sobre sua vida, onde ele descreve passo a passo a sua técnica. Sendo assim, procurei seguir seus passos, através de uma pesquisa feita de forma contínua, numa progressividade, onde o vai e vem na história deverá ser feito e refeito. Desse modo, a pesquisa tem uma escolha, uma relação de valores, a qual segundo Remi Hess (2005) afirma que jamais será neutra.

Nesse sentido, a contradição se caracteriza por aquilo que não é visto quando fazemos um diagnóstico; a procura será ir além das aparências e aprofundar os fatos, dentro de uma condição, que seja crítica e ativa e não ingênua e reativa. Assim, o termo ‘invisíveis’ faz um contraponto às conceituações, num processo em que o conhecimento não pode ser vazio, mas sim, há de ser visto, com aspectos visíveis e palpáveis.

No âmbito da pesquisa, portanto, há a necessidade de uma radicalidade e de uma especificidade nos posicionamentos, sendo que os conceitos devem ser vistos com o olhar profundo e crítico, servindo de ferramenta de trabalho, fugindo das anestésias (muletas), não ficando somente no papel, constituindo e caracterizando aqui uma sociedade do diagnóstico, uma sociedade idealizada, em uma ilusão planejada, consentida e tolerada.

A ciência moderna prometeu ser o deus para o *homo sapiens* e responder a todo questionamento que pudesse ser feito, mas, ela nos traiu. Isso porque, não desvendou as perguntas essenciais: Quem sou? Quem somos? Assim, continuamos sendo um enigma, uma gota que por um instante aparece, e, logo se dissipa no palco da existência. Apesar do salto na tecnologia, ela não resolveu os problemas humanos fundamentais, nos quais podemos incluir as questões referentes à violência, fome, discriminação, intolerância e misérias psíquicas. A ciência deve ser vista como produto do ser humano na sua ideação, e não um deus do mesmo, um monstro que lhe impõem ordens (PINTO, (1979); (2005)).

Como dizia o filósofo Nietzsche é a partir da dúvida, da descrença e da crença somente na vida que derrubamos o endeusamento às coisas, passando do mundo das metáforas para um mundo real e concreto, mediante destruição dos valores perpétuos, para assim insurgir uma nova potência humana, que podemos nomear de potencialidade da consciência operante na plenitude da existência, por meio da humanização permanente e inacabada que é o ser social.

O discurso elaborado para este momento é a tentativa de compreender alguns processos que geram tensões e conflitos dentro do modelo de desenhar o espaço, o qual

além de vivermos, esquecemos que projetamos e somos projetos nele. Para tanto, precisamos perceber os arranjos, as formas e os processos que constituem nossas relações concretas no espaço.

Tentarei a partir das minhas experiências, compreensões do mundo e junto ao meu momento da tese, o qual se dá em conformidade, outra vez, com o autor, oriundo da análise institucional, o francês Hemi Ress (2005), um dos últimos a ser orientado por Henri Lefebvre, nortear a construção da minha própria obra. Assim, diante do meu caminho existencialista, proponho, mediante **“Geografia Invisíveis”**, uma velha/nova perspectiva geográfica para uma análise da condição humana e suas potencialidades.

Nesse contexto, acredito que a existência através da consciência possa ser tabulada sobre uma tentativa de “quadrante da consciência”, o qual é focado em quatro eixos referentes à consciência de classe, de ambiente, de indivíduo (configurado na psique- geográfica do ser na filosofia do conhecimento) e, por fim, de uma consciência à vida, a qual remete uma espécie de autogestão sobre a potência humana, que envolve em seu conceito os três eixos anteriores.

O mérito desses quatro eixos que tomo por base, é trabalhar com as diferenças numa relação de eterno retorno, não recaindo na condição dual das contradições que sempre exclui uma relação em detrimento de outra, mas, trabalhar com a soma, rompendo com a condição atual de fatalismo ou conformismo que transforma o homem em objeto de sua criação.

Sendo assim, minha proposta de Geografias Invisíveis reflete uma tentativa de compreensão dos processos que geram tensões e conflitos proporcionando injustiça social dentro do modelo de desenhar e do modelo de viver em sociedade. Dessa forma, acredito que refletir sobre as ações do indivíduo na sociedade é preciso e necessário, para um planejar crítico dentro e fora desse meio no qual ele está inserido. Ao se indicar para o debate a perspectiva das apropriações e tensões, sinaliza-se os pressupostos da existência de diferentes modos de apropriações de linguagens e tecnologias e de oposições entre esses modos.

Ao se grafar a Geografia no plural - geografias - sinaliza-se que cada modo de apropriação de linguagens simbólicas e seu uso, pode constituir uma determinada construção geográfica. Desse modo, tensões e conflitos são visíveis e invisíveis nas diferentes formações sociais como, por exemplo, em conjunturas como a formação brasileira na qual encontramos contextos históricos marginalizados, oprimidos, espoliados, segregados, ou seja, excluídos/ incluídos.

Entendo, isso, como resultado das diferentes dinâmicas existentes na minha vida em coexistência com o social coletivo, que é produto dessa condição nacional, onde estou inserido e ao mesmo tempo sou agente forjado e forjador desse espaço, constituído por formas sincréticas, híbridas, que destaco como uma das condições que dão o caráter sustentável do capitalismo. A hegemonia do modo de produção capitalista (digo aqui a Cultura, como um bem de produção e bem de consumo do homem), apropria-se dos múltiplos espaços, não por todos, mas na sua grande maioria por experts que são frutos dessa cultura. E, depois, é distribuída e direcionada a cada nicho, conforme sua condição existencial e sua distribuição no espaço.

Este contexto social engendrou-se em meio a tensões e conflitos (vitórias, derrotas, negociações, acertos; pactos, alianças entre todos), que colocaram em cena configurações diversas de mundos. Como diz a filósofa Marilena Chauí ((1986); (1995)), a história não é a sucessão de fatos no tempo, não é progresso das ideias, mas, o modo como os homens determinados em condições determinadas criam os meios e as formas de sua existência social, que é econômica, política e cultura.

Antes de discutirmos o modelo de desenvolvimento é preciso refletir sobre que tipo de homem se deseja formar para o desenvolvimento (Pinto, (1959)). Sendo assim, educar para o desenvolvimento é uma questão ideológica, pois acompanha todos os processos de desenvolvimento na contemporaneidade, e é preciso saber que existe uma tensão planejada que condiciona essa realidade.

Assim, a perda do entendimento e compreensão da realidade, impede que sejam vistos os processos formadores e condicionadores, como categorias do real, do espaço

banal, denominado pelo geógrafo Milton Santos, de cotidiano ((1999); (2004); (2007)). Esse espaço é construído e consumido no acolhimento de todos os indivíduos no espaço. Este modelo contudo é um dado de consciência e, portanto, pertence à consciência de alguém; concretamente, de alguém que está num dado tempo, num espaço, em definida pela posição social.

Já para o filósofo Álvaro Vieira Pinto, é na multiplicidade de consciências, nas suas modalidades de consciências, que o mesmo afirma existir a consciência ingênua e crítica. A “consciência é sempre um conjunto de representações, ideias, conceitos, organizados em estruturas suficientemente caracterizadas para se distinguirem tipos e modalidades” (PINTO, 1960, p.20). Quando relacionamos essas ideias estamos tornando complexo o raciocínio em torno das mesmas, pois estamos confessando a dificuldade de descrever e explicar um objeto que comporta diversas dimensões; neste caso, o uso desse sistema mundo em prol da vivências desse projeto de homem.

Quanto mais aberto o sistema, quanto mais domínios incidem sobre ele, maior a sua complexidade, e isso se estende tanto ao âmbito social, quanto ao existencial. A condição humana, o sujeito, a sociedade, a cultura, a educação e a política, frutos da ideação humana, são mais complexos do que dinâmica dos mares, do que o nascimento ou morte de uma estrela, ou de um programa de computador.

Podemos falar com maior aproximação e pertinência sobre sistemas financeiros, sistemas de objetos e de ações (importante) que formam o espaço construído, do que tratar, satisfatoriamente do fenômeno da violência humana, dos processos de aprendizagem humana, da consciência nacional, da existência ou do comportamento humano. Pois o complexo é imprevisível, incerto, como é a ação do existir, pois o ser humano é inacabado.

Cabe a todos, e neste caso a mim pesquisador social, humano, e, acima de tudo, existencialista, questionar e duvidar sempre dos fatos, fatos esses oriundos das nossas ações em conjunto em sociedade. Assim, em conformidade com o cientista social Marcelo Lopes de Souza (2005, p.11) “a tarefa do cientista social não é, em última

análise, propriamente simplificar o real, mas sim torná-lo inteligível”, tornando a realidade real e não um emaranhado de simplificações distorcidas que empobrecem a complexidade da realidade social.

Essas, complexas sociedades que existem atualmente, nas diversas regiões da Terra, embora apresentem as mesmas características organizacionais gerais, possuem um estilo de vida próprio, um comportamento coletivo particular, que nomeia-se cultura, a qual é vista como um bem de produção, de consumo e de troca. A cultura abrange não só o conjunto de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, mas também os padrões de conduta e de atitudes que determinado grupo social imprime a si e também aos outros. Sua aquisição e perpetuação é um processo social, e não somente biológico, resultante da aprendizagem, e, por isso, a cultura também é chamada de herança social (PINTO, 1979).

A ciência geografia nos primórdios, na gênese do seu pensamento como ciência, nasceu como uma ciência interdisciplinar, capaz de ser a top das ciências; hoje, em 2018, ao meu ver coloca-se como uma ciência modesta, sendo aquilo que o mercado seletivo espera; no entanto, difere-se para nós profissionais da geografia, para os quais ela será sempre a rainha das ciências. A geografia é una e múltipla, sendo que cada geógrafo propõe uma geografia (o mesmo digo sobre qualquer profissional dentro da sua área). O geógrafo pode estar inserido dentro de uma filosofia da geografia (geografia crítica, pragmática, física, ambiental) ou, como eu em particular defendo, uma geografia existencialista, que requer uma coexistência com o existente e, por outro lado, uma manifestação contrária de superação com o olhar atual.

Segundo o geógrafo Milton Santos (1997), o diferencial da geografia dentro dos cenários, paradigmas e diretrizes é a sua forma de trabalho, partindo de sistemas de ações e de objetos (conceitos tais como circuito superior e inferior, fixos e fluxos, luminosos e opacos e cidadão como mero consumidor). Pergunto-me: só isso é suficiente para uma ação, uma aplicação na hora de um licenciado ou bacharel colocar em prática seus conhecimentos ou para um homem colocar-se em ação na sua vida?

Minha resposta é negativa, pois é preciso tornar o mundo inteligível e prático para a existência humana, e não para o mundo dos objetos, neste caso a ciência, a cultura e a tecnologia. Nesse viés, a indissociabilidade entre o social e o econômico produz e reproduz tensões e disparidade entre a sociedade e a natureza; essa disfunção, proporciona uma realidade dúbia, seletiva, que gera a cultura do “ou” (belo ou feio, possuir ou não possuir), é aqui que entra os induzimentos e endeusamentos que descartam essa a cultura do bem de produção e bem do consumo que boicota o dito “e” (em Nietzsche (2011)).

Portanto, é justamente essa oposição subjetiva/ objetiva que impede que a sociedade moderna interprete a sua realidade, a sua existência e até mesmo a Geografia de dar o seu salto qualitativo de ciência do complexo. “Os desafios são desmistificar, decodificar as falas, aqui situadas em momentos, recortes que são perpetuados em épocas de fadiga teórica”. Os conceitos são enxertados de ideologias que são perpetuados no mundo, para justificação de algo, ação de algo, ou até mesmo manutenção de algo.

Assuntos como “interdisciplinaridade, desenvolvimento sustentável, reforma urbana, caos urbano, planejamento adequado, pobreza, exclusão social, tecnologia, ciência, demanda”, possuem um caráter não neutro, e, que precisam de um melhor enfrentamento, para seu uso. Essa postura sem uma visão crítica, é, aquilo, que o autor Marcelo Lopes de Souza (2004), chama de visão de sobrevôo, sobre o espaço do homem, que implica em analisar a sociedade do alto e a distância. Caberá desse modo, desvendar o véu ideológico que geralmente cerca o uso das palavras, o qual é comprometido com a reprodução das relações de poder.

Há também a hipertrofia da cidadania estatizante e consumista que também esta inserida nesse contexto. Existe uma condução da subjetividade através de uma razão que sustenta este sistema, e que é incapaz de satisfazer as necessidades pois, há um apelo continuo para uma “demanda”, tornando o individuo dócil, passivo para o consumo.

Há uma indissociabilidade entre o social e o econômico permanente, criando uma ilusão de igualdade de oportunidades e, por sua vez, de participações. Dentro da análise institucional há um conceito que se chama “demanda”. Eles acreditam que do mesmo modo que a demanda é produzida, ela é modulada.

Mas, o mínimo é gerado em cada sociedade, é diferente em cada segmento. Mesmo uma comunidade que pareça ter clareza a cerca do seu consumo, o perde de vista, de modo, a não saber mais o que precisa. Com isso, perde-se nessa onda modulada. Assim, demandamos não mais aquilo que realmente aspiramos, mas, dentro dessa onda modular o que aspiramos já não é mais nossos puros desejos, é fruto de uma sedução e aspiração determinados por tal demanda moderna.

Deste modo, passa a achar, que aquilo que os “experts” dizem, é o que realmente lhe é o necessário. Por isso, quem são os experts? Segundo Gregório Baremlitt(2002), são os que decidem, o que, como, quanto, onde, porque e quando as pessoas “necessitam” e “demandam” os bens de consumo ou de capital que deverão tomar com suas demandas, parecendo como espontâneas.

Assim, o conhecimento é, em toda a sua escala, um modo de atuar do ramo do processo da realidade material que se especializou em forma de vida, caracterizando o homem como sendo um “fato social”. Sendo assim, no fato social é percebida a contradição da existência, refletida na manifestação da ideia, sendo, essa um bem de consumo e ao mesmo tempo um bem de produção. “A consciência alienada é fundamentalmente consumidora de ideias, que por isso, só podem ser alheias. O homem alienado, não podendo ser produtor, limita-se a ser depredador” (PINTO, 1979, p.52). A ciência é uma resposta adaptativa de compreender, interpretar o processo de produção do homem da sua existência. Portanto, a ciência avança da adaptação para uma intencionalidade impulsionada pela existência, que revela uma finalidade intencional, cuja a sua competência antecipa sua ação, dentro do seu engajamento no mundo. Pois bem, “tudo aquilo que o homem cria é formal, dialético é aquilo que pertence ao processo autônomo e absoluto da realidade” (PINTO, p.185).

A capacidade adaptativa e intencional do homem é o “trabalho”, que é uma ação existencial, uma qualidade distinta do ser humano(modeladora), que reflete na sua ação sobre a natureza, através da cultura, e, mediante isso, a perda desse domínio chama-se alienação. Conseqüentemente, ao processo de alienação do trabalho, ocorre uma deformação do homem mediante recusa de sua capacidade de projetar, onde, esse, contenta-se em apenas consumir projetos e comprar espaços.

Encontramos aqui, uma das ferramentas que os “experts” usam no sistema, pois nesses discursos, ficam ocultadas as relações entre os homens e seu entorno, sob essa fraudulenta conduta de realidade encontram-se a essência dos nossos problemas. O homem deixa de ser protagonista, sujeito da sociedade, para ser antagonista do objeto. Sendo assim, o conhecimento é uma aptidão natural de todo o ser humano, que precisa estar dotado do poder de perceber o meio, estágio em que se encontra, de refletir as variações do seu estado para dentro das suas possibilidades.

Para esse estágio é preciso ter uma clareza da realidade daquilo que deve mudar, bem como planejar a sua demanda. A noção de “dever fazer”, adquirido num processo de educação, consolida um movimento que reúne dedução- indução, o qual ao mudar o mundo descobre o “porquê” no mesmo momento que descobre o “como” transformar a realidade, realidade essa que passa então a ser percebida como mutável.

Vivemos a era tecnológica como ideologia; o conceito encobre a realidade mediante interesses ideológicos que faz crer que temos a felicidade de vivermos no melhor dos tempos. Há um revestimento ético- moral que cria um rótulo sobre a tecnologia a qual passa a ser vista como um instrumento de “qualidade de vida”. Devemos perceber a história do homem com a máquina, pois a história da máquina não se explica por si só, mas, o que a explica é a conduta histórica do homem. A história da máquina explica-se por um longo processo existencial, autêntico, de acumulação de conhecimento a respeito das propriedades dos corpos, que a utilizam, dos materiais e dos fenômenos e das propriedades da natureza.

As máquinas possuem uma base social, são produzidas no curso do processo social da produção do pensamento, da cultura, onde o momento histórico justifica a sua função. A técnica justifica-se na sua função de ligar os homens na realização das ações construtivas comuns; já a tecnologia é o fundamento existencial de cada grupo humano em determinada fase histórica refletida nas exigências sociais do momento.

Todos os momentos históricos tiveram suas materialidades, construindo um ambiente para cada momento experimentado por todos e refletidos em suas inúmeras experiências em seus mais distintos topos. Ademais, a humanidade sempre esteve empenhada no seu presente que veio a decidir, em cada momento, o seu futuro, corporificados pelo relacionamento do homem com o mundo exterior e mediado pelas relações sociais de produção, estabelecendo o seu operante de vida, seu modo de convivência, entre seus pares ou não.

É importante, frisar que a experiência, a consciência, precedido pela existência do homem, que nunca deixará de ser fatores decisivos para formação do nosso conhecimento. O homem só se comunica com a natureza pela mediação das condições sociais existentes. E, não podemos confundir conceitos como ordem dada, como receita de bolo, ou algo parecido, é, preciso um questionamento sobre o seu uso e também seu desuso. Com isso, precisamos compreender o espaço como produto social da existência, suporte para a vida em sociedade, que ao mesmo tempo é contraditório e carregado de condicionamentos dentro e fora dos projetos humanos, mas, que possui na sua organização política uma arena de lutas (o espaço geográfico, do recurso a ser aproveitado e suas utilizações passivas ou ativas).

Metodologia

A metodologia é o estudo dos métodos, isto é, o estudo dos caminhos para se chegar a um determinado fim, mas nesse caso, do momento da tese, não haverá procura de um fim. Terei como meta analisar as características dos vários métodos necessários e indispensáveis para tal feito, desse que é o momento de tese. Para tanto, as metodologias aqui imersas, serão suportes de avaliar as capacidades, limitações e, por

sua vez, criticar os pressupostos quanto a sua utilização. Nesse viés, além de ser uma disciplina que estuda os métodos, a metodologia é também considerada uma forma de conduzir a pesquisa, ou seja, produção da obra.

A metodologia aqui será composta e dividida em vários métodos, até chegar num determinado objeto norteador para a tese. Diante disso, procurei comprometimento, engajamento na seleção de teorias aqui inseridas. Onde, cada parte é um recorte do todo, uma espécie de colcha de retalhos, que formaram todo o ambiente de tese, diante dos inúmeros conceitos e ideias aqui proclamadas e, por fim, dentro desta procura, de um amplo recorte, conceber um devir diante deste caminho existencial, experimentado por tantas experiências que vivi e deixei de viver.

Desde o primeiro parágrafo até o último, haverá o estudo comparativo, mas sobretudo conflituoso, pois, pela complexidade que alcança a extraordinária existência humana, não caberá agir com ingenuidade, diante destes diferentes enfoques aqui inseridos. Portanto, a batalha é sobrepor qualquer ato que limite esse estudo para um método individual, podendo sim, contrapor e anular um, em benefício do outro, mas jamais caminhar do início ao fim com um método só, com uma ilusão metodológica.

Os métodos aqui inseridos, aqui alçados e confrontados, respeitam cada momento passado por minha vida, minhas experiências e por fim meu estado atual. Os métodos que fornecerão as bases lógicas desse conhecimento são: o biográfico, dialético (no progressivo- regressivo), o fenomenológico existencial que percorrerá a intuição, a hipótese e, por fim, a manifestação dos seus usos.

Não caberá a mim colocar ordem aos fatos, mas sim propor novos fatos, que longe de uma divisão dos objetos de pesquisa, aqui inseridos e engajados, não poderão jamais ser vistos somente em formatos engavetados, em partes, formando ilhas de (pseudo-s)conhecimentos. Mas cada grão reflexivo será parte do montante perseguido, ao leitor deverá haver uma insistência absoluta, para perceber cada ponto como um degrau para o que acredito e desejo que sejam adquiridos, os 'meta-ponto'.

A reflexão aqui, abarcará vários movimentos, que de alguma forma transformam ou deformam esse todo. Que fique claro, que inserir todos os fatores para delinear e

problematizar uma existência no individual e no coletivo, não é nada fácil. Logo, é uma tentativa de mensurar o que é impossível à vida, para tanto, quem tomar essa como fonte deverá de tal modo, ruminar, engajar-se para tais desafios aqui lançados.

No presente trabalho, é defendido que a emancipação é somente individual e nunca poderá ser de uma classe como um todo, sendo que essa afirmação confere o estado atual desse homem, como tal, comparado a uma pedra preciosa. A pedra preciosa é uma valoração tão somente humana que não transcende em nada mais. Assim, a rocha, o mineral, ou como queiram os homens de demanda, convencionam em sua valoração diferenciada com valor de troca, valor de consumo.

Assim, perpassa o seu estado bruto e é absorvido e manipulado conforme a demanda desse jogo. Aqui, no ato desse desenhar, que é sair de seu estado natural para um estado materializado, idealizado, este processo desenvolverá transformações que ficarão a cargo dos indivíduos e que refletirão nas condutas dos coletivos. Assim, sucessivamente nas hierarquias sociais ou segregações espaciais, todos fazem parte do espetáculo de suas próprias existências e a existência faz parte do consumo, que é direção das inúmeras demandas projetadas.

Por este caminho metodológico, referente a este momento, a intenção é deflagrar e rever processos auto-analíticos da sociedade. Para tanto, precisaremos ser protagonistas dentro deste jogo, perante nossas ações dentro dos coletivos sociais, para uma proposta de auto-gestão das consciências sobre as realidades e poder vislumbrar um outro mundo, contrário de hoje, que não precise usar muletas metafóricas para a condução deste instante.

A auto-análise consiste em que as comunidades mesmas, como protagonistas dos seus problemas, necessidades, interesses, desejos e demandas, possam enunciar, compreender, adquirir ou readquirir um pensamento e um vocabulário próprio que lhes permita saber acerca de sua vida, ou seja: não se trata de que alguém venha de fora ou de cima para dizer-lhe quem são o que podem, o que sabem, o que devem pedir e o que podem ou não conseguir. Este processo de auto-análise das comunidades é simultâneo ao processo de auto-organização (Baremblytt, 2002, p17.).

É diante do método progressivo-regressivo que recorro para absorver o discurso de Álvaro Vieira Pinto sobre a sociedade e a análise institucional para ruminar o

filósofo Nietzsche diante da nossa performance, que é para ele a Vontade de potência. É sob a base da análise institucional que levantarei questões existencialistas, vista pelo aspecto de ser um tecido institucional, que se articula e se interpenetra entre si, para regular a produção e reprodução da vida humana sobre a terra e a própria relação entre os homens.

Meta-ponto

Ainda dentro dessa análise, torna-se pertinente certas indagações para dar continuidade ao entendimento desse processo, entre elas destacam-se: Que tipo de demanda as comunidades/coletividades precisam para sobreviver? Cada comunidade é, perante as outras, autônoma para suas vivências e escolhas pessoais? Quem ordena essas demandas? Qual é o grau de noção, compreensão e controle dos recursos e suas formas de organização? O que deverá possuir para a solução dos seus problemas? Existe organização? Assim como compreender os problemas do homem brasileiro e de seu contexto no âmbito nacional e mundial. Muitas são as perguntas que não calam a todos que se indignam com situações de miserabilidade de uns e riquezas escandalosas de outros; dentre elas: será que haverá neste cenário homens privilegiados de um lado e homens fadados ao fracasso e a opressão de outro?

Os que tomam a natureza nas mãos, a manipulam e portanto, estariam em condições de pensá-la na concretude de seus objetos, dos fenômenos e de suas propriedades, estão subordinados a uma finalidade produtiva de que não são autores e pela qual não são responsáveis. Esse fim, consiste em extrair da natureza os bens de consumo que não irão utilizar para si como classe, mas ceder a outros, que os arrebatarão e os consumirão prontos.

Nesse sentido, as ciências humanas estão apenas no começo de sua jornada, tendo muito a se pensar nessa área. Hemi Hess (2005) salienta que a pesquisa deve ser progressiva, podendo retomar o método progressivo-regressivo, procurando articular a descrição de estrutura e historicidade, pensando uma questão que considera delicada: o

que é local, o que é global? O que é geral, o que é específico? O que é do homem, o que não é do homem?

Para Hemi Hess, aderir a um paradigma é mais profundo que inscrever-se em uma teoria. O paradigma da análise institucional traz nele, valores que parecem ultrapassar o puro processo de pesquisa, em um engajamento militante, por uma sociedade mais consciente dela mesma, mais autônoma, por relações interpessoais mais explícitas. A pesquisa inscreve-se, assim, em uma relação de valores: ela não é, portanto, jamais “neutra” (HESS, 2005).

Por outro lado, Marco Mello (2004) ressalta que toda pesquisa nasce de um interesse, segundo ele: econômico, político, social, podendo até ser pedagógico. A realidade é o pano de fundo da questão, sendo um desafio a ser desvendado, tendo clareza do processo pretendido com a pesquisa: “A pesquisa de realidade é um dos princípios organizativos de uma nova cultura; a pesquisa de realidade é um princípio educativo que está nas raízes de uma educação libertadora”.

Outro caminho a percorrer, é o que o sociólogo José de Souza Martins (1996) sugere diante do método dialético, que está no centro desse retorno progressivo-regressivo, retomando o homem como um ser protagonista da sua própria história, das suas ações. A questão do método, desde Marx até Lefebvre, é de suma importância, pois a relação entre prática e teoria, entre o pensar e o viver, assume uma posição vital. Nesse caminho, Lefebvre indica que as relações sociais não são uniformes nem têm a mesma idade, portanto, vivem numa relação de descompasso e desencontro, elas coexistem (MARTINS, 1996).

Cada relação social tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura material e espiritual também tem sua data. O que no primeiro momento parecia simultâneo e contemporâneo é descoberto agora como remanescente de época específica. De modo que no vivido se faz de fato combinação prática de coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas. O desencontro das temporalidades dessas relações que faz de uma relação social em oposição a outra a indicação de que um possível está adiante do real e realizado [...] são estes desencontros que dão sentido à práxis [...] no vivido, a práxis é contraditória. Ela reproduz relações sociais. Mas Lefebvre observa, não há reprodução de relações sociais sem produção de relações

sociais sem uma certa produção de relações não há repetição sem uma certa inovação (MARTINS, 1996, p.22).

Conforme José de Souza Martins (1996), Lefebvre entende que a desigualdade dos ritmos do desenvolvimento histórico, decorre do desencontro que faz do homem produtor de sua própria história e ao mesmo tempo, o divorcia dela. A formação dos ritmos desiguais é econômica e social, porque abrange simultaneamente esses dois âmbitos da práxis: a natureza (o econômico) e a sociedade (o social). Sendo assim, o método progressivo- regressivo, atende esse olhar para uma realidade de desenvolvimento desigual. Nesse sentido José de Souza Martins, em referência a Lefebvre, interpreta que as forças produtivas e as relações sociais, juntamente com as superestruturas, vivem em ritmos diferentes.

A lei da formação econômico-social é a lei do desenvolvimento desigual: “ela significa que as forças produtivas, as relações sociais, as superestruturas (políticas, culturais) não avançam igualmente, simultaneamente, no mesmo ritmo histórico, mas mesmo aí, a lei do desenvolvimento desigual foi interpretada na perspectiva economicista, que reduziu a qualidade das contradições que integram e opõem diferentes sociedades, à mera gradação de riqueza na dicotomia insuficiente de desenvolvimento e subdesenvolvimento. Na verdade, “a lei do desenvolvimento desigual tem uma multiplicidade de sentidos e aplicações” (MARTINS, 1996, p.17-18).

O mundo moderno estabeleceu uma cisão entre o pensamento e a natureza, uma separação entre a teoria e a prática social, entre o vivido e o concebido. Com isso, todo costume se estabeleceu no vivido, em uma certa unidade cultural, ao passo que a moral se coloca no domínio do concebido - é uma forma que surge como produto das relações entre os homens, ao mesmo tempo em que os homens se representam por uma moral reguladora de atos e relações.

Outro caminho percorrido, nessas considerações metodológicas, será diante da autora Lenyra Rique da Silva (2004) intitulou de: do senso comum à geografia científica, visto pela ciência geral e suas consequências. Aqui, essas consequências são sentidas nas fragmentações especializadas em condutas, quase sempre unívocas, em que

cada ciência promove no ato de seu engavetamento de conhecimento como suas verdades- verdadeiras. Para ela, a ciência não pode ser só isso: um processo no qual os trabalhos científicos tornam-se banalidades científicas, senso comum. Ela chama a ciência para um maior aprofundamento: ir atrás de descobertas e não repetir o que já se encontra feito, trilhar novas metodologias, novas epistemologias.

Para a geógrafa Lenyra Rique da Silva, a vontade de potência nietzschiana é uma das novas descobertas com profundez , defendido aqui pela autora, o qual é utilizado por ela para identificar o processo de territorialização dos indivíduos no espaço. Diante disso, segundo a autora, em favor da dialética materialista do coletivo político, é anulada a dialética psicológica do indivíduo e com severas consequências dentro do social. Dentro desses espaços da vida, o cotidiano é realizado, concretizado na sua individualidade e coletividade, fatores necessários para a concretude do espaço e do tempo:

As ciências sociais, como o ramo das ciências da humanidade, necessita dessas duas dimensões. Nós somos a imagem viva- materializada pensante do espaço e do tempo porque somos seus símbolos dotado de razão e emoção. [...] cada um de nós é a unidade contraditória do ir e do permanecer do tempo na nossa pele, músculos, órgãos, psiquismo, etc. Criamos épocas, momentos históricos, através do nosso agir (sempre submetido, nas sociedades históricas), que formam os traços culturais das diversas formações sociais, que se desenvolvem nos inúmeros territórios, que compõe os Estados- nações do mundo em que vivemos [...] Quer dizer, o nosso espaço moral- ético- político- social estão na exteriorização dos nossos valores e na ação político- social, que desenvolvemos[...] esse raciocínio, o lugar especializado, territorializado, traduz a concretude do tempo, lugar, espaço, território, trabalho, estão anelados, superpostos, envolvidos nas relações simbióticas necessárias a existência de cada um deles (RIQUE, 2004, p.16).

Os lugares geográficos são vivos e não inertes na paisagem, sendo que os lugares construídos são resultados de processos sociais. A especificidade da territorialidade está na territorialização, que corresponde à ação de mando, manifestação de poder. O território é concretude da “vontade de potência” em momentos do espaço. Isso se dá do âmbito global ao local, que é o processo de lapidar o homem no singular e no plural.

A vontade de potência, nesse contexto, escraviza o homem na sua interioridade, no seu pensamento, no desejo, na ausência de um autoconhecimento e nas suas ações com o outro, cheias de crueldade, comiseração e estupidez. É a contradição psicológica, fruto de uma consciência ilusória do homem, materializada na sua relação com o outro; atitudes próprias de emoções conflitantes em conformidade com as exigências de situações circunstanciais. Segundo a pesquisadora;

O método dialético é muito mais abrangente do que qualquer outro, por ocupar-se de opostos. Constatamos pela mediação da mercadoria, a inversão do mundo das coisas no mundo das humanidades e vice-versa [...] denunciaremos essas vidas e ficamos nisso. Nós propomos exacerbadamente a desvendar as nuances da opressão das classes dominadas, manifestadas nas relações de troca desigual, com as classes dominantes e nos diversos tipos de carência social e deixamos de lado, os contrários de que residem na vida individual dos homens, de uma e de outra classe e que também fazem parte de sua reprodução como gente. Daí nunca discutimos a humanidade “interna” dos indivíduos, o que nos conduz a considerar o coletivo dos homens: vemos no oprimido a vítima virtuosa e no opressor o vilão maldito (RIQUE, 2004, p.49-50).

Nessa reflexão, a autora aponta para a importância de que não tenhamos uma consciência subordinada, ou um pensamento escravizado, que não sejamos cópias estereotipadas de modelos convencionalmente colocados. Desse modo, a contribuição de Lenyra Rique da Silva neste texto, é a ousadia de ultrapassar da questão do social ao individual.

Essa questão entretanto, não se fecha em Marx, conforme a autora: refere-se ao indivíduo o qual não discutimos, sendo que é em Nietzsche que haverá a dialética do indivíduo. Além disso, de acordo com a autora, apesar de o método dialético ser o que mais nos aproxima da realidade, ele também conduz apenas a considerar o homem social, abandonando sua dimensão subjetiva, aqui existencial. Portanto, é preciso buscar no indivíduo subjetivo a sua existência, que é defasada e construída pelo indivíduo social.

Perante a dialética do indivíduo, Massimo Canevacci (1984, p.41), busca respostas para a individualização do homem. Para o autor, é preciso uma ciência interdisciplinar, sem fragmentação de especialidades fechadas, uma ciência que veja o indivíduo na sua complexidade, ou seja, no seu ato de refazer uma nova dialética: a do

indivíduo como sujeito ou não sujeito diante da sociedade. Nesse viés, o autor busca clarear a questão: é “preciso restabelecer uma nova dialética entre o conjunto das ciências humanas e as ciências da natureza, em suas transformações históricas e estruturais”.

Há várias formas históricas de exclusão da condição de pessoa, segundo Massimo: motivadas em cada oportunidade por ideologias, seja elas, patriarcais, racistas, católicas, luterano-calvinistas, científico-rationais, as que encontram a sua unidade no fato de serem todas marcadas por aquele espírito vivificador oculto que é a forma de propriedade historicamente determinada. A tendência atual ao desaparecimento da individualidade tem suas raízes no próprio nascimento do individualismo, desde a origem das origens: por isso, as causas “naturais” da discriminação são inseparáveis das causas sócio- culturais (CANEVACCI, 1984, p.42).

Para tanto, escolher um caminho de método, é considerar diversas escalas de realidades, onde é preciso periodicizar o espaço e o tempo, desmaterializando sem idealizações, claro que é quase impossível tal feito, mas há uma necessidade para tal momento.

Embora os fatores materiais determinem as causas humanas, elas não são fatores determinantes para a vida de um indivíduo ou ser, no coletivo. Há muito mais a ser correlacionado entre homem e mundo, ou seja, essa relação é a existencial que é bem mais do que uma relação meramente materialista.

Desse modo, o autor Edgar Morim (1998) fala sobre a “ambivalência de uma sociedade”. Segundo ele o modo de conhecimento fragmentado em cinco áreas: economia, sociologia, psicologia, ciências sociais e humanas e mais as ciências da natureza, nos impede de conhecer os problemas globais. É preciso reunir os conhecimentos, unir para entender o que acontece e a necessidade de se pensar, porque é difícil pensar a complexidade, é preciso tentar reunir os fatos. O autor fala que nesse mundo atual, a consciência está sempre atrasada em relação ao que acontece, para ele a sabedoria chega tarde demais.

Ao invés de apostar tudo numa ideia só de desenvolvimento, que é sobretudo, técnico, econômico, de crescimento material, é necessário um real envolvimento de todos numa ideia de uma política da humanidade, que reconheça as características

singulares de cada nação, de cada cultura. É necessário ensinar a compreensão humana, é necessário ensinar a enfrentar as incertezas, como disse Jean Jaques Rousseau no século XVIII: “o educar é ensinar a enfrentar os problemas da vida”. É preciso então deixar de fabricar homens somente para especialidades, visto que o mundo não é só gramática, matemática, em sim um mundo de incertezas oriundos da compreensão humana.

Edgar Morim (2009) discorre que aquilo que acreditamos ser conhecimento é quase sempre um erro. O autor proclama que é propriedade do erro não saber que é erro e por isso, é necessário uma reforma da educação, do conhecimento, reforma do pensamento, que é tão pobre e vazio nos dias atuais. O autor fala que devemos reformar nossas vidas começando pela compreensão do outro, que tem costumes, ritos, crenças diferentes, dados pelas suas singularidades. Mas são parecidos pelas suas capacidades de sofrimento, de amar, de chorar, de rir, de refletir. Essa capacidade de entendimento é necessária não só com o estrangeiro, mas também com o próprio ser da comunidade, de sua sociedade. Segundo Morim, compreender o outro é compreender a própria complexidade dos fatores intrínsecos a cada um.

O autor fala também da ideia de “bem viver” versus a do “bem estar” (materializadas nos comportamentos, nos objetivos, nos automóveis, nas televisões etc). Ele enfatiza que são unicamente necessidades materiais, são necessários mas não são única via existencial, só isso não são suficientes. Há uma parte de pessoas que querem muito mais que um bem estar material, querem um bem estar moral, psicológico, afetivo. O autor fala, que necessitamos de uma reforma da sociedade e dos indivíduos, onde não podemos aprender separadamente um do outro, pois isso não funciona e desse modo, haver uma transformação social, econômica, sem fazer uma transformação cultural, mental, psicológica dos indivíduos.

Por conseguinte, em introdução ao pensamento complexo, o autor Edgar Morim começa dizendo que devemos, diante do pensamento, dissipar as “brunas e as trevas”, com isso ele quer dizer que devemos desmistificar ambas para a clareza de um mundo real diante das leis que o governam.

Todo esse processo de mascaramento do real fazem parte dos modos simplificados do conhecimento, que mutilam as realidades e os fenômenos. Sendo assim, a complexidade em Morin define-se como: “O que não pode se resumir numa palavra chave o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples”. (MORIN, p.6) nesse caminho o autor coloca que a própria palavra complexidade não é tutora do próprio sentido complexo. Ela deverá ser definida no seu percurso como uma palavra problema e não uma palavra solução.

O autor enfatiza que a inteligência cega a qual nós homens somos providos, fazem parte da própria construção de conhecimento, segundo ele “inativos” sobre o mundo físico, biológico, psicológico e sociológico, que diante da ciência em geral, através de seus métodos de verificação empírico e lógico, ajudam a penetrar nossas mentes em um mundo de mito e de trevas. É diante desse mundo metafórico que colabora para essa mente cega. Ele segue dizendo que os erros não estão na falta de percepção, nas incoerências, mas sim na própria organização de nossos saberes em um sistema de ideias, teóricas e ideológicas, que no desenvolvimento da ciência organiza-se de forma ignorante, tornando esse conhecimento uma arma nociva ao homem. Desse modo chegamos ao que ele chama de consciência cega:

A inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada. As responsabilidades-chaves são desintegradas. Elas passam por entre as fendas que separam as disciplinas. As disciplinas das ciências humanas não têm mais necessidade da noção de homem. E os pedantes cegos concluem então que o homem não tem existência a não ser ilusória. (MORIN, 2007, p.12)

Essa visão, é mutilada e unidimensional, segundo Edgar Morin, aquilo que nos carece em muito diante dos fenômenos humanos. Assim, a inteligência cega incapacita nós de conceber a complexidade desse real, dentro das múltiplas realidades sociais dos indivíduos, que, por sua vez, também nas dimensões macro e micro sociais, dos indivíduos, nos imobilizam.

Essa ação é caracterizada pelo autor, como sendo uma patologia moderna da mente, sendo necessário investigar as características mórbidas, investigando e

classificando as causas, os processos e os sintomas, que são estabelecidas pelo autor como a hiper- simplificação do real.

Então, a patologia da “ideia” esta no idealismo, onde a ideia oculta a realidade, que por missão deve ocultar para traduzir e tomar para si como a única real. A patologia da “teoria” esta no ato de doutrinar e no seu caráter dogmático, fechando essa nela mesma e a enrijecendo. E por fim, a patologia da “razão” que define o real num sistema de ideias coerentes, mas parciais e unilaterais. Esquecendo assim que uma parte desse real possui segundo o autor um caráter irracional. (MORIN, 2007, p.15)

Para Edgar Morin, a intenção do complexo, para um novo esboço e projeto da realidade, trata-se de um movimento compreensivo do real, que são situações divergentes e antagônicas, mas que não poderão ser tratadas separadamente, ditadas pela inteligência cega, com isso há uma necessidade de “integração desse homem entre os seres naturais”.

Nesse caminho de tese, que é o momento da tese, para eu encontrar uma coerência e uma abertura epistêmica, faço um esboço que é a minha blindagem teórica, para indicar o meu movimento dentro dos movimentos, tudo para chegar à relação sujeito e objeto.

Assim “eu”, como pesquisador ativo nesse caminho de vida e através de minhas memórias e conhecimentos, trago a tona os princípios da incerteza e de minha auto-analise, que para Edgar Morin, traz em si princípios autocríticos e auto reflexivos, que já são nesses dois traços a sua própria potencialidade epistemológica.

A epistemologia tem necessidade de encontrar um ponto de vista que possa considerar nossa própria consciência como objeto de conhecimento, isto é, um metaponto de vista, como no caso em que uma metalinguagem se constitui para considerar a linguagem feita objeto. Ao mesmo tempo, este metaponto de vista deve permitir a auto consideração critica do conhecimento, enriquecendo ao mesmo tempo a reflexividade do sujeito conhecedor (MORIN, 2007, p.45)

Diante dessa auto-organização proposta por Edgar Morin, é que se define o caminho epistemológico definido por ele, para tanto, é preciso ficar atento para uma conduta de fechar isso tudo em um sistema fechado. É preciso entender o paradigma simplificador, como aquilo que põe ordem ao universo reduzindo tudo a uma só lei, a

um princípio. Fazendo dessa inteligência cega um ato, que dentro da simplicidade dos fenômenos, separa o que está ligado e na sua diversidade dos fenômenos, unifica-os.

Tomemos o homem como exemplo. O homem é um ser evidentemente biológico. É ao mesmo tempo um ser evidentemente cultural, que ultrapassa a biologia e se expande para outros mundos.

Estudamos o homem fatiado em especialidades, estudamos o biológico no departamento de biologia, como um ser anatômico, fisiológico, etc. Vamos estudar o homem cultural nos departamentos das ciências humanas e sociais. Vamos estudar o cérebro como órgão biológico e vamos estudar a mente, como função ou realidade quase única da psicológica ou neurociência. Esquecemos que uma especialidade não existe sem a outra, ainda mais que um é a outra ao mesmo tempo, embora sejam tratados por temas e conceitos diferentes. (MORIN, 2007 p.59)

Portanto, a contradição é fato dentro da complexidade, mediante fato, que não podemos anular uma realidade em prol de uma visão errônea de mundo. Nesse caminho da complexidade a figura do “ser sujeito”, não quer dizer que esse ser seja pleno de consciência e, ao mesmo tempo afeto, oriundos da subjetividade humana.

Para Edgar Morin (p.65), o ser em questão, o ser sujeito, é colocar-se no centro do seu próprio mundo e nesse mesmo tempo ocupar o lugar do “eu” (p.65). Assim, esse enquadramento do ser no mundo e no lugar, devem ser seus alicerces para tão desejada autonomia do ser, fator esse complexo, pois esse é dependente de si e de condições culturais e sociais.

Nesse viés, na visão de Edgar Morin, a atual ciência e dos próprios homens há um distanciamento e parcelamento da realidade, não que seja o seu caráter multidimensional da realidade, mas uma fragmentação nesse caso desejada tolerada e consentida, das ações em especializações, e, portanto, há um agente complicador na complexidade da realidade. O autor cita as ciências humanas e sociais, que diante de visões não complexas considera que na realidade exista uma

realidade econômica de um lado, uma realidade psicológica de outro, uma realidade demográfica de outro etc. Assim, acredita-se que estas categorias criadas pelas universidades sejam realidades, mas esquece-se que no econômico, por exemplo, há as necessidades e os desejos humanos”. (MORIN, 2007, p.68)

Deste modo, a tese é uma grande estratégia nesse ponto, que ao modo de ver de Edgar Morin, a única coisa possível do ponto de vista da complexidade, é tendo “meta pontos” de vista sobre nossa sociedade. O que para o autor da complexidade o pensamento simplificador se baseia em dois tipos de operações lógicas: a disjunção e redução.

Já o autor Pedro Demo(1997), em sua obra intitulada “pesquisa e construção de conhecimento”, coloca a pesquisa e sua construção no caminho de Habermas. Diante das palavras de Pedro Demo, o autor enfatiza que é preciso:

Aumenta o consenso em torno da construção de que o manejo e a produção do conhecimento constituem a mais decisiva oportunidade do desenvolvimento. Mais que a disponibilidade de recursos naturais, tamanho do país e condição geopolítica, presença de farta mão de obra, conta o capital intelectual, ou seja, a capacidade de ocupar espaço pela via do domínio e da produção de conhecimento. (DEMO, p.1, 1997)

Também enfatiza que é importante reconhecer que a prática é a necessidade da teoria, como também a teoria é a necessidade da prática e uma não deve reduzir a outra, porque possuem estruturas e movimentos diversos.

A teoria para Pedro Demo, é dotada de pretensões mais universais, detém traços aperfeiçoados da forma, enquanto a prática é restrita à intervenção concreta, incorre mais amplamente na ideologia, representa apenas um caso possível da teoria. O autor vai mais além, diante das diferenças de amplitudes entre a teoria e a prática, a teoria tem a habilidade de construção conceitual, a capacidade de analisar causas e efeitos, a globalização sistemática.

A teoria precisa de prática, para ser real. A prática precisa da teoria, para continuar inovadora. A diversidade de estruturas e movimentos é percebida logo na divergência natural da passagem. Toda teoria é remodelada pela prática, quando não é rejeitada, toda prática é revista, refeita na teoria. Nenhuma prática esgota a teoria, nenhuma teoria da conta de todas as práticas. (DEMO, 1997, p.28)

Já outra contribuição para esse caminho é da Geógrafa Ana Fani Carlos, que eleva o estudo geográfico de uma pura “geografia abstrata”, para uma “geografia concreta”. A autora propõe uma geografia concreta, com conhecimento capaz de produzir e induzir

uma prática, dentro de uma compreensão sobre esse mundo moderno, tendo por fundamento a análise dialética, entre a teoria e prática.

A autora Ana Fani (2001p.74), fala que vivemos “uma época de intolerâncias que ronda os debates acadêmicos”, oriunda em parte pelas “especializações que romperam com a unidade do conhecimento, onde cada especialização se afirma, mas com isso havendo um afastamento interno dentro da mesma ciência”. É preciso haver uma transformação nesse caso, que se tenha o fim das certezas que rondam a fragmentação, oriunda dessa intolerância entre as diferentes vertentes, correntes dentro da geografia.

Diante das mudanças e da necessidade de explicitá-las, torna-se inevitável questionar sobre qual a potência e os limites da geografia, como saber como esta poderia construir um conhecimento do mundo como totalidade, encarando sua condição de ramo do conhecimento.

Segundo Fani (2001), o ponto de partida é entender essas transformações do mundo e depois necessitamos explicitá-las, sem hesitação. Não podemos ignorar as diversas possibilidades teóricas e metodológicas dentro da ciência, caso contrário haverá negligência para as potências imersas no espaço. A realidade deverá ser desvendada dentro de uma preocupação com a existência dos homens, o que quer dizer, que a produção do espaço acontece junto com o processo de constituição da humanidade. Portanto, deve ser tratado como processo indissociável entre o homem e a produção do espaço.

Nessa direção, a análise do espaço apresenta-se como revelador das relações sociais, tanto no que se refere a sua produção quanto ao caminho de sua reprodução. Dessa forma, se esclarece o caminho que conduz a construção social. O espaço revelaria, assim, sua tripla dimensão: a) real e concreta (como materialidade objetiva); subjetiva (a sociedade tomando consciência de sua ação), c) como dimensão teórica. (CARLOS, 2001,p.78)

É preciso pensar a produção do conhecimento. A produção do espaço não pode ser concebida somente pelo seu viés material, mas sim, pelo conjunto dos processos originários das relações sociais, que envolvem em todos os tempos e espaços, o

universo circundante das inúmeras possibilidades constitutivas do homem. Requer, portanto, saber do próprio homem e seus movimentos de suas práxis.

Para tanto, sugiro que ‘Geografias Invisíveis’, entre como uma categoria de análise diante do mundo transformado perpetuamente pelo homem, dentro de suas condições e limitações. Essa condição humana que é a sua existência, necessita conhecer dentro do próprio ser, suas diversas imagens de homem, diante dos espaços e dos tempos. O homem é transmutado diante de uma confusão em sua existência, que no mesmo tempo que transforma é transformado constantemente diante da natureza. A própria natureza nesse caso contribui para essa confusão.

Outra contribuição, fica a cargo do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, em sua obra intitulada: “Acritica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Nesse discurso, Boaventura começa pela sua citação ao filósofo Grego Epicarmo que diz: “Os mortais deviam ter pensamentos mortais, não imortais”. Para isso acontecer, o autor fala nesse livro de pensamentos mortais, onde parte da ideia de que os paradigmas sócio- culturais nascem, desenvolvem-se e por sua vez morrem. Ao contrário do que passa com a morte do indivíduo, a morte de um paradigma traz dentro de si o paradigma que lhe há de suceder.

Toda sucessão de paradigma traz consigo efeitos que são elásticos, dentro de uma lógica elástica, que oscila em regulação e emancipação social, com isso, resulta em efeitos na nossa sociedade, com suas culturas de bens de produção e consumos, aqui enxergadas. Somos tidos com ser, como bem fala o português, seres “intervalares”, vivemos as consequências de cada tempo de transição paradigmática.

A transição paradigmática tem varias dimensões que evoluem em ritmos desiguais. Distingo duas dimensões principais: a epistemológica e a societal. A transição epistemológica ocorre entre o paradigma dominante da ciência moderna e o paradigma emergente que designo por paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente. A transição societal, menos visível, ocorre do paradigma dominante- sociedade patriarcal; produção capitalista; comunismo individualista e mercadorizado; identidades- fortaleza; democracia autoritária; desenvolvimento global desigual e excludente- para um paradigma, ou conjunto de paradigma, de que por enquanto não conhecemos senão as “vibrations ascendentes” de que fala Fourier. (BOAVENTURA, p.16, 2002)

O autor acredita que vivemos em cada onda de paradigma algumas tensões, que nos limitam na condição que ao mesmo tempo nos regula e nos emancipa, oriundos do efeito elástico. E, nesse caso, dentro do paradigma dominante há o que ele chama de uma transição social menos visível, ofuscada e mascarada por diversas formas dominantes, de exercer uma doutrina em seu tempo. Assim, as consequências são deformações, dentro dos ritmos de ações entre os homens, oriundos daquilo que o autor fala aqui, como sendo uma crítica, “as razões indolentes”, que proclama o “desperdício das experiências”.

Com isso, o autor vem salientar um fato importante, que dentro do paradigma dominante, deixou de ser possível conceber estratégias de emancipações que sejam genuínas, já que essas estratégias estão condenadas a serem reguladas.

É diante desse policiamento, que Boaventura reconhece que poderá nascer traços de emancipação, o que para ele é o paradigma emergente. Esse é oriundo de um ato de pensamento crítico, centrífugo e subversivo.

É preciso haver uma auto-reflexão daquilo que se identifica e se denuncia através da teoria, pois podem essas propor falsidades, opacidades e manipulação na própria reflexão. O autor fala, que a crítica corre o risco de estar mais perto do paradigma dominante e mais longe do paradigma emergente, daquilo que supõe e propõe.

Outro caminho é do francês Henri Lefebvre, diante de sua obra intitulada “Lógica formal: Lógica dialética”. A teoria do conhecimento para ele, é um fato, desde a vida prática mais imediata e mais simples e nós conhecemos objetos, seres vivos, seres humanos. Para o autor, o conhecimento é passível de se examinar e discutir os meios para a condução do seu aumento, nesse caso, seu aperfeiçoamento ou não. Essa questão sobre o conhecimento, é um fato inquestionável.

Em termos filosóficos, o sujeito (o pensamento, o homem que conhece) e os objetos (os seres conhecidos) agem e reagem continuamente um sobre o outro; eu ajo sobre as coisas, exploro-as, experimento-as; elas resistem ou cedem a minha ação, revelam-se; eu as conheço e aprendo a conhecê-los. O sujeito e o objeto estão em perpetua interação; essa interação será expressa

por nós por uma palavra que designa a relação entre dois elementos opostos e não obstante, partes de um todo, como numa discussão ou diálogo; diremos por definição que se trata por uma interação dialética. (LEFEBVRE, 1983, p.49)

Lefebvre expõe que o conhecimento em suas características mais gerais, é prático, começando pelas experiências e pela prática antes de elevar-se ao nível teórico. O conhecimento é profundamente um conhecimento social, numa completa interação entre as relações simples e as complexas, uma interagindo sobre a outra. E também possui seu caráter histórico, diante de uma relação adquirida e conquistada, ambas por tensão e conflitos, tanto para o indivíduo como para a sociedade. O conhecimento é conquistado com muito labor, tirando o homem da ignorância através de um longo caminho, que irá chegar ao conhecimento. Isso acontece mediante uma conquista através de uma prática socializada, de forma e de caráter metódico, nada previamente dado ou até mesmo caído do céu.

Neste viés, o autor define “metafísico”, as doutrinas que isolam e separam o que é dado efetivamente como ligado (p.50). Conforme Henri Lefebvre, esse método define os seres e as ideias fora de suas relações e de suas interações, tratando assim o sujeito, como sendo um ser consciente de si mesmo, tornado esse um ser fechado em si mesmo.

A metafísica encontra seu domínio favorito da vida real, nas nuvens, num além do mundo físico (que é o sentido mesmo da palavra “metafísica) num “aquém”- como diz Nietzsche- que serve indubitavelmente para depreciar o mundo real e seus problemas vivos [...] põe o conhecimento como algo acabado (numa ideia misteriosa, um Deus) antes de ser começado. Põem o conhecimento antes daquilo de que é conhecimento, o espírito antes da natureza; o pensamento absoluto (divino) antes do pensamento humano e da experiência humana (LEFEBVRE, p.52-53,1983)

O autor fala da parceria da metafísica com o idealismo, acontece um atrofiamento da realidade do conhecimento humano, tornando essa postura como absoluta. Há a separação do sujeito e do objeto, proporcionando nesse caso um grande problema nas condições da consciência moderna. Essa condição reflete inteiramente nesse homem, com consequências imediatas, mediadas por ilusões. Diante das relações das atividades humanas como divisão do trabalho, há a separação do trabalho intelectual e do trabalho material e por sua vez separada pela teoria e prática, da alma e corpo, do pensamento e do objeto.

O autor salienta, que precisamos de atividades unificadoras, de um método de superação dos conhecimentos dispersos. “trata-se para nós de reunir racionalmente, lucidamente, a prática e a teoria, o objeto e o sujeito, a realidade e o “valor” do homem, o conteúdo e a forma de pensamento, a ciência e a filosofia, todos os elementos da cultura” (LEFEBVRE, p.78). Uma unificação que não seja imposta de fora, mas provir de forma racional, livre segundo as necessidades internas, com compreensão e por sua vez dirigidas. Não carece mais interpretar esse mundo de forma “fantasiosa”, mas sim dentro de uma solução real dos problemas objetivos, colocadas pelas coisas humanas, oriundas de seu desempenho, técnica, trabalho, indústria, economia etc.

Essa prática é tida pelo autor como sendo a lógica concreta, que enfatiza e concretiza a história do conhecimento como sendo da prática social, fruto das experiências humanas. Nesse caso, não existe simplicidade dentro do pensamento complexo, tratar essa realidade de forma simplória é devido um critério simples de análise. O autor ajuda a compreendermos essa realidade, diante de um todo que é complexo e a busca real desse complexo, para tal ele comenta:

O elemento deve ser real e não deformado ou transformado pela operação analítica. Para que o elemento seja real, é necessário e suficiente que seja envolvido, implicado pelo todo. Para isso, é preciso que seja uma condição, um antecedente, uma fase do desenvolvimento desse todo. É precisamente isso que significa o termo hegeliano “momento”. Analisar uma realidade complexa e atingir seus elementos reais é o mesmo que descobrir seus movimentos. A análise deve ser operada e situada no momento, no processo criador. Assim, a análise de um ser humano desvenda o seu caráter: seu temperamento fisiológico, os eventos de sua infância, etc. a infância é um momento do adulto, ou seja, um antecedente, uma condição, uma fase, um elemento implicado no caráter atual desse adulto. O adulto é a criança que um dia foi; e, não obstante, não o é mais, é isso e, é outra coisa. A análise deve sempre captar corretamente essa relação complexa, contraditória, dos momentos entre si e com a totalidade. Afirmamos, por exemplo, que a revolução de 1789 é um momento de nossa história. pode ser reencontrada no mundo atual, ainda atua nele, nas transformada, ou seja, como um elemento integrado e modificado pelo todo. (LEFEBVRE, p.119)

Para Henri Lefebvre, os momentos são pontos cruciais para o desenvolvimento de uma análise, colocando cada ser na sua originalidade, cada fato e situação em diálogo com aquilo que o diferencia dos outros. Portanto, para o autor, a indução dos fatos, a indução dos momentos é importantíssima pela magnitude de tornar mais amplo os

estudos, seja ele um fato passado ou presente. O conhecimento não pode ser reduzido a uma só causa, ou consequência, deverá ser um eterno retorno ao conhecimento real e concreto.

O autor dentro dessa indução permanente, lembra-nos sobre o princípio da identidade, nesse caso aqui defendida por ele como sendo uma identidade vazia. Henri Lefebvre dá o exemplo do “indivíduo e do individual”, onde ambos são omitidos o seu lado social, humano e universal, frutos de um enquadramento, sob a fórmula única para tratar sujeito e objeto. Assim o real é mantido como algo externo, até mesmo estranho, pois deixa escapar o “conteúdo”, que é objeto do pensamento. O autor enquadra essa realidade, colocando em uma redoma o mundo em uma “essência escolástica” nas palavras de Henri Lefebvre (p.170).

O autor revela que é preciso uma superação que a seu ver deverá ocorrer diante uma “elevação de pensamento”, nesse caso, a nível superior. E, essa superação só será verdadeira, segundo Lefebvre, não pela forma amorfa, amortizada das diferenças, no que ele refere como sendo as doutrinas e ideias, pelo contrário, será preciso aguçar as diferenças.

Uma realidade só é superada na medida em que ingressou na contradição, em que se revela ligada com seu contraditório. Então os dois termos se negam em sua própria luta, livrando-se mutuamente de suas estreitez e unilateralidades. Da negação recíproca surge a negação da negação: a superação. A palavra “superação” ainda que expressa mal o duplice processo que abole um tema ou um ser superado, mas ao elevá-lo a um nível superior, essa palavra é preferível ao termo “síntese”, que sabe a ecletismo e a mecanicismo. A síntese é obtida pela mistura dos ingredientes, ou por uma construção ideal, a partir delas, de sua unidade. A superação exige, ao contrário, o confronto mais intenso, mais agudo, mais real das teorias ou dos seres. A superação implica, por conseguinte, um retorno ao passado: um aprofundamento do passado. Em cada etapa do desenvolvimento da natureza, da vida do pensamento, o passado é reencontrado- mas superado e, por isso mesmo, aprofundado, liberado de suas limitações, mais real do que no início (LEFEBVRE, p.231).

Minha conduta caminhará para um grande esforço, para que cada momento dessa linha do tempo existencial, seja justificado em cada capítulo, cada autor, cada objetivação reflexiva, que dentro de minha conduta até aqui vivida, justifique meus caminhos pessoais, profissionais e existenciais.

Dentro da minha conduta, ou seja, múltiplas condutas em torno das inúmeras experiências, recorro daqui pra frente, diante de uma espécie de reflexão cognitiva, que buscarei na analogia dos fatos para sustentar a escolha de cada ponto, meta-ponto, recorte, que servirá de base para sustentar o momento da tese. Analogia, palavra de origem grega, sugere "proporção" como um processo cognitivo de transferência de informação, ou significado de um sujeito particular (fonte) para outro sujeito particular (alvo). Etambém pode significar uma expressão da linguagem, correspondendo em processos coexistentes.

Num sentido mais específico, analogia é uma inferência ou um argumento de um recorte particular para outro recorte particular, em oposição à dedução, indução e abdução, nas quais, pelo menos uma das premissas ou conclusão é geral. As analogias têm uma forma de expressão própria que segue o modelo: A está para B, assim como C está para D. Por exemplo, diz-se que: "a chuteira está para o jogador, assim como o goleiro está para as luvas" e ambos estão para a bola, ou seja, a relação que a chuteira estabelece com o jogador é idêntica á relação que o goleiro estabelece com as luvas. Ou poderá desencadear nenhum sentido, desde que as relações não sejam vistas de forma geral, esquecendo que há um espaço, nesse caso o campo, que há entes múltiplos, nesse caso, o jogador, o torcedor, a instituição, que são ao mesmo tempo atores, expectadores e coadjuvantes coexistentes.

Essa analogia entre os momentos, será verificada a cada recorte, que mostrará uma análise dos momentos com uma intensa fluidez de seus detalhes. O meu estado existencial, mediados entre a consciência da realidade e a vontade de potência, permitirá enxergar movimentos contrários, antagônicos e, por sua vez, desmistificar a fluidez da realidade. Cabe aqui, adiantar que uma realidade não cabe na outra, mas, acima de tudo, uma está na outra, pois tudo é vida, viver desse homem.

Portanto, **Geografias Invisíveis** será o meu ponto confrontador, o meu meta-ponto, que para analisar uma realidade complexa e atingir seus elementos reais, é o mesmo que descobrir seus movimentos. A análise deve ser operada e situada por

‘momentos’, no processo genealógico das experiências, que, por sua vez, são suas coexistências.

Portanto, a analogia terá um papel muito significativo na resolução de problemas, tomada de decisão, percepção, memória, criatividade, emoção, explicação e comunicação, por fim, aglutinar todas as arestas, elencadas para por em prática um novo devir geográfico.

Assim, essa elevação de pensamento, passará pela via profunda, dentro de um confronto intenso de minha história de vida, com a consciência das realidades coexistentes e na procura sem fim, saber em que situação e limites situam-se tais realidades. Assim, no meu entender, consolidar Geografias Invisíveis como contraponto ao mundo da ilusão, que condiciona o espaço aos moldes, consolidados para esse sistema, logo, o fator invisível, será processado diante da vontade de potência nietzschiana, para elevar o pensamento para um novo devir meu, do entorno das realidades.

Minha biografia, minha história de vida

A partir de agora, recorro ao método biográfico, como apropriação da minha existência, para justificar este momento de tese, como fator de pesquisa. Não será contado a minha história de vida em todos os seus detalhes, mas sim, refletirei sobre os detalhes que influenciaram minha existência até aqui. Cada parte, inserida nesse momento de tese, será fator de verificação e compreensão para com a minha história de vida e ao, verificar essa história, como recorte ativo da pesquisa, diante de um estudo exploratório da minha autobiografia, colocados em situações análogas com as biografias escolhidas na tentativa de expressão desse momento de tese, minha obra, busca a genealogia das minhas experiências, mas que fique claro que ela não respeitará minha idade cronológica, pois as condições que sou, estou e penso ultrapassam o espaço tempo, vão para o invisível para tornar-se reais, ativos.

A análise biográfica como fator científico, caminhou pela contestação ao positivismo, que constituía-se como idéia reguladora e hegemônica, na produção dos conhecimentos científicos válidos. Nesse modo, podemos perceber que aquilo que a

ciência clássica chama de conhecimento objetivo, ou seja, válido pela ciência, nada mais é que o produto de um processo histórico, conhecimento no âmbito das ciências do humano.

Para tanto invocarei, dentro de um ato de indução, minhas memórias, sabendo que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-biográfica, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura.

Somos herdeiros/as de uma epistemologia moderna que buscou na distinção clara entre sujeito-objeto, no calar da subjetividade, o caminho para construir o conhecimento objetivo. Evidentemente que nossa proposta epistemológica e metodológica situa-se numa perspectiva crítica à epistemologia moderna. Nossa crença não é a de que a descorporificação do conhecimento garanta rigor e imparcialidade, já que os corpos, as memórias e as intencionalidades estão, dialeticamente, situados em determinado espaço/ tempo. Portanto, do ponto de vista epistemológico, acreditamos que toda cosmo- visão está relacionada com uma moldura teórica que a condiciona e enfoca, ou seja, “vemos unicamente na zona do espectro a que somos sensíveis e vemos de maneira diferente segundo a iluminação e a nossa sensibilidade” (NAJMANOVICH, 2001, p. 25).

A pesquisa aqui, como toda prática social, deve assumir ideologicamente seus valores e seus vínculos de toda ordem: classe, gênero, raça, religião, etc. A articulação entre as relações, que geram tensões e conflitos dentro de cada realidade, histórias de vida, com suas experiências nas condições humanas, deverão sobrepor uma intencionalidade e propor inserir intencionalidades coexistentes, entre a minha autobiografia e biografias como fator interpretativo, no qual as narrativas se legitimam como fontes imprescindíveis, ainda que não as únicas, de compreensão dos fenômenos humanos.

Através da abordagem biográfica, produzirei um conhecimento sobre mim, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do produzir o meu momento de tese, processo de pesquisa e manifestação, contemplará cada momento como recorte exploratório, para uma abordagem compreensiva das apropriações das minhas experiências vividas.

Portanto, cada momento dessa minha relação exposta com essa intenção de narrativa, concederá a mim o papel de ator e autor de minha obra, do meu momento de tese. A pesquisa com minha história de vida inscreve-se neste espaço, onde o ator parte da experiência de mim, questiona os sentidos de minhas vivências e aprendizagens e, nesse caso, não precisarei abordar o percurso inteiro da minha vida. Colocar tudo seria impossível, até porque, seria contrário do que penso até aqui, serão recortes de vivências transformadas em momento auto-biográfico, em coexistência com estudos bibliográficos aqui escolhidos e inseridos.

Nesse contexto, o método biográfico apresenta-se como opção e alternativa, para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social, sendo que a história desta tese está contida por inteiro, na história da nossa vida individual e portanto, cada ator escolhido (bibliografias aqui citadas), diante da minha biografia, é o engajamento das realidades coexistentes.

Cada indivíduo não totaliza diretamente uma sociedade global, mas totaliza-a pela mediação do seu contexto social imediato, pelos grupos restritos de que faz parte, pois estes grupos são por sua vez agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto, etc. De igual modo, a sociedade totaliza todo o indivíduo específico por intermédio de instituições mediadoras que a focalizam cada vez mais pontualmente para o indivíduo em questão. (Ferrarotti, 1988, p. 27).

Assim, caracterizo a autobiografia como método de pesquisa biográfico-científico de caráter qualitativo e de grande importância no campo para as Ciências Humanas. Gostaria de salientar, que a escolha desse método de pesquisa, para um professor de Geografia formado na perspectiva tradicional da racionalidade técnica, não foi, nem será uma questão fácil, pois o processo de ressignificação do conhecimento, acumulado durante o meu percurso acadêmico, não foi uma tarefa fácil de se concretizar. Mas afirmo, que não foi só essa perspectiva que me formou como homem, profissional e por fim existencial, todas essas perspectivas coexistem em mim.

Como afirma Maturana, (2001, p.21): Tendemos a viver num mundo de certezas, de solidez perspectiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como as vemos e não existe alternativa para aquilo que nos parece certo.

Essa é nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo habitual de ser humano.

Vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele; vivemos com os outros seres vivos, e, portanto compartilhamos com eles o processo vital. Construimos o mundo em que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós (MATURANA, 2001, p. 9 – 10).

Dessa forma, conforme Maturana (2001, p.11), podemos dizer que construímos o mundo e, ao mesmo tempo, somos construídos por ele. E nesse processo encontramos outras pessoas, e para tal construção, foi necessário compartilhar trocas de experiências. Assim, a ideia de que o mundo é construído por nós, num processo incessante e interativo, é um convite à participação ativa nessa construção por todos os entes envolvidos. Para a pesquisa (auto) biográfica, em sua manifestação, os indivíduos não cessam de “dar forma” e ao mesmo tempo com suas experiências, formar-se com suas existências no interior do espaço.

Talvez seja bom começar contando um pouco da história do que vou lhes dizer, para tornar evidente porque uma teoria existencial, baseada na perspectiva do conhecimento, tem um caráter especial que a faz, na minha perspectiva, um pouco diferente das teorias cognitivas desenvolvidas até agora e muito mais fundamental e necessária para o momento atual do mundo. A história é a seguinte: eu, como geógrafo, interessei-me pelo estudo de Geografias Invisíveis, pelo intermédio da consciência da realidade e a vontade de potência, para preenchimento das lacunas que o meu ser adquiriu diante das experiências, que ultrapassam como já observei a mim. Neste exato momento, quero fechar um ciclo, abrindo outro e desenvolver, diante de minha perspectiva, um caminho para uma nova realidade.

A geografia invisível norteia esse caminhar aqui proferido em diversos momentos, internos e externos, que diante de um ato reflexivo com a vontade de potência em Nietzsche, colaboro para não desqualificar tudo que já ocorreu até aqui, mas provocar tudo e todos de alguma forma, para outros olhares geográficos. É preciso distanciar-se dessa perpétua materialidade desses sistemas de objetos e de ações, não

aniquilar, mas potencializar para outros olhares. Pois esse homem já não enxerga com o seu olho existencial, enxerga apenas com o olho materializado em mundo, algo que o homem criou e já não sabe se lhe pertence.

A existência é independente do meu ato, logo, depende do que realmente percebo e faço para tal. Do mesmo modo, as existências independem dos nossos atos, logo, dependeremos daquilo que perceberemos e por sua vez façamos.

Conforme Maturana (2001), ele retrata que a existência depende do observador e assim, me insiro como tal. O autor coloca a objetividade desse ato de observar, entre parênteses. Vejamos qual é o sentido que ele quer colocar ao por a objetividade entre paredes.

Quero dizer o seguinte: vivemos em uma linguagem de objetos; falamos de objetos. Isto eu não posso desfazer, não posso nem quero negar, porque é esta linguagem de objetos que uso para explicar. Mas reconheço, sim, que não tenho nenhum fundamento para supor que possa fazer referência a seres que existiriam independentemente de mim. Reconheço que a existência depende do que eu faço. (MATURANA, 2001,p.46)

Para Humberto Maturana (2001), a ciência como um domínio cognitivo, não é diferente da existência que depende de mim, que simultaneamente constitui pela objetividade daquele que o aplica. Nesse caso, meu momento de tese, serve como critério válido para tais explicações científicas. Como bem ele retrata em ciência e vida cotidiana: a ciência é uma atividade humana, mesmo essa sendo certa ou errada no seu tempo. Portanto, qualquer ação que eu realizar ao fazer minha pesquisa, tem uma validade e um significado, dentro de qualquer outra significação simbólica humana, dentro de múltiplas coexistências humanas.

Neste viés, a ciência para Humberto Maturana (2001), é oriunda do ato de dominar explicações e afirmações dentro de critérios de validação, nesse caso, explicações científicas, mediadas por nossa experiência humana. O autor nos adverte que tal dominar, diante de critérios de validações, não poderá ser explicado tão somente pela compreensão daquilo que dotamos como natureza ou realidade. Não podemos ter a compreensão, como se estas fossem domínios objetivos da existência, como

independente do que fazemos. Assim, como retratou Maturana: ao colocar a objetividade entre parênteses, devemos também perceber sob esse olhar que a experiência humana não tem conteúdo.

Portanto, nossos atos, nossas experiências, não são consolidadas em coisas, objetos, ou a própria natureza como entidade, quase institucionalizada fora das experiências humanas. Não que a natureza dependa de nós humanos, pelo contrário, ela possui a sua existência fora, mas nesse caso, a objetividade é colocada diante de nossas experiências como uma dependência do homem, uma necessidade do homem para com aquilo que padronizamos ao longo das cronologias e espacialidades.

Portanto, produzir a minha obra é algo que acontece comigo, em coexistência como algo que acontece em nós e a nós, à medida que objetivamos nossas experiências.

Momento auto-biográfico

Pois bem, sou Alexandre Eslabão Bandeira, oriundo de uma família tradicional nuclear, com um pai e uma mãe e do mesmo modo meus avós, bisavós etc. Não entrarei ainda no meu nascimento, que se deu na cidade do Rio Grande, em quinze de maio de mil novecentos e setenta e sete.

Tentarei dentro do método progressivo- regressivo, estabelecer um vai e vem de memórias, que para o dia atual, fazem e fizeram esse meu ser diante de outros tempos, outras performances, nesse caso, oriundos a mim, a minha família e o social circundante. Encararei minha caixa de segredos, que existem fatos abertos e fechados e que são manifestados nesse caminho que é o momento de tese. Dividirei meu memorial em 4 tempos de uma mesma batalha. O primeiro é anterior a minha pessoa, mas que condiz com aspectos que exercem ações ativas e passivas ao meu existir. Já os outros tempos serão conduzidos pela minha trajetória até aqui, de formas resumidas, porém importantes.

O primeiro tempo da batalha é conferido pelas duas famílias que formaram a minha pessoa, uma pertencente ao meu pai, a outra a minha mãe. Meu pai oriundo do

interior, do município de Canguçu- RS, veio morar com sua família na cidade de Pelotas, diante da necessidade de inserção ao mundo do trabalho, dentro da mobilidade a que todo homem comum tem. Era uma cidade com mais infra-estrutura urbana e oportunidades de trabalho, visto, que anteriormente viviam agregados em terras de outros proprietários. Em tempos anteriores ao meu pai, até era justificado tais estados de trabalho, em cima de terras alheias. Tais condições, sustentaram outras gerações da nossa família sem nenhum problema, era tolerado, justificado e desejado até aquele momento. Jána geração do meu pai e seus irmãos, vieram outras necessidades, dentro de outros pacotes de saberes e oportunidades, que a sua geração viera enfrentar. Naquela terra, não era mais possível ficar ele e seus irmãos, visto, que o domínio sobre ela, não era dos meus avós, pertenciam a outros.

Era preciso naquele momento sair do interior de Canguçu e assim, fixou-se posteriormente na cidade vizinha de Pelotas, uma cidade do sul do Rio Grande do Sul, famosa pelo seu esplendor histórico, movido pelo modo de produção que justificava tais situações, que eram vindouras desde as charqueadas. Tudo isso, em Pelotas se justificava, por movimentos que lhe proporcionaram riquezas, poderes e também espoliações. Era uma terra de oportunidades, tanto no setor secundário, quanto no terciário. Depois da terra alheia, chegaram a uma casa em um bairro residencial de Pelotas, o Fragata. Meu avô, patriarca da família Bandeira, foi um homem sempre engajado na sua polivalência funcional, tudo isso sem nenhum estudo, mas muita experiência de vida, do agregado saber fazer, domínio que as gerações anteriores e a sua ainda cultivavam. Começou na cidade de Pelotas a exercer um trabalho familiar de carvoaria, durante muito tempo conseguiram o domínio da cadeia produtiva, desde a produção da madeira até chegar ao beneficiamento do carvão.

Necessidade de um tempo, mas um dia acabou, pela entrada maciça, da inserção do gás de cozinha nas moradias da cidade, que até então, necessitavam da mão de obra familiar de meus avós. Daí, seguem suas vidas, suas adaptações e por fim, chegaram em outro lugar, necessitando de novas oportunidades.

Os filhos dos meus avós cresceram e começaram se emancipar, um caso natural para os dias atuais. Outra vez, pela necessidade do trabalho, houve mudança de cidade, sendo o novo cenário Rio Grande, primeira cidade do nosso Estado, que destaca-se pela posição geográfica e sua identidade com os mares, aqui também foi o berço da migração de povos além-mar. Rio Grande possui ciclos bem importantes dentro do cenário nacional, diante das questões de modo de produção, tanto local, regional, nacional e internacional. Primeiro veio meu avô paterno, logo veio a família inteira. De empreiteiro de obras na construção civil, a feirante de frutas e legumes e trabalho nas fábricas de peixe, onde era o maior fluxo de emprego da época, foram levando a vida a diante.

A questão da vinda da família de meus pais, respeitou em muito as necessidades de cada um deles, que acabaram chegando por meados dos anos 60 e 70 do século XX. Quero ressaltar que tanto a parte paterna, quanto materna, ambos foram semelhantes em suas estruturas e necessidades de vida: uma família sem posses, sem estudo, que almejavam empregos e por sua vez, a emancipação dos filhos, era uma necessidade de sobrevivência

Já do lado da minha mãe, a minha tia foi a primeira a chegar e, portanto, a primeira a facilitar na moradia, e no emprego dos demais. O primeiro emprego de minha mãe foi em uma casa de família, casa de um militar que estava a serviço nessa cidade. Minha mãe chegou a morar na casa dos patrões e relatou sobre tal emprego: “passei muito trabalho, além de trabalhar, fui muito maltratada, me tratavam como propriedade, como escrava da família. Mas, como eu necessitava, me sujeitei por um bom tempo”. Esse foi o princípio de vida, na cidade do Rio Grande, da minha mãe; já o meu pai começou a se emancipar de seus pais fazendo “frete”, adquirindo uma carroça e um cavalo e fazendo um acordo com um empresário de madeiras. Para definir aqui essa batalha de primeiro tempo, os genitores paternos e maternos de meus pais, já morreram. Eram todos homens bondosos, virtuosos, religiosos e em suas vidas sempre organizados, conforme a conduta pertencente a cada instante, tudo dentro das suas realidades. Meu avô paterno, o mais presente na minha vida, morreu pelo vício do

alcoolismo e suas consequências. Muito busquei meu avô podre de bêbado em botecos, onde estive muito com ele e também presenciei ele jogado ao chão, ou em uma valeta de esgoto a céu aberto, morreu sem dignidade. Meu vô materno não fugia muito do outro, morreu de complicações do tabagismo, de um câncer como consequência do fumo e do mesmo modo, não sei se com dignidade ou não.

Pois bem, aqui começa a minha história: com meu pai e minha mãe se conhecendo, um pai já experiente em oito anos a mais que minha mãe, nesse meio tempo a mais, teve outro relacionamento gerando uma filha que é mais velha do que eu. Meus pais não terminaram o primeiro grau, o ensino fundamental. Meu pai aperfeiçoou-se em ferreiro (armador) da construção civil e minha mãe, além de ser do lar, fazia faxinas para terceiros em suas casas. Meus pais tiveram três filhos, sendo dois homens e uma mulher.

Da segunda à quarta batalha, farei uma relação com uma matéria que saiu no Jornal Zero Hora do Rio Grande do Sul, que do nada quiseram fazer uma matéria sobre mim, minha existência, sobre o meu ser. Segundo a reportagem era uma experiência de um jovem, que no decorrer das adversidades da vida, das batalhas, poderiam servir de exemplo para outros jovens. Tudo bem, naquela época fiquei muito feliz e realizado. A matéria saiu com o título: de “Uma batalha em três tempos”, que foi publicada no dia 27 de outubro de 2010, aqui aproveito as batalhas e seus tempos. Assim, acrescentei mais um, o primeiro que é anterior a mim, mas que ajudou a me formar como ser.É, não ficou só nessa, teve a reportagem da minha experiência de pedalada de bicicleta, da cidade de Rio Grande até Montevideu no Uruguai, passeio de 21 dias ininterruptos de pedaladas, de até 110 km ao dia. Essa saiu em uma matéria sobre o título: “Planeje a sua cicloaventura”, com dicas de como planejar e executar tal feito. E não parou por ai, após minhas trajetórias dentro da Universidade e engajamentos, entre a graduação e o mestrado, fui convidado a falar sobre a minha história de vida, na presença do então Presidente Luís Inácio Lula da Silva, dentro de um evento oficial de políticas públicas para as Universidades Federais. Por um lado, não sei quanta publicidade, por outro sei, tamanha a amostragem de meu ser naquela época, fruto dos meus caminhos e cenários

percorridos. Mas aqui fico me questionando, foram mesmo méritos meus, ou enquadramento a um modelo de ser bem-sucedido para aquele momento?

A **segunda batalha** começa com a participação institucional, diante de duas instituições tradicionais de qualquer sociedade, uma militar e a outra religiosa, mas nesse tempo de batalha, claro que houve outros movimentos balizadores do meu ser, o mesmo ocorrerá nas outras batalhas, tempos, o que procurarei é dar detalhes dentro do resumo de vida aqui exposto. Filho de pais separados, cresci no bairro América, na periferia de Rio Grande. Durante esse tempo, estive diante de muitas brincadeiras de rua: polícia e ladrão, taco, esconde- esconde, futebol de rua futebol, de campo, muitas brincadeiras sadias e outras nem tanto, de cunho opressor e sobrevivência, do maior para o menor.

Vivenciei as diferenças familiares, dos mais pobres, remediados e pseudo sucedidos da rua e do bairro. O que quer dizer isso: uns com boas casas, outros com péssimas casas, uns com bons empregos, outros nem empregos tinham, uns com famílias de bando por metro quadrado, todos vivendo de agregados, no mesmo pátio, diante das mesmas precariedades. Presenciei todos os atos, e não atos que uma criança ou um adolescente poderiam presenciar, dos mais banais, aos mais severos. Essa era a vida, um crescimento diante de uma barbárie ordenada e planejada, era a vida em uma rua, seja aqui ou acolá. Presenciei a morte de um bebê por ingerir, por falta de comida, uma caixa de papelão, presenciei homens mortos por homicídio, latrocínio também, mas presenciei muitas outras coisas boas, festividade de São João com fogueira, quentão pipoca etc, as ruas eram todas cheias, as pessoas se encontravam nas ruas, entre convivências e brincadeiras.

Convivi com amigos de infância das mais diferentes índoles, do opressor ao oprimido. O mundo já demonstrava alguns caminhos, não que estes sejam fechados, mas percebia o que alguns estavam por enfrentar, caso seguissem com aquelas atitudes em suas vidas. Não justificarei aqui nenhuma vocação, dom, ou méritos, no que não acredito na minha atual fase. Portanto, presenciei muitos aspectos que formaram e de certo ponto deformaram minhas percepções, presenciei muitas coisas na minha infância,

boas e desagradáveis. Muitos que convivi, hoje estão em diversas condições e aqueles um pouco mais distante, também sempre estiveram ao redor das minhas experiências. Na escola quem era os ditos “mais inteligentes”, não chegaram a acabar nem o ensino médio, outros ditos mais “burros”, esses chegaram a níveis dos mais variáveis, da frustração para a superação. Hoje sei que muitos estão presos, isso mesmo presídio, outros ficaram antes, estão mortos, a grande maioria vive sua vida, com poucos ou muitos filhos, mas tudo bem é a vida.

É, não tem como citar tudo, toda ordem cronológica do vivido, visto que as lembranças ficam reduzidas, mas os fatos mais importantes, estes dificilmente saem da cabeça. Até agora citei muitas coisas externas, tentarei resumir a minha vida, no conjunto familiar a qual pertença. Comecei falando deles no primeiro instante, agora falarei um pouco mais, já com meus irmãos. Cresci sob uma educação rígida, mais por parte de meu pai, que tudo era na base de bater, apanhava todos os dias, seja forte ou fraco, foram usados todos os tipos de materiais para esses castigos, quase na totalidade executados pelo meu pai. O uso foi de cinto, de fio de eletricidade, de vara de árvores, chinelo, apanhei muito dos meus pais. Eu, como o maior, acabei apanhando mais, os outros também tiveram suas partes. Outro fator interno foi às brigas constantes em que meus pais executavam entre eles, seja elas verbais, ou físicas, quase sempre estive no meio dessas disputas de socos e pontapés. Quero com isso, relatar ao tipo de psicologia defensiva e ofensiva pertencentes, aonde cresci, dentro de um lar. Ora tudo bem, ora tudo mal, enfim, emprego, desemprego, alegrias, tristezas, tudo fizeram parte deste crescimento e desenvolvimento.

Cresci com uma boa e má infância, da escola, sem merenda, roupas maltrapilhas, cedidas muitas vezes de outros, de primo à amigos. Várias foram às vezes que fui zoadado por ir à escola de mala, uma mala maior que eu, não tinha mochila que era o padrão, com isso estava eu sem padrão. Se a escola era pela tarde, saía a juntar materiais para vender em um ferro velho, de manhã e levava até um local de compra desses materiais, com um carrinho de mão, juntava lata, ferro, osso, alumínio, cobre, etc., Alguns eram mais valorosos que outros e nisso consegui comprar materiais escolares, roupas e até

lanche. No decorrer fiquei adolescente e as responsabilidades aumentaram, tinha que ajudar a contribuir em casa, tanto com serviços domésticos quanto com dinheiro para custeio da vida. Trabalhei também em feira livre, fazia de tudo: de simples trabalhador a quase gerente, com domínio de toda a estrutura, para tal. Também tive experiência de trabalhar no cemitério, limpava túmulos para as pessoas que lá iam visitar seus entes queridos. Tudo que aprendi foram em diferentes etapas.

Aos 17 anos fui para os fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, era um emprego fixo e bem rentável, onde nesse tempo já com meus pais separados, ajudei a criar meus irmãos, em sustento e cuidados já que eram menores. Depois de três anos e meio voltei para os estudos, deixei os fuzileiros e fui terminar o ensino médio. Nos fuzileiros aprendi muito, fui muito cobrado dentro das funções e também presenciei muitas coisas, que na maioria reprovado como instituição representativa da nossa sociedade. O meu ensino médio paguei com salário de repositor de uma rede de supermercados. O próximo passo não foi à faculdade, virei seminarista, isso mesmo, queria ser padre, passei um período em um seminário diocesano da igreja católica. Trabalhei sempre com as comunidades mais carentes da periferia de Rio Grande. Após o seminário, diante da desistência, voltei para a casa de minha mãe, de onde tinha saído para esse fim.

A segunda batalha: Foi nesse instante que consegui passar no vestibular para Geografia, após um ano desempregado consegui entrar no curso, primeiro da família a entrar num curso superior, todos diziam que tal ato era de poucos e considerado a elite pensante do Brasil. Será?

A aprovação veio em 2003 na segunda tentativa. Nos primeiros semestres, precisei percorrer os seis quilômetros até a faculdade a pé, por muitas vezes fiquei o dia inteiro apenas com uma refeição. Com o tempo consegui bolsas de estudo e trabalho em vários setores da Universidade, da biblioteca ao protocolo. Eram praticamente 24 horas dentro da Universidade Federal do Rio Grande. Mas foi a partir do segundo ano de curso que comecei a mergulhar no que chamo de “**compreensão de realidade**”, desde as minhas realidades e a dos outros, presenciando e pesquisando sobre a pobreza.

Sempre me perguntei: sobre como se constitui esse mundo, no qual uns comem migalhas e outros caviar?

Durante minha graduação vivi a Experiência em educação popular, junto ao projeto VEPOP- Extremo sul (vivências em educação popular), onde trabalhei com grupos interdisciplinares, de todas as ciências que tinham dentro da universidade, trabalhei nos bairros de São José do Norte, cidade vizinha a Rio Grande. Aqui conheci minha esposa, que até então era estudante de medicina.

Meu trabalho de conclusão de curso- uma análise da segregação urbana no bairro Castelo Branco 2, de Rio Grande, com base nas vivências com um grupo de hip hop local- virou um documentário, sobre o grito dos excluídos, diante do grupo Mentos sem Limites do bairro.

Logo depois da graduação, fui aprovado para a primeira turma do mestrado em Geografia da FURG, em 2007. Foi um trabalho na portaria do centro de formação de professores, na própria instituição, que me sustentou nesse período do mestrado, onde não obtive bolsa. Nesse tempo de portaria estudei muito, li muito naquele local. Minha dissertação foi aprovada em junho de 2010.

Terceira batalha: se a minha entrada na Universidade foi demorada, minha ascensão acadêmica foi rápida. Em sete anos deixei de ser um jovem de periferia, sem ensino médio, para me tornar Mestre em Geografia. Nunca esqueci minhas raízes, meus estudos fazem parte do meu pertencimento por todos os estágios de pensar e executar, onde tais estudos vem sempre em uma escalada de valores e questionamentos e, por sua vez, a derrubada de várias convicções, a todo instante a incerteza é meu auge.

Também trabalhei de tutor de educação à distância da especialização em educação em direitos humanos, sistema universidade aberta do Brasil. Fui Professor contratado do Estado do Rio Grande do Sul, no município de Rio Grande, junto a Escola Saldanha da Gama (2011) e fiz Aperfeiçoamento pelo Instituto Pichon Rivieri em Experiência em coordenação de grupos - Fundamentos Teórico-práticos de coordenação de grupos (Grupo de Porto Alegre).

Durante a tutoria em Direitos Humanos, fiz uma intervenção na cidade de São Lourenço do Sul, em 2010, sofreu uma enxurrada de água, onde acabou inundando mais da metade da cidade, o que foi muito noticiado naquele tempo, mas foi ofuscado pelo mais intenso desastre ambiental, de dimensões globais, que foi o tsunami no Japão na mesma semana. Mas, mesmo assim, retratei aspectos muito importantes que me carregam para esse momento de tese, acabei fazendo meu segundo áudio visual, um documentário que se chamou “Seis dias depois” e também um trabalho publicado em anais sobre tal experiência. Diante desses aspectos, pretendo discutir ,ao logo da tese, pontos que melhores serão tratados, mas posso inserir que, nós homens nesse tempo atual, precisamos de micro cataclismos em nossas vidas para perceber e ser mais sensível. Dentro daquilo que negligenciamos durante os ditos dias normais, como ser amorfo, mesmo que essas coisas, sejam um momento de catástrofe, elevo esse ponto, ao caminho para novas perspectivas dentro da ciência.

Acabei casando, indo morar em uma cidade de 7.000 habitantes, Ajuricaba, município rural, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, noroeste. Lá fui professor de uma escola de periferia de Ijuí- uma escola com vários perfis dos sintomas atual, doentio em que nos colocamos: o que é essa educação, para que serve? Fui também secretário de planejamento dessa cidade, desde o principio de eleições até entrada na gestão, logo, entrei na máquina pública e comecei a conhecer as superestruturas que condicionam o país dentro de um pacto federativo e suas artimanhas velhas e modernas de colônia. Tudo isso até a minha saída dessa gestão, por pedido meu, por não concordar com as formas e meandros de agir nas gestões públicas. Também essas serão encaradas como experiências para a tese.

Nesse tempo lecionei também em outras escolas mais do interior, pequenas, de hábitos rurais. E por fim, com a saída da gestão e meu desejo de seguir meus estudos na geografia, fiz mais uma prova no ano de 2014, para tornar-me aluno de doutorado. No meio a tudo isto, virei um pai, da Antônia e voltei para a cidade de Rio Grande, para que a minha esposa completasse seus estudos, para tornar-se médica pediatra e a nossa filha

fica nesses ciclos construtivos, com todas as cargas de tensões, conflitos e maravilhas que o mundo nos proporciona.

Aqui estou nesse ciclo, nesse tempo agora para a tentativa de defesa de Doutorado. Quero ressaltar que fiquei cansado de fazer esse memorial, devido aos detalhes sucessivos, mas é fato que foi proposital, pois, para representar uma sociedade atual, não poderemos negligenciar nada, nem uma vírgula, não somos exatos, somos humanos, diante de nossa ideação reflexiva, mediados por finalidades, sejam elas, demandas verdadeiras ou falsas, mas que foram projetadas para essa atual realidade.

Estas questões direcionaram a atenção no que diz respeito aos temas, autores e obras estudadas, durante o período como discente do Programa de Pós- Graduação em Geografia da UFRGS. Se por um lado, cada uma das disciplinas cursadas tinha por objetivo determinados enfoques e temas de estudo, de acordo com as áreas de atuação de cada professor, junto a estas e com leituras paralelas, buscou-se congregar argumentos, que possibilitam uma convergência entre o tema do existencialismo, consciência da realidade e vontade de potência em forma epistêmica, para Geografias Invisíveis, que venho pleiteando. A tentativa é dar resposta a uma preocupação com uma específica relação entre as dimensões existenciais e suas negligências, planejadas e executadas no social e no ambiental, conforme será posto a seguir, com cada escolha e detalhe aprofundado, em momento de Tese. Por fim, peço desculpa aqui pelo esquecimento, do que aqui colocarei, mas de forma proposital, venho expor, nesse meio quase que eterno que é o momento de tese, que rompi com um ídolo. Essa tese não é neutra. Portanto, para conduzir minhas experiências para novos expoentes, sob golpe de martelo dentro de minha experiência manifestante, foi de não aceitar mais a existência de um Deus, logo, deixo claro, que para aquilo que proponho para o futuro da ciência, não caberia aqui nenhum ídolo que comprometesse meus juízos de causa.

Da exposição

O conteúdo abaixo, está inserido dentro do contexto que procuro justificar cada parte, momento da tese. Quando nasci não tive a oportunidade de escolha de nada, onde

nascer, com quem nascer, e, por fim, em qual situação nascer. Pois bem, aqui nesse momento de tese, levo ao leitor, ao propósito de que preciso desenvolver um raciocínio além de mim. Como bem falei, acima, desde a opção de título da tese, cada ponto aqui inserido fazem parte, daquilo que venho expondo, seguindo, os momentos das minhas experiências de vida, colocando-me como objeto, dentro do método auto-biográfico.

As escolhas e situações antes de mim, nada foram propostas por mim, mas, enfim, elas, acabaram de me inserir, no espaço, em algum lugar, com identidade própria e condições aqui expostas, desde, minha inserção e escolha de movimento de tese. Ir, do geral ao específico, será o meu alvo, onde, cada recorte daqui para frente desenvolverá a partir de mim, um caminho reflexivo para aqueles que irão caminhar nesses meandros reflexivos que é demonstrar o que ganhei, o que perdi quando não tive escolhas antes de ter nascido, mas, saber que depois que fui inserido nesse mundo, tenho escolha, fiz escolhas e sobretudo somos as escolhas daqui para frente. Daí, formar bases de sustentação para um sentido, que não seja somente meu, mas, sobretudo de todos que poderão junto comigo coexistir, neste construir à minha obra, dentro do momento de tese.

A apresentação da pesquisa é composta por cinco capítulos: o último que pretendo fechar é de cunho geral e proposital para que Geografias Invisíveis entre como uma categoria de análise para as ciências humanas, em especial a Geografia, logo, em perspectiva maior, para a ciência geral. Já ,os outros quatros fazem coexistência diante da exposição dentro de um caráter indutivo dos fatos, que são recortes de momentos.

Assim, o conhecimento em suas características mais gerais que aqui exalto, são momentos específicos das minhas experiências de vida, sobre uma pesquisa ativa, onde cada parte é proposital, que começam com minhas experiências para elevar a nível teórico.

Assim, preciso expor o que o “momento” significa para mim nesse momento de produzir a minha obra. Portanto, momento é analisar uma realidade complexa e atingir seus elementos reais, é o mesmo que descobrir seus movimentos. A análise deve ter

uma espacialidade e cronologia situadas no momento do processo criador. Assim, a análise de um ser humano desvendará o seu caráter, já a análise da sociedade desvendará os caráter em suas multiplicidades coexistentes, que ao mesmo tempo geram tensão e conflitos.

Portanto os momentos são pontos cruciais para desenvolvimento de uma análise, colocando cada ser na sua originalidade dos fatos, em permanente dialogo com aquilo que os diferencia dos outros ou aproxima. Portanto, junto com a indução dos fatos, ou seja, os recortes, os momentos tornam-se importantíssimo pela magnitude de cada movimento dentro do que se espera do momento.

Ao induzir minha história de vida, como recorte ativo da pesquisa busco a genealogia das minhas experiências através da indução de outros recortes, ou seja outras experiências para tentar explicar minha história de vida e minha existência. Assim, traço a ciência Geografia como domínio cognitivo, e por sua vez, constitui-se pela objetividade que aplicarei em cada recorte de um grande momento que será a tese. Com isso, confirmo minhas experiências humanas como critério de validação da ciência existencialista dominando certas explicações.

O primeiro capítulo busca fundamentar a possibilidade do debate proposto. Desse modo, a metamorfose desse espaço será vista pelo método progressivo-regressivo onde transitarei para explicar as condições que o homem de ontem imprimiu ao de hoje e, por sua vez, traçou, quase que fatalmente, o homem do futuro. Esse momento caracteriza-se pelo viés de um eterno retorno, para as condições que criaram as condições para tal homem. Há mecanismos que separam homem e natureza e dessa forma auxilia no surgimento do modo de produção capitalista. Há também uma relação contraditória desde o início da transformação desse espaço, criando diferenciações e demandas para cada segmento e, por sua vez, cada momento cria novas justificativas para manter o mais do mesmo dentro desse palco diferenciado.

Desta forma, o segundo capítulo demonstra o tipo de homem que temos diante do desenvolvimento atual. E, por fim, qual homem desejamos formar para o futuro

desta nação, viabilizando, desta maneira, um projeto de existência, seja ele planetário, nacional ou até mesmo local. Para isso, o segundo momento da tese falará sobre as condições da existência, seja ela individual ou coletiva, diante dos estudos do filósofo Álvaro Vieira Pinto, que ao retratar a “consciência da realidade” do Brasil, colabora com pontos cruciais da nossa condição de seres ocupadores e formadores de espaço.

Estudarei dentro do terceiro capítulo pontos para um ato, um pouco estranho para a ciência que busca qualificar e objetivar os fatos e fatores vivenciados e problematizados. Mas aqui, recairei mais para um mundo prospectivo, de uma análise dos conteúdos sobre hipóteses que poderão ser previstos com uma certa objetividade, sendo possível qualificar esse momento como uma espécie de teoria virtual. E, mais pretensioso ainda, qualificar “Geografias Invisíveis” como ferramenta prospectiva, diante de super- previsões para o mundo das experiências.

No quarto capítulo será inserido a questão de moral, basendo-se em Nietzsche, o qual difere de autores e do mundo, pois não se pode visualizar algo fechado em suas obras e muito menos no mundo, sendo o seu teor uma teoria que contempla o todo. Para entender Nietzsche, devemos entender algumas chaves que percorrem todas as suas obras. Como dito anteriormente, é uma obra pelo todo, de um lado facilita e por outro dificulta o entendimento daquilo que é proposto em suas obras.

O quinto, e último momento, contempla o começo dessa nova ordem, onde inicio uma exposição para atingir os meus alvos, que começaram desde o primeiro momento dessa tese. Colocar-me-ei com as minhas experiências, parte não da essência do meu ser, mas da minha existência. Sendo assim, é de suma importância começar uma nova árvore de conhecimentos, visto que vivemos nesse mundo e portanto fazemos parte dele, coexistimos com os outros seres vivos e construímos o mundo dentro das nossas existências. Devemos dentro das coexistências com os outros, rever alguns processos e nuances que colaboraram para negligenciarmos e do mesmo modo sermos passivos com tais situações que o mundo da ilusão nos imprime.

Objetivos

Objetivo geral

* O presente projeto de tese propõe sistematizar as perspectivas aqui elencadas e mediadas por pensadores, que pelo viés existencial encontram-se ligados pela mesma base, um retorno ao homem. O fator primordial é uma análise epistemológica sobre Nietzsche diante dos movimentos permitidos aqui em momentos para entender seu papel e seu alcance, a vontade de que as “Geografias Invisíveis” seja formalizada como categoria de análise dentro das ciências humanas, em especial a Geografia dentro da Ciência Geral;

Como objetivos específicos, delimitam-se:

* Evidenciar a trajetória intelectual-acadêmica e política de Nietzsche, para os estudos e ações do pensar o espaço Geográfico sob o viés do efeito invisível nas realidades;

* Apresentar a originalidade teórico-metodológica de Nietzsche nos estudos da sociedade. Apresentar o autor ao meu “eu existencial” revelando a importância da expressão do autor para a formação da pesquisa científica existencialista para o mundo da vida;

* Mostrar que os problemas da sociedade, a partir dos pensamentos de Nietzsche e Álvaro Vieira Pinto e, mais especificamente, dos estudos vontade de Potência ativa e reativa, versus, a consciência crítica e ingênua numa analogia entre os autores, tais estudos são efeitos operacionais para uma sociedade vivendo na ilusão;

* Demonstrar que o meu drama existencial faz parte dos dramas do mundo contemporâneo. O fator “Tese” é o “momento” de escolha relacionado às grandes preocupações minhas, de Nietzsche e Álvaro Vieira Pinto com base em outros recortes induzidos para contemplar tais dramas;

MOMENTO I

1.1) Verdades ou mentira do cotidiano atual

Uma das justificativas de todas as ações e circunstâncias a que o homem é envolvido neste globo chamado terra, é o seu diferencial condutor, como conduz sua vida, diante de si, e diante das outras espécies na circunferência terrestre. O raciocínio o eleva perante os outros seres, porém o coloca em um grau de identificação no qual lhe obriga criar estruturas para sua sobrevivência. Uma base para os estudos no qual me envolvi desde a graduação e que influenciou muito ao meu "eu" profissional, ou ainda como indivíduo social, é o significado de verdade ou mentira, que é o reflexo de nossas ações neste cenário, seja ele local, nacional, continental ou global que ambos estão entrelaçados em um movimento único e planejados, que é a vida da raça humana. Assim o homem “acha-se” no centro do universo, antropomorfismo, onde tudo gira em seu entorno e a sua racionalidade o envolve e o torna tutor deste patrimônio que é a terra. O que é verdade, portanto?

Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismo, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gestos e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. (Nietzsche, 1983, p.48)

Conforme Nietzsche, o homem precisa, necessita de justificativas ao seu viver, no seu cotidiano. Assim o homem usa o seu intelecto e, conforme as situações, as percepções e concepções, haverá diferenças comportamentais nos espaços. Com isso nasce o conceito, simplificador das diferenças e os enquadra em modelos únicos como se tudo fosse igual, saído da mesma forma. Assim como a moeda tornou-se mero metal, o homem também logo perderá, em suas relações, a sua essência e tornar-se-á um atravessador, uma máquina de trocas de objetos artificiais, e logo também será objeto de troca.

Tudo o que destaca o homem do animal depende desta aptidão de, liquefazer a metáfora intuitiva em um esquema, portanto de dissolver uma imagem em um conceito[...] edificar um ordenação piramidal por castas e graus, criar um

novo mundo de leis, privilégios, subordinações, demarcações de limites.(Nietzsche,1983,p.49)

Diferentes aglomerados geográficos humanos irão se manifestar diferentemente sobre o espaço, colocando diferentes maneiras de conceber os fenômenos da natureza e de diversificados modos de vida, conforme a necessidade e angústia de cada grupo humano. O homem justifica suas ações com os conceitos, que são regras como ("verdades verdadeiras")*. Conforme explicita Nietzsche o homem conceitua uma árvore como gênero feminino e simplesmente uma árvore, assim ocorre também com a folha classificando como uma espécie igual, como que vissem tudo da mesma forma. Este padrão, regra, ajuda o homem a justificar o seu raciocínio e criar uma justificativa de ser que é a ideologia. Como gênio construtivo o homem se elevará sobre as demais espécies e até mesmo sobre os homens durante sua evolução.

A história não é a sucessão de fatos no tempo, não é o progresso das ideias, mas o modo como os homens determinados criam os meios e as formas de sua existência social que é a economia, política e cultura. Assim, esse ocultamento da realidade chama-se ideologia e por seu intermédio, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas(CHAUI 1986)

Ora, os homens criam os seus meios de ações nas mais diferentes paisagens, justificados por mecanismos que interagem no meio social, sendo que as relações de homens com homens será uma interação desarmônica e diferenciada. Nasce uma guerra de contradições. Tudo começa com a idealização do pensamento humano, refletindo em utensílios para o seu bem estar, daí a separação do mentor da ideia e o praticante da ação e por fim o surgimento da mercadoria com valor diferenciado no qual é remetido o gasto que lhe proporcionou a sua existência. Após o homem, na sua capacidade pensante, remetido de artifícios, confiscou para o seu bem o uso fruto da terra. Coloca medidas e limitações e lhe fornece donos. Surge assim outro fator de diferenciação

* Este termo caracteriza a expressão de Nietzsche quando ele coloca que verdade é um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismo, enfim que verdades são ilusões. Ratifico com "**verdades verdadeiras**" para enfatizar uma verdade absoluta que é a mais pura ilusão antropomórfica.

social, a propriedade de terras. Estes serão os mais “capacitados”, os “abençoados”! Ora, isso acontece dentro de um parâmetro que é o existir humano, sua condição orgânica e inorgânica, mundos materiais ou imateriais, espirituais ou mundanos.

O homem pensa e seu pensamento manifesta-se na natureza sob diferentes formas: linguagem, desejos, religião, arte, instituições sociais, estados e ciência dentro de uma racionalidade proposital e acumulativa nos tempos e lugares. Sendo assim, para que estas manifestações sejam possíveis, conforme Hannah Arendt, há três atividades humanas que são fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. Trata-se, de atividades fundamentais, porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas, mediante as quais a vida foi dada ao homem na terra, enfim, a sua condição humana.

O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo de vida. O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada pôr este ultimo .O trabalho produz um mundo “artificial” de coisas nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. A condição humana do trabalho é mundanidade. A ação única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde á condição humana da pluralidade, ao fato de que homens , e não homem, vivem na terra e Habitam o mundo(ARENDT,1983.p.15,16 e 17)

Devemos nos ater à condição “trabalho”, que informará subsídios para entendermos o complexo mundo em que os homens criaram e criam suas relações. Assim, dentro da historia dos homens encontramos a ideologia, fato que justifica comportamentos e ações de homens sobre homens. Através do trabalho, o homem cria sua existência e relaciona-se com outros indivíduos. E, sendo assim, em uma relação diferenciada entre homens, surge a sociedade civil.

A sociedade civil se realiza através de um conjunto de instituições sociais – família, escola, igrejas, policia, partidos políticos, imprensa, meios de informação, magistraturas, Estado [...] ela é também o lugar onde essas instituições e o conjunto das relações sociais são pensadas ou interpretadas por meio das idéias – jurídicas, pedagógicas, morais, religiosas, científica, filosóficas, artes(CHAUÍ,1986.p75)

A visão de mundo e o sistema de valores, que estão na base de nossa cultura e que tem de ser observados em meu trabalho, foram formulados e concretizados em suas linhas essenciais nos séculos XVI e XVII. Entre 1500 e 1700, houveram mudanças fortes na concepção das pessoas, na descrição e modo de pensar o mundo. A nova mentalidade e a nova percepção do cosmo, propiciaram à nossa civilização ocidental aspectos que são característicos nos dias atuais.

Antes de 1500, a visão do mundo na Europa, assim como na maioria das outras civilizações, era tida como orgânica. As pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas e vivenciavam a natureza em termos de relações orgânicas, onde predominava o coletivo. Com o advento da razão, a racionalização do homem, a ciência justifica os meios e a relação entre o homem-natureza é concretizada de outra forma. Antes havia o domínio de um tempo cíclico, onde predominava uma harmonia dos fatores. Agora existe um tempo linear, cartesiano, onde o tempo evolui com a ciência e a desarmonia evolui com o homem e a natureza.

Essa questão está relacionada com valores culturais, uma mudança profunda de pensamentos, percepção e valores. Essa mudança nos dias atuais é frequentemente chamada de “mudança de paradigma”, ou sociedade do espetáculo.

Este novo paradigma, essa nova percepção de tempo, concretizou-se primeiramente na Europa e depois contaminou o restante do mundo com seus ideais. Valores que diferem nitidamente dos da idade média, valores que estiveram associados a várias correntes da cultura ocidental, entre elas o renascimento, o iluminismo e a revolução industrial.

Assim, obtém-se como crença de que o método científico é a única abordagem válida do conhecimento; a explosão das cidades europeias, com o acúmulo de bens e a necessidade de novos recursos naturais, propiciados com as grandes navegações, favoreceu para a conquista e descoberta de novos territórios geográficos. Desse modo, a expansão, a percepção e os valores culturais ocidentais de origem europeia concretizaram-se.

Surge o novo continente, o continente americano, o qual será palco do colonialismo europeu e será protagonista da “Roma Negra” o qual o continente americano se torna. O mundo começa a homogeneizar-se. Diferentes agentes constituíram este continente: primeiramente os índios, posteriormente colonizadores europeus, e, por fim, a mão de obra escrava dos negros africanos. Perfeitamente poderia ser mais um fetiche do homem europeu.

1.2) Mecanismos de separação dos homens e da natureza.

Pergunto: Qual é a natureza humana?

Existe sim uma natureza humana, a mesma em todos os tempos e lugares e, por outro lado, existe uma diferença de natureza entre homens, mulheres, pobres e ricos, negros, índios, judeus, árabes, franceses ou ingleses. Há perfeitamente uma natureza humana universal e uma natureza diferenciada por espécies, do mesmo modo da diferença entre várias espécies de plantas e animais. De certo modo, certos sentimentos, comportamentos, ideias e valores, são os mesmos para todos os gêneros humanos, enquanto outros seriam os mesmos apenas para cada espécie (ou raça, ou tipo, ou grupo) isto é, para uma espécie determinada(CHAUÍ, 1986).

Esta natureza diferenciada foi criada ao longo dos tempos históricos, através de civilizações que conferem conceitos como culto, inculto: cultura da elite.Sabemos que em uma mesma coletividade ou numa mesma sociedade pode haver variados tipos de cultura: a de massa e a de elite ou de ambos. Pensando assim, ambas são distintas, mas ambas determinam a identidade de sua origem na qual determinará sua ideologia. Ora, para obter êxito, a ideologia mascara a realidade e condiciona homens no seu próprio pensamento (cotidiano).

A não percepção de que toda construção do exterior é fruto do trabalho humano, e que essa é consequência da separação do trabalho intelectual, do trabalho manual,que fornece subsídios para a diferenciação das classes sociais, e por sua vez, suas eternas lutas. O fruto do trabalho, que é a mercadoria, trará maiores disparidades nas relações humanas, proporcionando maiores acúmulos de riquezas para uns e

maiores dependências para outros, podemos compreender isso com o surgimento da alienação.

Essa relação é fruto da valorização das trocas de mercadorias, através do trabalho humano que serve para ostentar a luxúria de poucos homens e a desumanização alienada de muitos. Conforme o homem se aperfeiçoou, foi se afastando cada vez mais da natureza, e assim criando um mundo novo, um mundo racional artificial.

A história do homem sobre a terra é a história de uma ruptura progressiva entre homens e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo (SANTOS, 1997, p.17)

Ao mesmo tempo em que há um afastamento do homem em relação à natureza, o homem se torna fator geológico, geomorfológico, climático e a grande mudança é que as demais mudanças serão caracterizadas como acidente, incidente (Santos, 1997). Acontece o mesmo entre os homens: as ações de cunho da condição humana, tiveram e tem efeitos continuados e cumulativos, graças ao modelo da vida adotado pela humanidade. Para justificar essas ações, o homem necessita criar regras que sustentem a sua ambição de poder e sobrevivência e a ideologia é o fato que controla esta estrutura, que é o sistema de ações humanas.

O mundo será justificado pelas instituições, que são as mais puras manifestações do homem no espaço. Dentro destas manifestações, estão combinadas e de formas contraditórias, o Estado, a religião, a justiça e a ciência e podemos dizer nós.

1.3) A chave para o surgimento do modo de produção capitalista

A chave para analisarmos essa evolução e trajetória histórica humana, nos leva a dez mil anos pela descoberta da agricultura ou o terremoto de mudanças, provocado pela revolução industrial. Até agora a humanidade suportou grandes “ondas de mudanças”, cada uma obliterando extensamente culturas ou civilizações e substituindo-as por modos de vida inconcebíveis para os que vieram antes.

A primeira onda de mudança -a revolução agrícola - levou milhares de anos para acabar. Ela persistiu na Europa sob a forma de feudalismo, até meados do século XV e XVI, quando a Inglaterra começou as práticas industriais concentradas nas cidades. O feudalismo antecedeu na Europa o sistema capitalista e posteriormente, de alguma forma, foi transportado para as colônias para abastecer o mercado consumista capitalista moderno nos primeiros passos.

A sociedade feudal esta realizada em uma forma acabada no século XI: no âmbito do senhorio se efetua a organização da produção (servidão, trabalho forçado, corvéia) e extorsão do sobre trabalho sob a forma de prestação em trabalho do qual se beneficia o senhor, proprietário eminente e detentor das prerrogativas políticas e jurisdicionais (BEAUD, 1999, p.18)

Nesse período houve o fortalecimento das trocas comerciais, especialmente nas cidades e o surgimento de uma burguesia comerciante e a mutação da prestação em trabalho, em gêneros ou em dinheiro, com o desenvolvimento do trabalho livre. É nessa decomposição da ordem feudal que vai se enraizar a formação do capitalismo mercantil. Surgindo assim as corporações.

O capitalismo existe onde quer que se realize a satisfação de necessidades de um grupo humano, com caráter lucrativo e por meio de empresas qualquer que seja a necessidade de que se retrate[...] o capitalismo se nos apresenta em forma diferente nos diversos períodos da historia, porem a satisfação das necessidades cotidianas, baseadas em técnicas capitalistas, só é peculiar no ocidente[...] o que registramos em séculos anteriores, numa espécie de antecipação, são simples pródomos; as poucas explorações capitalistas do século XVI não poderiam ser eliminadas da vida econômica nem que sobrevivessem transformações catastróficas (WEBER 1974,p. 125 e 126).

Assim, para ocorrer a existência do capitalismo moderno, vários foram os fatores de apreensão, para contabilizar os lucros para a racionalidade do capital. Segundo Weber são eles:

1)Apropriação de todos os bens materiais de produção(a terra, aparelhos instrumentos, maquinas etc.[...]2) a liberdade mercantil, isto é, a liberdade do mercado[...]3) técnica racional, isto é, contabilizável até o Maximo[...]4) direito racional, isto é direito calculável[...]5) trabalho livre, isto é, que existam pessoas, não somente no aspecto jurídico, mas no econômico, obrigadas a vender livremente sua atividade no mercado[...]comercialização da economia(WEBER 1974,p.126)

Essa ação não se deu de modo uniforme no globo, iniciou-se primeiramente na Europa, posteriormente em outros locais no mundo. Assim, essa nova racionalidade transforma o velho mundo no berço do capitalismo moderno e os outros territórios fora da Europa em palco de exploração, para abastecer um novo sistema vigente. Surge assim a era do expansionismo geográfico, conquista de novos territórios e a colonização.

1.4) Mecanismos de manipulação e transformação do espaço

A conquista de colônias proporcionou o acúmulo de riqueza dentro da Europa. O meio foi o monopólio de produtos coloniais, mediante o uso do poder. Nas colônias se deu dois tipos de exploração: “o feudal, nas colônias espanholas ou portuguesas e o capitalista, nas holandesas e inglesas”(Weber, 1974). Aqui, podemos ver uma das diferenças da constituição do território das Américas, que refletem nos dias atuais, principalmente no fator sócio econômico. Ambas as colônias utilizaram-se de mão de obra escrava, quase em sua totalidade. As mãos de obra escravas, foram primeiramente as nativas, os povos oriundos da terra e posteriormente os africanos em sua diáspora forçada e desumana.

O choque cultural entre as civilizações europeias, nativas e africanas foi catastrófico. As civilizações existentes nativas foram exterminadas, quase em sua totalidade, em décadas, tanto pela força, quanto por epidemias levadas pelos europeus. Posteriormente, foi a vez dos povos Africanos serem vítimas dessa desumana história dos homens, que é fruto de uma nova racionalidade vigente, e que em sua história, são dados como seres inferiores, como que se tivessem um fator natural que justificasse do outro lado, seres máximos e superiores. Mas essa justificativa é própria da racionalidade humana, que com "verdades verdadeiras", as chamadas ideologias, servem de apoio e ferramentas para a cobiça do ter, que é o poder. Tudo isso, foi suplantado para a cobiça do homem ocidental e da nação cordial.

Marx Weber (1974) destaca que o acúmulo de riquezas com o comércio colonial, possui escassa importância para o desenvolvimento do capitalismo moderno e

serviu de fato, para o acúmulo de riqueza dentro daquele continente. Com isso, criou-se um grande número de rentistas, mas que só em pequena escala contribuiu para desenvolver o processo industrial de exploração e a organização capitalista. Nesse tempo, o que era ostentado mais era a luxúria das nobrezas europeias, criando uma magnitudedesplendorosa na estética das cidades europeias.

No mercado dos produtos das indústrias recém instituídas aparece, em primeiro lugar, dois grandes consumidores: a guerra e o luxo, a administração do exercito e as atenções suntuosas da corte(WEBER,1974,p144)

Mas o que realmente desenvolveu o capitalismo ocidental, foi “a racionalização do trabalho” segundo o próprio Weber (1974). Foi o fato de somente o ocidente conhecer o Estado no sentido moderno da sua palavra, com administração orgânica e relativamente estável, funcionários especializados e direitos políticos e a apreensão do espaço tempo.

Para o surgimento e fortalecimento do capitalismo, é necessário o expansionismo, a intensificação das trocas, o acúmulo, a produção e a distribuição e consumo e isso tudo acontece dentro de uma difusão contínua de técnicas, com qualificação da mão de obra especializada e o descartada mão de obra desqualificada, tornando-se em uma sociedade do descarte.

Com isso, aparece a figura do Estado burguês, que é uma forma independente que surge da contradição dos interesses do indivíduo e da comunidade, com a diferenciação do espaço humano em classes sociais diferentes.

assim, o Estado não é, de nada algum, um poder, de fora, imposto sobre a sociedade, assim como não é a realidade da idéia moral, a imagem e a realidade da razão, como sustenta Hegel. Em vez disso, o Estado é o produto da sociedade num estágio específico do seu desenvolvimento; é o conhecimento de que essa sociedade se envolveu numa autocontradição insolúvel e está rachada em antagonismos irreconciliáveis, incapazes de ser exorcizados. No entanto, para que estes antagonismos não destruam as classes com interesses econômicos conflitantes e a sociedade, um poder, aparentemente situado acima da sociedade, tornou-se necessário para moderar o conflito e mantê-lo nos limites da ordem, e esse poder, nascido da sociedade, mas se colocando acima dela e, progressivamente alienando-se dela, é o Estado. (ENGLELS, 1941:155 in HARVEY 2005)

Enfim, o capitalismo surge através da constante transformação e evolução a partir de uma inovação constante de bens materiais e uma constante troca desses bens. Desde seu início, com acumulação primitiva, propriedade da terra, concentração do ser humano na cidade, controlado, vigiado pela máquina Estado, o cenário mundial, que se dá do local ao global, atravessou metamorfoses no espaço e no tempo.

Certamente esse materialismo histórico presente, é fruto de um passado. Constantemente essas transformações acontecem com o conflito de homens com homens, com suas máquinas ideológicas, justificando suas ações no espaço. Ocorrem também os choques culturais, num sincretismo constante do real, na acomodação do espaço. Nessa abordagem, surgiu o território brasileiro, constituído de um povo miscigenado, oriundo da mistura de diversificados povos de cronologias e espaços diferentes.

O capitalismo consegue construir e destruir o espaço, apreendendo o indivíduo em sua essência, capturando o comportamento humano. Os valores no capitalismo são diferentes de pessoas para pessoas. Há uma constante luta dos contraditórios, o dominante sobre o dominado.

1.5) A relação dos contrários no espaço desde o primitivo ao contemporâneo

O homem, através de ideologias conceituais, coloca os estágios das evoluções humanas sob vários fatores e, nesse momento, coloco o foco sobre o homem “primitivo” e o homem “civilizado”. Mas na real quem será quem, nessa história de metáforas? Sociedades ditas primitivas, são alvos de preconceitos contemporâneos, colocando estes como grupos sem história, sem escrita e deixando parecer que não houve sociedades anteriores e que não deixaram nenhuma bagagem cultural para a posterioridade. Ocorre assim, uma falta grave, eliminando uma bagagem cultural enorme.

As sociedades primitivas se caracterizam seguindo os pré-conceitos de sociedades de “falta”. É a relação de economia de mercado, de acumulação nessas sociedades. No primitivo vive-se em regra de sobrevivência, não havendo excedente,

somente uma ideia de economia de subsistência, produzindo o necessário à sobrevivência.

Assim, segundo Paul Claval (1999) em seu livro: “Geografia Cultural”, referenciar a geo-histórias das culturas dos homens, vincula-se mais ao fator técnico, que comportam elementos que bloqueiam ou favorecem as transformações e refletem na geografia cultural. Podemos afirmar aqui, que o primitivo possuía sim a sua técnica. A técnica primitiva difere-se da técnica capitalista, pois são um conjunto de processos que se munem os homens, não para assegurar o domínio absoluto da natureza, mas para garantir um domínio do meio natural adaptado e relativo às suas necessidades.

Portanto, seguindo os padrões de pré-conceitos são ditas técnicas inferiores. A técnica primitiva busca somente satisfazer as necessidades básicas de uma sociedade.

não existe, portanto hierarquia no campo da técnica, nem tecnologia superior ou inferior; só pode medir um equipamento tecnológico pela sua capacidade de satisfazer, num determinado meio, as necessidades da sociedade (CLASTRES, 1990, p.134)

Podemos referenciar além do fator técnica, a não presença do “Estado” como agente controlador. O primitivo não possuía um Estado para o seu controle e a outra questão é o fator trabalho, que não possui prioridade na sociedade. Como assim? O tempo de trabalho era mínimo! O resto do tempo era passado em ocupações encaradas não como trabalho, mas como prazer: caça, pesca, festas e bebedeiras, a satisfazer, enfim o seu gosto apaixonado pela guerra.

os índios, efetivamente, só dedicavam pouco tempo àquilo a que damos o nome de trabalho [...] . Por conseguinte, a economia de subsistência das tribos indígenas não implicavam de forma alguma a angustiada busca, em tempo integral, de alimento [...] homens e mulheres passavam pelo menos a metade do dia em quase completa ociosidade, uma vez que a caça e a coleta se efetuavam, e não todos os dias, entre mais ou menos, seis e onze horas da manhã (CLASTRES, 1990, p.135e136)

O trabalho somente como forma de sobrevivência, com o mínimo necessário sem existir o consumismo, faz dessas forças a diferença das sociedades primitivas. Isso significa que os primitivos não gostavam de trabalhar? Na sociedade primitiva, sociedade essencialmente igualitária, os homens são senhores de suas atividades,

senhores da circulação dos produtos dessas atividades. Sua identidade de primitivo será corrompida quando a atividade de produção se afasta do seu objetivo inicial, quando em vez de produzir apenas para a sobrevivência do grupo, passa a construir e produzir para o outro sem reciprocidade. Começa portanto, o trabalho alienado, quando por meio de regras, o trabalho passa a satisfazer as necessidades dos outros.

Quando, na sociedade primitiva, o econômico se deixa identificar como campo autônomo e definido, quando a atividade de produção se transforma em trabalho alienado, contabilizado e imposto por aqueles que vão tirar proveito dos frutos desse trabalho, é sinal que a sociedade não é mais primitiva (CLASTRES, 1990, p.138)

Quando isso ocorre? Quando o indivíduo começa a destacar-se do coletivo, pois em sociedades primitivas não existe a figura do chefe como Déspota e sim, um ser sábio que transpassa a todos o conhecimento de seus antepassados, não havendo um ego do indivíduo. Quando ocorre o contrário, essa sociedade torna-se uma sociedade de dominantes e dominados, em senhores e súditos. Assim, surge forte a questão do “poder” e do “ter” e uma forte verticalização das tarefas do cotidiano, em classes sociais. O homem passa a fazer política e ser político, usando artifícios humanos para legitimar a ação do poder.

Surge então um novo cenário, no qual entram em conflitos diferentes modos de produção e modos de vida. O modo de vida acontece diferentemente nas paisagens do globo, em cada parte do globo terrestre, possuindo seu jeito de ser e perceber seu espaço. No entanto, o avassalador mundo das ideias difusas, com suas "verdades verdadeiras" confronta o velho com o novo. Com isso, civilizações primitivas são apreendidas por esta nova concepção dos seres humanos, seres ocultos começam a agir em prol do poder.

Começam aqui mecanismos de sustentação do cenário promissor. São sustentados pelas infra-estruturas e superestruturas, no qual as visões marxistas nos colocam e estes, são as mais puras formas de sustentáculos de dominação dos dominados. O surgimento de hierarquias, a relação de poder, a dominação dos homens, o Estado, são agentes controladores dos ditos seres comuns (baldios). O Estado age

dentro de um plano, que é permitir à classe dominante exercer sua dominação violenta sobre as classes dominadas. O Estado floresce com a divisão da sociedade em classes sociais antagônicas, ligadas entre si, pela relação de exploração. A energia do estado pode-se dizer que é a propriedade privada e o órgão protetor é o Estado, sendo assim o representante e o protetor dos proprietários.

Assim, de alguma forma o espaço começa a ser fonte do indivíduo e ser palco da administração de poucos. Figuras como faraó, imperadores, reis, senhores feudais, presidentes, chefes de companhias e bancários foram e são os que controlam suas tribos locais, regionais e até mesmo globais. Claro que o espaço esta em constante modificação e transformação, mas ele obedece a regras e é o puro reflexo do todo, no qual as partes diferenciadas, de modos diferenciados, ordenados e hierarquizados, farão sua função em prática e de modo contraditório de lugar para lugar

Em relação com o tempo, em que passa e tudo muda, o homem passa a ter uma relação com a natureza de repleta separação, um ato de dependência e ao mesmo tempo de domínio. O homem passa a perceber e compreender o mundo de outro modo. A racionalização, através da razão que esta imbricada em cada ser, passa a conceber a vida de outro modo.

Certas civilizações, começam um processo de secularização, ou seja, do Deus como figura central, a unificação dos deuses em uma só personificação, encantamento do mundo em mitos ao antropomorfismo e com isto percebemos choques do natural e sobrenatural através das religiões. Não será mais a vontade de Deuses ou outras entidades, que definem os propósitos e os sentidos das ações humanas no mundo, mas é o próprio sujeito homem que passa a atribuir significado ao tempo e ao lugar no qual está inserido. O homem passa a andar com o controle sob o tempo, com divisões de tarefas e uma constante aceleração de suas atividades, pois uma nova racionalidade posiciona-se.

Esta concepção moderna do mundo, acontece estrutura-se em diferentes modelos de racionalidade que refletem umas sobre as outras. Esses processos não

acontecem tranquilamente no cenário espaço. Nunca foi tranquilo e nunca será. Neste momento, aprendemos os choques entre culturas, entre diferentes concepções econômicas, políticas, jurídicas e de sociedade.

1.6) O duelo de titãs

Sobre um longo período da história humana, sempre houve o conflito entre os povos, para dominar certo território. Tempos passados, a força e a valentia eram os que se sobressaíam, hoje, o intelectual aliado com a tecnologia, transforma o mundo naquilo que for o mais proveitoso, no instante que lhe confere. O mundo de hoje não é em nada o mundo de ontem, a transformação ocorreu em todas as partes em diferentes graus de evolução.

A diferença proporcionou que civilizações dominassem outras civilizações com propósitos dos mais diferentes, mas todos de alguma forma estão relacionados ao poder. As "verdades verdadeiras" começam a homogeneização do mundo, e os expansionismos geográficos, através de avanços técnicos que transformaram a técnica dos transportes e da comunicação, proporcionando assim as grandes navegações e as grandes conquistas de territórios. Chegou-se então, ao novo mundo para destruir, consumir e construir um novo espaço.

Estes fatos foram apoiados pelo o Estado e pela igreja, que juntos, em nome de Deus e do racionalismo do capital, começaram o processo de globalização das ideias, consequentemente transformando o mundo em uma “aldeia global” discutida por Otávio Ianni (1996).

O mundo moderno rompe tabus milenares e deixa de ter milhares de civilizações para se concentrar em poucas. O mundo atual é facilmente mapeado, devido a diversos fatores como: étnico, gênero, classe, sexual e cultural, que fornecem informações preciosas sobre os mais diferentes povos. O mundo concentra-se nas diferenças, onde os conflitos étnicos contemporâneos são os mais puros reflexos destes acontecimentos. Ao mesmo tempo em que o homem começa a diferenciar-se da natureza, usufruindo seus bens para sua progressão, ele também começa a dar margem

ao indivíduo, delegando funções e poder. O homem deixa de lado uma lógica da dispersão e entra em uma lógica de concentração.

A história dos povos que tem uma história, é a história das lutas de classes. A história dos povos sem história é, dir-se-á com ao menos tanta verdade, a história da sua luta contra o Estado. O primitivo lutava contra a figura do Estado, mais precisamente a figura do chefe e do déspota. E nos dias atuais, os civilizados lutam por qual causa? Contra quem?

1.7) A gênese dos múltiplos 'Brasil'

Aqui nasce o Brasil do novo mundo, carregado de uma nova mentalidade que é a ocidental. Nasce como colônia de Portugal, para abastecimento de matérias primas e acúmulos de riquezas para a Europa. Sua constituição é escravista e aristocrata, primeiramente servindo a coroa de Portugal e conseqüentemente ao império e por fim, à república e as corporações internacionais.

Podemos ver através de estudos, que a constituição do Brasil começou com uma dicotomia: senhor e escravo (seja ele nativo ou africano) e este foi o primeiro panorama de nossa história.

Segundo Roger Bastide(1983), as transformações de ordem sociológica deram-se sob dois fatores: 1) da passagem de uma sociedade dicotômica para uma sociedade dividida em três classes: alta, média e baixa; 2) da passagem da sociedade baseada na escravidão, para uma sociedade baseada no trabalho livre e na concorrência econômica entre os trabalhadores.

O espaço se forma através da economia, o qual, conforme Roger Bastide devemos analisar partindo do movimento sociológico, com diferentes agentes: o colonizador representado pela figura dos senhores, e o escravo mais fortemente representado pelos homens africanos (povos) e posteriormente, a figura do imigrante europeu (mão de obra especializada e livre).

Propor aqui debater sobre a figura escrava, é pelo fato de que esses dados fornecem e possibilitarão uma leitura do panorama atual, que para mim é o fator genealógico da verdadeira realidade social e econômica do Brasil atual. Um olhar no passado para a real compreensão do presente e uma futura discussão sobre como as peças se encaixaram em um futuro próximo.

Sob o regime escravista o negro africano entrou no Brasil, entre os anos de 1525 e 1851, onde mais de cinco milhões de africanos foram trazidos na condição de escravo, não estando incluídos aqueles mortos ainda em solos africanos, vitimados pela violência da caça escravista, nem aqueles que pereceram na travessia oceânica. Ao longo de mais de três séculos de tráfico, a nação brasileira se formava e tornava corpo como território.

Quem passou a participar da formação brasileira não foi puramente o negro da África, mas o negro escravo. Este é um aspecto muito importante neste estudo, onde procuraremos discutir as principais problemáticas do desuso de uma cultura, com a socialização de outra.

A sociologia do Brasil, tem início com uma pura dicotomia das classes. Um Brasil dual, múltiplo, por sua vez, os Brasis como queiramos, das casas dos senhores (casa grande), com seus senhores brancos, para os casebres dos escravos, índios ou africanos, da época colonial (senzala), ou simplesmente os palacetes (sobrados) das aristocracias, às choupanas miseráveis (mocambos) das pessoas de cor, na época imperial, ou como queiramos e desejamos colonial. (Bastide, 1983).

Assim nasceu a sociedade brasileira: senhor e escravo presos à terra, e o restante nas cidades como pequenos artesãos, geralmente mulatos ou negros livres. Quase todos analfabetos, mal alimentados, sem capital, não tendo naturalmente nenhum direito de cidadão, vivendo o dia-a-dia e se consolando de sua existência monótona, com músicas nostálgicas acompanhadas de violão. Segundo Roger Bastide, a estratificação social poderia ser classificada com uma classe intermediária livre,

analfabeta e sem nenhuma segurança econômica, que se classificaria como classe baixa.

Aqui já se poderia ver a estrutura de pobres, classe desassistida e problemática nascente no Brasil; principalmente nos centros urbanos, ou seja, os buracos negros contemporâneos (periferias, vilas de hoje). A formação do povo brasileiro, já fica definida como:

- 1) classe dos escravos;
- 2) classe baixa dos homens livres;
- 3) aristocracia.

A partir do século XVIII, o Brasil começa o processo de urbanização. Com isso começa um processo de especialização nas cidades vigentes. Conforme os estudos de Bastide, a classe média do Brasil surge com a urbanização, burocratização e o surgimento de escolas de ensino superior. Esta classe foi preenchida por comerciantes portugueses e quando os proprietários foram mais ou menos arruinados pelas variações de preços no mercado internacional, preferiram para seus filhos, a carreira de médico, juízes, advogados ou funcionários do império. Esses ainda, continuavam com comportamentos da aristocracia, porém adquiriam hábitos novos, próximos do que definem uma classe média.

De que forma, o negro é incluído nesta classe média? Os negros entravam na classe média somente por habilidades artísticas, intelectuais ou apadrinhamento dos senhores brancos, que se interessariam por seus filhos de cor e isso continua até os dias de hoje.

Como o Brasil era essencialmente rural e a abolição não tardaria em chegar, era preciso rapidamente tapar o furo da sociedade, pois precisaria de uma classe que alavancasse a produção, distribuição e consumo e para melhor assegurar a estabilidade política e social do Estado, seria preciso tapar o fosso que separava a elite e a massa.

A saída para isso, foi a emigração de camponeses europeus, que ganharam lotes de terras no extremo sul, onde a colonização alemã sobressaiu-se. O contrário

aconteceu em São Paulo, com o fracasso desse método, pois a imigração coincide aí com o período de prosperidade do café. Os fazendeiros procuraram substituir a mão de obra servil (negros) por uma mão de obra assalariada (europeu). Mais uma vez o negro, quando poderia ascender a uma classe, viu-se desprezado e jogado de lado.

se a escravidão é um crime, a supressão da escravatura sem uma educação previa da massa a ser libertada é um crime talvez maior. Os positivistas brasileiros sentiam bem isto e reclamavam, em suas brochuras, toda uma serie de medidas visando transformar o escravo em proletário. Foi o que eles chamaram de 'incorporação do proletário de cor na civilização ocidental'. Os fazendeiros de café pareciam interessados em escutá-los; sentiam que este sistema de trabalho havia entrado em agonia, que era preciso habituar os negros a um regime de assalariado, á autodisciplina no trabalho e á poupança econômica[...] nada foi feito infelizmente. O recurso à imigração européia trouxe para São Paulo colonos brancos, em substituição aos escravos, e o trabalho destes colonos brancos era mais rendoso que o do africano. A abolição da escravidão, em 1888, foi então proclamada sem que o negro tivesse recebido o menor preparo para a liberdade (BASTIDE 1983, p.127)

O homem negro na escravidão movia a economia com seu trabalho, na abolição não faziam mais parte, poucos eram os que conseguiam ascender ao posto de cidadão, muitos eram jogados nas cidades, ou nas próprias ex- fazendas que trabalhavam, para mendigar.

De inicio, apenas as mulheres se empregaram como cozinheiras, camareiras, lavadeiras. Os homens viviam como parasitas de suas companheiras ou jogados a sorte do dia-a-dia. Os homens viviam bebendo pinga para esquecer sua sorte e gastando, assim, o magro salário de suas companheiras. Daí datam os estereótipos dos paulistas sobre os negros "malandros".

assim, o descendente africano não encontrava mais função social[...] não contava nem mesmo com a segurança que possuirá como escravo: não tem onde morar, não é alimentado e vestido, não é cuidado quando esta doente[...] a tuberculose, a sífilis, as doenças infecciosas os dizimam; a mendicância, a vagabundagem para o homem, a prostituição barata para a jovem, constituíam freqüentemente suas únicas saídas..."(BASTIDE 1983, p.129)

Essa situação começou a amenizar graças a dois fatores novos: a urbanização e a industrialização. Quando o panorama começou a se desmembrar, com as classes sociais definidas, é que o negro começa a ascender ao cargo de cidadão. Empregos de

pouca expressão e valorização, foram seus primeiros cargos na sociedade, como seres assalariados. Existia a relação de desconfiança ao negro, pelo seu caráter e honestidade. Em fim, a sociedade brasileira começa a relacionar-se com todos os seus personagens, muito embora, um desconfiando do outro.

A principal dificuldade do negro consistia na impossibilidade de ser aceito como é, porque certos papéis sociais não estão compreendidos no status social que lhe é atribuído. A representação social da personalidade do negro era assimétrica em relação à do branco. Desta forma, muitas oportunidades profissionais foram negadas aos negros.

De certo modo, o debate relativo ao choque de civilizações, implicaram em xenofobia, etnicismo e racismo. Ao hierarquizar as civilizações, hierarquizando também os povos, nações, nacionalidades e etnias, foram enquadradas e diferenciadas por tais justificativas, que a cada momento eram plausíveis. A civilização ocidental por sua escala de modernização, tecnificação, produtividade, prosperidade e lucratividade, contaminou outros grupos de diferentes concepções. Em fim, essa é a ideologia que começa a dominar o mundo.

As mais diversas formas de sociedade, compreendendo tribos e nações, culturas e civilizações, passaram a ser influenciadas ou desafiadas pelos padrões e valores sócio- culturais característicos da ocidentalidade, principalmente sob suas formas européias e norte- americanas. As noções de metrópole e colônia, império e imperialismo, interdependência e dependência, entre outros, expressam também o vai e vem do processo histórico social de ocidentalização ou modernização do mundo. (IANNI, 1996.p.75)

A questão é que em todos os lugares, o diferente se torna inferior e aquilo que serve para um, não serve para o outro. São as verdades de cada lugar. E deste modo, o que vale é a vontade do superior.

Em cada canto do mundo, povos se relacionaram a seu modo e evoluem conforme suas necessidades. Deste modo, alguns povos começaram a evoluir mais que outros, e de tempos em tempos houve dominação de certas civilizações nas diferentes localidades. Mas com o tempo, estas civilizações eram desafiadas pelo "novo": ou eram dizimadas, ou seguiam sua evolução ao seu modo.

Hoje cada espaço possui sua identidade local, de leste a oeste, de norte a sul, todos se identificam por pertencerem a um grupo. E esse grupo se diferencia do outro, pela língua, etnia, cultura e o religião (suprareal). Cada território geográfico, possui sua particularidade e o sentimento de territorialidade, abrangendo espaços culturalmente homogêneos, que permitem a convivência dos indivíduos, cada um com sua especificidade dentro do grupo.

Hoje, juntam-se aos africanos, os índios e todos os brasileiros miscigenados nas favelas, periferias e subúrbios do nosso Brasil. Um país que hoje é cerca de 80% urbano, no qual seus espaços são diferenciados conforme o "ter"(dinheiro) e que acaba marginalizando grande parcela de seus filhos. A informação e o conhecimento são a custos de capitais, portanto, são fatores de diferenciação e de segregação espacial nos dias atuais, aliadas com este cenário planejado: a realidade de metáforas.

1.8) Palco das diferenciações entre os seres possuidores e os pseudos excluídos

Nesse mundo das trocas, dentro do modo de produção capitalista, há um mascaramento da realidade, a espécie saiu de uma natureza humana universal para uma natureza diferenciada por grupos, por gêneros e etnias dentro de uma hierarquia global. A cidade seria a obra de arte mais aprofundada do homem no espaço, ocupado por este. O lugar onde as diferenças são articuladas, planejadas e treinadas para o mundo do consumo.

A história do homem sobre a terra é a história de uma ruptura progressiva, entre homens e seu entorno. Na sua racionalidade, o homem tornou-se fator geológico, geomorfológico, climático, e principalmente, juiz de vidas.

O espaço manifesta-se como fonte do indivíduo, palco da administração de poucos. Ele passa a ser reflexo do todo, embutido em verdades universais, ou seja, metáforas universais. Aquilo que é hoje certamente não será amanhã e surgirá novamente através de uma nova roupagem de verdades, que é manifestado na ideologia de cada grupo, seja dominante ou dominado.

Esta realidade, onde diferentes agentes modeladores promovem conflitos ideológicos e que manifestam no espaço geográfico, uma luta dos contrários, requer, que façamos uma reflexão partindo dos primórdios de nossas ações no espaço. O mundo que presenciamos hoje não mais suporta este raciocínio e requer uma nova mentalidade, uma nova dinâmica de seus agentes. O palco mundo, necessita de uma sustentabilidade racional, uma harmonia entre natureza-homem, homem-natureza, sabendo que ambos formam uma totalidade, um é o outro.

Assim, não podemos admitir que essa desumanização humana é uma simples vocação histórica, mas, é uma realidade das diferentes manifestações do homem no meio. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação do homem como homem, requer uma autocrítica de cada indivíduo.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a vida ativa, consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas constantemente os homens também condicionam se a si mesmo. Essa condição humana, está restritamente relacionada com o seu desenvolvimento natural na terra. Todas as ações humanas, que objetivamente são condições do seu pensar e agir, naturalmente viram condição de vida. As transformações, as tecnologias são frutos do pensamento humano. Assim o homem condiciona-se ao seu pensar. Em sua gênese, como ser, o homem é um indivíduo.

A partir do indivíduo e da condição humana, o homem tem a necessidade de crescer em sociedade. Assim nasce a família, conjunto de pai, mãe e filhos, portanto pessoas de mesmo sangue e descendência. A família esta englobada no conjunto de relações e estruturas, na qual se submete através dos tempos. O progresso, a partir das ações humanas e de seus condicionamentos, proporcionaram sistemas, modos de vida e produção, que juntos se constituíram em divisões de classes.

Tudo bem! Estamos falando de 2018, e o modo que compreende quase que a totalidade e que pressiona o diferente a aderir este modo de vida, é o capitalismo. Pois bem, este paradigma tem como meta a acumulação de bens capitais, onde trocas de serviços são feitas. O seu sangue é o consumo e seu hospedeiro é a sociedade e para seguir seu triunfo, deve-se existir um contínua transformação aos moldes desse paradigma vigente. O indivíduo, a família está aprisionada, encurralada ao sistema. A espécie humana, com suas revoluções industriais, tecnológicas e informacional, forjaram uma hierarquia seletiva entre os homens.

Vou começar por uma história, que na verdade é a realidade cotidiana da grande família brasileira. Farei aqui uma breve reflexão, junto ao que Milton Santos denominou de meio técnico, científico e informacional e relacionar este estudo diante da realidade da família brasileira. Uma família que se originou diante da vinda dos povos europeus, africanos e índios, aqui já constituídos, e que, numa nova dinâmica global e um novo sistema produtivo, ergueram de forma diferenciada o território brasileiro.

Devemos ver esta família na sua essência. Esta estrutura de classes concretizou-se deste modo: senhores e escravos, patrões e empregados, possuidores e despossuídos e assim segue-se. Portanto, este meio técnico, científico e informacional, não ocorre de forma homogênea e nem tanto para todos, mas todos estão incluídos diferentemente e sob forma desarmônica.

Sendo assim, o espaço é privilegiado conforme a sua carga de informação. A lei (normas) no papel, transforma todos os seres iguais, mas a realidade, o cotidiano, dita as regras, as diretrizes, onde imprime quem pode e quem não podem destacar-se nesta sociedade do espetáculo. O espaço é dominado pôr poucos e habitado pôr muitos. São muitas as relações dentro do espaço geográfico.

Aqui começamos a enxergar as partes, que são frutos de uma totalidade. Totalidade, é além do conhecimento, a própria manifestação, a atividade humana. E, como na maioria das vezes não enxergamos o todo, não enxergamos a verdade em sua totalidade. É assim, que a dialética humana manifesta-se no espaço, ela é maneira de

pensar elaborada em função da necessidade de reconhecermos a constante emergência, do novo na realidade humana. Através da totalidade, o homem sobrevive e transforma seu entorno. Geração a geração, transpassa a barreira do tempo, a oralidade e a escrita transcrevem o passar dos tempos. Estes funcionam sob os ciclos da vida e de sucessões e fusões. É o mistério da vida, cuja informação e técnica sustentam as vidas futuras. Enfim o mundo é uma eterna simbiose, uma eterna difusão das ideias, um eterno sincretismo.

No estudo sobre a formação da população brasileira, devem-se conhecer todas as partes, com todos os membros constituídos. Sendo assim, cada parte constitui uma característica diferente, cada membro age de forma diferente, mas todos dentro de uma mesma dinâmica, que é a população brasileira. Seja ela constituída por pardos, pretos, brancos, amarelos ou mestiços, todos são agentes da história do território brasileiro. Cada síntese, terá sua história, que se apoiará dentro de um tempo-espaço. Portanto, para nós irmos além das aparências, as falsas realidades e penetrar na essência dos fatos, precisamos retomar as causas primordiais deste cenário. Deste modo, conhecemos a verdadeira dimensão do fato, ou seja, da realidade da constituição do povo brasileiro.

O ser humano nasce e não tem a oportunidade de escolha de onde morare com quem morar. Perante este fato ninguém escolhe ser pobre e nem ser rico. Esta diferenciação, é uma condição que ocorre na formação do espaço humano. O mundo é criado por relações "mercantis" e a essência humana é concretizada pela desumanização de um e de outro indivíduo, através desta relação estética e de inversões de valores: o homem deixa de ser protagonista, para ser coadjuvante das mercadorias, ou seja, a "coisificação do ser humano".

Em consequência, a humanização da mercadoria leva a desumanização do homem. Onde quero chegar? Não tenho a pretensão de julgar esse ou aquele modelo de vida, mas caberá revermos nosso viver. "Somos o que fomos", já dizia Blondel.

Isso implica dizer que não basta criticarmos o sistema, o político corrupto, o ladrão, o rico, o pobre desses arranjos e suas artimanhas. Saibamos sim, que esses agentes criados são nossos próprios frutos. E este caos mundial é tão somente nossa culpa, pois somos os senhores pensantes deste momento crítico de exclusão de homens, sobre homens, colocando-os, nos buracos negros da vida.

A problemática da desvalorização do ser humano não tem uma solução técnica: ele requer uma mudança fundamental da moralidade. Parte-se do principio de que o problema não somos “nós”, e sim “eu”, o seu real problema do sistema! Devemos agir rapidamente, pois um homem conscientizado de seus limites e erros, tornam-se um ser não alienado. Mas esta consciência é retirada da grande parcela da sociedade, onde não se percebe o seu próprio umbigo. Aqui cabe ressaltar as angústias como ser humano e ser social. Dentro de cada realidade, onde influencia cada ser.

Somos habitantes, somos seres espaciais e só somos projetos do nosso habitat. Dentro da nossa realidade, somos criados, doutrinados por regras que ditam como viver. Pois bem, nascemos e somos criados perante discursos que devemos ser alguém na vida. Será que a existência nos remete a sermos esse alguém?

Esse discurso, está imbricado dentro desta realidade metaforizada, na qual somos criados para o mundo do consumo. Logo, estamos totalmente inseridos neste momento histórico, nesta realidade. Ninguém, escolhe nascer rico ou pobre, mas a condição de nossos antepassados, faz com que tenhamos uma vida deste dito ser alguém! Assim, somos taxados pelo ser e ter e condicionados dentro de cada realidade.

Somos sementes e frutos do que chamamos modo de produção capitalista. O que proponho: uma superação das relações atuais de apropriação, preconceito e dominação. Aqui a minha busca é o domínio da potência do ser, sem anular o outro, mas diante do outro, buscar uma autonomia de ambos.

Devemos ver todos estes mecanismos como fonte de informação, para compreender como funciona a dinâmica na qual nós homens optamos por conceber.

Todo o processo de apreensão, apropriação, seleção, manipulação e imposição são todos fatores que geram um conflito, ou seja, um ganha e outro perde.

1.9) A ilusão moderna de pertencimento dentro do sistema mundo e seus circuitos coexistentes

O respectivo momento, resgata os processos que promovem a ilusão moderna de pertencimento, com fatos e consequências na modernidade, é o caráter moderno-colonial do sistema mundo¹. Este caminho reflexivo consiste numa reflexão sobre os grandes desafios contemporâneos que vivemos na vida, que contempla a ilusão de inclusão que a globalização promove, juntamente com mecanismos de mascaramento e legitimação de realidades. Em vista disso, é preciso recuperar as origens de formação da sociedade latino-americana, com vistas a explicar os processos de exclusão atuais, que são fatores que contribuem para as condições de distribuição das sociedades no espaço. Para isso, serão vistas leituras que contemplam e sustentam o objetivo de problematizar tal momento.

Portanto, o que é buscado nesse instante, são argumentos que constituíram processos de estruturação do sistema aqui elencado, sistema- mundo. Todo processo que hoje atinge nossos olhos caracteriza-se como sendo espaços geográficos: velho mundo, novo mundo, novíssimo mundo, sistema- mundo e são formas e sentidos criados por nós. Os sistemas são complexos e identificam os lugares conforme normas, qualificações e quantificações. Cada período é caracterizado pela existência de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica social, política e moral, que constituem um verdadeiro sistema, sendo que as indústrias modernas comandam as modernizações atuais.

O Brasil nasceu marcado pela dicotomia senhor x escravo e a sociedade brasileira se constituiu nessa dinâmica. O reflexo dessa estrutura é visto, atualmente, na

* Carlos Walter Porto Gonçalves (2006), / “Immanuel Wallerstein e Anibal Quijano, chamaram de sistema-mundo ao padrão de poder que passou a governar o mundo após 1492, com a descoberta da América” (p.23-24). Para Gonçalves, é fundamental a recuperação desse conceito, uma vez que traz importantes esclarecimentos para o que se vive hoje.

disparidade social, em que a concentração de renda é um dos problemas mais graves. Assim, temos um país que, ao mesmo tempo em que é o lugar das multi-culturas, historicamente é também preconceituoso e mal tratante com seus habitantes.

O Brasil da "sociedade cordial" parece de um planejamento real para sua população, obedece a uma dinâmica externa, privilegiando uma minoria de seu povo. Todos estão inseridos na sociedade de consumo, mas poucos são os que usufruem dos meios técnico, científico e informacional. Somos uma nação que obedece a ciclos econômicos: Pau-Brasil, ouro, café, soja e desertos verdes, sendo escassa a preocupação real com a consciência nacional, de origem nacional, preocupada com a educação e o fortalecimento de todas as conjunturas para um país sério.

A cidade brasileira, ao longo dos tempos, transformou-se e perpassou diferentes fases: política, comercial e industrial, as quais estão imbricadas uma na outra e formam sua dinâmica. Pode-se referenciar a concentração dentro do espaço urbano, ou mais precisamente dentro da cidade, local onde há planejamento e gestão (a cargo dos dominantes), os quais sobrevivem através de uma transformação contínua, entre os mais diferentes agentes, que envolvem o poder público, o poder privado e o cidadão.

Todos esses interagem numa dinâmica de uso, que envolve consumidores e usuários do e no espaço. Nesse mundo das trocas, há um mascaramento da realidade. A cidade constitui o lugar onde as diferenças são articuladas, planejadas e treinadas para o mundo do consumo.

No âmbito deste trabalho, o espaço é concebido como o cenário concreto das ações de todos os cidadãos, que nele constroem e transformam. Utiliza-se, nesse caminho, o recurso da geografia humanística (TUAN, 1995) para debater esse espaço, onde o homem atrofia-se na incompetência de gerenciamento de sua sobrevivência, no mundo do trabalho, apesar de ser preciso no consumo dirigido. Esse é o foco das ansiedades dessa obra: refletir sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor o entendimento do homem e de sua condição.

Diante de inúmeras contradições, com as quais nos defrontamos, é imprescindível que achemos uma causa primordial para este momento histórico. Os homens criam os meios e as formas de sua existência social (religião, economia, política e cultura) e é através da condição humana, com ênfase no trabalho, que se cria um mundo artificial, a “mundanidade” (MORIN, 1998), na qual o homem, na sua evolução biológica e intelectual, transforma o mundo e o sustenta.

Cabe aqui ressaltar esta diferença de indivíduo a indivíduo, de classe a classe, na qual o conflito no espaço geográfico é concretizado numa forma desarmônica, sendo tudo isso obra e desenho do homem. Desse modo, está no indivíduo toda causa e consequência desse desequilíbrio. O equilíbrio das sociedades só é instável por causa do distúrbio imposto aos indivíduos, sendo que essa desarmonia passa despercebida. Diante disso, e das circunstâncias que presenciamos no cotidiano das cidades, percebe-se o cenário no qual o homem construiu e constrói e é onde encontramos “a sociedade do espetáculo”(DEBORD).

Essa sociedade por sua vez, cria hierarquias e divisões das quais o homem participa e por fim, condiciona-se. Todo o seu pensar torna-se evolução, competição e seleção. Criam-se assim, desigualdades e, em cada batalha, acentuam-se as diferenças dos condicionamentos intelectuais, em que cada classe possui o seu grau de satisfação intelectual e sua carga de conhecimentos é reduzida diante de cada ordem social. A informação e o acesso, serão obtidos através do mercado, que selecionará quem tem as melhores condições de inserção, do dito mercado de trabalho. A vida torna-se um mero consumo, sob diferentes patamares de consumo diário. O acesso à informação, nesse viés, será um dos obstáculos para a inclusão social.

Com isso, entende-se o porquê de o dito popular que diz “quem quer consegue” tornar-se uma utopia, pois há os condicionantes (formas de acesso ao mercado, consumo) para cada classe e os mesmos se transformam à medida que o capitalismo evolui. Há uma construção de seres consumidores, o que torna o ser humano prisioneiro do intelecto (consumista), com o grau de satisfação intelectual ditado pelo mercado. Quanto mais na base da pirâmide social, maiores serão os empecilhos e as dificuldades

de acesso às informações. Desse modo, as periferias terão seu papel basicamente no mercado da informalidade e nas profissões subalternas, reflexo de todos os problemas criados na trajetória da sua evolução. Surgem os buracos negros, manchas de descaso e opressão, marginalização de homens excluídos por homens. Isso é o sistema, fruto do pensamento humano (CASTELLS, 1999).

A condição humana, compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem (HARENDT, 1993). O mundo no qual transcorre a vida ativa, consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas. Essa condição humana, está restritamente relacionada ao seu desenvolvimento natural na Terra. As ações humanas, que concretamente são o seu pensar, naturalmente viram condição de vida. As transformações e as tecnologias, são frutos do pensamento humano. O homem, na conjuntura do seu pensamento, estabelece entre si, as divisões de classes sociais que são a hierarquia dentro do sistema atual, “o capitalismo”.

A evolução das civilizações deu-se através de inúmeras fusões e difusões (pensamentos e ferramentas), que muitos afirmam ter tido início no modo primitivo tribal e que hoje se encontra no estágio de sociedade do consumo. Isso acontece em diferentes níveis e escalas, pois encontramos ainda resquícios de modos primitivos no globo. Esse paradigma do consumo, que pressiona o diferente a aderir a esse modo de vida, tem como meta a acumulação de bens capitais, onde trocas de serviços são feitas. O seu sangue é o consumo e seu hospedeiro é a sociedade e para seguir seu triunfo, devem existir as diferenças sócio-espaciais e as transformações da racionalidade contínua.

Um dos grandes problemas desse sistema é a seleção, onde a competitividade realça as batalhas cotidianas e, propondo hierarquias dentro das populações e das nações, causa uma desigualdade de lugares e indivíduos. A desigualdade é local, regional, nacional e global, criando o primeiro, segundo, terceiro e quarto mundo (CASTELLS. 1999).

Esse cenário é explicado pela origem da explosão demográfica, que surgiu com a revolução industrial e, seguindo-se os tempos, a máquina do sistema foi proporcionando acúmulos para poucos e miséria para muitos. Assim, vivemos uma realidade metafórica, uma relação de apropriação, preconceito e dominação, não sabendo respeitar o outro e nem exercendo uma cidadania justa e planetária.

Com o intuito de exemplificar a explanação acima, far-se-á uma reflexão, junto ao que Milton Santos ((1997),(2004), (2007)) denominou de meio técnico, científico e informacional, relacionando seu estudo à realidade da família brasileira. Essa por sua vez, originou-se com a vinda dos povos europeus, africanos e índios (aqui já constituídos) e que, numa nova dinâmica global, ergueram de forma diferenciada o território brasileiro, ou seja, o sistema mundo moderno.

A estrutura de classes, concretizou-se deste modo: senhores e escravos, patrões e empregados, possuidores e despossuídos, em que o meio técnico científico e informacional não ocorre de forma homogênea. É assim que a dialética humana manifesta-se no espaço: ela é a maneira de pensar, elaborada em função da necessidade de reconhecer a constante a emergência do novo, na realidade humana. A humanidade deixa sua marca, transcendendo a barreira temporal: a oralidade e a escrita transcrevem o passar dos tempos. O mundo é uma eterna simbiose, uma eterna difusão de ideias, um eterno sincretismo. No estudo sobre a formação da população brasileira, devem-se conhecer todas as partes, com todos os membros constituídos.

Cada parte constitui uma característica diferente, cada membro age de forma diferente, mas todos dentro de uma mesma dinâmica que é a população brasileira, em que todos são agentes da história do território brasileiro. Nesse sentido, é preciso retomar as causas primordiais desse cenário com a finalidade de conhecer a verdadeira dimensão da constituição do povo brasileiro

Assim, o espaço é privilegiado conforme a sua carga de informação. A lei no papel transforma todos os seres iguais, mas na realidade, o cotidiano dita as regras, as

diretrizes, apontando quem pode e quem não pode destacar-se na sociedade do espetáculo.

O espaço geográfico, é dominado por poucos e habitado por muitos, embora sejam muitas as relações dentro do mesmo. A manifestação do homem no espaço, no lugar, no território é concretizada também através da cultura (bens de produção e consumo), que fornece mecanismos, para a diferenciação de cada ser humano ou de cada grupo de humanos. Essas diferenciações culturais, ocorrem principalmente nas sociedades de escrita, onde o intelectual será um fator predominantemente de diferenciação e dominação do próprio ser humano.

Para analisar todo processo, deve-se saber que, o que hoje se caracteriza como sendo espaços geográficos (velho mundo, novo mundo, novíssimo mundo), são formas e sentidos criados por nós. Esses complexos sistemas identificam os lugares conforme normas, qualificações e quantificações. O mundo constantemente transforma-se, conjuntamente constrói e re-constrói suas relações em sistemas e circuitos que comandam o eixo das transformações.

O lugar – não importa sua dimensão – é, espontaneamente, a sede da resistência, às vezes involuntária, da sociedade civil, mas é possível elevar esse movimento a desígnios mais amplos e escalas mais altas. Para isso é indispensável insistir na necessidade de um conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico do território, interrogando-o a propósito de sua própria constituição no momento histórico atual. O território é a arena da oposição entre o mercado – que o singulariza – com as técnicas da produção, a organização da produção, à geografia da produção e a sociedade civil – que generaliza – e desse modo envolve sem distinção, todas as pessoas. Com a presente democracia de mercado, o território é suporte de redes que transportam as verticalidades, isto é, regras e normas egoísticas e utilitárias (do ponto de vista dos atores hegemônicos), enquanto as horizontalidades levam em conta a totalidade dos atores e das ações (SANTOS, 1999, p. 206-207).

Sendo assim, de 1970 para cá, passamos a viver um novo período histórico, ao qual Milton Santos (1996) chamou de “período técnico- científico e informacional”, que integra a totalidade da sociedade. Carlos Walter Porto Gonçalves (2005) fala sobre a falsa neutralidade do termo globalização, característico da contemporaneidade. Além disso, para esse autor, a ideia de um mundo integrado, que superasse as limitações

locais, sempre acompanhou o humanismo europeu, sobretudo após o renascimento e a instauração do sistema-mundo moderno-colonial.

Vivemos uma corrida tecnológica no (do) espaço, cujo marketing é o poder da imagem. Globalização, mundialização, planetarização são palavras que cada vez mais, começam a construir uma nova comunidade de destino, em que a vida de cada um já não se acharia mais ligadas ao lugar ou país onde se nasceu [...] não nos deve escapar que essa recusa da escala local e a idealização da escala global diz muito de quem são os protagonistas que fazem essa valorização/ desvalorização [...] a sobrevalorização da escala global atinge seu auge por meio da afirmação daqueles que se valem dessa escala global: as grandes corporações transnacionais, as organizações multilaterais- o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comercio, as organizações (que) não (querem) governos nacionais (ONGs?). [...] assim globalização não é um termo neutro (GONÇALVES, p.12).

Assim, por esse viés, o autor Aníbal Quijano (2000) diz que a globalização é a fase final do processo que culminou com a constituição da América e do capitalismo colonial moderno, que é oriundo do velho mundo, visto como novo padrão mundial. A América constitui-se, a seu ver, como o primeiro espaço-tempo de um padrão de vocação mundial, formando-se a primeira identidade da modernidade, consequentemente, como fator de dominação por parte dos colonizadores.

Conforme Aníbal Quijano(2000), foram nessas bases que a população da América foi constituída. Nada disso foi por acaso, mas sim, no sentido de se estabelecerem fatores necessários para as práticas de domínio e conquista. Por outro lado, ocorreu a articulação das formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial.

Quanto à questão de raça, Aníbal Quijano diz que a América tem em comum três elementos centrais, que afetam a vida cotidiana da totalidade da população mundial: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo. Dessa forma, na América, foram fundadas novas relações sociais, fundamentadas em novas identidades: índios, negros, mestiços, e outras. Termos como África/negros, América/índios, espanhol, português e europeus, designavam segundo Aníbal, procedência geográfica, mas passam a adquirir, diante das novas identidades, uma conotação racial.

Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.

No processo de constituição histórica da América, todas as formas de controle e de exploração do trabalho e de controle da produção-apropriação e distribuição de produtos foram articuladas em torno da relação capital-salário (de agora em diante capital) e do mercado mundial. Incluíram-se a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário. Em tal contexto, cada uma dessas formas de controle do trabalho não era uma extensão de seus antecedentes históricos. Todas eram histórica e sociologicamente novas. Em primeiro lugar, porque foram deliberadamente estabelecidas e organizadas para produzir mercadorias para o mercado mundial. Em segundo lugar, porque não existiam apenas de maneira simultânea no mesmo espaço/tempo, mas todas e cada uma articuladas com o capital e com o seu mercado, e por esse meio entre si. Configuram assim um novo padrão global de controle do trabalho [...] em terceiro lugar, e como conseqüência, para preencher as novas funções cada uma delas desenvolveu novos traços e novas configurações histórico-estruturais (QUIJANO, 2000, p.2).

À colonialidade do poder e ao capitalismo mundial, neste instante, é associada uma nova estrutura global de controle do trabalho. A raça é relacionada à natureza de papéis e lugares, sendo a raça dominante - os brancos - os que ditam as regras.

O controle do trabalho no novo padrão de poder mundial constituiu-se, assim, articulando todas as formas históricas de controle do trabalho em torno da relação capital-trabalho assalariado, e desse modo sob o domínio desta. Nas formas de trabalho não remunerado, encontravam-se as raças colonizadas, originalmente índios, negros, e de modo mais complexo, os mestiços, na América e mais tarde as demais raças colonizadas no resto do mundo, oliváceos e amarelos. E, segundo, na adscrição do trabalho pago, assalariado, à raça colonizadora, os brancos. Essa colonialidade do controle do trabalho determinou a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas no capitalismo mundial. Em outras palavras, determinou a geografia social do capitalismo (QUIJANO, 2000, p.5).

Como visto aqui, os processos descritos se iniciam com a constituição da América, de um novo padrão de poder mundial e da integração dos povos de todo o mundo e nesse processo, de todo um complexo sistema-mundo. É também imprescindível admitir que se trate de um período histórico complexo. Não podemos esquecer, que quando os colonizadores chegaram ao novo mundo, esse lugar já era ocupado por múltiplos povos, com conhecimentos, culturas e linguagens, ou seja, com suas próprias histórias.

A história é muito distinta. No momento em que os ibéricos conquistaram, nomearam e colonizaram a América (cujas regiões norte ou América do Norte, colonizarão os britânicos um século mais tarde), encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibichas, etc. trezentos anos mais tarde todos eles reduziram-se a uma única identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubas, zulus, congos, bacongos, etc. no lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de negros (QUIJANO, 2000, p.13).

Para Aníbal Quijano (2000), o processo de independência dos Estados na América Latina, sem a descolonização da sociedade, não pôde ser e não foi, um processo em direção ao desenvolvimento do Estado-Nação moderno, mas uma rearticulação da colonialidade do poder, sobre novas bases institucionais. Os Estados-Nações na América, foram oficializados sem o consentimento da maioria da população, nesse caso índios, negros e mestiços. A colonialidade do poder ainda exerce seu domínio na maior parte da América Latina, contra a democracia e a cidadania.

Desse modo, no decorrer da história da humanidade, vários fatores influenciaram a formação dos povos e sua capacidade de superação e de demonstração de poder e força entre eles “armas, germes e aço”. Segundo o antropólogo Jared Diamond (2006), mecanismos engendrados serviram como questão de diferença e distinção, os quais diferem de sociedade para sociedade. Nesse cenário, a escrita fez parte desses mecanismos:

O saber engendra poder. Por isso a escrita é um instrumento de poder das sociedades modernas, permitindo a transmissão do conhecimento, das terras mais longínquas e dos tempos mais remotos, com muito mais precisão e maior quantidade e detalhes. A escrita era tradicionalmente a mais restrita do ponto de vista geográfico: até a expansão do islã e das colônias européias, ela esteve ausente da Austrália, das ilhas do pacífico, da África subequatorial e do novo mundo inteiro, com exceção de uma parte pequena da meso-américa. Como resultado dessa distribuição limitada, os povos que se orgulhavam de serem civilizados sempre viram a escrita como a distinção mais nítida que os elevava dos “bárbaros” ou selvagens (DIAMOND, 2006, p. 238).

Jared Diamond, não quis dizer que essas sociedades sem escrita estavam totalmente isoladas. Afinal, a África Ocidental recebeu animais domésticos do crescente fértil pelo Saara e mais tarde aceitou a influência islâmica, incluindo a escrita árabe. O

milho propagou-se do México para os Andes e mais lentamente do México para o vale do Mississipi. Além disso, os eixos norte-sul e as barreiras ecológicas dentro da África e das Américas, retardaram a difusão das culturas agrícolas e das criações de animais. Jared Diamond, fala que a história da escrita, ilustra os modos semelhantes pelos quais a geografia e a ecologia influenciaram, de maneira impressionante, a expansão das invenções humanas (DIAMOND, 2006, p. 244).

A tecnologia: a mãe da necessidade.

A tecnologia, na forma de armas e transporte, proporciona os meios diretos pelos quais certos povos ampliaram seus reinos e conquistaram outros povos. Isso faz dela a causa principal do padrão mais geral da história. Por outro lado, se não há diferenças neurobiológicas entre os seres humanos que sejam responsáveis pelas diferenças continentais no desenvolvimento tecnológico, o que explica? [...] o ponto de partida da nossa discussão é a idéia comum expressa no ditado: “A necessidade é a mão da invenção.” Ou seja, as invenções supostamente surgem quando uma sociedade tem uma necessidade não atendida. Certa tecnologia é vista como insatisfatória ou limitada [...] a sociedade adota a solução se ela for compatível com seus valores e com outras tecnologias (DIAMOND, 2006, p. 242).

A tecnologia foi um fator diferenciado, através do qual certos povos conquistaram outros povos. Diamond ressalta que, não havendo diferenças neurobiológicas entre os seres humanos, “a necessidade é a mão da invenção”. A tecnologia passa a ser atrelada ao aspecto econômico, ou seja, ela passa a ter um valor social de troca. A questão do uso e posterior de desuso, torna-se uma prática da superação de uma tecnologia para outra. A mão-de-obra escrava, constituía-se como um desestímulo para a inovação e a sociedade do salário foi o estímulo que faltava. A sociedade passa a ser gerida sob severa organização, exigindo treinamentos e um forte individualismo, o qual é preciso para a invenção e propagação da tecnologia em série.

Conforme Milton Santos (2004), os períodos que marcaram a evolução da humanidade, de um modo geral, são conjuntos de ordens que constituem o sistema. Sendo que em cada período, existem sistemas e subsistemas, dentro do conjunto sistêmico. Portanto, é preciso periodicizar cada período, ou seja, cada modernidade.

Para Milton Santos (2004), modernizações podem ser definidas como

Cada período é caracterizado pela existência de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica social, política e moral, que constituem um verdadeiro sistema. Cada um desses períodos representa uma modernização, isto é, a generalização de uma inovação vinda de um período anterior ou da fase imediatamente precedente. Em cada período histórico assim definido, as regiões polarizadoras ou centro de dispersão do poder estruturante dispõem de energias potenciais diferentes e de diferentes capacidades de transformá-los em movimento. A cada modernização, o sistema tende a desdobrar sua nova energia para os subsistemas subordinados [...] Trata-se, pois, em escala mundial, de uma sucessão de modernizações, quer dizer, de períodos da história econômica. Esta noção aparece como fundamental para a compreensão dos impactos das forças de modernização e suas repercussões sociais, econômicas e políticas espaciais. A formação e a transformação desses espaços derivados dependem de dois fatores: 1) o momento de intervenção das primeiras forças externas; 2) os impactos sucessivos de outras modernizações. O primeiro impacto faz um país ou uma região entrar no sistema mundial; os impactos sucessivos de outras modernizações vêm acrescentar novos dados de origem externa às situações do presente (SANTOS, 2004, p.31-32).

Os períodos ou sistemas históricos, conforme Milton Santos, consistem na modernização de um espaço, o que significa unir-se a economia, a política e o social ao mundo moderno, podendo-se considerar que o mundo se modernizou várias vezes.

Por conseguinte, cada vez que no centro do sistema mundial, os subsistemas econômico, social, político, cultural e moral e seus respectivos suportes, criam novas variáveis ou renovam as do passado, a projeção do sistema mundial sobre os espaços dependentes, toma formas diferentes. As forças nascidas do período do grande comércio, diferem daquelas das fases seguintes da manufatura, dos inícios da industrialização e da grande indústria e do atual período tecnológico (SANTOS, 2004, p.34).

As modernizações atuais, criações do sistema tecnológico, são comandadas pelas forças da grande indústria, representada essencialmente pelas firmas multinacionais e seus suportes, tais como as formas modernas de difusão de informação. O peso da tecnologia é esmagador e dá à pesquisa um papel autônomo no interior do sistema.

O geógrafo Milton Santos, fala que, pela primeira vez na história dos países subdesenvolvidos, duas variáveis elaboradas no centro do sistema, encontram uma difusão generalizada nos países periféricos. Trata-se da informação e do consumo, sendo que a primeira, está a serviço do segundo, cuja generalização constitui um fator

fundamental de transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço (SANTOS, 2004, p.35).

No que concerne ao espaço, as repercussões desse novo período histórico são múltiplas e profundas para os países subdesenvolvidos. A difusão da informação e a difusão das novas formas de consumo constituem dois dados maiores de explicação geográfica. Por intermédio das suas diferentes repercussões, elas são ao mesmo tempo geradoras de forças de concentração e de forças de dispersão, cuja atuação define as formas de organização do espaço. A participação num consumo “moderno” tem a tendência de atingir mais e mais indivíduos, mesmo que essa participação é parcial ou ocasional das camadas menos favorecidas. Essas modernizações atuais nos países do terceiro mundo só criam um número limitado de empregos, visto que as indústrias instaladas são de alto coeficiente de capital. Por outro lado, uma boa parte dos empregos indiretos são criados nos países centrais ou para os naturais desses países. A indústria, portanto, responde cada vez menos às necessidades de criação de emprego [...] a existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que, tendo as mesmas necessidades não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são as causas e o efeito da existência, ou seja, da criação ou manutenção, nessas cidades de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços (SANTOS 2004 p. 36-37).

Conforme o Geógrafo Milton Santos, é um erro comparar o que ocorre no mundo subdesenvolvido com o que existe, ou o que existiu no mundo desenvolvido. Dessa forma, devemos perceber que cada fenômeno econômico, que acompanhou a revolução industrial na Europa, não será possível fazer um paralelo com os processos geridos nos países subdesenvolvidos. Milton Santos enfatiza, que a existência dos dois circuitos é um fenômeno atual, criação da modernização tecnológica e deve ser estudado como tal.

O espaço, como vimos, organiza-se segundo uma atuação dialética de fatores de concentração e de dispersão. As estruturas monopolísticas constituem um fator de concentração, a difusão da informação e do consumo desempenham um papel da dispersão, enquanto o Estado tem um papel misto. Modernização e tecnocracia, sendo sinônimas nas condições atuais, o movimento para a concentração é apoiado por uma poderosa argumentação técnica, que faz escrever num futuro não distante, a difusão geográfica e social do crescimento. O resultado, entretanto, é o contrário: pobreza difundida por toda parte, pobreza concentrada nos pontos de crescimento. Isso não podemos negar, constitui uns dos resultados mais graves da associação funcional do Estado com os monopólios (SANTOS, 2004, p. 281-282).

1.10) Especificidades brasileira dentro de uma economia dependente?

Nesse sentido, não é possível isolar os estudos de fenômenos econômicos de seu quadro histórico, devido a circunstâncias de movimentos internos e externos que promovem o dito desenvolvimento econômico. O Brasil sempre acompanhou estilos de vida dos países que lideraram o progresso tecnológico, sendo que o país foi envolvido por um emaranhado de racionalidades que o fizeram um mero complemento de outras economias.

Esse reflexo aqui elencado, serve de parâmetro de reflexão para as disparidades internas e seus ajustamentos de acomodação dessas diferenças. Desse modo, a economia brasileira desde sua gênese, é ordenada como complemento de outras economias e ciclos que perduram até os dias atuais.

Assim, nesse contexto, busco alicerces para a problemática do econômico, visto como endeusamento da materialidade economicista, em prol de um sistema forjado dentro das relações externas e internas no espaço e caminho junto ao estudo de teóricos, que pensaram o Brasil como um país dependente economicamente, apesar de serem independentes politicamente. Desse modo, países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, são condicionados por decisões internas e externas em prol de economias desenvolvidas.

Nesse caminho, um estudo sobre desenvolvimento econômico deve procurar constatar, em primeiro lugar, se houve desenvolvimento ou se houve falso desenvolvimento (econômico com social) e a qual preço. Busca-se um diálogo com teóricos da economia brasileira, autores que pensaram o Brasil, não numa visão economicista, mas numa radicalidade e especificidade, a fim de compreender porque e como o país se desenvolveu. Um olhar para a história do desenvolvimento econômico do Brasil é preciso, pois, como afirma Ignácio Rangel: no Brasil, como em todos os países, o desenvolvimento sempre é um processo doloroso, sobretudo em se tratando de um país de dimensões continentais e com características tardias e de dependências.

Em seu texto intitulado: Entre “o inconformismo e o reformismo” (formação do território como nação), Celso Furtado (1990) ressalta que, nos estudos sobre a pobreza no Brasil, constata-se que essa não resulta das disparidades entre o mundo urbano e sim da concentração de renda urbana.

Para ele, não se pode ignorar a evolução das técnicas, a qual conduz ao processo da mundialização dos circuitos de controle das empresas transnacionais. A questão da falta de autonomia decisória dos Estados Nações, perante suas decisões internas na questão de ordenamentos políticos de ordem nacional, contribuem para a instabilidade do montante. As disparidades, entre os territórios dentro do Brasil, foram proporcionadas, em grande medida, pelo rápido crescimento da economia brasileira entre os anos 30 e 70, o qual se apoiou em transferências inter-regionais de recursos e em concentração social de renda, facilitada pela mobilidade geográfica da população (FURTADO, 1990).

Celso Furtado afirma que as elevadas taxas de crescimento, que as economias desenvolvidas na segunda metade do século XX conheceram, foram, em grande parte, fruto da abertura crescente de seus mercados, a qual estimulou a concorrência e permitiu a grande concentração de poder econômico que está na base das empresas transnacionais.

Porém, o fator decisivo desse extraordinário período de crescimento, foi o progresso das técnicas de coordenação e regulação macroeconômica, viabilizado pela chamada revolução Keynesiana.

Desse modo, tratando-se de uma economia subdesenvolvida, as exaustões dos efeitos de sinergia provocadas pela integração internacional indiscriminada, tiveram necessariamente resultados mais graves nos planos sociais. Os deslocamentos de população, permitiram no Brasil durante muito tempo, baratear a mão de obra nas áreas que absorviam o essencial dos investimentos industriais. Concentrava-se a renda, mas ao mesmo tempo, cresciam os investimentos e o mercado interno.

Em um país ainda em formação, como é o Brasil, a predominância da lógica das empresas transnacionais na ordenação das atividades econômicas conduzirá quase necessariamente a tensões inter-regionais, à exacerbação de rivalidades corporativas e à formação de bolsões de miséria, tudo apontando para a inviabilização do país como projeto nacional. Em meio milênio de história, partindo de uma constelação de feitorias, de populações indígenas desgarradas, de escravos transplantados de outro continente, de aventureiros europeus e asiáticos em busca de um destino melhor, chegamos a um povo de extraordinária polivalência cultural, um país sem paralelo pela vastidão territorial e homogeneidade lingüística e religiosa. Mas nos falta a experiências de provas cruciais, como as que conheceram outros povos cuja sobrevivência chegou a estar ameaçada. E nos falta também um verdadeiro conhecimento de nossas possibilidades, e principalmente de nossas fraquezas (FURTADO, 1990, p.4).

Segundo Celso Furtado (1990), no caso do Brasil, um país ainda em formação, com disparidades regionais, múltiplas identidades e com uma imaturidade nacional e todos os ajustes sofridos no último século nas relações internacionais, requerem uma visão global. Para isso, não basta apenas uma análise econômica, mas uma imaginação prospectiva sobre o futuro como nação. Ele afirma que não podemos perder de vista que as lógicas das transações internacionais, sempre operaram e operam em detrimento dos países de economia dependente. Outra situação nessa direção, é a relação desigual no comércio de produtos primários exportados pelos países do terceiro mundo (FURTADO, 1990).

Fora do quadro da dominação colonial, o fenômeno da dependência se manifestou inicialmente no plano cultural, mediante a transplantação de padrões de consumo que puderam ser adotados graças ao excedente gerado no quadro das vantagens comparativas estáticas obtidas no comércio exterior. E o forte dinamismo do segmento modernizado do consumo que projeta a dependência no plano tecnológico e a inscreve na estrutura produtiva. Na medida em que, os padrões de consumo da minoria, que se apropria do excedente, devem acompanhar o estilo de vida dos países que lideram o progresso tecnológico (e se instalam em alto nível de capitalização), qualquer tentativa visando “adaptar” a tecnologia será repudiada. Se, se tem em conta que a situação de dependência está sendo permanentemente reforçada, mediante a introdução de novos produtos (cuja produção requer o uso de técnicas cada vez mais sofisticadas e dotações crescentes de capital), torna-se evidente que o avanço da industrialização faz-se simultaneamente com a concentração de renda [...] somente a vontade política poderá modificar esse quadro (FURTADO, 1990, p.3).

Para Celso Furtado (1990), não é possível isolar o estudo dos fenômenos econômicos, de seu quadro histórico. Essa observação é particularmente necessária para sistemas econômicos heterogêneos social e tecnologicamente, como é o caso das

economias subdesenvolvidas. Sem um estudo aprofundado da estrutura agrária, não é possível explicar a tendência à concentração da renda, tampouco a rigidez da oferta de alimentos que geram pressões inflacionárias. Sem uma percepção da natureza da industrialização retardada (orientada para a substituição de importações), não será possível entender a “inadequação tecnológica”, que agrava o subemprego.

Uma teoria do excedente social dita por Celso Furtado:

Para agir com maior eficácia, o homem dota-se de técnicas [...] Portanto, o desenvolvimento da capacidade do homem para agir (e para produzir) funda-se num misto de inventividade e acumulação. Mas circunscrever o estudo do desenvolvimento à acumulação é perder de vista que as técnicas não são outra coisa que formas de comportamento, cuja racionalidade não é independente de fins preestabelecidos. A substituição do cavalo pelo automóvel não é apenas uma evolução do sistema de transporte: é a transformação de um estilo de vida. Falar de difusão ou transmissão de tecnologia é, portanto, um eufemismo, pois o que está difundindo nesse caso é uma forma de viver, o que implica a desarticulação do sistema de valores preexistentes na sociedade receptora das novas técnicas [...] ora, por trás dos indicadores quantitativos [...] desdobra-se o vasto processo de difusão da civilização industrial: a adoção por todos os povos da terra do que se convencionou chamar de “padrões de modernidade”, ou seja, a forma de viver engendrada pela industrialização nos países que a lideram (FURTADO, 2000, p.4).

É a estratificação social que permite a emergência do excedente, ou seja, de recursos com uso alternativos, abrindo caminho à acumulação. Mesmo no quadro do sistema colonial, havia limite de apropriação externa do excedente, pois a eficiência do sistema produtivo, frequentemente dependia da retenção local de parte dele. Segundo Celso Furtado (2000), surgiram novos vínculos com a economia dominante, o que permitiu a identificação de quatro situações perfeitamente caracterizadoras de subordinações: apropriação do excedente exclusivamente em benefício do centro; apropriação de uma parte do excedente por um segmento da classe dominante local; apropriação de parte do excedente por grupos locais que o utilizam para ampliar a própria esfera de ação; apropriação de parte do excedente pelo Estado.

Em síntese, o que caracterizou a formação da periferia foi a dinamização da demanda (modernização), em condições de um relativo imobilismo social, causado pelo lento desenvolvimento das forças produtivas. O que veio a chamar-se

subdesenvolvimento, não é outra coisa senão a manifestação dessa disparidade entre o dinamismo da demanda e o atraso na acumulação reprodutiva. Este último, tem origem na forma de inserção na divisão internacional do trabalho e aquele na penetração dos padrões de consumo do centro, assim, cada tempo sofre sua influência (FURTADO, 1990).

Outro autor, dentro desse viés é Francisco de Oliveira (2001), que fala que a geração de 30, com autores como Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Celso Furtado, aceitou o desafio de pensar o Brasil. Francisco de Oliveira salienta que hoje no Brasil, os desafios são maiores e mais complexos, pois a velha estrutura foi lapidada pelo processo de globalização, não rompendo com o Brasil patriarcal.

Agora o desafio é maior, é mais complexo; não se trata só de industrializar. A inserção numa gama nova, mais densa, mais complexa, mais desafiadora, das relações internacionais, o que por economia de discurso podemos chamar de globalização, mais é necessário que aceite mo como desafio. O desafio é também mais complexo porque o desenvolvimento capitalista não só rompeu em muitos sentidos as velhas estruturas patriarcais e patrimoniais, mas repôs, sob formas mais difíceis, mais intrincadas, tais estigmas (OLIVEIRA, 2001, p.3).

Francisco de Oliveira coloca que fazemos parte de uma conjuntura, ou de uma época, de um novo ciclo, em que o Brasil, sobre o qual queremos falar ou pensar, é um país que não é mais aquele do projeto nacional muito menos o Brasil das repúblicas velha e nova. O Brasil sobre o qual pensamos ou sobre o qual queremos refletir é, fundamentalmente, uma província do capitalismo mundial, ou seja, um país a serviço do mercado mundial (OLIVEIRA, 2001).

Paul Singer (2000) reflete sobre o Brasil inserido no limiar do terceiro milênio, dividindo os países em grupos orgânicos periféricos e orgânicos centrais.

Com o capitalismo industrial, a partir do fim do século XVIII, criou-se uma divisão internacional de trabalho que partiu o mundo, por quase dois séculos, entre um grupo de nações - o chamado grupo orgânico - de exportadoras de produtos manufaturados e de capitais e outro - periférico - constituído pelos demais, exportadoras de produtos primários. O núcleo orgânico da economia mundial monopolizava o progresso técnico e, por isso, era adiantado: tinha produtividade sempre mais elevada, ditava os padrões de consumo nos países semi periféricos e periféricos, transmitia suas teorias científicas e ideologias

políticas aos mesmos. O desafio dos países periféricos era superar o atraso mediante desenvolvimento acelerado, transformando-se em país importador de capitais. A América Latina, liderada de certa maneira por Brasil, México e Argentina, seguiu esse percurso. Tendo sido descolonizada muito antes de Ásia e da África, a América Latina pode iniciar seu desenvolvimento por substituição de importações antes da primeira guerra mundial e já integrava a semi periferia em meados do século XIX. Não por acaso, a mais sofisticada teoria do desenvolvimento, a da dependência, é em sua origem latino-americana. Quando a teoria foi formulada, na CEPAL, o desafio de vencer o atraso estava bem consciente no Brasil e países vizinhos (SINGER, 2000, p. 1-2).

A questão do Brasil não foi e nem é vencer o atraso, mas a necessidade de que o desenvolvimento beneficie a maioria do povo, até hoje marginalizada da maior parte dos ganhos já logrados. A partir de 1980, profundas transformações ocorreram na economia mundial. Conforme Paul Singer, a maior de todas foi a desregulamentação, ou seja, a privatização do mercado mundial de capitais. Esse processo retirou boa parte da hegemonia dos governos nacionais, de modo que o mercado financeiro passasse a ser gerido por regras internacionais, acordos dos quais as multinacionais fazem parte. Nesse contexto, o que se pode chamar de capital financeiro, são relações desiguais onde seu processo é mediado pelo mercado e suas relações.

Ainda de acordo com Paul Singer, o regime de desenvolvimento econômico acelerado, adotado pelo Brasil, foi um fracasso, uma vez que consagrou o livre funcionamento dos mercados, com sua propensão a concentrar renda e a ampliar desigualdade econômica. Esse desenvolvimento acelerado estimulou e estimula a economia da informática e da telemática, gerando um número expressivo de postos de trabalho bem remunerados, que são ocupados por jovens, melhor adaptados às tecnologias de ponta. Ao mesmo tempo, libera pressões concorrenciais que expõem dos empregos grande número de assalariados, em todos os níveis, produzindo uma nova pobreza, que se traduz por números inéditos de desemprego (SINGER, 2000). Ele ressalta que situações de dependência, sejam elas “consentidas, toleradas ou desejadas”, sempre existiram e sempre existirão enquanto nações desiguais em desenvolvimento, tamanho, força etc., se relacionarem.

Hoje não há mais colônias quase e o mundo se compõe de mais de 180 nações soberanas. É óbvio que são extremamente heterogêneas, distinguindo-se pelo tamanho dos territórios e das populações, pelo grau de

desenvolvimento e por inúmeras características culturais. Grande parte das nações africanas e não poucas da Ásia e da América Latina vivem em dependência consentida, no sentido de que suas perspectivas de progresso ainda estão limitadas à ampliação de vendas ao exterior de produtos coloniais. Outras nações, espalhadas pelos três continentes do terceiro mundo, já superaram essa etapa e dispõem de economias ainda não completamente industrializadas. São os países que vivem situações de dependência tolerada ou de dependência desejada (SINGER, 1998, p.6).

A dependência, para Singer, trata-se de dependência econômica de países independentes politicamente, mas subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento, como os da América Latina. Conforme esse autor, esses países para se desenvolverem, condicionam suas decisões em prol de economias desenvolvidas, sendo que, nesse caso, a dependência surge de um jogo de conflitos e acordos entre classes e frações de classes, do qual resultam processos de desenvolvimento. Esses desenvolvimentos por sua vez, são recolocados de tempos em tempos e sua fundamentação (as transformações do capitalismo, que no geral são feitas no centro), acaba por sacramentar o processo de uma dependência combinada e contínua (SINGER, 1998).

O processo de dependência consentida à tolerada, deu-se depois que a América Latina tornou-se independente, ou, como queremos dizer, uma pseudo-independência. A criação da burguesia interna, a maioria oriunda da “terra”, fortificou uma relação de poder interno, embora que antes disso, já existira uma relação centro- periferia e agora há uma relação periferia-periferia, ou seja, há uma dinâmica de consumo entre os periféricos.

Assim, esses conflitos e acordos seguiram uma ótica de dependência tolerada. A questão de dependência criou uma frequente necessidade de negociação, em que houve e há uma relação desigual, sendo que à periferia é reservado apenas um avanço nos setores extrativistas e agrícolas (setores primários) e que tinham e tem que competir com o centro (SINGER, 1998).

Na época da dependência tolerada, tornaram-se dominantes teorias como as elaboradas e divulgadas pela CEPAL: centro e periferia têm participação qualitativamente diferente na economia internacional; enquanto o primeiro domina a produção de nova tecnologia, o que lhe permite adquirir o tempo todo novas vantagens comparativas, a segunda fica presa a um repertório

limitado de vantagens comparativas decorrentes da disponibilidade de recursos naturais (SINGER, 1998, p.3).

Essa situação de dependência tolerada evoluiu até meados de 1980, começando num período pós-guerra, tendo sido incentivada pelo avanço da globalização dirigida e junto ao processo de industrialização tardia dos países menos desenvolvidos. O processo de dependência tolerada à desejada, segundo o cientista das ciências aplicadas Paul Singer, começou a partir dos anos 80, com a liberalização financeira. Essa ultrapassando os limites do primeiro mundo, para o terceiro mundo. Nesses períodos, houve grandes endividamentos da América Latina (FMI, BIRD). Assim, segundo ele, a dependência passou a ser desejada. Desse modo, o mercado financeiro passou a ditar as regras do mercado nos países desenvolvidos, semi desenvolvidos e pouco desenvolvidos, o que promoveu a dependência desses países do capital privado, volátil e globalizado, imperando, desse modo, uma relação desigual entre centro-periferia e periferia-periferia (SINGER, 1998).

Para Paul Singer, é importante ressaltar, que nas tendências atuais da dependência, as pessoas continuam morando, trabalhando e fazendo política em países específicos. Para a maioria da população, a dependência desejada se traduz em crise de reestruturação industrial, que elimina milhões de postos de trabalho, e em ataques reiterados a direitos decorrentes do Estado de bem-estar social, cuja única justificativa é a necessidade de equilibrar o orçamento público e reduzir a carga fiscal sobre as empresas, para reter o capital que se encontra no país e atrair mais capital, que venha eventualmente a gerar emprego, ou seja, o econômico ilusório impera sobre o social.

No caso brasileiro, a sequência da história universal - comunismo primitivo, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo - , reproduziu-se de forma distinta dos países desenvolvidos. A dinâmica da história brasileira se distinguiu dos casos clássicos porque os processos sociais, econômicos e políticos não decorrem apenas da interação entre desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção internas do país, mas também das relações que este mantém com as economias centrais. Portanto, as relações externas são determinantes do desenvolvimento das forças produtivas internas e, conseqüentemente, também das relações de produção internas.

Em seus estudos, Ignácio Rangel (2005) identificou dois movimentos cíclicos que estão na dinâmica da economia brasileira: o ciclo de Kondratiev e o ciclo de Juglar. As ondas largas, ou ciclos longos de Kondratiev, são movimentos gerados pelas economias centrais, aqueles capazes de gerar novas tecnologias. Apesar de exógeno, do ponto de vista da economia brasileira, esse ciclo é de fundamental importância na medida em que define a intensidade e a natureza das relações da nossa economia, que é periférica, com as economias centrais. Os ciclos de Juglar, que caracterizam o desenvolvimento do capitalismo industrial europeu do século XIX, ressurgiram no Brasil. Esses ciclos industriais, no caso brasileiro, obedecem de forma truncada à lógica interna de um processo de industrialização, que sem prévia reforma agrária, assumiu uma característica de estrangulamento e capacidade ociosa.

Ignácio Rangel (1954) acrescenta que o Brasil é subdesenvolvido, por não ter, de princípio, um setor manufatureiro que fornecesse uma produção correspondente ao valor agregado pela manufatura. Assim, seguiu-se com a criação de uma produção nacional que correspondesse a uma substituição de importações. Essa nova dinâmica de criação de um setor nacional de produção, provocou mudanças na divisão do trabalho.

Segundo Rangel, foi preciso proporcionar novas condições para um desenvolvimento da tecnologia e produtividade e para isso, foi preciso uma adequada divisão social do trabalho. Para ele, quanto maior é a divisão do trabalho, melhores são as condições para a substituição de importações e industrialização. Consequentemente, o crescimento se fez pela expansão de suas “indústrias”, ou atividades “tardias”, que foi o esforço para ajuste da estrutura da oferta e demanda (RANGEL, 2005).

Outra contribuição de Rangel (1955) se dá no sentido de que:

Não é fácil e nem pacífica a caracterização do processo do desenvolvimento econômico. Trata-se, como em todo fator histórico, de processo extremamente complexo, ao longo do qual tudo muda na vida social: a distribuição da população, as condições de trabalho e produção, a distribuição da riqueza social e seu modo de apropriação, a quantidade e qualidade do capital necessário ao processo produtivo, a técnica da produção. Paralelamente, muda também a cultura, isto é, a idéia de que o homem faz de si mesmo e do mundo em que vive. É absurdo pretendermos alcançar a compreensão do processo sem que o estudemos sob todos os seus ângulos,

mas, por outro lado, que pretendesse abarcar de uma só vez, de golpe, todo o panorama, em toda a sua infinita complexidade, estaria inevitavelmente condenado ao malogro. A realidade não pode ser aprendida pelo espírito senão por partes gradativamente. Por isso é que o homem aprendeu a proceder metodicamente, primeiro pela análise no esforço de separar idealmente os diferentes aspectos da realidade estudada (p.133).

Ao comparar a riqueza e a renda de diferentes economias, Rangel destaca que devemos perceber os processos nos quais foi envolvida a sociedade em comparação, o que deve ser feito de uma forma gradativa e por setores, pois a trama é extremamente complexa e as mudanças são todas de ordem social, nas trocas e valores das vidas desta sociedade.

Se compararmos uma economia desenvolvida com uma não desenvolvida, vemos, em primeiro lugar, que a primeira é rica, isto é, dispõe de mais recursos para a satisfação das necessidades dos seus membros, e que a segunda é pobre, isto é, dispõe de menos recursos [...] mas a produção de riqueza é algo que não é puramente social, porque supõe relações entre a sociedade e algo estranho a ela, relações entre a sociedade e a natureza [...] assim, o fato de um homem ser mais rico do que outro é de natureza puramente econômica: mas o fato de a própria sociedade ser mais rica ou pobre extravasa os limites da economia porque se liga indissolavelmente à técnica (2005, p.136-137).

Ignácio Rangel fala que Visconde de Mauá (1957), em prefácio a dualidade básica da economia do Brasil, concluiu que a nossa peculiaridade por excelência é a dualidade, no sentido que atribui a esse termo, o fato de todos os nossos institutos, todas as nossas categorias (latifúndio, indústria, comércio, capital, trabalho e nossa própria economia nacional), serem mistas e possuírem uma dupla natureza.

A economia brasileira tem, portanto, um setor capitalista e outro pré-capitalista. O próprio setor capitalista, no entanto, não é homogêneo, uma vez que, como elemento do mercado mundial, o Brasil é parte de um sistema econômico avançado. [...] a economia brasileira apresenta aspectos bem definidos de todas as etapas do desenvolvimento da sociedade humana. Temos o comunismo primitivo, nas tribos selvagens; certas formas mais ou menos dissimuladas de escravidão, em algumas áreas retrogradadas, onde sobre a aparência de dívidas, se compram e se vendem, não raro, os próprios homens; o feudalismo em diversas formas, um pouco por todo o país; o capitalismo em todas as suas etapas: mercantil, industrial e financeiro (RANGEL, 2005, p. 292-293).

Para esse autor (2005), nossa economia nasceu e se desenvolveu como complemento de uma economia heterogênea e sempre esteve sujeita às suas artimanhas e dinâmicas. Rangel destaca que é preciso perceber as peculiaridades da história de

nosso país, sendo preciso examinar quais são as relações de poder dentro e fora de cada unidade econômica, pois o que ele chama de dualidade básica é que as duas relações são dominantes: externo e interno (direta e indiretamente na sociedade local), o que para ele, são duas ordens de regras que regem a nossa economia, as quais são simultâneas nos campos das relações externas e internas de produção.

Além disso, Rangel destaca também que se a abertura dos portos e a independência foram meia revolução, modificando nossa relação externa de produção, a abolição e a proclamação da república completaram a ordem interna. Desse modo, a economia brasileira, desde sua gênese, é ordenada como complemento de outras economias e ciclos que perduram até os dias atuais, sendo que as economias centrais comandam a vanguarda do desenvolvimento e do envolvimento da humanidade.

Portanto, a inviabilidade de isolar os estudos de fenômenos econômicos de seu quadro histórico, é comprovada na forma que sistemas econômicos heterogêneos, sociais e tecnológicos entram em confrontos e em estado de dependência e legitimação uns com os outros. O Brasil sempre acompanhou estilos de vida dos países que lideraram e lideram o progresso tecnológico, tendo sido envolvido por um emaranhado de racionalidades e artifícios (a escravidão e a posterior abolição), que fizeram do país um mero complemento de outras economias. Assim, o rompimento com as velhas estruturas e a reposição de novas e sob a jurisdição de formas intrínsecas, agora dentro de uma complexidade de fatores, nos leva a percepção de que o Brasil ainda é um complemento da economia mundial. Desse modo, podemos justificar ações internas e externas combinadas ou não como promotoras das desigualdades e legitimações delas.

Para Gonçalves (2006), vivemos hoje um caráter moderno-colonial do sistema mundo. O que ontem foi a dispersão geográfica gerida pelos migrantes europeus, no início de industrialização na América Latina, em especial no Brasil, foi um alívio para a Europa, sendo que aqueles migrantes eram uma espécie de exército de reserva deles, mas que para o novo mundo era mão de obra especializada. Portanto, as ideologias são feitas pelos mesmos, mas as roupagens ideológicas recebem outras cargas e efeitos.

1.11) As construções da subjetividade do indivíduo

Esta etapa remete para o reflexo de todos os argumentos construídos e vistos anteriormente. Ele tem como propósito chegar às manifestações das desigualdades, as quais os indivíduos desenvolvem com suas racionalidades e que desencadeiam situações que resultam em comportamentos desiguais nos espaços. A pertinência aqui é alcançada a partir da análise dos movimentos inclusivos e exclusivos que, dentro deste estudo, são elencados diante da dialética social ao individual.

Assim, ele obedece a um ciclo de atitudes e comportamentos que permitirão uma visão da dita totalidade, visto que se acredita que os grandes distúrbios criados e manifestados no âmbito da sociedade de consumo dirigido, referem-se ao ser humano com suas angústias e magnitudes e suas formas de expressões, que são refletidas nas suas formações subjetivas e que conferem suas atitudes do individual ao coletivo.

A história do esforço do homem para submeter à natureza é também a história da submissão do homem pelo homem. Essa dupla história se reflete na evolução do conceito do “eu” (CANEVACCI, 1984). Nesse sentido, buscam-se argumentos em teorias que forneçam subsídios que colaborem para uma dita argumentação da construção da subjetividade no indivíduo. Assim, caminhos em torno dos indivíduos, que neste caso, são vistos como sujeitos e cidadãos pertencentes a uma classe ou grupo de classes, permitirão uma melhor visualização dos processos que conduzem para uma lei do crescimento desigual, o qual é a identidade do modelo de produção, do qual cada indivíduo participa, neste caso como mero consumidor, usuário.

A ciência moderna prometeu ser o deus do *homo sapiens* e responder a tudo, mas ela nos traiu. Isso porque não desvendou as perguntas essenciais, como: quem sou? Quem somos? Assim, continuamos sendo um enigma, uma gota que por um instante aparece e logo se dissipa no palco da existência. Segundo, porque, apesar do salto na tecnologia, ela não resolveu os problemas humanos fundamentais, nos quais podemos incluir as questões referentes à violência, fome, discriminação, intolerância e às misérias

psíquicas. A ciência é um produto do ser humano e não um deus do mesmo (PINTO, (1979); (2005)).

Conforme Álvaro Vieira Pinto, em *Ciência e Existência* (1979), houve um endeusamento e conseqüentemente o afastamento do ser humano com o propósito da ciência, fruto da ideação reflexiva que remete os feitos e as práticas como fruto da sua existência, sendo que este rompimento, afastamento remete para as contradições as quais a sociedade atual vive. A ciência nasceu para o social coletivo, uma forma de sobrevivência da própria espécie. Hoje ela é idolatrada como parte promissora de um mercado, onde cada segmento se apropria da ciência como ferramenta de uso e cada qual consumirá de acordo com o seu nicho social. A ciência de hoje serve para a estratificação e diferenciação de cada um que a consome. Como podemos dizer: o conhecimento é poder.

As relações humanas podem ser vistas como uma grande teia dentro do sistema, nas quais ninguém é uma ilha física, dentro do escalão social e isoladamente, dentro da humanidade. Todos, de certa forma, são influenciados e ligados pelos outros através de atos, quer sejam conscientes ou inconscientes, quer sejam construtivos ou destrutivos, os quais alteram os acontecimentos e o desenvolvimento da humanidade.

Qualquer ser humano, seja intelectual ou iletrado, rico ou pobre, ativista ou alienado é afetado pela sociedade e, por sua vez, interfere nas conquistas e perdas da mesma através de seus comportamentos. No entanto, o que é degradante, é o fato de o sistema ter transformado os indivíduos em meras máquinas de consumo, vistos, muitas vezes, somente pela sua conta bancária; vivendo na verdade como escravos dentro de uma sociedade que carrega o nome de democrática.

Cada indivíduo, sendo ele o sujeito do objeto em questão (inclusão/exclusão), é naturalmente, o maior interessado numa profícua e precisa compreensão dos problemas e das relações sociais e na possibilidade de melhorias na qualidade de vida relacionada aos seus espaços.

O lugar torna-se palco de uma essência que é a existência através de experiências, sejam elas de prisão, liberdade, sonho ou ilusão, resultando na ideia de lugar como território. Os espaços são demarcados, defendidos, regidos por regras, sejam elas internas ou externas. O lugar torna-se de maior importância dentro do contexto de globalização, ou seja, torna-se estratégico com o destino da humanidade. A sua relação possui dimensões de profundos significados, onde a humanidade interage com a natureza, com o Estado e consigo mesma.

A teoria do lugar, exposta por Carlos Mario Yory (2005), enfatiza a relação do homem com o mundo através do nosso habitar. Ele coloca o conceito de “Topofilia”, entendido como a teoria do lugar, salientando a importância de se entender a relação “Topofilia” (sentimento, apego) do homem com o lugar. Para Yory, o território deve ser uma construção coletiva, onde diferentes atores comprometidos promoverão um pacto de efetividade. Torna-se então, de suma importância, que a sociedade tenha gestões e governos fortes, planejamentos reais, uma relação de filiação, de pertencimento e de comprometimento de todos com o lugar. A falta de governabilidade, participação, efetividade de grande parte da sociedade, determina o desequilíbrio sócio-espacial.

Carlos Mario Yory (2005), ressalta que o espaço é formado no exercício auto-afirmativo de nosso ser social, desse modo transcende qualquer juízo de valor sobre determinado cenário, fugindo assim, do conceito de lugar como um simples local a ocupar. Se tentarmos tornar mais prática essa teoria, podemos exemplificar através de uma situação hipotética, levando em conta uma periferia violenta: para muitos que são de fora, o olhar acerca da periferia é somente relacionado à violência e sem atrativos, embora para os periféricos isto seja diferente, uma vez que esse é o lugar que habita.

A noção de lugar, defendida por Carlos Yory (2005), refere-se à consciência de nosso próprio ser espacial, ou seja, o comportamento de cada lugar, nos seus intervalos, nas maneiras de ser no mundo. Ele afirma que a forma de ser do homem é espacial: este ser ocupa e constrói espaços e é habitando que abre o espaço. Assim, estar no lugar, pertencer, viver e habitar implica o conceito de pertencer, de estar afiliado. Dentro dessa proposta, o homem torna-se capaz de exercer a sua existência.

A Topofilia, assim, é a forma através da qual o homem se relaciona e se manifesta no espaço, no seu lugar. Ela abrange a relação tanto individual como coletiva, formando assim, o corpo social, o qual irá se relacionar com estratificações diferentes, e a “topos maiores”, que correspondem a um bairro, uma cidade, uma região, um continente e ao mundo. A Topofilia resulta da nossa condição humana; não se pode reduzir a um simples sentimento de “filiação ou anti-filiação”, pertencimento ou não pertencimento, ter ou não ter (TUAN,1983).

Assim, a filiação, proposta por Carlos Mario Yory, é a própria construção do espaço de uma forma “aberta”, com suas espacialidades através do ato de habitar. O lugar passa a ser visto como destino da humanidade e com sua relação estratégica, por sua vez, caminha paralelamente a relação do mundo.

A subjetividade nos lugares é consequência de manifestações internas e externas aos lugares, onde os indivíduos recebem uma carga de manifestações e condicionamentos que a dialética social e do indivíduo conferem a cada ser no seu habitat, sendo que, neste caso, cada indivíduo é um consumidor de espaço, um usuário controlado.

O sociólogo português Boaventura de Souza Santos (1997), destaca subjetividade e cidadania em diferentes vertentes teóricas, ligadas à teoria político-liberal, às teorias de Marcuse e Foucault e às teorias do marxismo. O autor afirma que Foucault tem razão ao denunciar o excesso de controle social, produzido pelo poder disciplinar e pela normalização técnico-científico com que a modernidade domestica os corpos e regula as populações de modo a maximizar a utilidade social e a reduzir ao mais baixo custo o seu potencial político.

Conforme o mesmo autor, três são os pilares que regulam esse excesso de controle, minimizando o potencial político de cada ser: o princípio do Estado (Hobbes), o princípio do mercado (Locke) e o princípio da comunidade (Rousseau). Ele defende que, em primeiro lugar, o princípio da subjetividade é muito mais amplo do que o da cidadania. A naturalização do Estado segundo ele, provoca uma passividade no ser

político de cada cidadão, fazendo com que cada cidadão deixe de ser Estado, passando a ser um recipiente de uma categoria universal, isso tudo devido a uma legitimação por parte de cada cidadão, na sua ausência de ser político participante das ações do Estado.

A teoria liberal começa por teorizar: uma sociedade onde muitos - no início, a maioria - dos indivíduos livres e autônomos que prosseguem os seus interesses na sociedade civil não são cidadãos pela simples razão de que não podem participar politicamente na atividade do Estado [...] a naturalização do Estado é o outro lado da passividade política dos cidadãos; a naturalização dos indivíduos é o fundamento da igualdade formal dos cidadãos; a que levou Hegel a afirmar que “o individual é o geral” concebidos de modo abstrato, os indivíduos são fungíveis, recipientes indiferenciados de uma categoria universal. Para Rousseau, a vontade geral tem de ser construída como participação efetiva dos cidadãos, de modo autônomo e solidário, sem delegações que retirem transparência à relação entre “soberania” e “governo”. Por esta razão, o contrato social assenta não numa obrigação política vertical cidadão-Estado, como sucede no modelo liberal, mas antes numa obrigação política horizontal cidadão-cidadão na base da qual é possível fundar uma associação política participativa. A sociedade liberal é caracterizada por uma tensão entre a subjetividade individual dos agentes na sociedade civil e a subjetividade monumental do Estado (SANTOS, BOAVENTURA, 1997, p. 238-240).

Além disso, Boaventura de Souza Santos fala de Marcuse como o primeiro a denunciar uma relação de hipertrofia da cidadania, com um definhamento da subjetividade. Já em relação a Foucault, ele ressalta que, nas suas análises do processo histórico do desenvolvimento da cidadania, houve um prejuízo da subjetividade, promovido pelas normas, as quais constituíram formas modernas de dominação (propriedade, raça e gênero).

A razão tecnológica que preside ao desenvolvimento do capitalismo conduz inelutavelmente ao sacrifício da subjetividade individual na medida em que é incapaz de satisfazer todas as necessidades psíquicas e somáticas do indivíduo e de desenvolver em pleno as capacidades emocionais deste. Por isso, a docilidade e a passividade dos indivíduos e, sobretudo, dos trabalhadores são obtidas através das formas repressivas de felicidade “oferecidas” a esmagadora maioria da população por via do consumo compulsivo de mercadorias. Foucault analisou o processo histórico do desenvolvimento da cidadania em detrimento da subjetividade, para nos permitir a conclusão de que a cidadania sem subjetividade conduz à normalização, ou seja, à forma moderna de dominação cuja eficácia reside na identificação dos sujeitos com os poderes-saberes que neles (mais do que sobre eles) são exercidos. Trata-se de um processo totalizante de que as ciências humanas são peça central e que opera por múltiplos fracionamentos da subjetividade (na família, na escola, no hospital, nas profissões, na prisão)

para depois ser reconstruída, com base neles, a unidade do indivíduo identificado com as exigências da dominação disciplinar, as quais, por isso, nada impõem (SANTOS, BOAVENTURA, p. 246).

Com relação ao Marxismo como pensamento, o autor Boaventura, concede crédito à teoria de organização social da produção, a qual determina a organização política e a desigualdade econômica vivenciada, criando uma ilusão da quebra de hierarquia social. Por outro lado, há um alargamento da cidadania, com uma ilusão atribuída a uma subjetividade individual sem consciência. Ontem se justificava a escravidão, hoje já não se justifica mais, a prática atual é “todos livres”. Com o mascaramento de realidades pretéritas e ações paliativas, tratam cada ser como igual no espaço, onde até pouco tempo senhores e escravos conviviam juntos, hoje é patrão e empregado juntos, dentro de uma lei de desenvolvimento desigual.

Desse modo, o modelo de desenvolvimento liberal transformou e transforma a subjetividade num processo de individualização que foi numerada e burocratizada. O alargamento da cidadania promoveu equidades, porém não converteu em emancipação.

É reconhecida a crítica de Marx à democracia liberal e, portanto, às idéias de subjetividade e de cidadania que a constituem. Porque a organização social da produção determina a organização política e cultural, a separação entre a igualdade política e a desigualdade econômica operada pelo capitalismo é pouco mais que ilusória: porque o ser social determina a consciência, a autonomia e a liberdade atribuídas à subjetividade individual no capitalismo são ilusões necessárias para a reprodução das relações capitalistas. Ao declarar não políticas as distinções de nascimento, classe social, educação e ocupação, o Estado capitalista permite que elas operem livremente na sociedade, intocadas pelo princípio da igualdade da cidadania política que, por essa razão, é meramente formal (SANTOS, BOAVENTURA, p. 241).

De acordo, com o estudo de Boaventura de Souza Santos, o alargamento da cidadania tem dois lados. De um lado, foi a segurança da existência cotidiana, propiciada pelos direitos sociais, que tornou possíveis vivências de autonomia. Por outro lado, os direitos sociais e as instituições estatais, as quais foram e são partes integrantes de um desenvolvimento social, aumentaram o peso burocrático e a vigilância controladora sobre os indivíduos.

O homem livre entrou na rotina da produção e do consumo, sendo marionetes do sistema. Desse modo, tudo isso transformou a subjetividade num processo de

individualização e numeração burocráticas e subordinou-se às exigências de uma razão tecnológica que converteu o sujeito em objeto de si próprio.

Então, a fim de entender o processo político de produção da pobreza, a partir da constatação de que não se combate a pobreza, mas visam-se os pobres como objetos de inúmeras estratégias, a questão dos avanços tecnológicos é primordial para a sociedade e para o indivíduo visualizarem suas influências sobre as disparidades, dentro das sociedades.

Para a autora Bader Sawaia (1995), todo o conhecimento humano, os avanços técnicos e científicos, não se traduzem em sabedoria de vida para a totalidade da sociedade.

Usufruímos dos fantásticos avanços da tecnologia, mas sofremos suas terríveis mazelas. Ficamos deslumbrados com o aumento sem limites da produção de alimentos e outros bens, mas nos revoltamos com a elevação (proporcional) da miséria. Vibramos e aplaudimos médicos habilidosos que realizam transplantes inimagináveis poucos anos atrás, para salvar uma vida humana, mas choramos a morte de centenas de outros, por cólera, fome, tuberculose (doenças que pensava terem sido erradicadas pela ciência). Por que o conhecimento científico não se traduziu em sabedoria de vida? Frente à constatação de que as três fontes de valores das sociedades contemporâneas foram insuficientes para servirem como pressuposto para um projeto de vida e ação: nem a ciência, nem a religião, nem a evolução nos deram respostas. Boaventura afirma que, neste momento de revolução científica que ocorre numa sociedade transformada pela própria ciência, o paradigma a emergir não pode ser apenas científico, tem que ser ético- social (SAWAIA, 1995, p.46).

Segundo ela, é preciso entender que as ciências, especialmente as humanas, estão inseridas no reino da ética e que o debate epistemológico é regulado por valores de vida, morte e poder. Para a autora, nem a ciência, nem a religião e nem a evolução nos deram respostas e tampouco soluções para os sofrimentos vividos pela sociedade, com os quais, apesar do desenvolvimento atual em vários campos, ainda nos afligimos.

Por isso, sofrer com os avanços, com a pobreza e a com exclusão faz parte de nossas vidas, embora muitas vezes possuamos uma consciência distorcida. Os modos de vida, tanto individual quanto coletivos, evoluem com uma progressiva deterioração, ideia defendida por Félix Guatari (1990).

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente ossificada por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão; o que permite a conclusão de que a subjetividade encontra-se comprometida: “A relação da subjetividade com a exterioridade, seja ela social animal, vegetal, cósmica que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva” (GUATTARI, 1990, p. 23).

Portanto, é falho avaliar a sociedade através de modelos econômicos perfeitos, visto que o social é de uma enorme complexidade, sendo, muitas vezes, contraditório e combinado. O cidadão mutilado é formado nessa dinâmica de contradições, na qual os processos de estrutura econômica formam um ser consumidor. Entretanto, o fato de consumir bens materiais e usufruir de toda a estrutura vigente no sistema ,não quer dizer que mereça ser chamado de cidadão.

O consumidor não é o cidadão. Nem o consumidor de bens materiais, ilusões tornadas realidades como símbolos: a casa própria, o automóvel, os objetos, as coisas que dão status, nem o consumidor de bens imateriais ou culturais, regalias de um consumo elitizado como o turismo e as viagens, os clubes e as diversões pagas, como a educação profissional, pseudo- educação que não conduz ao entendimento do mundo [...] o cidadão é multidimensional. Cada dimensão se articula com os demais na procura de um sentido para a vida. Isso é o que dele faz o indivíduo em busca do futuro, a partir de uma concepção de mundo (SANTOS, 2007, p.56).

O espaço foi e é moldado conforme a quantidade de dinheiro disponível no local e o cidadão, por sua vez, é formado de acordo com o lugar onde vive. Os espaços são diferenciados na sua infra-estrutura e, bem como os equipamentos sociais são diferenciados para cada classe, o acesso à informação e cultura também será um diferencial de ser cidadão neste sistema capitalista de consumo dirigido.

Deixado ao quase exclusivo jogo do mercado, o espaço vivido consagra desigualdades e injustiças e termina por ser, em sua maior parte, um espaço sem cidadãos. Olhando-se o mapa do país, é fácil constatar extensas áreas vazias de hospitais, postos de saúde, escolas secundárias e primárias, informação geral e especializada enfim, áreas desprovidas de serviços essenciais à vida social e à vida individual. O mesmo, aliás, se verifica quando observamos as plantas das cidades em cujas periferias, apesar de uma certa densidade demográfica, tais serviços estão igualmente ausentes. É como se as pessoas nem lá estivessem (SANTOS, 2007, p.59).

O lugar e o valor do indivíduo dependem do território onde se encontra. As pessoas são vistas pelo lugar que ocupam, seja ele luminoso ou opaco, pois suas produções e seus consumos, irão ser fatores decisivos para sua localização no território.

Cada homem vale pelo lugar onde está, o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preços), independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário tem valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais, ou menos, cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto um lugar vem a ser condição de sua pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhe são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam (SANTOS, p.107).

Portanto, se o papel do Estado é determinado pelo funcionamento da economia e dentro do Estado, a falta de ação política de cada indivíduo é fator falho, é real e fato de que o Estado não é a representação do povo.

Assim, a sua representação é realizada por forças de poder de maiores escalas, como as multinacionais, transnacionais e outras organizações. Nesse sistema, cidadão é aquele que consome em maior escala e quanto mais é o seu poder de barganha, quanto mais será seu poder de ser cidadão.

De acordo com Milton Santos (2007), nenhum modelo econômico deve ser tomado de maneira isolada numa gestão de território. Para o autor, a sociedade é muito mais do que simples modelos econômicos, que visam apenas manter-se no mercado internacional de compras e vendas. A sociedade é uma múltipla- complexidade de fatores e cada indivíduo é o reflexo vivo das determinações que cada espaço lhe confere, somos o que o mercado deseja.

Um modelo econômico, tomado isoladamente, e por melhor que ele pareça, não bastará para que os grandes problemas da nação sejam solucionados. A sociedade é mais que a economia. Um modelo que apenas se ocupa da produção em si mesma (ainda que as diversas instâncias produtivas estejam incluídas: circulação, distribuição, consumo) nem mesmo para a economia será operacional. A sociedade também é ideologia, cultura, religião, instituições e organizações formais e informais, território, todas essas entidades sendo forças ativas. Não é tanto ao modelo econômico que devemos o extremo grau de pobreza de uma enorme parcela da população, o

nível de desemprego, as migrações maciças em todas as direções e a urbanização concentradora gerando metrópoles insanas. Sustentamos que tudo isso se deve, em avantajada proporção, ao modelo de cidadania que adotamos. O hábito de tudo pensar em termos econômicos impede que o jogo de outras causas seja levado em conta (SANTOS p.122).

Milton Santos (2007) afirma que o homem moderno talvez seja mais desamparado do que seus antepassados, pelo simples fato de viver numa cidade informacional, mas que lhe recusa o direito a se informar, uma vez que cada segmento da sociedade recebe a carga informacional conforme o seu território habitado. Para o autor, as desigualdades sociais são desigualdade nos territórios, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra e, por isso, seu tratamento não pode ser alheio às realidades territoriais.

Desse modo, os aparatos que condicionam cada ser na sua concretude, em meros consumidores passivos, colocam cada ser em uma espécie de roda viva, pois tanto podem ser um ator principal, como meros atores coadjuvantes. A dialética social ao individual permitirá ver as suas representações, dentro de sua forma mais individual, e vai interferir na sua representação maior, que é o coletivo. O autor italiano Massimo Canevacci, é um antropólogo, etnógrafo e comenta em dialética do indivíduo (1984) da condição de individualização/isolamento, a qual se constituiu dentro de um processo histórico cultural e que proporcionou uma estratificação natural de classes.

O desenvolvimento histórico cultural da humanidade e ou pelo menos, foi o que ocorreu até a fase atual. Também um contraditório processo de individualização. Mas não do homem abstrato, puramente natural ou neutramente social, e sim do homem concreto, ainda que com sua capacidade única de realizar abstrações, em suas estratificações naturais de classe, em suas diferenciações raciais, sexuais, gerenciais, em suas diversidades culturais (CANEVACCI, 1984, p.7).

Essa individualização competitiva, será o modo como o homem construiu e construirá suas experiências, sendo que a sua gênese, organização, fragmentação e padronização, são todos frutos dessa abstração, metáfora que se dá numa dialética individual e social. Nesse contexto, o homem vive sobre regras no coletivo e no individual, coloca-se como ser que poderá romper obstáculos através da competição e de um consumo exacerbado, seu papel dentro da cidade será condicionado pelas suas ações individuais e coletivas.

Assim, surge o que Massimo Canevacci distingue como consciência coletiva e individual, dentro do seu papel de construção da existência. Esse processo de consciência irá se fundir na existência do reflexo do indivíduo (visão) no coletivo e vice-versa.

Há um momento em que essa visão universal irá se cindir em Nietzsche, para quem a metáfora do diamante só pode pertencer ao verdadeiro indivíduo - o super-homem e sua vontade de potência [...] de qualquer modo, será somente a parte do renascimento - precisamente com o surgimento daqueles, “destino do indivíduo” que foram sempre ligados ao desenvolvimento da sociedade urbana, razão porque “o habitante da cidade é o indivíduo por excelência” - que o termo indivíduo irá assumir o preciso significado de homem singular que se diferencia dos interesses e das metas alheias [...] ou seja: instaura-se uma dialética entre a auto consciência do indivíduo e a autoconsciência social, que permite ao indivíduo tomar consciência de si tão somente em relação a um outro indivíduo, até chegar à descoberta e formalização daquela substância secreta que legitima o reconhecimento da individualidade para alguns e a exclui para outros: a propriedade (CANEVACCI, 1984, p.9).

Agora o fetiche das mercadorias se dilata e penetra até o interior da psique dos indivíduos. Todos, sem exceção, participamos da vida dentro de um coletivo, vivemos uma espécie de construção, re-construção e destruição das experiências e dos lugares, para novamente ressurgir a construção. Copiamos e criamos de formas diferentes, vivemos uma espécie de sincretismo universal, ou seja, as classes existem, mas o único que pode conquistar ou perder é o indivíduo.

Nesse cenário, criamos a nossa existência numa contradição, onde o sujeito comporta-se num refinado jogo de aparências, onde todos pertencem, mas nem todos podem consumir, nem transitar em condições sociais de mesmas proporções. Cada segmento da sociedade será condicionado pelos atos e práticas de cada instância, proporcionada pelas atitudes coletivas e individuais, as quais são pertencentes.

Vivemos sempre ondas de mudanças e grandes conquistas, mas também vivemos sempre aprisionados com as nossas limitações. De um modo mais claro, é a questão de auto-representação que vivemos atualmente, que nos limita, nos condiciona e nos impõe o que somos.

Em um sistema democrático, vivemos sobre uma esfera de direitos e deveres, onde a questão da cidadania é o auge desse sistema. Porém há controvérsias e não é pelo

simples fato de alguém ter o direito a uma célula de identidade, que seja um cidadão pleno.

A sociedade burocratizou de todas as formas o sujeito, visto que, para ser cidadão real, a carga de cada ser deve ser integral e não somente condição de pertencer a uma classe social. Para tal, devendo ser um sistema de auto-representação e não uma delegação de poderes a cada um, apropriando-se do direito e dever dessa figura simbólica que é o ser cidadão. Portanto, vivemos aprisionados sobre o desenvolvimento universal dos indivíduos, sobre a subordinação de sua produção social. Cada ser pode fazer parte a qualquer hora, de cada seguimento da sociedade, desde que contemple as condições materiais emonetárias, necessárias para tal. Assim, é visto que a vontade de potência está no âmago do indivíduo, sendo que opressor e oprimido são faces da mesma moeda.

De acordo com Marx, a história do indivíduo pode ser dividida em três fases às quais corresponde, segundo seu método, uma tríade dialética: as relações de dependência pessoal (inicialmente sobre uma base natural) são as primeira formas sociais. A independência pessoal, fundada sobre a dependência material, é a segunda forma importante, na qual chega a constituir um sistema de intercâmbio social generalizado, um sistema de relações universais, de crescimentos universais e de capacidades universais. A livre individualidade, fundada sobre o desenvolvimento universal dos indivíduos e sobre a subordinação de sua produtividade coletiva, social, a seu patrimônio social. O segundo cria as condições do terceiro (Canevacci, p.21).

A dialética do indivíduo é dada pela sociedade individualista por excelência, onde se realiza como ser autônomo do capital, e com repressão da esmagadora maioria dos indivíduos, fruto dessa ilusão de uma falsa autonomia. Os “indivíduos foram domados”, essa expressão manifesta o estado de atrofia do ser, consequência de um ato de imitação coletiva, dado pelo indivíduo.

Muito menos misteriosamente, todos os que são excluídos do supra-citado “nós” são excluídos da individualidade, precisamente enquanto privados de espírito. Imitando inconscientemente os povos mais “primitivos” - que, não por acaso, eram por eles desprezados -, diziam que o diferente de si mesmo é um não-ser: contra ele pode ser cometido qualquer atrocidade com a diferença, em relação aos povos primitivos, de que o mistério da ausência de espiritualidade mas sem- sujeito é decretado após séculos de teologia, de filosofia, de racionalismo. A mulher é natureza, cuja ferida que todo mês volta a sangrar é uma advertência contra qualquer desvio do estereótipo “viril”; o operário é estômago, na tradição do mais vulgar dos apólogos de

Agrippa, negros, judeus e, em geral, todos as raças diferentes são postas na condição de espécie inferiores na escala evolutiva. Todos esses não-eu são caracterizados por sua subordinação ao “materialismo”; são exceções sem regra do espírito absoluto, angústia concreta de Deus e de quem ocupa seu lugar, assim como os animais para o velho idealismo. De resto o extremismo idealista - sem se preocupar com as aporias - experimentará paixões imoderadas pelas máquinas produtivas e destruidoras, como no futurismo marionetiano. Depois da crise de 29 [...] com a firmação das gigantescas sociedades anônimas de tipo multinacional, inicia-se um novo processo invertido em relação ao anterior: só os tradicionais excluídos da individualidade reivindicam a possibilidade de retomar a expansão da subjetividade, em conexão com os seus específicos modos de ser: o indivíduo-operário, o indivíduo-mulher, o indivíduo-estudante, o indivíduo-outro [...] os sem-sujeito emergem como negação materialista única da pessoa capitalista (CANEVACCI, p. 28-29).

Nesta etapa da tese, se analisou as manifestações que colocam os seres humanos com suas racionalidades, em circunstâncias de ordens coletivas e individuais e com consequências em ambos. Por isso o indivíduo, quer seja sujeito ou não, cidadão ou não, usuário ou não, todos fazem parte desta “totalidade”, sendo o manifesto de um modelo de vida, o qual nós humanos programamos, absorvemos e obedecemos. Foi preciso caminhar com alguns aspectos que dizem respeito aos indivíduos, para poder rever alguns processos que são desenvolvidos em outras esferas, mas que conduzem uma espécie de ação e reação, em relação às atitudes ou omissões de cada indivíduo.

Concluiu-se que a construção da subjetividade do indivíduo não tem uma origem única, mas vem de esferas distintas e entrelaçadas, tais como: econômica (questão do consumo e do trabalho), cultural (identidade e forma de sociabilidade) e política (crise das formas coletivas). A subjetividade do indivíduo se caracteriza não só pela privação material, mas principalmente porque essa mesma privação desqualifica uma classe, ou um ser. Foi constatado também, que um dos fatores geradores da desigualdade entre os homens, é a *competitividade*.

Nos discursos midiáticos, políticos, religiosos, etc., notou-se um apelo para que amemos uns aos outros, mas na prática devemos competir e ser individuais ao extremo, em atitudes que desencadeiam desigualdade de ser e estar, pois a própria competitividade não é possível sem haver a exclusão. Percebe-se também que uma das causas da desigualdade entre os homens é a relação que se dá entre os indivíduos, no

auxílio e no uso do outro como benefício próprio. A questão de delegar o poder de representação, está imbricada nessas práticas bem como a questão do trabalho, nas suas estratificações com sua necessidade do excedente.

A exploração e dominação são os processos que fazem com que a desigualdade não seja erradicada. Portanto, os lugares geográficos são vivos e não inertes, sendo os mesmos, o resultado de relações sociais. Os territórios de uma cidade, de uma rua, de um bairro, de um município, etc. devem ser sensíveis aos olhos do pesquisador e, num caso externo, a todos os seres da sociedade.

Entretanto, essa questão não se fecha numa dialética marxista, pois, apesar de a questão materialista ser contemplada com muita propriedade nessa dialética, considerando como nenhuma outra teoria o aspecto social, não abrange profundamente a dialética do indivíduo. Com isso, evidencia-se que a dialética marxista teria muito a ganhar com um diálogo com teorias de tendências existencialistas.

Nesses caminhos, a ciência deve ser interdisciplinar, sem fragmentação de especialidades fechadas. Portanto, a sociedade não pode ser analisada sob formas de modelos perfeitos, pois a própria forma (coletiva e individual) não é perfeita. A relação que cada indivíduo estabelece com o modo de produção capitalista, condiz com uma pseudo-autonomia e cria, na maioria dos indivíduos, uma repressão, visto que a dita autonomia é controlada e combinada dentro do dito consumo dirigido.

Todos os espaços geográficos (velho mundo, novo mundo, novíssimo mundo, sistema mundo) são formas e sentidos criados por nós. Os sistemas são complexos e identificam os lugares conforme normas, qualificações e quantificações. Cada período é caracterizado pela existência de um conjunto coerente de elementos, de ordem econômica social, política e moral, que constituem um verdadeiro sistema.

Não importa a escala dos lugares, elas são a sede dos movimentos que culminam com o que é chamado de globalização da natureza e isso inclui os homens. Foram criadas estruturas e ações que condicionaram e serviram de base para o surgimento de um mercado mundial de produção e consumo.

Com base nisso, o propósito desse momento da tese foi observar as condições pretéritas e futuras, através das quais foram criadas as condições de nossas cidades, espaços que são ocupados por seres humanos e que, através de relações de consumo e distribuição, promoveram e promovem relações desiguais.

A noção de produção tem um conteúdo mais amplo do que o que a economia lhe confere, pois essa se vincula a produção do homem, às condições de vida da sociedade em sua multiplicidade de aspectos e o modo como é por ela determinado. A cidade não é apenas um local em que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos. Uma cidade é um local onde pessoas se organizam e interagem com base em interesses e valores os mais diversos. Assim, as cidades são estruturas condicionadas pela valoração do mercado, onde cada qual terá um acesso distinto, dentro da produção, distribuição e circulação.

De acordo o autor Edgar Morin (1998), o problema consiste em saber quais são estas inscrições, enraizamentos e dependências, dentro dos processos de relações, assim, o estudo entrou na dialética do social ao indivíduo. Nesse cenário, criamos a nossa existência numa contradição, onde o sujeito comporta-se num refinado jogo de aparências, onde todos pertencem, mas nem todos podem consumir nem transitar em condições sociais, distribuídas no mesmo patamar. Cada segmento da sociedade, será condicionado pelos atos e práticas de cada instância, proporcionadas pelas atitudes coletivas e individuais, as quais são pertencentes.

Agora o fetiche das mercadorias se dilata e penetra até o interior da psique dos indivíduos. Seja qualquer indivíduo, rico ou pobre todos fazem parte da mesma moeda. Todos, sem exceção, participamos da vida dentro de um coletivo que é as cidades, vivemos uma espécie de construção, re-construção e destruição da cidade e dos hábitos urbanos, para novamente ressurgir a construção. Copiamos e criamos de formas diferentes, vivemos uma espécie de sincretismo universal, ou seja, as classes existem, mas o único que pode conquistar ou perder é o indivíduo.

A sociedade burocratizou de todas as formas o sujeito, visto que para ser cidadão real, a carga de cada ser deve ser integral e não somente condição de pertencer a uma classe social, devendo ser um sistema de auto-representação e não uma delegação de poderes a cada setor, apropriando-se do direito de ser cidadão. Portanto, vivemos aprisionados sobre o desenvolvimento universal dos indivíduos, sobre a subordinação de sua produção social. Cada ser pode fazer parte a qualquer hora, de cada seguimento da sociedade, desde que contemple as condições monetárias necessárias para tal, visto que a vontade de potência está no âmago do indivíduo.

Nesse contexto, opressor e oprimido são faces da mesma moeda. A vontade de potência escraviza o homem na sua interioridade, no seu pensamento, no seu desejo, na ausência de um autoconhecimento e nas suas ações com os outros, o que confere ao homem a lei do desenvolvimento desigual, que transforma a capacidade de cada ser, em mero produto de uma sociedade estratificada por condutas, que servirão de controle de si próprio.

Assim, a própria história do homem é banalizada na sua inferioridade, diante do fato de ser mero consumidor, desconhecendo desse modo a sua própria potência atual, ou seja, opressor/oprimido, ambos no mesmo ser.

MOMENTO II

2.1) CONSCIÊNCIA DA REALIDADE NA PERSPECTIVA DO FILÓSOFO ÁLVARO VIEIRA PINTO

Nesse momento da tese, a proposta de estudo/pesquisa que é apresentada, tem como objetivo refletir o homem que temos diante do desenvolvimento atual. E, por fim, qual homem desejamos formar para o futuro desta nação, viabilizando, desta maneira, um projeto de existência, seja ele planetário, nacional ou até mesmo local. Para isso, faço um ato de reflexão sobre as condições da existência, seja ela individual ou coletiva, diante dos estudos do filósofo Álvaro Vieira Pinto, que ao retratar a “consciência da realidade” do Brasil, colabora com pontos cruciais da nossa condição de seres ocupadores e formadores de espaço.

O autor fala de uma ação da/pela “comunidade”, que para ele é o reflexo da idealização reflexiva nos projetos, sejam eles da consciência do indivíduo ou do coletivo, nas suas múltiplas dimensões, que podem ser críticas ou ingênuas de acordo com a forma que o homem vive. Dessa forma, os indivíduos se organizam conforme seu status em cidades e em suas organizações, sendo essa uma forma de estar, de se inserir e de almejar no dia a dia das convivências, frutos das relações do coletivo ao indivíduo (formas consentida, tolerada e desejada). Esta organização é dada por leis universais, da lógica mercantilista de comercialização das existências, dentro de um regime dito democrático, onde cada indivíduo é visto como cidadão (ou seja, como um mero consumidor); mesmo assim, cada segmento tem sua realidade dentro desta sociedade.

Além do mais, cada segmento faz parte de um todo e este todo confere as atitudes e não atitudes, que esses seres submetem-se e são submetidos, sendo essas justificadas em cada período histórico elencado. Portanto, precisamos especificar a ‘consciência da realidade’, das relações entre as representações coletivas e individuais, visto que os indivíduos e o individual figuram como elementos originários da sociedade, sendo esse também, constituído por consciências e como finalidade das relações sociais.

Desse modo, em um estudo a cerca da consciência da realidade no Brasil atual, precisamos ter claro o momento político- histórico que enfrentamos.

Antes de discutir qual modelo de desenvolvimento o Brasil vive nos dias atuais, é preciso, segundo o filósofo Brasileiro Álvaro Vieira Pinto, refletir qual homem temos hoje para esse desenvolvimento e qual homem desejamos formar para o futuro dessa nação, viabilizando dessa maneira um projeto de existência nacional. Muitos poderiam inferir que tal projeto passaria a gerar xenofobismo, protecionismo ou preconceito a outras nações, mas essa ideia vai em desacordo com as teorias do autor, o qual defende dessa forma a estrutura para um país fortificado e com economia interna baseada no capital local.

Embora a “historiografia” do país é clara em dizer alguns ufanismos Brasileiros (como “Deus é brasileiro”, “somos o país do futuro”, “o milagre brasileiro”, “somos os melhores”), sabemos no entanto, que esses são apenas estigmas equivocados a cerca da nossa realidade, os quais precisam ser desmistificados. Outros exemplos que vão contra um projeto bem alicerçado de existência nacional, dizem respeito tanto ao pessimismo nas falas de discursos que colocam o outro, o estrangeiro, sempre como melhor, quanto a vivência do saudosismo que vive o povo brasileiro; saudosismo esse, que designa um pessimismo em relação ao presente e um otimismo em relação a um passado de glória, esquecendo muitas vezes o imenso atraso, miséria, sofrimento e opressão de muitos brasileiros que viveram as glórias de poucos e este saudosismo muitas das vezes grita que o bom do Brasil foi o da Ditadura Militar ou ainda, o governo do Getulio Vargas.

O “historiar”, que é um processo de conhecimento que pretende reconstruir os acontecimentos no tempo, sem mascarar as tensões sociais, diz que o país diante deste caráter sensível, sem reflexão, configurado numa análise abstrata e com falsa visão absoluta das realidades, perde de vista o real condicionamento da sua situação, ficando anestesiado pela dinâmica de olhar somente para o seu umbigo. Dessa forma, o espaço que passa a alcançar, é apenas o do seu horizonte próprio, tendo em vista somente interesses de instituições, corporações e do Estado, o qual, nesse contexto, é uma extensão dos próprios interesses particulares. Como toda consciência é constituída de um ponto de vista, caberá saber que tipo de conhecimento sobre sua própria existência tem o povo brasileiro, para daí sim, saber qual o tipo de desenvolvimento que pode ser alcançado.

No momento de tese, é defendido que a emancipação é somente individual e nunca pode ser de uma classe como um todo. Assim, sucessivamente nas hierarquias sociais ou segregações espaciais, todos fazem parte do espetáculo de suas próprias existências e a existência faz parte do consumo. Por este caminho, a busca é deflagrar e rever processos auto-analíticos da sociedade, perante suas ações dentro dos coletivos sociais, para uma proposta de auto-gestão das consciências na realidade nacional.

A auto-análise consiste em que as comunidades mesmas, como protagonistas dos seus problemas, necessidades, interesses, desejos e demandas, possam enunciar compreender, adquirir ou readquirir um pensamento e um vocabulário próprio que lhes permita saber acerca de sua vida, ou seja: não se trata de que alguém venha de fora ou de cima para dizer-lhe quem são o que podem, o que sabem, o que devem pedir e o que podem ou não conseguir. Este processo de auto-análise das comunidades é simultâneo ao processo de auto-organização (Barembliitt, 2002, p17.).

É diante do método progressivo-regressivo e da análise institucional, que recorro para absorver o discurso de Álvaro Vieira Pinto sobre a sociedade, vista pelo aspecto de ser um tecido institucional, que se articula e se interpenetra entre si, para regular a produção e reprodução da vida humana sobre a terra e a própria relação entre os homens. Para que a funcionalidade da instituição sociedade seja benéfica ao homem, o social, estes deverão estar acompanhando as transformações da vida social e produzindo mudanças e aperfeiçoamentos para difusão da consciência crítica.

Ainda dentro dessa análise, torna-se pertinente certas indagações para dar continuidade ao entendimento desse processo, entre elas destacam-se: Que tipo de demanda as comunidades/coletividades precisam para sobreviver? Cada comunidade é, perante as outras, autônoma para suas vivências e escolhas pessoais? Quem ordena essas demandas? Qual é o grau de noção, compreensão e controle dos recursos e suas formas de organização? O que deverá possuir para a solução dos seus problemas? Existe organização?

Assim como compreender os problemas do homem brasileiro e de seu contexto no âmbito nacional e mundial, muitas são as perguntas que não calam a todos que se indignam com situações de miserabilidade de uns e riquezas escandalosas de outros;

dentre elas: será que haverá neste cenário homens privilegiados de um lado e homens fadados ao fracasso e a opressão de outro?

Desse modo, ao decorrer do trabalho, fiz uma visita a um filósofo (demiurgo) brasileiro, Álvaro Vieira Pinto, que idealizou o instituto superior de estudos brasileiros (ISEB), o qual tem sua busca centrada no entorno de uma clareza sobre as velhas estruturas numa influência sobre novas roupagens e que são representativas de nossa sociedade, o qual, por opinião própria, deveria contribuir mais para os estudos em questão, já que discorre sobre a sociedade brasileira. Assim, para esse autor desenvolvimentista, a questão trata-se de uma luta entre os modos de pensar representativos de atitudes e de interesses antagônicos, no interior da mesma comunidade.

Ainda nesse contexto, a mobilidade do real é incessante e sempre houve e sempre haverá modalidades de consciência opostas, gerando assim, maior ou menor impacto nas realidades através de suas realizações. Desse modo, é interessante e necessário um olhar para a “origem, significado e valor da consciência nacional”, tríade essa que foi um dos maiores interesses do autor em pauta.

Para o autor Vieira Pinto, a atual fase apresenta o nível de consciência no processo da realidade, o qual serve não só para uma interpretação, como instrumento de discussão dos problemas gerais da consciência da realidade, mas o caso especial da realidade histórica e política, construída pela sociedade brasileira. Este fato não condiz com a ideia de sociedade abstrata, mas sim uma sociedade numa realidade concreta. Sua gênese dá-se num espaço físico e político, pela existência do território contraditório e combinado dos seus recursos materiais e naturais, junto com as transformações que constituem o fundamento de suas estruturas sociais e pelas atitudes que assume perante as relações com outras entidades da mesma natureza. Por estes meios, é fator de especificidade da realidade, rever a nossa gênese e função dentro de cada setor da realidade, seja ela qual for a sua instância, seja ela coletiva ou individual.

É nesse discurso que necessitamos colocar os nossos problemas em pauta, não numa mera solução paliativa e superficial dos fatos, mas uma inteira necessidade de uma compreensão dos nossos problemas particulares. Assim, dentro do progresso de desenvolvimento da racionalidade humana desigual e combinada, é um progressivo domínio das forças de produção, onde a cultura entra como bem de produção e consumo. A história demonstra que as produções dessas relações não ocorrem na mesma magnitude de forças. Portanto, essas disparidades acontecem sucessivamente entre as sociedades, geografias, economias, classes e instituições, onde a cultura do capitalismo global desenvolve a cultura do consumo dentro da cultura global e local.

Sendo assim, acredito ser preciso denunciar e problematizar a pretensa homogeneização no “cotidiano” da existência, dentro dos modos de vida e estilos de vida, onde todos vivem e convivem como se fossem iguais, tendo isso como um fator discriminatório e que evidencia as contradições da sociedade.

Na cidade palco das objetivações existenciais, conforme o geógrafo Milton Santos (1997), nem todos são consumidores dentro do sistema, para mim fechado de objetos e ações indissociáveis, mas digo: discordando e concordando, todos são consumidores, mas cada um atinge o consumo merecido ao seu status, dentro da sua posição social e de seu lugar onde vive, portanto, não merecem ser chamados de cidadãos.

Acredito que para almejar ser um cidadão das cidades, é necessário obter uma maior amplitude de conhecimento de mundo, junto com suas contradições, visto que apenas o consumir não confere este grau. Tal ideia poderá ser reforçada numa visão poética, numa transmutação dos seres através dos movimentos, de acordo com a visão do poeta Mario Quintana (2006, p.117), que dissertou sobre o ser no cotidiano. Nas suas colocações, colocou ricos e pobres, ambos como espetáculo predileto uns dos outros.

Assim, a análise da conjuntura econômica capitalista, foi; útil para mapearmos o tipo de dialética exclusão/inclusão (BANDEIRA, 2010), gerada nos ciclos de condução da economia capitalista (espaço- tempo). Nesse âmbito, as forças externas das elites

dirigentes, combinadas com opções de induzimento econômico, explicam as nuances dos ciclos econômicos e a demarcação da espacialidade geográfica nestes ciclos. Mas para tanto, precisa ser quebrado as nuances, as artimanhas dos processos no ser; deste modo, o invisível condiciona o ser social na sua consciência que lhe cabe como ser social.

A inserção do indivíduo na sociedade, é proporcional ao seu estigma e ao lugar que ocupa. Os estigmas são, de um lado, pejorativas como: preguiçosos, malandros, marginais, pobres, excluídos e gente perigosa; de outro, os senhores detentores do ter e do ser: doutor, patrão, chefe. As disparidades são facilmente visíveis no espaço urbano: suas condições de vida, sua habitação, o acesso à educação, ao lazer, todos em uma escala mínima ou máxima dependendo do lugar que se ocupa e são fatores que criam uma cultura endógena das periferias, ou dos centros, cultura essa da mendicância e miserabilidade, a do não acesso ou do acesso, da corrupção ou do jeitinho. Surge então, nesse contexto, o ser da periferia, da favela, da vila, do mocambo, do subúrbio, dos palacetes, sendo que os lugares onde habitam são “alvos” de agentes manipuladores da sociedade civil, das igrejas e do Estado; a sociedade faz parte destas instâncias. Para essas pessoas, a política social foi e segue sendo desenvolvida de uma forma assistencialista, paternalista e não de caráter de emancipação.

Cabe então um questionamento a cerca desse momento: será ele é fruto da consciência coletiva ou de consciências privada?

A consciência privada e a consciência coletiva são fatores importantes de análise para cada momento de um processo histórico. Nessa linha pode-se inferir que a sociedade, por seus diversos grupos e classes, produz coletivamente várias imagens de sua existência, as quais irão determinar os julgamentos sobre os fatos, projetos de ação e ideias que a sociedade adotou ou adotará. Dessa maneira, é pertinente entender o duplo papel desempenhado pela consciência individual, crítica ou ingênua, ao exprimir a sua representação da realidade ou perceber que o faz, enunciando um julgamento pessoal, diante das condições que essa consciência possui de sua realidade. Segundo o filósofo Álvaro Vieira Pinto, para falar de uma sociedade em geral, é importante referir à

subjetividade individual, resolvê-la na multidão das pessoas que a compõem e examinar de que modo e por quais mecanismos se organizam as modalidades coletivas do pensar.

A formação da consciência individual a partir da vivência do estado criado para cada homem pela sua participação pessoal no processo econômico [...] A consciência das classes ou grupos uniformiza-se, sem dúvida, pela comunidade de fundamento econômico [...] Interessa-nos, para o fim que nos propomos, apenas este aspecto: quais as diferentes modalidades de consciência que se constituem no todo social, em virtude do poder, o indivíduo transformar a sua compreensão da realidade, motivada pela posição pessoal, em enunciado a que atribui valor coletivo? Quando cada membro da sociedade acredita que pensa em concordância com os demais, este pensamento é subjetivamente social, e como acontece que a situação condicionadora do seu modo de pensar se repete para outros indivíduos [...] o importante está em procurar a raiz dessa consciência, tornada coletiva, na transcrição social do pensar pessoal, graças a atribuição dada pelo próprio indivíduo, de um significado geral. (Pinto, 1960, p.19- 20).

Para esse filósofo, é na multiplicidade de consciências, nas suas modalidades de consciências, que afirma existir a consciência ingênua e crítica. Sendo que a “consciência, é sempre um conjunto de representações, ideias e conceitos, organizados em estruturas suficientemente caracterizadas para se distinguirem tipos e modalidades” (Pinto, 1960, p.20). Sob estas modalidades é preciso distinguir entre conteúdos da consciência e conteúdos da percepção, por ela própria do condicionamento desses conteúdos, os quais poderão apresentar graus variáveis de clareza na representação dos seus conteúdos.

Ainda nessa linha de pensamento, enfatiza-se a mentalidade ingênua, a qual pode dar todos os graus de clareza, os quais se definem pelo modo como a consciência explora a sua própria esfera interior de representações. Não sabendo do seu condicionamento, ou negando-o, a comunidade estará excluída da condição crítica.

Para o autor em questão, não há consciência privilegiada ou grupo privilegiado, sob qualquer condição de existência. O que poderá tornar-se um diferencial é a origem da sua condição própria, a qual determinará a sua forma de pensar, autêntica ou ingênua, para tanto lhe basta reconhecer os motivos que a determinam e sua clarificação sobre a sua realidade. Com isso, ele descarta qualquer princípio aristocrata, senhorial ou doutoral que atribua a certos segmentos da sociedade, ou personalidades, o monopólio da verdade. Sob este viés, para qualquer ponto do espaço social torna-se possível

alcançar a consciência crítica, sendo preciso romper com os aspectos condicionadores dentro da sua própria existência.

Portanto, mesmo nos graus ditos incultos da sociedade, a consciência crítica consegue perceber a sua condição vigente e com isso, pensar o seu próprio existir dentro de uma pré- condição objetiva na qual se encontra. Embora a combinação perfeita para uma consciência da realidade nacional, seja aquela que consegue ser esclarecida e crítica ao mesmo instante, consegue-se ampliar ao Máximo o seu conteúdo de representações, através da vinculação dos fatos e das coisas, para poder produzir e conduzir uma explicação da sua realidade. O autor ressaltar que não basta pertencer a uma consciência esclarecida e, segundo ele, ingênua. Ele também faz uma crítica a certos segmentos de sistemas filosóficos e sociais da sociedade, a certos modelos políticos e econômicos de condução da sociedade, os quais por fins individuais e não coletivos, interpretam e conduzem a sociedade sob uma radical ingenuidade.

Ainda inserido nessa linha de pensamento, temos que dentro de uma realidade nacional não poderá haver ponto de vista absoluto na apreciação da realidade, pois todo o ponto de vista é carregado de um condicionamento visto de uma posição, que afeta qualquer outro e que dependerá de maior ou menor grau de clareza dentro da realidade que formaram os indivíduos ou coletivos da sociedade para ser entendido.

Todo o indivíduo, enquanto elemento do universo racional, esta sempre “em condições” de interpretar a realidade, precisamente porque só existe “em condição”, isto é, condicionado pela circunstância do seu existir, sendo por isso capaz de construir um ponto-de-vista possível sobre aquele universo, a representação do real da posição onde se encontra. (Pinto, 1960, p.23)

O pré- conceito criando um caráter pejorativo, que identifica uma consciência pobre (ingênua) com a posição social humilde, é totalmente errôneo, do mesmo modo, não pode qualificar uma consciência crítica. Aqueles que dominam a sociedade pela posição de classe social, não terão essa ditando suas virtudes ou suas percepções como as mais valiosas ou as de maior credibilidade perante as outras. O esclarecimento que a sociedade poderá ter da sua realidade, será definido conforme a sociedade definir, através da sua condição de existência, dentro da “ideia geral” e poderá ser perfeitamente uma consciência dita ingênua do existir.

Uma consciência é tanto mais capaz de representar a realidade quanto melhor conhece: a) as ideias gerais de que está servindo para formular a sua representação; b) a razão por que são essas, e não outras, as ideias gerais que utiliza. (Pinto, 1960, p.25)

A consciência situa-se dentro de um ponto de vista e, para ser uma consciência crítica, deve estar incorporada por um vasto conjunto de fatores que contemplam a realidade, sendo capaz de colher uma enorme gama de aspectos que objetivam o mundo real e que servem para critério de ação e julgamento da realidade pelo indivíduo. Esse esclarecimento sobre a realidade, deverá ocorrer mediante a representação da ideia de comunidade pelo indivíduo, que poderá ser dividida em duas classes, as quais representam ideias distintas, que se contrariam nas suas ações; ideias essas “que não tem por objeto imediato a própria comunidade e ideias que se referem à comunidade como tal” (Pinto, 1960, p.27).

A capacidade da consciência na representação da realidade, ocorre frente ao conhecimento articulado, dentro dos aspectos físicos e sociais e tornarão a sua visão de conjunto, mais capaz de mediar as ações da comunidade; caso contrário, a consciência da realidade refletirá aspectos particulares que não serão objetos de um projeto da comunidade. Para o autor, só é pensamento da comunidade, mediante ação do existir, do reflexo do pensamento na existência, aspectos do real que dão significados aos fatores da totalidade.

Para o filósofo Álvaro Vieira Pinto, dentro de cada momento histórico, há fatores constituintes da sociedade, que servem como pontos de análises, entre os quais estão à consciência privada e a consciência coletiva. O esclarecimento que cada uma terá da realidade, ocorrerá através da reflexão sobre as ideias gerais da sua comunidade e do seu país e de acordo com a sua clarificação da condição, que poderão ser consciências críticas ou ingênuas. A capacidade de organização, de representação de uma realidade, será medida através do quanto esta consciência consegue ter a percepção das ideias, que o constituem como sociedade e ser uno. Mediante isto, passa-se a distinguir os processos de constituição de uma realidade, as razões pelas quais se age, as ideias ou práticas utilizadas dentro dos mecanismos da suas existências.

Sendo assim, uma consciência crítica deverá sob o seu ponto de vista, conduzir e projetar a sua realidade através de uma gama de fatores que condizem com a realidade, onde um maior nível de fatores idealizadores seja incorporado dentro da complexidade do social. Primordialmente, a realidade comporta duas classes de fatores que contribuem para a construção e realização do desenvolvimento da sociedade, os quais são enfatizados segundo autor como fatores materiais e ideais. “Os fatores materiais são, como o nome diz, o substrato físico da comunidade, o ambiente, natural ou artificialmente criado, em que assenta e que explora para subsistir”. E os fatores ideais por sua vez, constituem “as instituições de qualquer espécie, que entram na composição da sociedade e que, embora se apresente como figuras estáveis, como estruturas do real, são de fato ideias objetivas, são ideias institucionalizadas” (Pinto, 1960, p.28).

Por sua vez, o processo de desenvolvimento é o estado que a sociedade tem de si mesma, da noção e participação do momento da sua realidade atual. As etapas de conhecimento da condição na qual certa sociedade encontra-se, consentida, tolerada ou desejada, não poderá ser de forma que mascare os processos condicionadores de certa condição, dentro dos processos sociais, visto que a etapa seguinte de um novo projeto poderá vir acontecer tanto com as velhas roupagens dos condicionamentos históricos, como “novas velhas roupagens”, que ditaram o momento da sociedade através da sua ação permanente que tiver permanecido.

Com efeito, o desenvolvimento não se confunde com o simples desenrolar dos acontecimentos diários da comunidade, em que naturalmente se incluem iniciativas criadoras do processo material. [...] ao contrário, o desenvolvimento é antes de tudo um projeto total da comunidade, é um cometimento deliberado do grupo que decide mudar as condições de existência em que se encontra e ascender a forma mais alta. O desenvolvimento nunca é resultado da inércia na dinâmica da sociedade, do prolongamento da ação de alguns movimentos criadores abandonados ao efeito dos impulsos iniciais. É sempre um propósito da sociedade inteira, e por isso implica que esta se tenha convencido da necessidade de empreender esse esforço coletivo. (Pinto, 1960, p.32)

Assim, os fatores condutores e avaliadores do desenvolvimento da sociedade, são fatores ideológicos que conferem intencionalidade do ser indivíduo e do ser social, e estes por sua vez, não vivem a parte do seu momento histórico, do real, sendo que a consciência vive penetrada na relação da consciência coletiva, que é representada pela sua escala de ação, omissão ou submissão da construção da realidade vigente. A

consciência, seja ela ingênua ou crítica, não é estranha ao momento histórico; por possuir intencionalidade racional objetiva da sua ação de projetar algo, ela sempre é consciência de algo, algo que representa e participa como ser.

Para o autor, um caráter importantíssimo na plenitude do ser é a subjetividade; ele rechaça para não haver uma personificação do subjetivo como realidade em si, reforçando que é preciso o ver como caráter de ação, intrínseco ao existir humano, o qual possui conjuntos de relações. Reforça em um momento, sua posição favorável, através dos filósofos da fenomenologia, que atestam sobre o conjunto de ações subjetivas de cada ser através da ação intencional, determinando o sujeito como tal. Mas por conseguinte, segundo o mesmo, impediu de descobrir a existência da intencionalidade da consciência coletiva.

Para haver um processo de transformação de uma realidade, é preciso passar da representação subjetiva do ser, para uma representação objetivadora do mesmo. Esse ser não poderá permanecer como mero ser representante de algo, imitador de certas condições, mas operar como um idealizador, planejador das suas ações. Caso contrário, será uma “consciência inoperante dentro do círculo existencial a que pertence.

A consciência poderá ser operante ou não, através de atitudes coletivas da sua sociedade, sob um caráter dialético que operacionalize a realidade sob as potencialidades, sem ignorar nenhuma potencialidade, a qual efetive a produção de um projeto coletivo. Para isso, a sociedade deverá ser auto-representativa da ação de um projeto, que vai ao encontro de ideias do povo e não de particulares. A construção da sociedade não poderá deixar de ter uma práxis coletiva em prol do indivíduo, pois esse deverá permanecer como ser constituinte da transformação e ideação do projeto de realidade.

Por este modo, a realidade que o autor evidencia da sociedade e do nacional, é a prática vivida pelos países que se figuram como países subdesenvolvidos, que sempre acompanharam o crescimento de outros países e que, em certo ponto, imitaram a inovação destes. Sob este aspecto, pode-se inferir a cerca dos países subdesenvolvidos que não viveram a sua realidade particular e no momento atual, talvez não saibam

realmente a condição a qual pertence a sua realidade, perpetuando assim, essa dinâmica de submissão no que se refere a um crescimento dependente.

Portanto, é com a consciência social, dentro da sua noção de prática e realidade social, que essa comunidade deverá caminhar e não através de diretrizes externas e leis universais, que regem a sua postura e comportamento com a sua realidade particular. Dessa forma, chega-se ao denominador comum, por meio do qual pode-se afirmar que é através das massas que deverá ser feita a transformação e o real desenvolvimento social, pois somente ela, detém os critérios da práxis social, que são atributos do trabalho e da sua prática consciente dentro da sua modalidade de vivência social.

Pela posição, o indivíduo participa de uma práxis coletiva, a da sua classe ou categoria, criada para ele pelo grupo a que pertence, constituída antes dele e longe dele. É, pois circunstância vital onde está imerso que forma, a sua prática, porque o indivíduo a executa involuntariamente, ao se reconhecer nas configurações do seu grupo, ao aceitá-las, não desejando opor-se ou reagir a elas. [...] são a rigor atos passivos. [...] Mas há ainda um segundo determinante da práxis, e neste se representa de modo ativo o papel criador do homem. É o que diz respeito ao trabalho individual. Pelo trabalho o homem encontra objetivamente a realidade. O trabalho constitui um caso especial da ação, mas o que lhe dá especificidade é ser causa modificadora da realidade externa. [...] E, ao fazê-lo, altera a realidade, donde necessariamente ser obrigado a constituir uma representação dela, a criar a consciência do estado real sobre o qual incide a sua operação modificadora (Pinto, 1960, p.60).

Sob a postura acima, o autor Álvaro Vieira Pinto, afirma que o trabalho e a sua condição deverá recair para uma categoria existencial, visto como questão objetiva do ser, da essência daquele que produz, sendo essa a forma do homem existir, construir o espaço e a sua consciência de realidade. No entanto essa consciência não poderá ser passiva, neutra, amorfa e estranha ao homem que executa uma determinada tarefa, mas sim ela deverá cumprir o papel de transformação e percepção da realidade a partir da ação dentro de cada projeto possível.

Para tanto, uma realidade não poderá perpetuar uma filosofia existencial de outras realidades, que coloque a mesma simplesmente dentro de um pacote de normas e diretrizes sendo os indivíduos vistos como meros robôs de comunidades, sociedades dominantes. Sobre este ponto, o autor ratifica o caráter de “amanualidade” dentro do mundo (sendo essa o trabalho que revela a realidade), que é dado e concretizado pelas

verticalidades dominantes que submetem outras realidades a serviços de suas ordens. É legítimo para uma sociedade assumir as diretrizes da sua existência e isso ocorrerá quando as massas assimilarem a verdadeira função do ato de trabalhar, do porque de desempenhar certa função, do ato de executar, do saber para quem executar e, posteriormente, saber a própria representação dos seus atos.

É preciso saber que ser pedreiro, pintor, marceneiro, faxineiro, professor, advogado, médico ou, até mesmo, presidente, todos fazem parte do fator de transmutação de uma realidade. Na prática o que justifica todas estas tarefas são suas distintas funcionalidades; no entanto, o que não justifica é a estratificação através do status social, do oportunismo social, do mercantilismo social, nos quais todos estão inseridos no mundo dos negócios.

Um trabalhador executa uma função por simples ação de não saber outra; outro, realiza determinada função pelo simples fato de receber mais por ela; um trabalhador é chamado “doutor” por estar inserido a um modo de trabalho mais valorizado pela sociedade no qual esta inserido e, também, por ser rico; de forma contrária, o trabalhador torna-se peão pelo simples fato de ser braçal e pobre. Além disso, uma carga histórica herdada do tempo do escravismo (onde de um lado tínhamos os senhores, moradores da casa grande e de outro, os escravos e ainda alguns profissionais liberais), mesmo sendo hoje um ato intolerável, ainda influencia muitos dos nossos condicionamentos. Hoje a submissão é outra, as ordens são outras e o tolerável deveria ser outro.

Ainda nesse sentido, ressalta o que é preciso para um projeto de transformação de uma realidade, uma criação de uma concepção ideológica daqueles que realmente poderão mudá-la, devendo construir uma ideologia da transformação através do trabalho e a superação do simples homem braçal, para um homem pensante que projete a sua realidade.

Deverá recair sobre esta sociedade a sua condição e também essa deverá saber que somente é o ser da sua comunidade que poderá fazer uma revolução que emancipe a trajetória de suas ações. É preciso ter em mente que um desenvolvimento político de uma sociedade, perpassa por todo um projeto coletivo e não poderá caminhar com

planejamentos de outros, os quais conferem interesses de outros, que não são os mesmos da comunidade em transição.

A transformação deverá acontecer numa postura que vise a totalidade desta comunidade, “armados de um arsenal de conceitos lógicos, históricos, sociológicos e imensamente mais rico do que o fornecido pela ciência econômica estrita” (Pinto, 1960, p.105). A ocorrência dessa transformação da comunidade, não poderá ser representada pelos “índices Bovespa, índices Dow Jones, bolsa de valores Nasdaq ou FMI (Fundo Monetário Internacional)”, pois estes organismos financeiros transformam a vida da grande massa em simples metáfora, em uma simplória ilusão.

Só irá acontecer de fato uma transformação, se a comunidade assimilar conceitos que lhe forneçam uma visão real da sua representação, a qual deve ser distinta da condição atual apresentada. Sendo assim, deverá sair da ilusão que existe dentro das diferentes realidades e as pessoas até então consideradas as escolhidas, as melhores, não mais passarão a representar as suas vidas. O pensar ingênuo, o qual caminha sobre uma perspectiva de não se ver dentro de um projeto nacional, acabará deixando de absorver as coisas de cima para baixo, como até então vinha ocorrendo, tornando-se desse modo, uma consciência crítica.

O problema da realidade social passa a ser visto como mero problema de “fantasia”, quando a consciência política apresenta suas formas de ingenuidade. O prejuízo mais evidente que se tem desse efeito, que pode facilmente ser evidenciado dentro da instituição “educação”, é o de produzir uma noção errônea do processo da realidade. Partindo-se dessa premissa, a educação não deve jamais preceder os processos de desenvolvimento nacional, mas sim acompanhá-los contemporaneamente, pois ambos são condicionados mutuamente.

Deve estar bem evidente, que cada etapa desse desenvolvimento, contém metas complexas a serem alcançadas com um devido preparo e consciência e quando se tem a consciência dessas tarefas e a forma de mobilizar os fatores para alcançá-las, aí é que realmente se encontra o ato educar exigido por essa fase do processo, a qual, num processo nacional, define a cultura.

O processo de desenvolvimento cria os conteúdos autênticos da cultura, aqueles que, para cada etapa, devem constituir a matéria da educação [...] De fato, não há desenvolvimento sem consciência correspondente, ao menos implícita, e esta não sem alguma espécie de educação (Pinto, 1960, p.120).

Na conjuntura atual da realidade, a cultura é tida como um instrumento, que permite a exploração coletiva do mundo e, como meio de produção, é uma força social a serviço da sobrevivência do indivíduo e da espécie; desse modo, o homem por si só é um bem de produção. A partir desse conceito passa-se a entender a forma pela qual surgem as desigualdades sociais, com separação de classes e alienações.

De acordo com Vieira Pinto:

A raiz da separação de classes, como conseqüência da posição do indivíduo no processo social da produção dos bens, está na natureza dual da cultura, que, em suas manifestações, materiais e objetivas, é simultaneamente bem de consumo e bem de produção (Pinto,1979, p.127)

Embora a cultura surja de baixo para cima através da necessidade do conhecimento geral, nessa área começa aparecer distinções valorativas, diferenciadas em setores especializados e distribuídas em graus variáveis aos técnicos e aos próprios operários, aos seres humanos, nas suas relações de trocas e de consumo.

A partir desse processo, podemos nos referir à cultura como a relação dos homens com a natureza, através de técnicas desenvolvidas em sociedade, as quais a utilizam para sua sobrevivência e para atribuir sentido às coisas; dessa forma, torna-se diferenciada as relações de troca e de uso para cada segmento social da sociedade. Os seres passam a pertencerem ou não a tal círculo de cultura (estar inserido, é ser consumidor nesta postura). A cultura dita geral, pelo filósofo Álvaro Pinto, vista numa condição existencial, toma contornos de produção e de consumo dentro da postura de cada ser na construção das realidades. Dentro dessa linha de raciocínio insiro a ideia da cultura do “ou” mostrando faces antagônicas: é rico “ou” pobre, é latifundiário “ou” sem terra, tem casa “ou” é sem teto, precisa de cotas “ou” não precisa delas, é corrupto “ou” é honesto; sendo todas essas facetas, culturas da realidade atual.

A sociedade deverá ser induzida para o conhecimento das categorias gerais, que formam e ajudam a compreender a realidade e deverá capacitar uma ação coletiva diante do projeto de sociedade. Dessa forma, “ é um processo de raciocínio construído

sobre fatos e estes são sempre particulares a um contexto social” (Pinto, 1960,p.153). Além disso, ela deverá sair da sua condição de consciência ingênua, sob o agravante de não conseguir perceber os fatores que induzem a sua condição. Diante de um conhecimento simplório da realidade, que julga a sua capacidade como sendo absoluta e verdadeira e como uma virtude de todos, acaba não se percebendo o defeito da sua compreensão de realidade. Como bem fala o autor, ser ingênuo não é fator de deficiência intelectual, ou simplesmente manifestação de grupo privilegiado, mas condição de análise da nocividade de um pensar ingênuo dentro dos processos analíticos existenciais.

O objeto de estudo do filósofo Álvaro Vieira Pinto focou-se na realidade nacional, dentro da perspectiva em que vivia e acreditava; sua postura intelectual caracterizava-se pela busca de uma análise profunda dos aspectos do comportamento da consciência e, diante dos estudos analíticos, o mesmo chega a propor algumas compreensões sobre a estrutura da consciência ingênua do Brasil. Vivemos com grandes problemas sociais, estratificações e injustiça, perante a não participação dessas consciências, sem uma compreensão da sua realidade na totalidade de suas ações. Desse modo, o mesmo declara diante dos interesses dos seus estudos sobre a sociedade que:

Não aproveitaremos senão o espírito geral da analítica do encontro das consciências, que, como problema, é de ordem existencial, tendo por fundamento a realidade social e o fato de pertencerem os indivíduos aos diversos grupos em que se acha a sociedade. O que dizemos a seguir refere-se tão somente à dialética de consciências diferentes quanto ao grau de claridade da representação e ao modo de comportar-se, em face da mesma realidade nacional. Estabelece-se uma trama de relações entre as formas extremas, a de ingenuidade e a crítica, criam-se interdependências, ligações de complementaridade que mereceriam investigação mais extensa (Pinto, 1960, p.417).

Sobre o legado de estudos levantados por este pesquisador, destaca-se a análise feita por ele, a qual ao mesmo tempo que discute os problemas da realidade nacional, passa a colaborar também com outro viés. Coloca que a passagem da sociedade nacional para um grau crítico deverá ter esforço coletivo, não sendo apenas um acontecimento que se faz de cima para baixo, mas algo que ocorre sucessivamente através do desenvolvimento da sociedade em todos os tempos, além de inferir que o atributo de projetar é do indivíduo e reflete no coletivo. Nessa transição do ingênuo para o crítico é

que se dará a qualidade da reflexão entre os indivíduos na ora do projetar a sua obra, sendo que a sua real existência deverá vir através de uma objetivação das suas ações.

2.2) A(s) Cultura(s) como bem de consumo e bem de produção

Assim, é importante compreender que a divisão social do trabalho é fruto da cultura, aqui no “momento da Tese” trabalhada como opção teórica com o filósofo Álvaro Vieira Pinto (1979). A cultura é derivada de todo conhecimento da humanidade, das técnicas, dos padrões de conduta, é uma herança social.

O ato de inovar, dentro de etapas sociais, mediante educação diferenciada para cada momento, criou e recria as culturas tecnológicas que proporcionam divisores de tarefas e de acesso. A cultura, como a totalidade de bens materiais e imateriais, é um bem de produção e de consumo, portanto, o homem é a sua própria contradição, entra em estado de ser “coisificado”, marginalizado pela sua criação, torna-se um bem de produção e de consumo. Assim este conceito contribuirá com a temática desta tese, justificando em parte os processos da consciência da realidade, minha e do país.

Na concepção do filósofo Álvaro Vieira Pinto em seu livro “Ciência e Existência (1979): a ciência encontra-se dentro do aspecto particular da realidade geral da cultura. Com isso a origem do saber científico está ligado, a manifestação existencial do homem, pelo processo de sua origem e de sua formação histórica. É diante destes fatores que o homem mediante as suas necessidades, funções e relações com a natureza circundante vive produzindo as condições objetivas do seu ser. A cultura, “cultura em geral” denominada pelo filósofo, é uma criação do ser humano, resultado da complexidade crescente das operações de que esse animal se mostra capaz no trato com a natureza material, e da luta a que se faz na sua sobrevivência. Perante sua capacidade de inovação, a partir de uma ideação reflexiva, com práticas inéditas. As práticas vão-se acumulando na consciência comunitária, que segundo Vieira Pinto, fazem parte da “hereditariedade social dos conhecimentos adquiridos”. Todo esse processo é coetâneo ao processo de hominização, o que significa que caminha junto à cultura. A vida ao homem impõe desafios e lutas que são impostas mediante necessidades de ações coletivas, para a realização do seu ser. “Nessas ações há o acúmulo de conhecimentos que são transformados em instrumentos através da ideação, desse modo são postos a serviço de finalidades” (PINTO, 1979, p.123).

Para o autor está aqui o fator predominante da cultura na sua manifestação e concretude. A cultura é indissociável do processo de produção, sendo um fato da produção da existência em geral.

Assim a cultura é interpretada como produto do processo produtivo, ou seja, bem de consumo e bem de produção. Onde a cultura existente em cada momento histórico permanece sob as formas de ideias gerais, de teorias sobre a realidade e de objetos fabricados de acordo com a técnica então conhecida [...] a cultura é um bem de consumo, que a sociedade obrigatoriamente, mediante a educação, distribui a seus membros. Mas por outro lado, a cultura, sendo o acervo de conhecimentos e de instrumentos que vão permitir a exploração coletiva do mundo pelo homem, revelando-se claramente um bem de produção, um meio de operação sobre a natureza, uma força social a serviço da sobrevivência do indivíduo e da espécie (PINTO, 1979, p. 124).

Neste sentido, o homem é ele próprio um bem de produção. O homem produz a cultura por uma necessidade existencial, para se apropriar dela, pois é por meio dela que chega a postular as finalidades da sua ação. O que se passa em tempos como os atuais, porém, e em sociedades como a nossa, é que, por motivo do rumo tomado pela estruturação social, o homem em vez de se apropriar da cultura, de dominá-la, faz o inverso, aliena-se a ela, transformando numa realidade do espetáculo.

Para o filósofo Álvaro Vieira Pinto, o Brasil como país, nação: precisa libertar-se política, econômica e culturalmente das peias do atraso e da servidão, a apropriação da ciência, a possibilidade de fazê-la não apenas por si mas para si, é condição vital para a superação da etapa da cultura reflexa, vegetativa, emprestada, imitativa, e a entrada em nova fase histórica que se caracterizará exatamente pela capacidade, adquirida pelo homem, de tirar de si as ideias de que necessita para se compreender a si próprio tal como é e para explorar o mundo que lhe pertence, em benefício de si mesmo.

A ciência só pode tornar-se um instrumento de libertação do homem e do seu mundo nacional se for compreendida por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele o pleno significado da atitude de indagação em face da realidade natural e social. (PINTO, 1979, p.4)

A ciência e a existência se combinam segundo a filosofia de Álvaro Vieira Pinto, diante da evolução do conhecimento para os caracteres do conhecimento científico. A pesquisa científica é um aspecto, na verdade o momento culminante, de um processo de extrema amplitude e complexidade pelo qual o homem realiza sua suprema possibilidade existencial, aquela que dá conteúdo à sua essência de animal que

conquistou a racionalidade: a possibilidade de dominar a natureza transformá-la, adaptá-la as suas necessidades. Este processo chama-se conhecimento. (PINTO, 1979, p.13)

Para compreender e fundamentar o conhecimento, não poderá partir de um conceito absoluto, como é o caso do “eu penso”, simples ideia intemporal, metafísica e de garantia unicamente subjetiva, relativa a um “eu” que não é ninguém, que não está em situação no espaço e no tempo, mas do fato histórico, social, objetivo de que “nós pensamos”.(PINTO,1979, p.16)

A teoria do conhecimento tem de ser construída partindo não da subjetividade humana, que, como tal, já é um produto secundário do processo da realidade, mas da objetividade absoluta, da existência concreta do mundo em evolução permanente, da vida, como dinamismo em expansão e complexidade crescente. Ora, essa realidade em transformação contínua que se desenrola no tempo é percebida pela consciência como histórica, processo em que se enquadra uma multiplicidade de seres semelhantes a mim, convivendo comigo segundo relações definidas, ou seja, um processo que tem de ser entendido desde o início da condição social [...] no homem, tal característica consiste em que o conhecimento só pode existir como fato social [...] não do indivíduo particular que conhece, mas do grupo. (PINTO, 1979, p.18)

O traço mais distintivo da capacidade de criação do saber metódico, da ciência, encontra-se na atitude existencial do homem de estar necessariamente obrigado a pesquisar a natureza. Assim, o homem afirma-se na sua natureza específica pela permanente adaptação do mundo a si, que, obriga evidentemente ao conhecimento da qualidade das coisas, e das leis dos fenômenos, engendrados pela pesquisa praticada. O homem está “condenado” a pesquisar o mundo circundante, porque é uma nota de sua essência a de existir desafiado pelo mundo.(PINTO, 1979, p.425)

A pesquisa é social porque o pesquisador isolado ou em grupo, a empreende em razão de uma exigência, sem dúvida sentida subjetivamente, mas de origem e justificação objetivas, ou seja, procedentes de uma necessidade social. (PINTO, 1979, p.480)

2.3) O conceito de tecnologia sob o olhar do filósofo Álvaro Vieira Pinto

Álvaro Vieira Pinto, um filósofo Brasileiro, contempla, em uma de suas obras, uma discussão primordial a cerca do conceito de tecnologia, a qual é gerada por todos

nós. A partir desse tema, a abordagem e compreensão das características da essência da formulação e constituição tornam-se de grande valia para qualquer participante da sociedade a fim do mesmo entender a potência humana e suas contradições.

Ainda para o filósofo, não é possível fechar toda a estrutura do saber e fazer humano em pouquíssimas linhas, mas o ponto de partida deve ser dado. Para tanto, é preciso contextualizar, periodicizar, tornar claro a estrutura, para então compreender e analisar a totalidade, fugindo das armadilhas de um cenário armado.

Nesse caso, para dissertar a cerca do tema escolhido, poderia ter elegido outro autor mais próximo a minha área de formação, como da geografia ou até mesmo da sociologia; mas não. A *ciência* na qual procuro, deve ser vista pela totalidade; para isso, procuro romper paradigmas e concepções que não responderão por si só as minhas indagações, além de não contentar-me com alternativas fechadas, pois creio que essas devem, a todo instante, estar abertas ao discurso científico.

A obra “O conceito de tecnologia” (apresentado por Álvaro Vieira Pinto no primeiro volume sobre esse tema), aborda um homem dentro de seu processo de hominização, sob dois aspectos fundamentais: a aquisição, pela nossa espécie, da capacidade de projetar, e a conformação de um ser social, condição necessária para que se possa produzir o que foi projetado. Juntando na prática esses dois conceitos, surge o conceito de filosofia da *Técnica*, a qual é a arte de fazer surgir sempre algo novo; no entanto, “quantitativamente esse novo pode alcançar dimensões tão assombrosas que efetivamente o revistam dos aspectos qualitativamente originais”.

Neste contexto, o mesmo coloca a importância da “técnica como libertadora” e a recusa como um mero perigo de nossa espécie, concluindo com isso que sempre é o homem o construtor de seu ambiente e de sua qualidade de vida. Para ele, é um erro primordial olhar para as coisas produzidas a partir da técnica simplesmente, “pois a verdadeira finalidade da produção humana consiste na produção das relações sociais, a construção de formas de convivência”. Através da filosofia, o autor percorre e pensa o ser nacional a partir da periferia do sistema-mundo.

Sobre esse ponto, o autor defende um projeto nacional como única alternativa viável para almejar o desenvolvimento econômico, o qual engloba o propósito de rompimento de uma dinâmica, ideologicamente disseminada como universal, que é a domínio do centro da tecnologia por poucos, e onde seria reservado ao mundo da periferia a condição de “paciente receptor” das inovações técnicas. O filósofo defende que na fase atual já poderia se romper este cenário de obediência e promiscuidade da periferia perante o centro, através de um projeto nacional libertador.

Na sua concepção teórica, Vieira Pinto defende que no centro o crescimento industrial abrange, sob uma forma mais homogênea, produtividade e qualidade de vida para os segmentos da sociedade envolvidos com o trabalho assalariado. No entanto, na periferia, apenas segmentos privilegiados usufruem dos benefícios da relação com a industrialização do centro, especialmente segmentos exportadores de matéria-prima foram os que se beneficiaram com essa relação.

Assim, o mesmo ressalta que nos segmentos espoliados há uma espécie de “consciência ingênua”, um abismo, ocasionado diante das outras esferas de trabalho, assalariados ou não, gerando também a ilusão de participação da totalidade, do “mundo globalizado”.

A passagem do subdesenvolvimento para o desenvolvimento requer uma mudança coletiva da sociedade; uma relação entre o homem e o mundo no qual exige que cada um possa manusear a realidade com recursos cada vez mais elaborados, onde a consciência (crítica) da mudança de realidade deverá partir de uma clareza da mesma, uma noção do que é necessário para se mudar e o porquê é importante promover a mudança.

O modo pelo qual o homem vê o mundo tem como uma das causas condicionadoras a natureza do trabalho que executa e a qualidade dos instrumentos e processos que emprega. Sendo assim, essa clareza será dada por um processo educativo no qual a periferia, e neste caso o Brasil, consolide uma educação de projeto de nação desenvolvida, onde a alfabetização seja plena.

Desse modo, não basta o país alcançar o grau de uma nação totalmente alfabetizada no papel, mas na realidade ser “alfabetizada em escala zero”. Segundo Vieira Pinto, o analfabetismo (fato negativo) não é uma essência por si só, mas sim um grau do próprio alfabetismo, havendo assim, a necessidade de se sobressair, desligar-se desta realidade enganosa, ocorrendo desse modo um enfrentamento de uma consciência crítica com a ingênua.

O trabalho realizado pelas massas constrói suas próprias visões de mundo. Nas formas inferiores, nos trabalhos subalternos, explorados e humildes, o trabalhador não obtém noção total de sua realidade, pois não lhe são fornecidas ferramentas que lhe construam condições de percepção e de modificação de suas realidades. Para tal, há a necessidade de mobilização de suas existências, havendo um acesso pleno às técnicas vigentes.

Vieira Pinto recusa a expressão “era tecnológica”, como se não existisse susseções de eras e invenções. Para ele, o homem não seria humano se não vivesse sempre numa era tecnológica. Logo, a raiz deste debate confronta os diferentes níveis de tecnologias, através da apropriação indébita que as nações ricas fazem das riquezas do mundo subdesenvolvido ou periférico.

Esse mundo contemporâneo, concretiza-se através da diferença de acesso aos avanços tecnológicos. O conceito de “era tecnológica” se tornou, portanto, um conceito ideológico de expressão de dominação por parte dos grupos dominantes, onde a cultura do consumo dirigido é justificada por metáforas, as quais consolidam os desníveis dos países desenvolvidos entre subdesenvolvidos.

Através destes argumentos metafóricos, o conceito serve de anestésico para ambas as classes sociais sem distinção, ricos e pobres fazem parte da mesma dinâmica, dentro desse endeusamento da “era tecnológica”. Neste momento, pode-se observar aonde o autor quer chegar com essas argumentações: para a visualização das disparidades entre o centro e periferia é preciso romper o círculo infernal de uma falsa totalidade, onde todos estão inseridos e todos participam ao mesmo tempo das coisas e

decisões sobre futuro de cada nação, através da ciência unificada e da técnica. Para ele, o mundo chegou a um grau no qual não poderá recusar, mas também não poderá abrir mão, de projetar na autonomia e participação deste contexto, sem estar de fora desta dinâmica de conhecimentos e consciência de mundo.

A compreensão da técnica e da sua influência diante da mecanização do trabalho agora entra em um novo estágio, o do conhecimento. O que é produzido e que atualmente se consome faz parte da estrutura e dinâmica da economia e política da sociedade. Dessa forma, surge a idéia de que os homens nada criam, nada inventam, nem fabricam, que não sejam expressões das suas necessidades, a fim de resolver as contradições com a realidade. Portanto, nenhuma filosofia da técnica, e muito menos qualquer espécie de futurologia, será válida se não começar prever mudanças legítimas e naturais do modo de produção em vigor na sociedade, e tal desenvolvimento necessariamente conduz a fraturas e saltos qualitativos, pelos quais se instalam em certos movimentos novas formas de produção e reprodução.

Diante do mito da tecnologia, o homem projeta o seu ser não por especulações metafísicas, mas é mediante o *trabalho* que esse o realiza, e isso acontece através da transformação de realidades materiais criando condições de vida, “promovendo e estabelecendo novos vínculos produtivos com as forças e substâncias da natureza”.

Sendo assim, faz-se necessário saber a compreensão da divisão social do trabalho: O homem “desumanizado”, “coisificado”, perde sua capacidade de produção, de ser “produtor”, sendo reduzido a mero consumidor. Nessas condições de apropriação, baseado no monopólio do trabalho, há uma apropriação do trabalho alheio.

A mediação entre o homem e a máquina explica-se sob a forma de trabalho automatizado e da invenção de máquinas reguladoras e diretoras de linhas de produção. Este é um tema de interesse de pensadores no mundo inteiro, no qual se ocupam com a relação homem e máquina. Esta relação coloca-nos diante de indagações na qual o próprio Vieira Pinto se questiona: será que é o homem o único ser a quem se possa

atribuir à qualidade de ser pensante ou as máquinas atuais poderão ser também consideradas possuidoras de pensamento?

O próprio autor responde dizendo que a compreensão sobre esse fundamento é nos anteciparmos à máquina, e chegar ao seu antecedente natural: o homem, o ser que cria e projeta. A máquina somente se justifica na sua base social como fruto do processo social e do pensamento do homem, ou seja, da cultura, uma criação do homem, resultado da complexidade crescente das relações sociais do processo de sua formação como ser biológico, em virtude do desenvolvimento da ideação reflexiva, do ato de inovar as operações que exerce sobre a natureza. A complicação do modo de vida dos homens em surgimento impõe-lhe a necessidade da ação coletiva na realização do seu ser, o que significa a passagem à *etapa social da produção* da cultura.

Desse modo, a cultura constitui-se por efeito da relação produtiva que é indissociável do processo de produção e, neste sentido, ela é vista como um bem de consumo que a sociedade, obrigatoriamente, mediante a *educação*, distribui a seus membros. Conforme o autor descreve, é nessa relação dialética contraditória que, no ato de produção, o homem afasta-se de sua criação, através do consumo dos bens que produziu e que agora os torna vivos.

O homem é ao mesmo tempo produtor e consumidor, e assim, no ato do consumo, cada classe irá satisfazer-se de acordo com o seu grau de aquisição, através de uma aparência de conforto, no qual cada classe esta inserida.

A história da técnica diz respeito à relação do homem com a natureza, onde o homem mediatiza uma relação de afastamento, através de dominação e domínio entre ambos e si próprio. Nada domina em essência o homem a não serem as leis da natureza e, acidentalmente, outro homem. “Do lado da natureza situam-se as forças físicas, enquanto do lado humano entram em ação as forças culturais, o conhecimento racional”.

O homem de cada fase histórica desenvolve a técnica numa difusão continua de sobrevivência sobre a natureza. Não é a técnica o motor da história, mas sim, a necessidade permanente de criação e sobrevivência na qual o homem trava uma relação

com a natureza, onde a ferramenta maior é o trabalho. A técnica é um patrimônio da espécie e sua função consiste em ligar os homens na realização das ações construtoras comuns no espaço- tempo, sem dominar o homem. Sendo o homem o único capaz de historicizar o tempo, ele sempre contornará qualquer problema de sua existência, desde que não sejam os fenômenos da natureza.

Porém, é o homem que pode dominar outro homem através da técnica, mediante sua ideologização e, conseqüentemente, manipulação de outros segmentos sociais, o que resulta em uma anestesia social mediante a relação homem e técnica, e vice-versa. Assim, foram as técnicas do passado que justificaram e serviram aos regimes de produção escravista e que hoje recebem novas artimanhas e veredas de sua existência e racionalidade para apropriação das classes privilegiadas diante de grandes segmentos desassistidos, desfiliaados.

MOMENTO III

3.1) O progressivo- regressivo vir a ser dentro de super-previsões humanas

Assim, recorro nesse momento de tese para um ato, um pouco estranho para a ciência que busca qualificar e objetivar os fatos e fatores vivenciados e problematizados. Mas, aqui recairei mais para um mundo prospectivo, de uma análise dos conteúdos sobre hipóteses que poderão ser previstos com uma certa objetividade, talvez um qualificar desse momento como uma espécie de teoria virtual. E, mais pretensioso é qualificar “Geografias Invisíveis” como ferramenta prospectiva, diante de super- previsões para o mundo das experiências, nesse caso, ser completo no homem existencial.

Segundo os autores Tetlock e Gardner, as previsões moldam nossas decisões; as decisões moldam nossas vidas. Todos nos beneficiamos se conseguíssemos prever o futuro. A diferença é reunir evidências de uma variedade de fontes, pensar de forma probabilística, trabalhar em equipe, avaliar os resultados e ser capaz de admitir os erros para mudar de estratégias. Todos nós fazemos previsões, através de mudanças, iniciativas que geram expectativas que são previsões.

Vivemos diante de diferentes modos de informações, sendo assim, diante de um cético otimista me deparo com tais situações, fatos e problemas, assim,devemos fazer uma lição de casa, que é reunir fatos, pontos e gerar meta-ponto, sejam eles conflitantes ou não. Desse modo, fazer um prognóstico conforme esse best- seller, não é um talento do tipo, “ou você tem ou você não tem”. Essa é uma habilidade que se pode ser cultivada.

Qual é o alcance da pesquisa de campo atualmente na ciência? Os autores exemplificam que os especialistas atuais, nesse caso, eles citam os médicos, fazem atualmente pouca coisa além de conjecturar sobre muitas perguntas políticas, econômicas ou estudos de caso.

Os autores acreditam ser possível enxergar o futuro, ao menos em algumas situações e até certo ponto e que qualquer pessoa inteligente, de mente aberta e adepta

do trabalho árduo, pode cultivar habilidades necessárias para tais tarefas. As previsões não são certas, mas devidos as incertezas do espaço na sua plenitude, complexidade entre variações de tempo poderão vir- a- ser. Assim, através de insight, dentro do pensamento complexo social diante de minúsculas variações no cotidiano poderão eclodir uma grande manifestação.

O livro em questão, trata de que o fator previsibilidade humana é real ,deixando de lado a opinião de que há limites rígidos na sua previsibilidade. A questão, é saber o máximo de informações e conhecimentos sobre tal assunto, esse aumento de conhecimento deverá levar a um aumento maior de previsibilidade, mesmo que diante da existência humana esses fatos sejam grandes e complicados.

Desse modo, mesmo que saibamos tudo que há para saber sobre como as mudanças se formam, não seremos capazes de prever o formato de uma nuvem em particular vai assumir. Podemos apenas esperar e ver. Em uma das grandes ironias da história, os cientistas hoje vastamente sabem mais do que seus colegas de um século atrás, e possuem capacidade de análise de dados vastamente maior, mas são muito menos confiantes nas perspectivas da perfeita previsibilidade (TETLOCK, 2016, p.17).

Com isso, o livro “Superprevisões” dos autores Philip Tetlock e Dan Gardner, exaltam que até o ser mais impotente poderá provocar uma reação em cadeia pelo mundo a fora diante de sua atitude, ou não, em sociedade. É, portanto, nesse nível de discurso que podemos dizer que a vida é influenciada por diversos fatores imprevisíveis, mas existe um igual número de fatores , ou mais, inteiramente previsíveis. Portanto é possível fazer previsões sem haver culpa de consciência, mesmo reconhecendo os limites de seu alcance. Esse exercício poderá ser alcançado diante de um exercício de grandes dificuldades, que necessitam de ligar as nuances, conexões entre, não digo todas, com um máximo de atividades, que são difíceis de ser enxergadas na realidade, porém fazem parte da situação.

Geografias Invisíveis é um caminho diante das Superprevisões (ação do que deve ser feito ou evitado em favor da coletividade), nas curvas do previsível e imprevisível, sabendo que o mercado financeiro prevê possibilidades para as pessoas, através de estudos, conhecimentos e até mesmo especulações, mas pouco sabemos o que

acontece se as pessoas previssem possibilidades para esse mercado. Através desse caminho de possibilidades e previsões, onde há conexões entre os homens e suas práticas, poderemos transferi-las para os homens equilibrarem as forças, dentro deste mundo feito de cenários, mais que especulativo.

Essas forças, poderão ser cultivadas para o equilíbrio, através de uma sintonia de ações que auxiliaram nas mudanças de comportamentos, diante de toda informação que podemos indicar como acontecimento anterior a ação. Claro que mesmo sendo previsível poderá acontecer o inesperado, mas a julgar que diante da ação, esse fator já é importante dentro de uma mudança de comportamento. A começar que as certezas não existem.

Assim, a realidade é sistemática como um relógio ou uma nebulosa como uma nuvem. O futuro é previsível ou não, essas são falsas dicotomias, as primeiras de muitas que iremos encontrar. Vivemos em um mundo de relógios e nuvens e de uma vasta mixórdia de outras metáforas. A imprevisibilidade e a previsibilidade coexistem de forma conflituosa nos sistemas inextricavelmente entrelaçados que compõem nosso corpo, nossa sociedade e o cosmo. Até que ponto algo é previsível depende do que estamos tentando prever, quão adiante no futuro e sobre que circunstâncias (TETLOCK, 2016 p.20).

Então, dentro desse mundo de discurso, dentro desse momento de tese, às vezes as previsões são usadas para promover ideologias e estimular ações, os discursos são encorpados para pressionar- é um jogo de especialistas para justificar uma tendência, um fato para justificar algo ou conformar algo, induzir tendências nas sociedades, onde o objetivo é que dentro das realidades acredite-se que tudo esta transcorrendo muito bem, ou até mesmo dizendo que tudo esta mal e que quase sempre, o discurso promovido, pressionado, justificado e conformado é um alento para as vidas sem questionamento algum, somente havendo uma adesão.

O autor Philip Tetlock(2016), se auto rotula, como sendo um homem cético e otimista, que para ele, sabemos em grande parte o que as pessoas desejam, ou querem prever, o que, para ele, situa essas sapiências, dentro das categorias da política, economia, finanças, negócios, tecnologia e vida diária. O autor fala que previsibilidade

existe dentro dessas categorias, umas mais altas outras nem tanto, todas sobre certas circunstâncias.

Mas, existe muito mais sobre tais que não sabemos. E, é diante das incertezas que o autor diz existir algo de positivo que, para ele são os caminhos para serem aproveitados pelas brechas dos cenários e para aproveitar, devemos levar a sério esse jogo, essa tese. Diante das diversas variáveis, condicionamentos de cada caso imerso no mundo, essa variabilidade poderá ser experimentada mediante os fatores que geram qualidade para antever algo, na sociedade, para antever algo no momento de tese, tudo isso dentro de um montante infinito de oportunidades para a previsão.

Nesse mundo atual, dentro desse sistema global, a variável econômica empurra como se fosse um carro chefe dentro de um comboio, todas as relações entre países, territórios, entre homens. Assim, tido como fato qualitativo, é que esse mundo passou a ser um cenário de especulação entre as instituições dentro do jogo. Que fique claro aqui, que dar um sentido qualitativo para as especulações, não diz que aceito tais fatos como exemplo de gerir a sociedade, mas, que nesse caso para prever, elas serão úteis para a execução desse tabuleiro de jogos, cenários e teses.

Desde já, para o homem comum, o pesquisador engajado, ou até mesmo os oportunistas que jogam esse jogo, através de suas ferramentas disponíveis, todos possuem uma capacidade real de antever, mensurar, de avaliar tais eventos, situações que poderão vir a ser, diante dos cenários expostos. Pois bem, essa capacidade de antever, prever, não são vistos, aqui por um dom supra real, misterioso, oculto, mas sim, um produto de modos particulares que cada pensamento se dispõe a executar, dentro de coletas de informações e até mesmo atualização de convicções. Essa capacidade é mais aberta do que fechada, pois existe sim uma grande capacidade de projetar dentro da infinidade de ações executadas, em especial dentro da existência humana.

O autor Philip Tetlock, se utiliza da metáfora do chipanzé, que atira dardos para tudo que é lado, sem ter uma precisão. O mesmo discorre, referente aos especialistas que irão antever algo, afirmando que as diferenças desses não era ter tais informações

privilegiadas, que podem essas até ajudar, ou até mesmo um dom incomum, místico, seja, qual for a sua origem. Mas o autor enfatiza, que é como esses pensam tal oportunidade, situação, cenário que lhe conferem tais habilidades.

A diferença de uma previsão para alcançar uma “Superprevisões”, é, como esse previsor pensa. O autor segue dizendo, que as Superprevisões exigem um modo de pensar, que envolva mente aberta, que necessita cultivar o cuidado, a curiosidade, e acima de tudo, uma autocrítica e muito foco nesse desenvolver dos raciocínios. Nesse caminho, esse raciocínio não vem de juízos superiores, não se desenvolve sem esforço. Será, diante de uma determinação constante e mediante análises providas de compromisso para tal propósito, que irão indicar tais desempenhos que por ventura virão dentro de um auto- aprimoramento nos tempos, pois tudo isso é uma conquista de tais esforços.

Dentro desse esforço dos autores em colocar as Superprevisões como uma arte juntamente com a ciência de antecipar o futuro, nos leva a pensar até onde podemos antecipar tais situações em nossas vidas, seja ela a mais comum para um ser comum, ou até uma grande descoberta, uma grande estratégia, que, nesse caso, não seja mais uma forma especulativa de ação. Portanto, nesse caso, para não promover, pressionar, justificar ou confortar o jeito de pensar de cada um, que seria só de cada um, mas sim, uma forma que consiga desmistificar aquilo que sobre metáforas nos condicionam a uma via de mão única, que é esperar a vida acontecer, ao invés de projetar cada passo desses para vir a ser em prol da sociedade.

O autor explica, que diante dos acontecimentos atuais, a capacidade de enxergar padrões, cresce sem mensuração, mediante a interação homem e máquina, onde a máquina atual imita o homem. Mas é evidente que a capacidade de antever e de planejar com antecipação, mesmo com o galopante avanço dos computadores e seus softwares, estão muito longe de serem imitadas pelas máquinas. E o dia que acontecer tal fato idêntico, onde as máquinas possam antecipar tais situações, essas ações serão enfrentadas como uma mudança de paradigma, que poderá sim, subjugar esse homem, diante das máquinas.

Com certeza, o que temos hoje é a submissão dos homens diante da era informacional e suas estratégias de prover, pressionar, justificar e conformar suas adesões em pacotes geridos para utilização a cada instante, tornando-se obsoleto o seu domínio instantâneo mediante uma demanda forjada para o mercado, esse aqui especulativo para os negócios e não para uma real necessidade permanente do homem. Com isso é o homem que subjuga o homem. Por enquanto, mesmo diante desse espetáculo promovido pela inteligência artificial, há ainda um abismo entre ambos, que é “entre imitar e refletir significado e originar significado”, esses atributos segundo o autor, serão sempre ocupados pelo “juiz humano” (TETLOCK, 2016, p.29).

É claro que a interação homem máquina será cada vez mais utilizada em grandes acontecimentos, decisões sobre grandes fatos e nesse teor o autor relata a sua opinião que a opinião simples do homem poderá vir a ficar obsoleto, mas sempre há uma luz no fim do túnel. O que não podemos mais fazer, é negligenciar tais fatos, mesmo que daqui pra frente, ficará mais difícil a aceitação de juízos de valores que são subjetivos. Portanto, nesse jogo praticado por especialistas, as pessoas serão mais precavidas nesses conjuntos de condições apresentadas, pelos mais diferentes especialistas, ou experts, em conduzir as vidas das pessoas.

O autor Philip Tetlock, espera que o “especialista homem” se alie a máquina, para assim superar as limitações cognitivas humanas, sendo que esse passo já será denominado como “Superprevisões”, pois será desse modo, que a capacidade de antever do homem será feita em situação real para o seu benefício. E segue dizendo que não podemos seguir sendo cegos, discutindo ilusões de conhecimento.

Quando um cientista lhe diz que não sabe a resposta, ele é um homem ignorante. Quando lhe diz que tem um palpite sobre como a coisa vai funcionar, está inseguro a respeito. Quando tem certeza absoluta sobre como vai funcionar e lhe diz; ‘é assim que vai funcionar, aposto’, ainda está com alguma dúvida. É de suprema importância, de modo a fazer progresso, que reconheçamos essa ignorância e essa dúvida. Como temos a dúvida, propomo-nos a olhar em nossas direções para buscar novas ideias. O ritmo de desenvolvimento da ciência não é o ritmo em que você faz observação sozinho, mas, muito mais importante, o ritmo em que você cria novas coisas para testar(TETLOCK, 2016, p.37).

Pois então, muitas vezes é a ausência de dúvida, com excesso de rigor científico ou não, que torna a realidade, como sendo cenários empurrados por jogos de interesses. As mudanças deverão partir de cada ser, poderemos não obter respostas em alguns momentos, mas certamente daremos novos rumos, novas roupagens, para esses cenários, que são forjados por poucos e aderidos por muitos, como verdadeiros e únicos caminhos. Eis aqui, um caminho epistemológico através das mudanças diante de Geografias Invisíveis.

3.2) Nascermos com potencial para desenvolver múltiplas inteligências

Nesse momento recorro a obra: Estruturas da mente, que o autor Hovard Gardner (1994) dá sentido a “teoria das inteligências múltiplas”. Nesse caso, o momento é desmistificar aquilo que a palavra inteligência profetiza na realidade, nas experiências, ou seja, no homem de sempre. A sociedade ocidental sempre colocou ênfase na inteligência e no desenvolvimento intelectual, mas o que é essa tal de inteligência é o que veremos aqui, diante das experiências teóricas aprofundadas pelo autor das inteligências múltiplas. O autor, começa seus questionamentos em cima dos testes de QI, onde esses, desde o início do século XX, passaram a serem considerados a melhor forma de medição das potências individuais e de seus papéis possíveis de serem desempenhados na sociedade.

A escolha desse importante tema, aqui discutido por Howard Gardner, é tentar desmistificar diante de seus estudos, que a inteligência é um fator, nesse caso, usado ideologicamente para medir desempenhos e capacidades e muitas vez, medidas por um único modelo. Com isso, esse debate em torno das múltiplas inteligências, irá me auxiliar no meu caminho do momento da tese, que de antemão, em minhas hipóteses sobre tal assunto, colocará por terra os equívocos oriundos vividos em sociedade, para justificar as estratificações sociais, os sucedidos e os perdedores e tais discursos como vocação e dom, esse divino concebido ao ser.

Nesse estudo proferido pelo autor, ele concebe uma nova e diferente visão das competências intelectuais humanas. Ele argumenta, de forma categórica e convincente,

que todos nós nascemos com potencial para desenvolver múltiplas inteligências e muitas delas teriam sido negligenciadas por nossa sociedade.

O potencial para a realização de aptidões musicais, domínios corporais, raciocínio espacial e ainda, para as capacidades de autoconhecimento e conhecimento do outro, são, segundo Howard Gardner (1994), exemplo das múltiplas formas de inteligência, que devem ser adicionadas e convencionadas nesses testes difundidas como padrões lógicos de QI e mais, difundidos na sociedade como padrões únicos de formatação de pessoas. O autor concebe nesse instante no mínimo a existência de sete tipos de inteligência, que se desenvolvem nos indivíduos de forma relativamente autônoma.

Assim as múltiplas inteligências segundo o autor, podem ser mobilizadas pela sociedade. E examina as implicações na educação dessa concepção teórica, ressaltando que é inconcebível que em épocas com enorme desenvolvimento científico e tecnológico, ainda materializamos formas ultrapassadas de pensar a cognição humana, em prol de uma formação as avessas da sociedade moderna.

Qual é o real potencial humano?

Esse questionamento é levantado nesse livro, que é oriundo de um grande estudo participativo de grandes pesquisadores de diversas áreas de interesses, dentre essas áreas estão educação, psicologia, sociologia e filosofia. Em seus estudos como psicólogo, o autor Howard Gardner estuda o desenvolvimento e as habilidades simbólicas em crianças normais e talentos e a diminuição destas habilidades em adultos com danos cerebrais.

Entre as preocupações desse autor (1994, p.5), ele procura desmistificar os padrões referentes à mente, enquadrando todas as suas aptidões em um único viés de reconhecimento das suas múltiplas capacidades. Então conforme o autor: “razão, inteligência, lógica, conhecimento não são sinônimos” e grande parte desse livro, diante de seus estudos em equipe, consiste num grande esforço para desvendar as diversas

habilidades e capacidades, que foram unidas com excessiva facilidade sob a roupagem do “mental”.

Para o autor há evidências plausíveis para a existência de diversificadas competências intelectuais humanas, que são relativamente autônomas, o que ele abrevia como sendo representativas das ‘inteligências humanas’, que são estruturas da mente. Lembra, também que na vida comum, o estudo demonstrará que estas inteligências trabalham em harmonia e essa poderá ser invisível para serem percebidas a olho nu. O autor mobiliza a própria psicologia para que, através de lentes de observação adequadas, possibilitem enxergar cada natureza peculiar às inteligências.

Howard Gardner busca expandir os campos de ação da psicologia cognitiva e desenvolvimento. Ele elege duas áreas que são próximas de seu campo de pesquisa, que são a expansão biológica e evolutiva da cognição e, na outra direção, para as variações culturais em competência cognitiva. Ressalta ainda, que não é um fato científico comprovado, mas que é uma ideia a ser discutida nos dias atuais.

Os fenômenos a serem explicados pelos fundamentos biológicos da inteligência visto por ser uma ciência compreensiva da vida deve levar em conta a natureza e também variedades das competências intelectuais humanas. Uma ciência que teve um espetacular progresso das décadas vindouras como a bioquímica, a genética e a neurofisiologia, há motivos de acreditar que as ciências biológicas serão capazes de explicações extraordinárias sobre fenômenos intelectuais. Nesse caminho o autor conclui sobre as evidências levantadas, levam a dizer que: há uma considerável plasticidade e flexibilidade no crescimento humano, especialmente durante os meses iniciais de vida [...] Quanto a questão de identidade, estão se acumulando evidências de que os seres humanos são predispostos a desempenhar algumas operações intelectuais específicas cuja natureza podem ser inferidas a partir de observação e experimento cuidadoso. Os esforços educacionais devem basear-se no conhecimento dessas tendências intelectuais, assim como seus pontos de máxima flexibilidade e adaptabilidade (GARDNER, 1994, p.25).

O autor Howard Gardner (1994, p.28), reconhece na genética um grande campo aberto para grandes descobertas, desde os incríveis progressos realizados com a quebra do código genético por James Watson e Francis Crick e do mesmo modo, estudos oriundos do avançado campo da neurobiologia. E, por sua vez, diante dos conhecimentos do sistema nervoso, mediante mapeamentos de especialidades, como a neuro-anatômica, neurofisiologia e a neuropsicologia, esses dois campos da genética e

neurologia, estão mudando concepções e paradigmas, no que diz sobre os fenômenos da cognição e da mente.

Gardner (1994, p.44) esclarece quanto aos estudos do campo da neurociência, as suas descobertas de unidades funcionais dentro do sistema nervoso, há unidades que servem a competências microscópicas nas áreas sensoriais ou frontais; há também unidades muito maiores, que são visíveis à inspeção, que servem a funções humanas mais complexas e molares como o processamento linguístico ou espacial. Estas sugerem uma base biológica para inteligências especializadas.

O autor é categórico em dizer, que mesmo com todas essas descobertas em cima da neurobiologia estudadas, tanto em termos molares quanto moleculares, obtendo um poderoso indício sobre “tipos naturais” de inteligência humana, ressalta que assim mesmo, não podemos descartar o “fator cultura”. Segundo ele, a cultura dentro do seu ponto de vista, influencia cada indivíduo e transmite por sua vez, a maneira como os potenciais intelectuais evoluem a partir do mesmo.

O autor em seu estudo questiona o que é inteligência. Para tal, relata uma combinação de fatores e explica que diante de estudos realizados, sugeriram que certas áreas no cérebro correspondem a determinadas formas de cognição e estes mesmos estudos implicam numa organização neural, que prova ser hospitaleira a noção de diferentes modos de processamentos de informações. O autor então, questiona-se com outra pergunta, não pela sua exatidão do conhecimento, mas, como esse é obtido.

O autor refuta em dizer: “que não há e jamais haverá uma lista única, irrefutável e universalmente aceita de inteligências humanas”. O autor fala, que é preciso pré-requisitos de uma inteligência, o que para ele, deverá apresentar um conjunto de habilidades de resolução de problemas, desse modo, capacitando os indivíduos a resolverem problemas ou dificuldades genuínas que ele encontra e quando adequado, a criar um produto eficaz etambém, apresentar o potencial para encontrar ou criar problemas. Esses meios proporcionarão o arcabouço de novos conhecimentos (Gardner,

1994, p.46) e com isso, pré-requisitos a valorização e a focalização dos potenciais intelectuais, dentro de um contexto cultural nas suas meras importâncias.

Nesse apoio incondicional de critérios que fazem parte e, do mesmo modo, sustentam o grande engajamento que tal pesquisa fez, em prol de potencializar as múltiplas inteligências e não em enquadrar numa única forma e sentido, dentro de tais funções e ações, as inteligências não são para serem pensadas em termos valorativos.

Embora a palavra inteligência venha carregada em nossa cultura por uma conotação positiva, o autor segue explicando que não há qualquer motivo para se pensar, que uma inteligência deva ser colocada para serviços de bons fins. Há, portanto, dentro de cada pessoa a sua necessidade interior, que colocará a sua inteligência seja ela lógico matemática, linguística ou pessoal para propósitos que poderão vir a ser, segundo o autor, “funesto”. Fato importante declarado pelo autor nesse instante, é que as inteligências são melhores pensadas e observadas quando estão executando um plano de ação (Gardner 1994, p.52).

O autor lembra-nos, que é útil pensar nas várias inteligências principalmente como conjunto de KNOW- HOW- procedimentos para fazer coisas. De fato, há um grande interesse proporcional sobre as inteligências, parece ser uma opção particular, seguida, pela maioria hoje, das culturas inseridas ou forçadas a inserir, dentro desse modo de produção capitalista. E mesmo sendo essa predominação, algumas culturas não mostram ter interesse ou pouco sobre tal. Ele lembra, que a inteligência é uma das palavras mais usadas por nós, viemos a acreditar na sua existência como sendo uma personalidade mensurável e tangível.

Nesse caso, na busca por novos campos de conhecimento científicos e conceitos, o autor salienta, que aquilo que pensamos como sendo “inteligência linguística”, “inteligência pessoal”, ou a ‘inteligência espacial”, não é tudo, mas ele vai mais além, diante desses novos discursos, em meio ao uso do termo inteligência como fundo das questões: “estas inteligências são ficções- no máximo ficções úteis- para discutir processos e capacidades, que, como tudo na vida, são contínuas; a natureza não tolera

qualquer descontinuidade” (Gardner, 1994, p.53). Portanto, essas múltiplas separações de inteligências só são plausíveis a medida que esclarecem questões científicas e fazem frentes a soluções de problemas práticos.

Nesse momento, entrarei em uma condição apresentada pelo Gardner, que é a inteligência pessoal, com a introdução do “senso de eu”. Nesse viés, o autor examinou o desenvolvimento de dois aspectos da natureza humana. De um lado, há o desenvolvimento dos aspectos internos de uma pessoa, naquilo que ele chama de capacidade de acesso à nossa própria vida sentimental, os afetos e emoções. A outra inteligência pessoal é voltada para fora, para outros indivíduos. A capacidade é observar e fazer distinções entre outros indivíduos pelos seus humores, temperamentos, motivações e intenções (p.185). Essa inteligência pode ser intrapessoal e interpessoal. A primeira envolvida no exame e no conhecimento que o indivíduo faz de seus próprios sentimentos e a segunda olha para fora, em direção aos comportamentos, sentimentos e motivações dos outros.

Embora um senso desenvolvido de “eu” seja comumente visto como uma manifestação requintada da inteligência intrapessoal, minha pesquisa levou a uma conclusão diferente. A ampla variedade de “eus” encontrada ao redor do mundo sugere que este “senso” é melhor pensado como um amálgama que emerge de uma combinação ou fusão do nosso conhecimento intrapessoal e interpessoal. As esmagadoras diferenças nos sentidos de “eu” ao redor do mundo refletem o fato de que a fusão pode ocorrer de maneiras amplamente divergentes, dependendo dos aspectos das pessoas e das pessoas que por acaso sejam acentuados nas diferentes culturas. De modo correspondente no que seguirei usarei o termo “senso de eu” para referir-me ao equilíbrio atingido por cada indivíduo- e cada cultura- entre os estímulos de “sentimentos internos” e as pressões de “outras pessoas”(GARDNER, 1994, p.188).

Assim, a teoria das inteligências múltiplas postulou um pequeno conjunto de potenciais intelectuais humanos, dos quais todos os indivíduos são capazes em virtude de sua filiação à espécie humana. Devido a hereditariedade, treinamento precoce ou, com toda a probabilidade, a uma interação constante entre estes fatores, alguns indivíduos desenvolverão determinadas inteligências muito mais do que outros; mas todo indivíduo normal deveria desenvolver cada inteligência até certa extensão, recebendo nada além de uma modesta oportunidade para fazê-lo.

O autor lembra, que as formas de inteligências relacionadas a objetos, dando exemplo a lógico- matemática e a corporal, estão sujeitas a um tipo de controle, exercidos pela estrutura e função dos objetos particulares nos quais esses entram em contato. Já as formas de inteligências livres de objetos, como a linguagem e a música, exemplos citados pelo autor, estão ligadas as suas especificidades. E, por fim, as formas de inteligências pessoais refletem um conjunto de restrições poderosas e rivais. Essas restrições estão pendentas a existência da própria pessoa do indivíduo, a existência de outras pessoas e as apresentações e interpretações dos múltiplos 'eu' da cultura.

Haverá nesse emaranhado de possibilidades, funções universais de qualquer senso de pessoa, do eu, mas também consideráveis nuances culturais, refletidas na multidão de fatores históricos e individualizante.

Por fim, o autor lembra que os achados da biologia e da antropologia encontram-se em extremos opostos em qualquer teoria da cognição humana. A partir do estudo das estruturas e funções do sistema , Gardner acredita que enfim seríamos capazes de especificar determinados limites, de todas as atividades cognitivas humana. Ele vai mais além, dizendo que mediante estudo de todas as culturas humanas conhecidas, deveríamos enfim, adquirir a noção mais completa de capacidade dos pensamentos, que evoluem dentro da história humana, apresentando, nessa ordem, um quadro mais complexo sobre a natureza das potencialidades e limitações intelectuais humanas.

Mediante a perspectiva das sínteses interdisciplinares, as áreas são excessivamente distantes uma das outras, não compartilhando das mesmas linguagens. O autor é emblemático em afirmar que até esse momento não conhece nenhuma maneira pronta para unir diretamente as áreas.

Os símbolos são distintos. E também para o foco na cultura., quais são os efeitos da cultura. O autor diz que embora os produtos dos raciocínios e os tipos de informações aos quais os indivíduos são sensíveis possam diferir significativamente entre as culturas, os processos de pensamento são os mesmos em toda a parte; as culturas mobilizam capacidades básicas de processamento de informações- estas inteligências centrais- e as modelam para seus próprios fins. [...] nós contamos e escrevemos não porque nós mesmos nos desenvolvemos de determinadas formas, mas porque vimos outros indivíduos fazerem uso destas anotações. Nem esse processo é jamais

concluído não importa qual seja a sociedade, o indivíduo sempre depende de outras contribuições intelectuais feitas por outros indivíduos para desempenhar suas tarefas cotidianas e para assegurar sua própria sobrevivência. Quantos indivíduos são verdadeiramente auto-suficientes, mesmo num sentido cognitivo? A resposta sublinha a medida na qual até mesmo nossa mente depende permanentemente das muitas outras mentes ao redor. (GARDNER, 1994, p.249).

Portanto, é preciso considerar os símbolos, os produtos simbólicos e os sistemas simbólicos. O domínio dos símbolos, conforme nos são estabelecidos, podem nos ajudar a medir a lacuna entre entidades supra mencionadas, o sistema nervoso com suas estruturas e funções e a cultura com seus papéis e atividades.

O autor concebe o símbolo como qualquer entidade, seja ela material ou abstrata que podem denotar ou dar preferência a qualquer outra entidade. Nesta definição, palavras, figuras, diagramas, números e uma multidão de outras entidades são prontamente considerados símbolos. (GARDNER, p.231)

Meta-ponto

Uma tese é uma entidade simbólica.

A própria natureza é uma entidade simbólica

Conhecer dentro e fora do homem é necessário.

Podemos mudar a mente

Outra contribuição para esse momento de tese é para a obra: *Mentes que mudam*. A arte e a ciência de mudar as nossas ideias e a dos outros, onde recorro novamente ao autor Howard Gardner (2005)..

O autor em sua obra aqui destacada em sua fala, o seu momento: “a princípio pensava que estava escrevendo uma tese, mas mudei de ideia- mudei minha mente- e acabou surgindo outra tentativa de tese”.

Mentes, é claro, são difíceis de mudar. Mas tantos aspectos da nossa vida são orientados justamente para isso- convencer um colega a fazer uma tarefa de uma maneira nova, tentar erradicar nossos próprios preconceitos. Alguns de nós inclusive, estão envolvidos profissionalmente no negócio de mudar mentes: o terapeuta que influencia o autoconhecimento do paciente; o professor que apresenta aos alunos novas maneiras de pensar sobre o assunto conhecido; o vendedor ou publicitário que convencem os consumidores a

mudar de marcas. Os líderes, quase por definição, são pessoas que mudam mentes, sejam eles líderes de uma nação, corporação ou instituições beneficentes. Então, com certeza em vez de tomar como natural o processo de mudança mental, podemos nos beneficiar muito de um melhor entendimento dos seus mistérios (GARDNER, 2005, p.15).

Howard Gardner explica o seu uso do termo “mudar mentes”, enfatizando que a expressão fala sobre mudanças significativas. Ele diz que no sentido notório da expressão, a nossa mente muda a todo instante, seja no estado ativo ou repouso. Reserva esse termo “mudar mentes”, para as situações em que indivíduos ou grupos abandonaram seu modo costumeiro de pensar sobre coisas importantes, passando sob vários sentidos diferentes. Essas mudanças não são instantâneas, elas resultam de uma mudança lenta, quase imperceptível, de mudança perceptiva e não de uma única via de argumentação ou algo “Epifânico” como diz o autor.

Além disso, o autor lembra que a aparição de “súbitos insights”, esses muitas vezes não esperados, acontecem muito rápidos e só irão ser percebidos após um fato novo ter ocorrido. Um ponto importante dentro dos estudos de Gardner sobre “mudança de mente”, vem de seu objetivo final, que é uma mudança de comportamento.

Dentro desse objetivo, o autor faz uma indagação sobre tal fim, que é o comportamento. Significa que a mudança vem de uma apropriação e produção de mudança nas próprias mentes, mediante mudanças nas representações mentais do indivíduo. Pois então, Ele questiona: o que é preciso para mudar mentes?

Nesse ponto, Gardner fala do termo “resistência”, que embora seja fácil e natural mudar a própria mente nos primeiros anos de vida, para ele fica difícil alterar conforme os anos vão passando. Aqui que o autor explica, resumidamente, o uso do termo resistência: a razão da dificuldade de mudanças no decorrer da vida, é que desenvolvemos visões e perspectivas sólidas, que resistem a mudanças e qualquer tentativa de compreensão da mudança mental, que precisará levar em conta o poder de várias resistências.

Nesse caminho, que é próprio ao ser humano dentro da sua capacidade de pensar e articular ideias, dentro de um poder de receber, conter ou acomodar essas

informações, será que existe um limite superior de disposição funcional para tal organismo, em determinada fase de seu desenvolvimento superar seus limites? Eis que o futuro dirá sobre a mudança das mentes.

De todas as espécies da terra, nós os seres humanos somos os únicos que se especializam em mudanças mentais voluntárias: mudamos as mentes alheias, mudamos a nossa própria mente, criamos, inclusive, várias tecnologias que nos permitem ampliar o alcance da mudança mental. Poderosos artefatos mecânicos como implementos para a escrita, televisões e computadores, além de instrumentos humanos igualmente poderosos como as estratégias de ensino, os currículos e os testes que associamos à escola. Nas próximas décadas, a mudança de mentes vai continuar e com toda probabilidade, se acelerar. Acredito que novas formas de mudança mental surgirão em três áreas- que chamei de wetware, dryware e goodware (GARDNER, 2005, p.196).

O que significa então esses três termos para o autor: wetware, dryware e goodware. Vejamos os seus significados que, segundo Gardner, são denominados como novas formas que irão surgir diante das mudanças de nossas mentes.

O autor coloca:

“wetware” como intervenção estratégica sobre o nosso cérebro, uma mudança em seu sentido mais literal. Ele lembra que ao tratarmos o cérebro como uma caixa preta, as invenções operam apenas no nível comportamental, onde elas podem funcionar ou não; quando começamos a compreender com maiores detalhes o que realmente está acontecendo no cérebro, podemos atacar os problemas mais diretamente. O termo “dryware”, esse ligado aos avanços tecnológicos e artefatos superarão os humanos em inteligência em algum momento; já o termo “goodware” refere-se que nem a ciência, nem a tecnologia, são tudo de bom, ou tudo de ruim, em si mesmo. O autor dá um exemplo na figura de Albert Einstein, onde a sua relação entre massas e energias pode ser aproveitado para criarmos usinas de energia nuclear, ou armas termo- nucleares.

No mesmo caminho, o autor exemplifica o lápis, que pode ser usado para escrever lindos sonetos, ou para ser arma para furar um olho de um inimigo. E também os computadores, que podem calcular o remédio necessário para salvar vidas de crianças em uma terra distante, ou para orientar um míssil para que ele atinja um hospital cheio de crianças incapacitadas.

Portanto, ficam aqui os recados do autor com esses termos e meandros, onde as mudanças mentais poderão ter os fins mais variados: poderão criar guerras intermináveis, manifestar pacificação quase contínua, ou até mesmo ensinamentos fundamentalistas poderão criar conflitos quase que eternos.

O autor segue seu questionamento, se será possível mudar as mentes de modo que a excelência e a ética estejam estreitamente associadas. Profere, dentro de seus estudos, que “embora” o quociente ético de qualquer indivíduo possa ser contestado, existe claramente uma diferença entre os indivíduos que tentam ser responsáveis dentro da dimensão ética e, do mesmo modo, também existem aqueles para os quais só importa o sucesso monetário ou mundano. O autor sugere alguns caminhos de apoio para esses entraves, dentro da formação de uma mente. Por isso, nessa obra intitulada “Mentes que mudam. A arte e a ciência de mudar as nossas ideias e as dos outros”, nos brinda com a possibilidade de melhores entendimentos, diante dos mistérios que rondam este tema, a mente humana.

O autor explica que o processo é natural de mudança, mas alguns movimentos poderão tornar-se mais rígidos que outros. Nesse processo de autoconhecimento, o importante é mudarmos de comportamento e para tal, as “representações mentais” dos indivíduos deverão ser revistas. Ele fala também nessa obra, da dificuldade de qualificar nossas mentes, em prol de um mundo mais saudável, mediante tantas tentações ao redor dessa qualificação.

Por fim, o autor sugere mediante seus estudos, alguns fatores, incluindo o desenvolvimento de um sólido código moral na infância e que mesmo com esses fatores apoiadores o indivíduo poderá escorregar, ou seja, não aderir nada do que lhe é proposto como código moral. Segue insistindo, que de forma que corresponda, deveremos persistir com o que ele chama de “dose periódica de vacinas”, como experiências intensas que apoiem essas necessidades.

3.3) Negar o sofrimento psicossocial é negar a negação da existência

Outro caminho que faço, dentro desse momento, faz-se uma referência para a dimensão ético e afetiva do adoecer da classe trabalhadora. Nesse caso, contemplo a obra da psicóloga social Bader Sawaia, que irá emergir nesse momento da tese

Para a autora:

Saúde: é um fenômeno complexo e não basta a ampliação do enfoque biológico, no sentido de abranger o psicológico e o social, como variáveis, para superar a dicotomia mente- corpo instalada por Descartes. Saúde é uma questão eminentemente sócio histórica e portanto ética, pois é um processo da ordem da convivência social e da vivência pessoal. Em quase todas as doenças encontram-se relações curiosas entre o que se passa na cabeça das pessoas e a evolução da doença física. Isto significa que é preciso colocar no centro da reflexão sobre o adoecer a ideia de humanidade e, como temática, o indivíduo e a maneira pela qual se relaciona consigo mesmo e com o mundo social a que pertence (grupo, família, comunidade, sociedade mais ampla), compreendendo: como ser de razão que trabalha como ser ético que compartilha e se comunica, como ser afetivo que experimenta e gera prazer e como ser biológico que se abriga, se alimenta e se reproduz, com um corpo que, além de ser determinado pelo universalismo do biológico, é antes uma realidade simbólica (SAWAIA, 1995, p.157).

Em resumo, o que se pretende ser enfatizado por Bader Sawaia, é que, na promoção da saúde, não basta apenas ministrar medicamentos psico- ativos, ou ensinar novos conhecimentos ou padrões de comportamentos. É preciso atuar nas necessidades e emoções que mudaram tais conhecimentos, comportamentos e por fim, práticas que norteiam as bases afetivas- voláteis dos comportamentos, isso, mediados por um comportamento padronizado e condicionado, que eleva essa saúde para outros patamares.

Pois bem, para essa maior amplitude devemos desvendar a saúde na não saúde, fazendo uma analogia entre ambas com igualdades de razões, propriedade e algumas particularidades, que são funções, tanto pro ser, ou para sociedade como um todo.

Negar o sofrimento psicossocial é negar a negação de cidadania, para isso não basta a capacitação, é necessário a motivação para a cidadania que não é unicamente, racional, cognitiva, mas também afetiva- emocional. Conhecimento, ação e afetividade são elementos de um mesmo processo, o de orientar a relação do homem com o mundo e com o outro [...] Na verdade, a dimensão ético- valorativa é sócio- histórica e conseqüentemente político- econômico, tanto que o sofrimento psicossocial varia quantitativamente e qualitativamente segundo o contexto social e, em cada uma delas segundo a classe social, o trabalho profissional, a idade e o gênero, bem como variam as ideologias defensivas que o acompanha (SAWAIA, 1995, p.164-165).

Assim, na psicologia social, a autora Bader Sawaia, nos dá um exemplo de um de seus estudos de caso, e um desses remetem às situações vulneráveis de mulheres trabalhadoras de favelas, onde, nesse caso, demonstraram que só a revelação de suas situações de pobreza e de seus nexos, não alteram as situações reais.

A psicóloga social, em seus estudos diante de tais condições, nesse caso de mulheres, pode visualizar, que o pensamento não é autônomo, descolado do seu espírito. Portanto, é no encadeamento das condições materiais de existência, que se vislumbram a possibilidade de saltos qualitativos em direção a consciência crítica. Onde não havendo avanço de uma ação, será gerado uma alienação ao estado de ser. Poderemos perceber que a saúde em suas várias amplitudes, segundo Bader Sawaia, talvez seja mais perigosa, pois separa a consciência das atividades executadas e o pensar que remete ao planejar, por fim, executadas diante do fazer e do sentir. Não basta uma ação avançar, seja ela condicionada ou não, para que essa consciência se transforme. É preciso que a ação seja reflexiva, de atos conscientes e ser sentida para ser incorporada a subjetividade, de modo mais amplo, de magnitudes existenciais (Sawaia, 1995, p.167).

Em síntese, a saúde é um processo, um estado complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões orgânicas, remetidas ao organismo do corpo humano, mas também remetidas a dimensões materiais, políticas e religiosas, relacionais e por fim subjetivas à existência humana dentro do seu viver. É uma condição sutil, valorativa para cada uma dessas dimensões, pois, só existe em relação da analogia com a não saúde, como parte constitutiva de ambas. Não é uma coisa ou um estado, acredito que seja um processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma, bem ao contrário, existem diversas dimensões de saúde, diante das diferenças de estar dos homens, nos mais diversos espaços longínquos da natureza, do ambiente.

Não pode ser visto como uma única forma, um padrão de saúde, visto que a relativa situação é fato importante dentro das múltiplas condições, que é dar um padrão, ou dizer que a não saúde é uma falha do sistema. Devemos encarar como produto do sistema, do seu funcionamento.

3.4) Para mudar o mundo só mudando a consciência

Para momento da tese, recorro para o psiquiatra chileno Claudio Naranjo com suas obras, neste caso, primeiro com a didática do afeto. O autor se interessa pelo estado do mundo e salienta que não mudaremos a economia, porque ela representa o poder que quer manter tudo como está.

O autor é enfático ao dizer que não mudaremos o mundo pela diplomacia, como querem as nações unidas (ONU), salientando que é sem êxito. Portanto, para se ter um mundo melhor, temos de mudar a consciência humana. Em um encontro de educação no Brasil, o autor falou sobre os problemas educacionais. Na sua fala ele salientou que temos um sistema que instrui e usa de forma fraudulenta a palavra educação, para designar o que é apenas uma transmissão de informações.

O psiquiatra diz que é uma aberração ocupar todo o tempo da criança com informação tão distantes dela, enquanto há tanto conteúdo dentro dela que possa ser usado para que ela se desenvolva. Ele se indaga e insiste em dizer: quanto esse monte de informações podem ser mais importante que o auto- conhecimento de cada um?

Para Naranjo, o nome educação é usado para designar algo que se aproxima de uma lavagem cerebral. É um sistema que quer um rebanho para robotizar. A criança é preparada por anos, para funcionar num sistema alienante e não para desenvolver suas potencialidades intelectuais, amorosas, naturais e espontâneas. Para mudar esse modelo, Naranjo afirma que é preciso conceber uma educação para a consciência e até comenta, que a inteligência emocional é um bom começo, mas não possui um impacto transformador pois falta o caráter emocional.

O autor fala que essa educação caminhou para esse modelo de lavagem cerebral desde o começo da era industrial, como parte da necessidade de formar uma força de trabalho obediente. Em sua fala nessa didática do afeto, Claudio Naranjo comenta seu pensamento a partir Adam Smith, que escreveu “ a riqueza das nações”. Adam Smith era um professor de filosofia moral e se interessava muito pelo ser humano. Ele previu que o sistema criaria uma classe de pessoas dedicadas, que todos os dias executariam

somente um movimento de trabalho e que essas repetições produziriam por sua vez a deterioração de suas mentes, e advertiu que seria de vital necessidade dar a eles uma educação que lhes permitisse se desenvolver, como forma de evitar a maquinização completa das pessoas. Mesmo assim, a sua mensagem foi ignorada. Desde então, a educação funciona como um grande sistema de seleção empresarial. É usada para que estudantes passem em exames, consigam boas notas, títulos e bons empregos. Para Claudio Naranjo isso tudo é uma distorção do verdadeiro papel que a educação deveria ter.

O autor fala de uma educação do indivíduo inteiro para um mundo unificado: o que isso resultará? Ele fala que toda educação tem uma motivação política, que propõe fortalecer algum grupo nacional, religioso ou social, diante da competição com os diferentes, outros grupos. São essas motivações que irão determinar os tipos de ensino, tipos de informações e de conhecimentos que por sua vez irá determinar os hábitos mentais, que se espera que cada educando exerça e cultive.

O autor lembra que praticamente não se faz nada em função do desenvolvimento interior da mente e do espírito e com efeito da negligência, aqueles que receberem mais educação nesses moldes, sofrerão com frequência de uma atrofia mental e espiritual. Nesse âmbito, vivemos hoje preocupados com os aspectos materiais da problemática mundial, mas devemos sim, nos preocupar com uma nova situação, a que insira o ser humano no centro dessa problemática. Essa mudança de perspectiva sobre o mundo, diante da preocupação com o agir do homem, é reflexo vivo da real necessidade de tornar o homem mais completo dentro desse mundo unificado.

Claudio Naranjo fala que a psicologia do ser humano ordinário, a psicologia que tenderíamos a chamar “normal”, é para ele, psicanaliticamente falando, uma psicologia regressiva. Sob a capa da pseudo- abundância que mostramos ao mundo e com a qual talvez nos identifiquemos, nossa motivação brota geralmente daquilo do que nos falta. Somos em termos gerais ambiciosos, com sentimentos de insatisfação e dependentes.

O autor fala que em outros tempos, nos tempos de nossos antepassados, éramos canibais, porém a julgar pela marcha dos assuntos e interesses internacionais, continuamos sendo, implicitamente. Relembra os grandes gastos militares na época de 1971 no mundo, onde esses gastos excederam a quantidade de bilhões de dólares por dia e em anos posteriores, onde a escassez e a superpopulação se tornaram mais ameaçadores, não fizeram mais que aumentar os gastos.

O autor chileno Claudio Naranjo segue argumentando que a nossa vida coletiva, já na aurora da pré- história, conheceu metas que estimularam nossos antepassados a evoluir, porém com a evolução, veio junto traumas que nos precipitam para um “abismo” de patologias psicossociais. A motivação dentro do âmbito da insatisfação, ambição e dependência, fizeram e fazem uma conseqüente exploração do próximo, da natureza e de si mesmo, que de nós se derivam tais agentes motivadores.

Assim, perpetua-se por contágio, infectando uma geração após outra, o psiquismo dos seres humanos que nos precederam. Do modo como tal psicologia perpetuada determina as leis dos fenômenos mórbidos, essa enfermidade nos empurra para um iminente naufrágio, do qual só poderemos nos salvar se soubermos nadar. Claudio Naranjo se utiliza da metáfora de “nadar” para nomear a nova consciência, que seja capa, de nos deslocar “daqui” pra “lá”, do condicionamento milenar e obsoleto em que nos encontramos e frente a possibilidade de novas ordens mundiais.

O autor alerta para uma nova educação, uma educação da pessoa por inteiro para um mundo total, não pelo controle, mas sim, mediante atitudes de atenção, habilidade e afeto e mais pelas qualidades do próprio ser. Ele fala, nesse caso, de um contra- controle e nos insere no seu pensamento, de forma que nos conduz a enxergar alguns fatos que nos rodeiam, alguns discursos exercidos em nossas ações. Ccolocando, que para muitos de nós é familiar o slogan: “formar os homens que a pátria necessita”.

Pois bem, o autor nos chama a atenção ao sentido implícito dessa expressão, essa formação vem a ser uma socialização em termos gerais. Ele vai mais longe e diz que é uma educação concebida como veículo de condicionamento social. Porém se

encarmos esse discurso de outro modo, onde essa formação de homens fosse a aquela que o mundo necessita, Claudio Naranjo muda o tom e diz que devemos admitir. Então, se não se tratar unicamente para educar para a pátria e para o conformismo e sim, para a liberdade e autonomia, será outro ambiente, visto que o mundo verdadeiro só será possível mediante indivíduos autênticos.

Alguns caminhos que interessa para esse momento de tese, e que Claudio Naranjo contribui em muito, é mediante a educação nesse labirinto de alternativas, em que tal assunto, que é o ato de educar, seja ele no indivíduo ou no grupo, ambos afetarão a forma de agir das pessoas e das sociedades.

O autor contribui com a educação no seguinte caminho: para a educação dos sentimentos, resulta artificial separar a educação afetiva do que pertence à relação interpessoal e tampouco podemos separar do todo, o campo afetivo interpessoal do tema do autoconhecimento. Ele quer nos apontar, determinando que tudo que está contido sob a rubrica da “educação interpessoal”, chame-se autoconhecimento, auto- estudo ou auto- compreensão e o autor comenta agora o filósofo Sócrates, que esse alto ideal era poder de causa assumido e predicado por esse pensador. E afirma, que é algo que os atuais modelos educativos marginalizam, tornar-se aquém daquilo que poderíamos ser.

O autor também desenvolve seu pensamento para aquilo que ele chamou, em um texto, como sendo “a promessa de uma civilização moribunda”, ou seja, no sentido literal aquele que esta para morrer, ou em estado de agonia. Ele comenta agora outro pensador, esse é Carl Jung, que fala: quanto mais se submeteu o homem a normas coletivas, tanto mais aumentou sua imoralidade individual.

Já no texto “ciência e consciência”, Claudio Naranjo discorre sobre um conjunto interessante de ideias, dando resposta a grande interrogação de como poderemos compreender a consciência, junto a visões determinista e mecanicista do mundo. O autor concebe nesse caso, a consciência como sendo um mistério, ou um enigma, difícil de ser interpretado, mas que esse enigma encontra-se em mudança, em transformação

permanente, resultante da intenção de querer se apropriar de pensamentos, que nesse caso não se conseguem obter, alcançar.

Em outro texto de Claudio Naranjo, intitulado “Preâmbulo de caráter e neurose”, o autor trata como sendo uma “insuficiência do ser”, o que é vivenciado em cada um dos “infernos psicológicos”, essa doença neurose que tem por aptidão dificuldades de um ajustamento social, onde pela característica de cada ser, mesmo sendo caracteres somáticos adquiridos, mediante ações de fatores ambientais é que é uma definição que diferencia um ser para o outro.

O autor vai mais além com essa insuficiência do ser, dizendo que recai sobre o indivíduo a responsabilidade de tal estado, sustentação dessa insuficiência sobre si e que em cada caso é sustentada por uma ação mal orientada, projetada pelo ser, que procura seu objeto não no ser, mas na aparência. E mais, procura-se, não onde pode ser encontrado e sim onde se acredita que esteja, em virtude de uma substituição de sua capacidade de ação por uma auto- ilusão, engano de suas interpretações do ser, tornando sua própria armadilha. Desse modo, a sua personalidade condicionada, conduz para uma interferência do organismo, o que causa a perda da experiência do ser e como consequência dessa perda, gera-se as ilusões. E assim por diante, essa personalidade é perpassada através das vivências, onde são vivenciadas e praticadas por personificações que geram, por sua vez, uma perpetuação no geral. O autor nos remete a procurarmos uma camada existencial mais profunda que reconheça a perda do eu.

3.5) As mudanças de poder

Seguindo para esse momento prospectivo de super previsões, recorro ao autor Alvin Toffler, diante de sua obra: “As mudanças de poder”, onde o motivo central de seus estudos, se desenvolvem diante das transformações que acontecem nas sociedades, e por sua vez, refletidas nas pessoas, sendo que muitas vezes essas transformações acontecem inesperadamente, ocasionando um algo novo. É em Powershift, que o autor leva a adiante a análise e os focos anteriores sobre a ascensão de um novo sistema de poder, em substituição ao passado industrial.

Em contraste, esta trilogia, começa partindo da premissa de que as velozes mudanças de hoje não são caóticas ou aleatórias, como somos levados a acreditar. Alvin Toffler afirma, que por de trás das manchetes não existem apenas padrões distintos, mas forças identificáveis que os formam. E essas forças, uma vez identificadas e compreendidas, torna-se possível lidar com esses padrões de forças, diante de estratégias e não ao acaso e não acontece de forma inesperada, mas sim, esperada.

O autor em seu primeiro livro desta trilogia, começou com “Choque do futuro”, olhando para as mudanças nos seus variados processos de acontecimentos e como esses afetaram e organizaram as pessoas. No seu segundo livro da trilogia, “A terceira onda”, concentrou-se na direção em que as mudanças tomaram, no sentido e para onde essas mudanças atuais estão nos levando. Já no terceiro livro, esse em questão: “Powershift”, o autor, contribui para as nuances das mudanças, quem controla essas mudanças, essas que ainda irão vir, quem formulará essas e como.

Em seu primeiro livro (choque do futuro), previu a fragmentação da família nuclear, a revolução genética, o aumento da sociedade do desperdício e a revolução da educação. Já no segundo livro (a terceira onda), mostrou as mudanças revolucionárias tanto na tecnologia, quanto na sociedade e esboçou uma perspectiva histórica, essas em ondas: a primeira a 10.000 anos atrás com a revolução agrícola; a segunda com a revolução industrial com suas mudanças sociais e tecnológicas; a terceira, que começou em meados da década de 50 do século XX e é chamada de a civilização pós chaminé, baseia-se em computadores, eletrônicos, informação, biotecnologia e também com o que ele chamou dos novos “píncaros” da economia.

O autor trata em sua obra “Powershift”(1990) sobre o novo significado de poder. Ele ressalta que o poder nascerá de um canhão, o dinheiro fala e o próprio conhecimento é poder e outro diz que as possibilidades que são abertas pelo poder em um mundo em convulsão, são inúmeras.

Alvin Toffler fala sobre o poder, que apesar do seu mau cheiro por causa de seus usos indevidos, a própria noção de poder em si, para o autor não é boa e nem má. O

autor é enfático em dizer que é um aspecto inevitável de todo o relacionamento humano, onde influencia tudo, desde nossas relações sexuais, conjugais, emprego, a rede de televisão que assistimos, as esperanças que cultivamos e também os pessimismos. O autor segue seu raciocínio em um grau maior que a maioria imagina, “nós somos o produto do poder”(TOFFLER, 1990, p.27) e ainda ressalta, que entre os mais variados aspectos de nossas vidas, o poder continua sendo um dos menos compreendidos.

O autor fala, que no momento do Powershift, vivemos um momento em que a coesão da estrutura de poder, está se desintegrando. É nessas consequências que o autor fala: que diante das turbulências estão abertos os “buracos negros”, que são vácuos de poder, mas que sempre tem alguém para preenchê-los. Esses acontecimentos e mudanças, por sua vez, irão definir indivíduos e nações.

Seguindo sobre poder, o autor fala, que essa nova fórmula, aqui em Powershift, vem desenvolvendo uma nova forma de riqueza baseada não só nos músculos, mas agora na “mente”, que torna-se um dos fatores mais importantes, no fator econômico. Fala que todos os novos sistemas revolucionários, não chegam para espalhar a criação de riqueza, sem disparar conflitos pessoais, políticos e internacionais. A cada mudança, há alteração de riquezas, fazendo com que aflore os mais variados interesses, esses, para o autor, encontram-se entrincheirados, onde o poder nasceu em um sistema anterior. Então a cada mudança os velhos pilares são abalados, transformando todos os seguimentos de uma sociedade, seja a vida em família, dos negócios, da política, das nações- estados e a própria acomodação estrutural de poder global.

Nesse viés o autor fala dos fatos:

Todo fato, assim, tem uma história de poder e o que poderia ser chamado de um futuro de poder- um impacto, grande ou pequeno, sobre a futura distribuição de poder. Os não fatos e os fatos controvertidos são igualmente produtos dos conflitos pelo poder na sociedade e armas nesse conflito. Os fatos falsos e as mentiras, bem como os fatos verdadeiros, as leis científicas e as verdades religiosas, são todos, munição no jogo do poder que esta acontecendo e são uma forma de conhecimento (TOFFLER, 1990, p.42).

Para Alvin Toffler, conhecimento é uma riqueza feita de símbolos. Ele comenta que há muitos anos a riqueza era elementar, ou você tinha ou não tinha. Era

uma riqueza sólida e palpável, era material. E podíamos com facilidade compreender porque a riqueza dava poder, pois poder e riqueza baseavam-se na terra. A riqueza transformou-se quando a era das chaminés invadiram os mais diferentes territórios. As máquinas e as matérias primas para a produção industrial e não só a terra, tornaram-se agora a forma de capital mais cambiáveis.

O capital transformou-se de material para imaterial, surgindo novas roupagens para medir e assegurar as riquezas. O capital ganha em mobilidade, fluidez contínua, nas mãos de investidores e especuladores, pois nesse instante o capital transformou-se em mero símbolo, dinheiro, ações, cartas de créditos, bolsa de valores, etc.. Passamos das trocas de mercadorias e papéis moedas até chegar aos impulsos eletrônicos.

Com isso, alguns caminhos permitem essa consolidação do poder, diante de alterações. Dentro dessas mudanças, podemos assistir a um visível afastamento de corporificações, até então materiais, para níveis simbólicos, onde esse capital fica mais intangível e assim, cada vez mais simbólico. O autor explica alguns caminhos, meandros, desses estratagemas simbolizados pelo poder:

Os termos “dados” irá significar mais ou menos “fatos” sem relação entre si; “informação” irá referir-se a dados que foram encaixados em categorias e esquemas de classificação ou outros padrões; e “conhecimento” irá significar informação que foi submetida a um processo de refinamento para se tornar afirmação mais gerais (TOFFLER, 1990, p.43)

Mais adiante, o autor acrescentou ao termo conhecimento, um significado mais amplo. Ele abarcou à informação, dados, imagens, imaginações, bem como atitudes, valores e outros produtos simbólicos da sociedade, sejam eles verdadeiros ou falsos. O autor esclarece que todos eles são manipulados pelos que buscam o poder.

O que significa, tudo isso dentro dessas transformações? Significa que a cada momento estamos criando novas redes de conhecimentos, ligando conceitos, uns com os outros e a medida que cada mudança põe um ponto de interrogação dentro da conduta de um sistema, esses sistemas todos são instalados sobre a base de conhecimento. Cada momento há rupturas, reestruturação, organização dos meios e por fim a distribuição desse conhecimento concebido a cada etapa, por meio dos símbolos de cada tempo.

Todo esse circuito não deixa a entender, conforme Toffler, que os dados, os fatos estejam corretos, que a devida informação recebida seja verdadeira, ou que esse conhecimento seja sensato. O que Alvin Toffler(1990, p,108) salienta e nos faz entender, é das “vastas mudanças na maneira de vermos o mundo, criamos riquezas e exercemos poder”.

O autor fala também, dos mosaicos de poder dentro de uma democracia de mosaicos. Nessa democracia, o termo “massas” baseia-se nos múltiplos movimentos percorridos por esse, dentro de uma sociedade representativa de múltiplas representações. Com isso, as mudanças dentro das estruturas de uma sociedade, estão formando novos hábitos a todos os instantes. O autor salienta, que esses novos hábitos, exercidos em novas regras, irão nos obrigar a redefinir até mesmo os mais fundamentais pressupostos democráticos.

De fato, estamos alinhavando para um nível mais alto de poder, menos visível, de lutas que refletem de formas abstratas na sociedade, a medida que disseminamos essa “economia super-simbólica” na sociedade, de forma que essa realidade seja burlada.

MOMENTO IV

Para Nietzsche todo aquele que é considerado criador necessariamente será também um destruidor, destruidor dos antigos valores de sua condição. Portanto, para a nova condição deveremos ultrapassar o próprio homem. A fórmula para ultrapassar esse homem moribundo seria em sua filosofia do amor fati (uma espécie de amor à fatalidade), pois só assim seria possível suportar a existência, pois conforme o filósofo o homem é algo que deve ser superado. A tese vem demonstrando em momentos em movimentos que nenhum acontecimento seria novidade, mas sim uma eterna repetição. A nossa própria vida seria uma eterna repetição dos mesmos prazeres e das mesmas dores. Então, o mergulho na obra de Nietzsche perpassa as profundezas de mim em coexistência com os outros, procurarei aqui novos homens e não cadáveres.

4.1) Uma introdução a Nietzsche I

A questão de moral em Nietzsche difere-se de autores e do mundo, não se pode visualizar algo fechado em suas obras, pois seu teor é geral, é uma teoria que contempla o todo. Para entender Nietzsche, devemos entender algumas chaves que percorrem todas as suas obras. Como dito anteriormente é uma obra pelo todo, de um lado facilita e por outro dificulta o entendimento daquilo que é proposto em suas obras.

A obra de Nietzsche é caracterizada pelo uso de aforismo, uma forma que, em poucas palavras, contém uma regra ou algo de grande alcance, profundidade. Nietzsche, faz parte de uma filosofia da manifestação, que colabora com ideias que saem de sua cabeça de forma surpresa. Nesse caso, Nietzsche não organiza nada em capítulos, em forma de receita, como um cartesiano normal, ele escreve aquilo que vem a sua cabeça, mas que sejamos claro que em sua obra nunca teve a pretensão de exercer alguma verdade absoluta.

O comentador Clóvis de Barros, auxilia-nos no entendimento das obras de Nietzsche, que declara não serem fáceis, mas é preciso seguir uma ordem para um entendimento de suas obras, que são tudo o que o filósofo passou em vida, essa tumultuada e, nesse caso, tudo o que ele pensou de certa forma passou em sua vida.

Essa ordem, direcionada por Clóvis de Barros, para um melhor entendimento desse grande filósofo de todos os tempos, passa por entendimento, clareza sobre o “Crepúsculo dos ídolos”, segue com “Além do bem e do mal”, a “Genealogia da Moral”, “Gaia ciência” e assim por diante. Clóvis de Barros, repudia um entendimento do autor pelo exemplo, de “Assim falou Zaratustra,” uma das obras mais consumidas pelo público em geral.

Diante dessa aula sobre o filósofo, Clóvis de Barros comenta, que Nietzsche aclama que aquilo que vem à consciência, é um subproduto insignificante de nossa psique e nesse caso, a psique é muito maior que as coisas que vem a nossa cabeça e a nossa consciência e seriam uma espécie de holofotes de recortes de um todo. Uma das perguntas que fica caracterizada nas obras Nietzscheana é: quem movimenta esses processos? Esses processos segundo Nietzsche não é o eu consciente, pois como já se comentou, é apenas um recorte desse todo, e isso foi uma de suas maiores teorias perseguidas em suas obras, ou seja, a “vontade de Potência”, onde o filósofo declara que esse eu consciente é fruto dessa iluminação chamada de potência.

Clóvis de Barros, vai mais adiante e propõe três chaves para compreender a filosofia de Nietzsche. As três são compostas pelo “niilismo”, a “negação da terra” que para ele é o pensamento aristotélico e por fim, o “monoteísmo”.

A primeira chave, o Nihilismo, é um pouco confuso, pois há uma confusão com o uso comum da palavra que difunde essa, com o termo de redução a nada, uma descrença absoluta, mas para Nietzsche é o contrário, é uma vida em prol de valores superiores e, segundo Clóvis de Barros, quem tem valores superiores não deixa a vida se levar ao acaso, e que nesse caso, segundo critérios existencialistas, são elevados por foco, seleção e determinação.

Portanto, a vida é pautada em valores, mas não esses valores difundidos por nós atualmente. Nesse caso, para Nietzsche, o próprio cristão vive por princípios, enaltece o céu e condena a terra; o comunista, que em sua ordem tudo gira na luta de classes e, por

sua vez, há de haver uma revolução; também o liberal pela sua diretriz de reger a vida, e do mesmo modo, a democracia onde todos pautam numa vida entorno de um ideal.

Meta-ponto

Nessa constante, o niilista “nega o mundo da vida”, “o mundo das matérias”, dos “afetos”, “dos corpos”, “energias” por seguir esses ideais nesse caso fragmentos, recortes desse holofote que acredita em valores absolutos.

Em suas obras, o autor Nietzsche, segundo Clóvis de Barros, endereça suas críticas as filosofias, que encabeçam as posturas tradicionais. Nessa crítica, coloca o filósofo Platão como primeiro grande expoente, como o grande primeiro Niilista, pelo fato de dividir esse mundo em um mundo sensível e inteligível, nesse caso, exaltando o mundo inteligível e negando o mundo sensível. O que para Nietzsche, é blasfemar a terra em nome de um céu. O segundo expoente dessas posturas tradicionais, vem do pensamento Aristotélico, onde o cosmo entra como ideia do mundo, um mundo ordenado como um sistema, onde cada um tem um papel dentro desse sistema fechado e segundo essa máquina, espera que você faça algo por si e com isso, tornar-se um modelo mental que escraviza a vida. Há nesses dois, um condicionamento anterior diante desses valores.

Por fim, entra a ideia monoteísta, doutrina que admite um só Deus, embora pareça que existam infinitos deuses nessa lógica, mas que não vem ao caso agora, pois o que vêm nesse encontro, é um Deus que esta fora daqui. Assim, através do caminho perseverado, através da busca pela eternidade, uma duração nesse caso sem principio e sem fim, busca uma vida eterna, uma existência absoluta que é encontrada no céu, no paraíso ou outro termo difundido pelas mais diversas religiões nesse mundo. Nesse caso, para ele os homens inventam um ideal para negar o mundo real.

A segunda chave do niilismo exposta pelo filósofo, encontra-se em “a morte dos Deuses”, um termo muito carregado em sua constante crítica ao cristianismo (com a obra o anticristo) e que nesse termo o autor fala, segundo o comentador Clóvis de Barros,

que para morrer é preciso ter existido e é isso que Nietzsche persegue em sua vida. O que o filósofo quer realmente com isso, é denunciar o fim de uma forma de pensar, nesse caso, a filosofia do martelo em Nietzsche é isso, martelar, como o próprio termo diz, os ídolos, que por sua vez, são para essa filosofia os modelos mentais que escravizam essa vida, e mais, é Nietzsche martelando em suas obras as certezas.

Desse modo, um combate para com toda a visão dicotômica de moral, que segundo a sua obra apavora desde sempre o homem em sua menoridade, com isso, para tal somos enrolados. Ao invés de vivermos uma vida real, vivemos um mundo que não existe, segundo o próprio Nietzsche, onde o princípio de democracia é visto pelo filósofo como forma decadente e degenerativa, onde diminui a humanidade sobre um mundo que privilegia a fragilidade em prol dos experts, esses originários dessa artimanha, diante de táticas de domínio e poder.

Essas táticas reduzem os homens à mediocridade, onde se coloca nesses princípios, todas as esperanças. A premissa democrática de igualdade, que não existe em parte alguma, para Clóvis de Barros iguala os desiguais. Com isso, essa filosofia manifesta de Nietzsche, vem denunciar todas as mazelas e artimanhas, que, nesse caso, condiciona esse homem, diante do que Clóvis de Barros cita como sendo “uma muleta metafísica idealizada”. Isso será encontrada em todas as filosofias morais que apresentam, nesse caso, soluções dicotômicas dentro de todos os ideais políticos das filosofias de cada tempo (as utopias), que engessam as sociedades em prol de um modelo mental, que impossibilita de vivamos esse mundo em prol de outros mundos desconhecidos.

Esse mundo vem com uma visão normativa, que é a tal de ética de liberdade que nasce Grécia antiga e daí pra frente só foi aperfeiçoada diante das grandes questões da humanidade, a qual é sempre uma escola de convivência, que dita as regras de organização, que mediante tolerância ou não, impõe regras drásticas, que deixam cicatrizes em cada mudança. Portanto, em cada tempo existe uma regra pronta de convivência e portabilidade, que é fornecida para o bem estar desse estado de menoridade e sofrimento, que decide o modo operante de viver da humanidade.

A terceira chave do niilismo, dentro desse castelo de entendimento da obra do filósofo Nietzsche, é o mundo da vida, aquilo que é negado no Niilismo. Esse viés negativo é contrário ao mundo da potência defendido por Nietzsche, um mundo energizado pela “Vontade de Potência”, que é mais bem esclarecido em um livro póstumo com esse mesmo nome e que será enfrentado mais adiante nessa tentativa de entender o Filósofo. Esse entendimento servirá para obter um novo viés de sentidos para as ações aqui pleiteadas por questionamentos, para consolidar esse novo como alicerce de uma nova postura de agir.

Em suma, para Clóvis de Barros, existem dois tipos de pensadores dentro da filosofia em geral, e podemos categorizar em duas grandes categorias. Temos uma boa parte de pensadores que recomendam a transformação do mundo e cita nessa categoria o Próprio Karl Marx e outros idealizadores, onde para esse seguimento, a vida boa é uma vida engajada na transformação. E temos outra linha de pensadores, que recomendam que uma vida boa pressuponha uma reconciliação com o real, citando nessa categoria Nietzsche, Espinosa etc.

Para o autor os dois tem razão. Depende dos momentos, ou seja, diante desse momento de Tese, é o alcance que o próprio pesquisador quer, ou irá escolher para ser seu objeto de ponte para justificar o seu estudo para esse momento, que é a proposta aqui para ser discutida, dentro de uma argumentação exploratória, consequência, de vias de hipóteses, defendida como tese.

4.2) Uma introdução a Nietzsche II

Do mesmo modo, Scarlett Marton elege em sua fala sobre Nietzsche, como sendo o filósofo da suspeita, onde a professora de filosofia da USP e fundadora do grupo de estudos nietzschianos (GEN), explora as obras, conceitos e vida do filósofo alemão.

Sendo assim, Nietzsche chega a propor uma nova visão de vida. Scarlett Marton fala sobre o autor, diante de três perspectivas diferentes na sua visão sobre o filósofo da

suspeita. Essas três fases, estilos, são definidas em suas obras durante toda a sua vida, diante de suas produções.

A primeira perspectiva é de tom pluralista, a segunda de tom perspectivo e por sua vez a terceira de tom experimentalista. Como filósofo da suspeita, utilizou todas as suas experiências de vida no seu pensar, projetado diante dos infinitos percursos e estados, para prosseguir sobre a desconfiança sobre a natureza humana e suas condições e, por fim, desconfiar de si mesmo.

Pois bem, na perspectiva pluralista de seu estilo, essa de tom dissertativo são definidas seus estilos em suas obras: Nascimento da tragédia (1871), Genealogia da moral (1887) e outros em textos de estilo de panfletagem, como a obra: Considerações Extemporâneas. O aforismo, outro estilo eleito pelo filósofo, traz outras grandes obras, como: Humano Demasiado Humano: um livro para escritos livres (1878), Aurora (1881), Gaia Ciência e sua auto biografia Ecce Homo (1888).

O autor não apresenta um princípio único, organizado, definitivo de todo o seu pensamento, como conceito básico. Ele remete e explora a pluralidade de princípios e conceitos e isso é visto em suas obras, com suas angústias e perseguições. Entre essas buscas a golpe de martelada, numa explosão dos fatos, estão os princípios como a morte de Deus, além do homem, teorias das forças e a vontade de potência, eterno retorno do mesmo e o procedimento genealógico.

A segunda é o perspectivismo, onde o autor não confere nada acabado, não trata de forjar nenhuma doutrina sistêmica que remeta a um fim. Portanto, para Nietzsche, abrem-se múltiplas perspectivas para o tratamento de uma mesma questão, vários pontos de vista para essa mesma questão, visão.

A terceira perspectiva de suas obras é experimentalismo, onde não quer propor receitas acabadas. O autor pretende por a prova todas as hipóteses interpretativas, como de fato o filósofo da suspeita. Assim, gerando para cada ponto de vista múltiplas provocações e fatos, nesse viés, provocados foram os ataques constantes à religião

cristã, à metafísica com o seu além do mundo, além da noção de sujeito e a própria noção de verdade que o sustenta.

Para o autor é preciso implodir as dicotomias, dualidades, as quais nos conduzem para esse modo de pensamento, fictício, ilusório. Portanto, questionar os valores que norteiam a genealogia da moral atual, onde esses valores segundo o filósofo, não foram questionados até esse momento. Para Nietzsche, desde Platão há uma filosofia de vida transcendente do mundo das ideias, com parâmetros seguidos como bem, belo e verdadeiro, padrões a serem seguidos dentro desse mundo fictício. Para o filósofo, é em Humano demasiado humano, que foram criados esses valores, em algum momento e algum lugar, onde esses valores vão, voltam e se transformam e que fique claro, que esses são escritos na história da humanidade e não no seu transcendente.

Assim, Nietzsche inaugura em Genealogia da Moral o seu procedimento genealógico sobre a moral, inaugurando dessa forma, o método diante da genealogia da moral, como um instrumento genealógico de noção e questionamento do valor dos valores. Nesse caminho, de método e instrumento, ele procede por momentos seu percurso de pensar e agir. Primeiro, com uma perspectiva avaliadora sabendo que esse valor foi engendrado em algum momento e em algum lugar, procedendo avaliações relacionadas com os múltiplos valores e em um segundo momento, é perceber que nessa ordem há duas perspectivas, uma a avaliação da moral dos nobres(fortes) e outra da moral dos ressentidos(fracos).

Em seu livro Para além do bem e mal, o filósofo Nietzsche suspeita a golpe de martelo, a moral dos senhores e a moral dos escravos, sendo que a moral em sua perspectiva deverá ser enfrentada, diagnosticada pelo olhar da dúvida, definindo o momento e lugar que esses valores foram criados e engendrados. No caso da moral dos nobres, cria o valor de “bom” que atribui a si mesmo um status, dentro de uma dualidade, distinta dos valores ruins atribuída aos fracos. Essa é uma maneira nobre de ser, cria primeiro o valor bom e atribui a si mesmo esse valor, logo depois cria o valor contrário ao seu e eleger aos fracos o valor ruim.

No caso da moral do ressentimento, há outra inversão de valores atribuídos, segundo Nietzsche, esses por inventarem o valor de mal ao intitular e rotularem os nobres. Portanto, dentro do procedimento genealógico, nobres e ressentidos valorizam as suas avaliações, onde bom e ruim é do modo nobre; já bom e mal ao modo ressentido de ser.

Esse mundo entre nobres e ressentidos, é o mundo da desigualdade. Nesse momento podemos refletir sobre esse mundo, onde o bom da moral dos nobres, é fruto de sua auto afirmação e o bom dos ressentidos são frutos antagônicos e oriundos da mesma origem, só que vivem em oposição de um contra o outro. Portanto, a moral dos escravos, ressentidos, surge de uma inversão de valores, uma espécie de ‘reação’, uma inversão dos valores nesse caso posto pelos nobres. Sendo assim, a relação entre nobres e ressentidos possui uma lógica e uma cronologia.

Sobre esses aspectos originados entre os valores nobres e valores dos ressentidos, podemos confrontar o valor dos valores para cada ponto de vista, entre essas duas perspectivas. Há, alguma coisa que crie valores sobre valores em cada perspectiva? A maneira nobre de avaliar é mais boa que a dos ressentidos?

A autora Scarlett Marton, observa sobre esses aspectos e adverte para o ponto de que, caso recorrermos assim, estaremos entrando em um círculo vicioso. A escolha de um pelo outro, acaba por determinar uma valoração de um sobre o outro. Sobre esse ponto estaremos caminhando em um mais do mesmo, em vício perpétuo que chegará sempre ao mesmo ponto.

Logo, qualquer critério que se oponha a essa realidade do mundo dos opostos, dual, deverá recair para um outro critério segundo Nietzsche, sendo esse critério, por si só, o da vida. Portanto, a perspectiva genealógica converte-se em uma arma de combate.

Em seu livro Assim falava Zaratustra, o autor nos remete a mais pura reflexão sobre a vida, colocando em prova o que é essa vida que esta presente em nosso dia a dia. Nietzsche proclama a vida e a vontade de potência. A vida para o filósofo, é uma vontade orgânica que sente e pensa. Onde, todo corpo quer, pensa e sente e o querer é

um afeto primário, ou seja, a vontade de potência. Nesse caso nada leva ao tipo livre arbítrio, pois toda vontade de potência, toda célula quer mais potência. Essa luta nem sempre é positiva, pois essa vontade de potência se exerce diante de resistências e obstáculos que são convertidos em estímulos.

Sobre essa conversão oriunda dos conflitos gerados por mais estímulos, podemos aqui discorrer sobre um dos aspectos mais conflituosos de opositores da obra de Nietzsche, que é sua rotulação ao nazismo. Scarlett Marton nos lembra, que todos se apropriaram de alguma forma da obra e seus discursos, que nesse caso, recaem ou para o olhar do nobre ou do ressentido, onde cada um usou para o seu devido fim. Pois bem, a luta de Nietzsche, da vontade de potência, não é o aniquilamento ou extremismo como ocorrerá muito nos discursos desse movimento nazista, a luta aqui é pela vida .

O autor nos remete a teoria das forças, onde o mundo é uma matéria inerte, ou orgânica e esta permanentemente em luta. Toda força quer exercer sempre mais. A vida para Nietzsche, é um caso particular da vontade de potência e, portanto, a vida será o parâmetro de avaliação de qualquer cenário. Nesse caso, a genealogia da moral proferida em sua obra: Para além do bem e do mal, o filósofo da suspeita, nos problematiza que viver é uma violação, apropriação, dominação do que é estrangeiro e mais fraco, uma imposição de uma forma única, uma corporação e exploração dentro dos movimentos desse mundo fictício, que profere uma oposição e exalta reações de todos os lados.

Outro aspecto, lançado e lembrado pela filósofa Scarlett Marton, é que não podemos ver Nietzsche, pelo viés marxista, pois as obras Nietzscheanas nos remetem para outros estados conceituais de mundo. Portanto, os ataques incessantes a moral cristã, que é niilista por natureza, ao ver de Nietzsche, nega a própria vida. Ele vai mais além: não basta largar os valores cristãos e agarrar outros valores como os da ciência, porque, religião, ciência e a metafísica, que justifica essa perspectiva, são atravessadas e justificadas por uma ideia de mundo verdadeiro. Portanto, seu enraizamento acontece num mundo transcendente.

Scarlett Marton nos lembra que é um Nietzsche falando no século XIX, mas elevo esse mesmo falar para os dias atuais, onde, mesmo havendo novos rumos para a ciência moderna, há dentro desse mundo um fator genealógico onde tem uma origem e uma cronologia, que ao meu ver não houve rompimentos. Sendo assim, é necessário romper com esse mundo transcendente, havendo necessidade de criar novos valores a partir de novos solos, criar novos valores em consonância com o corpo, com a vida e com a terra.

Portanto a doutrina do eterno retorno em Nietzsche, permite recriar esse mundo, permite julgar nossos próprios atos, nossa sociedade, a civilização, o ocidente. Com isso, torna-se um contraponto para esse mundo que é niilista pela sua base, onde o mundo é encaminhado em nome de outro, essa vida em valor de outro. Ele é taxativo em dizer que devemos viver essa vida como se ela fosse retornar inúmeras vezes, infinitas vezes, sendo um ato incondicional do aqui e agora.

Mas cabe lembrar, através de Scarlet Marton, que nesse mundo da ilusão e da felicidade paradoxal, algumas pessoas precisam de veneno para viver, isso quer dizer que algumas pessoas tem uma constituição fisiológica e patológica tão doente e instável, que elas necessitam de muletas para viver, essas condições são os venenos entregues pela forma niilista de viver esse mundo.

A questão da moral em Nietzsche, não se consegue visualizar de forma particular, fechada, pois o seu teor é geral e sua teoria contemplou tudo. Para entender esse filósofo, devemos entender algumas chaves que estão em todas as suas obras. Todos os seus livros tratam de tudo, o que, se por um lado ajuda, por outro dificulta. É uma obra densa, difícil de ser estudada. Do ponto de vista formal, Nietzsche filosofa por intermédio de aforismos, frases curtas de um parágrafo onde sua ideia é colocada na surpresa. O autor faz parte de uma filosofia manifesta.

No livro Vontade de potência como o livro póstumo, o autor traz, que o mundo é constituído por energia, somos energia que busca mais energia; Todos nós somos movidos por dois tipos de forças: uma ativa e outra reativa.

Meta-ponto

A crise é de representatividade, a realidade portanto é condenada, doente, frágil, uma metáfora, uma mentira. Portanto não cabe seguir uma pesquisa partindo da realidade.

1º temos de conhecer a natureza das coisas e a nossa, para aperfeiçoá-la.

2º temos de deduzir as diferenças e as concordâncias das coisas.

3º temos de ver o que essas coisas podem sofrer.

4º temos de associar isso com a natureza e a potência das coisas.

4.3) Quem são os suspeitos?

Nesse momento, recorro a Scarlett Marton (2010) com sua obra intitulada: Nietzsche, filósofo da suspeita, em que salienta que o filósofo trata suas obras, sua filosofia a golpe de martelos, onde desafia normas e destrói ídolos. Para Marton, o filósofo colabora para o nosso modo de pensar, agir e sentir. Há em Nietzsche uma capacidade de destabilizar nossa lógica de pensar, onde tenta implodir os dualismos, fazendo ver que ao contrário do que julgamos, a verdade não é necessariamente o oposto do erro, “mostrando que, ao contrário do que supomos, o bem nem sempre contribui para prosperar da humanidade e o mal, para a sua degeneração”(2010,p.7).

Sendo assim, Nietzsche, como o filósofo da suspeita, convida-nos a pôr em nossas causas nossos preconceitos, crenças e convicções. Não é por acaso que sua obra foi desacreditada, distorcida, deturpada, seja por má fé ou por ingenuidade, retrata a filósofa Scarlett Marton. Nenhum outro pensador suscitou, seja, por sua vida ou por suas ideias, tanto interesse e curiosidade.

Para Marton (2010) por décadas Nietzsche foi evocado por socialistas, nazistas e fascistas, cristãos, judeus e ateus, em suas interpretações. De pensadores, a homens políticos tiveram nele um ponto de referência, seja defendendo suas idéias ou atacando-

as. Como lembra a autora Scarlett Marton alguns o fizeram precursor do nazismo; já outros lhe tomaram como um dos autores mais revolucionários, críticos da ideologia ou até mesmo inspirador da psicanálise, chegando a ser um tal de guru dos tempos modernos. Resumindo, são inúmeras as interpretações sobre Nietzsche.

Ainda conforme Scarlett, Nietzsche como sendo o filósofo da suspeita, nos convida e nos remete para um eterno questionar sem cessar e ,portanto, é preciso colocar na academia, precisamente na ciência geografia, o “espaço em Nietzsche como alternativa ao tradicional.

Assim, Nietzsche, com o fim de sua vida intelectual, veio a fama. Para Scarlett Marton, foi acima de tudo, sua biografia e seu estilo que despertaram interesse e nesse interesse, muitos partiam do principio de que Nietzsche não tinha elaborado um programa qualquer, mas criado acima de tudo uma “atmosfera”, onde o importante era respirar o ar de seus escritos. Nesse interesse por suas obras, é fato que suas metáforas, parábolas e aforismos exerceram uma atração, sendo fato também a dificuldade no contato com suas ideias, logo, também é fato, que apareceram muitos estudos relevantes sobre seu estilo e influência.

Sobre as dificuldades e interesses com relação as obras do filósofo Nietzsche, Scarlett Marton acredita que é mais fácil absorver do que analisar o próprio autor. A autora fala que depois dessa imersão ao mundo de Nietzsche, há um grande mascaramento apropriado das ideias do filósofo por sperts, pensadores modernos, que de forma fabulosa ou superficial, defendem suas idéias e não assumem a inspiração em Nietzsche. Assim, segundo Scarlett Marton (2010, p.15), “o que esperar, hoje, de uma biografia de Nietzsche? No seu entendimento é reconstruir seu percurso intelectual resgatando referenciais teóricos, científicos e culturais, enfim, reescrevendo-o em sua época”.

Sobre o pensador anti- sistemático? A autora Scarlett (2010, p.15) adverte:

deve-se sobretudo à sua recusa, explicita, dos sistemas filosóficos; não são raras as vezes em que a eles se opõe. Mas o ponto central de sua crítica não reside no fato de apresentarem uma unidade metodológica e sim de fixarem uma dogmática. [...] Assim, Na aurora, assegura: “existe uma comédia dos espíritos sistemáticos; querendo perfazer um sistema e arredondar o horizonte que o cerca, forçando-se a pôr em cena as qualidades mais fracas no mesmo

estilo das qualidades mais fortes- querem apresentar-se como naturezas inteiras e homogêneas em sua força

Num fragmento póstumo afirma: “não sou limitado o bastante para um sistema- nem mesmo para meu sistema” (fragmentos póstumos 255). Para Nietzsche é preciso desbravar amplos horizontes para ter grandes ideias.

Segundo Scarlett Marton:

se o autor de Para além de bem e mal não se pretende um pensador sistemático, isso não o impede de se mostrar coerente. E a coerência reside, aqui, no caráter experimental de sua filosofia. Nos textos, quer fazer experimentos com o pensar encontra tradução em perseguir uma idéia em seus múltiplos aspectos, aborda uma questão a partir de vários ângulos de visão, trata de um tema assumindo diversos pontos de vista, enfim, refletir sobre uma problemática adotando diferentes perspectivas [...] O uso do aforismo? Persegui uma idéia sobre diversos ângulos possíveis. Dependendo da perspectiva adotada, uma mesma idéia acaba por assumir diferentes sentidos. (MARTON, 2010, p. 16 e 17)

A diferença de um Emanuel Kant, que buscou uma uniformidade de estilo em seus trabalhos, segundo Scarlett Marton (2010, p.18), Nietzsche não hesitou em experimentar em seus escritos, as mais variadas formas de estilos. Em sua obra intitulada “Nascimento da tragédia e na Genealogia da moral”, a autora fala que Nietzsche escolhe um discurso contínuo; já em outras obras, como “Considerações extemporâneas assume um caráter polêmico; no *Ecce Homo* elegeru seu tom autobiográfico.

Pois, como ele mesmo afirma: “levando em conta que a multiplicidade de estados interiores em mim é extraordinária”, as posições que avançam tampouco se baseiam em argumentos ou razões, mas sim em vivências. [...] A importância de tal estudo se dá quando se tem interesse. Entre o momento que Nietzsche elaborou o livro e o momento em que se torna objeto de conhecimento, há um longo percurso, que só se realiza graças aos leitores qualificados. E estes estão inseridos em conflituosas redes de poder em seus centro de pesquisa e Universidade. Entre os pontos de defesa das obras de Nietzsche foi na França nos anos 60 e 70. Autores como “Deleuze, Foucault, Derrida e outros lançaram mão de idéias de interpretação. E, substituíram assim, suas buscas fieis pelo verdadeiro sentido dos textos filosóficos, praticada pela erudição universitária, pela busca livre das potencialidades de significação nele aprisionados. Passaram a explorar imagens, símbolos, metáforas, aforismos e poemas”.(MARTON, 2010,p.22)

Desse modo, ainda segundo Scarlett Marton, é assim que o filósofo passa a ser o filósofo da interpretação, como o filósofo da suspeita. No Brasil, suas obras

influenciaram ora pelo seu caráter contestador, ora pelo seu caráter ideológico, assim, respectivamente da esquerda para a direita, se utilizaram de seus escritos.

Então, Nietzsche passou a nomear um estilo a serviço de um certo sentimento de existência, marcado por sua ousadia e irreverência. O seu nome foi invocado para por em xeque as instituições e os valores estabelecidos, a maneira bem comportada de pensar e agir na sociedade (MARTON,2010,p.24)

Aqui no Brasil, houve segundo Scarlett, um contraponto na década de 80, onde alertaram para o perigoso contágio que as obras de Nietzsche poderiam remeter sobre suas ideias, logo, o classificaram como um filósofo menor, passando a não ter interesse pelos brasileiros. De acordo com ela, o porquê do esquecimento, da negligência, do não uso de Nietzsche, fica claro no fato de que conhecimento é poder. A autora lembra, que durante anos se falou de Nietzsche como um “autor” da moda e, muitas vezes exagerado, sem ter conhecimento da densidade de suas reflexões filosóficas. Desse modo, ela adverte para o uso de um conhecer superficial.

A autora Scarlett Marton nos lembra, que duas leituras acabaram por impor-se durante um bom tempo sobre o filósofo Nietzsche: as obras de Heidegger e as obras de Foucault. Assim, conforme a autora, Heidegger atenuava a reflexão de Nietzsche para pôr em relevo a sua própria, enquanto Foucault se apropriava enquanto caixa de ferramentas. Portanto foi entre os pensadores franceses, em particular Foucault e Deleuze, que Nietzsche adentrou às ciências humanas. Ela adverte para dois comentadores da obra de Nietzsche e declara extremo cuidado para o uso errôneo e superficial quanto às obras nietzschianas.

Ao contrário do que aponta Foucault Nietzsche não se limita a destruir os valores estabelecidos; empenha-se na construção de toda uma visão de mundo. Ao contrário do que assinala Heidegger, ele não se acha enredado nas teias da metafísica; elabora um pensamento com a marca do pluralismo e do dinamismo. Portanto, que toma Heidegger e Foucault como comentadores de Nietzsche corre o risco de cometer uma injustiça contra eles e contra Nietzsche.(MARTON, 2010, p.28)

Scarlett Marton é taxativa em dizer, que para dar conta da riqueza da reflexão de Nietzsche, é preciso frequentar sua obra, explorar suas teias do além dos conceitos e conviver com suas estratégias. A pergunta que não se cala, quem somos nós?

Para a autora pode parecer um jargão, mas é uma pura incógnita, dentro desse movimento que a filosofia da suspeita de Nietzsche nos convida e nos remete a sermos eternos suspeitos de nós mesmos. Essa filosofia da suspeita, nos leva a suspeitar das crenças, dos preconceitos da natureza humana, isso tudo, proposto e seguido por todos nós e, por fim, suspeitar de nossas próprias experiências, onde cada uma é obra de uma intencionalidade, que por sua vez vive de estágios.

É preciso que em cada estágio tenhamos a percepção de nossa maneira de pensar e agir, que pode segundo Nietzsche, nesse caso, segundo Scarlett, divertido e angustiante ao mesmo tempo. Como diria Heráclito tudo flui, tudo é movimento, ou tudo é cheio de intenções.

Assim, viver sempre é um processo, que para o filósofo é um movimento com estados de lutas internas, de um estágio para o outro, onde esse movimento de luta incessante nos revela nossos impulsos seja (fisiológico + psicológico) e o contrário do que percebemos e vivemos, não são tidos por uma unidade, mas uma multiplicidade de impulsos, pulsantes. Portanto, o que somos esta muito ancorada no que se viveu, nas leituras que se faz diante da vida, ou espécie de força vital.

Segundo Scarlett Marton, o que faz da filosofia de Nietzsche ser atual e discutida, é a perspectiva extemporânea. Dentro dessa perspectiva encontramos a idéia de que somos parte do mundo e mais, somos o mundo. Não existe separação entre o homem e o mundo, homem e natureza, homem e cultura. Onde homem é impulsos, o mundo é forças e qualquer movimento, ou comportamento, afeta esse universo de forças pulsantes, que por sua vez altera a cada estágio o espaço.

Dentro da filosofia da suspeita, o que importa são os valores que norteiam nossas práticas e que dentro destes moldes norteadores existem indivíduos que tem uma constituição físico psicológica, que a existência da religião faz-se necessária, ou seja, precisam de venenos. Para Nietzsche não há ação desinteressada, em tudo há interesse. Dentro desta perspectiva, o ser humano não se vê como ele é, ele se idealiza. Já Nietzsche naturaliza esse homem.

Portanto, o primeiro critério de avaliação que se impõe nos escritos nietzschianos, é a “vida”. Esse valor não pode ser avaliado por um vivente, pois ele esta

nela imerso. Nesse caso, “a genealogia da moral” em Nietzsche, converte-se em uma arma de combate aos valores de tempo, ou caso queiramos, em nossas mãos.

Em “Assim falava Zaratustra”, a vida como vontade orgânica é própria não só do homem, mas de todos os seres vivos, onde querer é um afeto primário: a vontade e no caso de um obstáculo, ele converte-se em estímulos. Nesse caso, para Nietzsche, como teoria das coisas, o mundo é constituído por forças constantes em combate, seja do organismo a tudo o que existe.

Segundo Scarlett, o ataque proferido por Nietzsche à moral cristã, não basta largar os valores cristãos e agarrar os valores da ciência, pois a ciência também busca o mundo verdade. É preciso segundo o filósofo da suspeita, suprimir esse mundo transcendente. É preciso conforme Zaratustra, ir da montanha ao vale como trajetória de vida e perceber esse mundo de ficção.

Para converter isso é preciso o “eterno retorno”, viver a vida como se ela fosse retornar milhões de vezes, no aqui e agora. Consequentemente, do mundo ficção, o platonismo conseguiu tornar a sociedade doente. Desse modo, Nietzsche seria uma espécie de médico da humanidade, como filósofo da suspeita a golpe de martelo, ele nos remete para transvaloração de todos os valores.

4.4) Perspectivismo em Nietzsche

O autor Fernando Costa Mattos (2013) é mais um a refletir sobre o filósofo Nietzsche, mas nesse caso, ele trabalhou sobre o conceito de perspectivismo desse autor. Ele trata de esclarecer em seu livro, que não é uma tese sobre o filósofo, mas uma reflexão sobre tais conceitos inspirados na obra Nietzscheana, em um estudo articulado a tais reflexões atuais. Ao analisar o mundo como interpretação, segundo o filósofo Nietzsche, trata de esclarecer o problema de quem interpreta tal mundo e como esse mundo é representado. Contudo, Mattos enfatiza que é preciso tomar cuidado com os dogmas em cima da obra e por sua vez a influência de Nietzsche em tais análises.

O autor esclarece que a grande virada promovida pelo filósofo, não foi suprimir o sujeito em definitivo, mas uma transposição do seu caráter subjetivo do

conhecimento, para um domínio das singularidades. Portanto, o perspectivismo será tratado como um caminho para essa transposição, esse novo viés.

Mattos em seu prefácio fala que é preciso aprender com os mestres, digo mais com os demiurgos, mas nesse caso, conforme Nietzsche, é preciso dialogar, porém é necessário sobrepor novas diretrizes e convicções sobre esses diálogos, dando uma própria reviravolta nessa filosofia da vontade.

É notório o desdenho que Nietzsche manifesta diante da “democracia”, do “cristianismo” e diante de todos os caracteres dogmáticos que esses representam. E, diante disso, de todos esses holofotes e vieses sobre Nietzsche, Mattos declara que é um grande desafio mediar à obra nietzschiana aos dias atuais.

Dentro de seu caráter antidogmático e provocador, o filósofo preocupou-se em mostrar como sair da mesmice nesse mundo. E mais, as obras de Nietzsche não poderão ser vista como um sistema acabado e coerente de pensamento à moda tradicional, mas sim, um mosaico assistemático de perspectivas sobre a realidade, dentro do seu estilo de escrever, aforístico, onde devemos excluir qualquer limite que imprima uma rigidez entre formas e conteúdos.

Diante disso, encontramos nessa obra de Mattos (2013, p.14), uma preocupação em garantir uma objetividade mínima, que permita uma prática como a proposta por Nietzsche na “transvaloração de todos os valores com um sentido mais amplo, mais social”. E apesar de Nietzsche massacrar o sistema democrático, Mattos acredita que é só nesse sistema, que todo o ideal transformador que Nietzsche prega, que seria somente neste palco, que se desenvolveria a cena perspectivista como um recurso antidogmático e que se aposte no humano, diferente desse atual.

Portanto, Mattos discorda de Nietzsche em seu caráter antidemocrático, ao salientar a importância de uma proposta democrática, capaz de garantir essa tal liberdade, mas concorda que a atual fase democrática não condiz com a verdadeira possibilidade de que o homem poderá conquistar. Afinal, segundo Mattos, essa tem de ser conquistadas pelos indivíduos, dentro de um esforço intelectual contínuo, dentro de

uma constante auto superação de sua existência e por fim idealizado em um homem não acomodado.

Nessa sua obra, Mattos discute o perspectivismo em Nietzsche, que foi alvo de estudos das mais diferentes escolas de pensamentos e outros autores. Entre eles, o autor Heidegger o tratou como sendo o único metafísico do ocidente, já os franceses por sua vez tratavam como sendo uma caixa de ferramentas, ou como instrumento para por em contrastes com a tradição metafísica, já, por outro lado, outro autor é Derrida, em que Mattos comenta seu pensamento sobre as obras de Nietzsche:

Podemos encarar a obra de Nietzsche como uma espécie de lente multifacetada, através da qual se pode enxergar a realidade sem nunca fechar-se numa única perspectiva, e os seus conceitos, como imagens polissêmicas- necessariamente polissêmicas- a servir de instrumento tanto para pensar essa realidade, brincando com os diferentes ângulos, como para dissecar e destruir as formas unívocas- e por isso dogmática- de compreensão do mundo” (MATTOS, 2013, p.53)

Assim, contra um homem puro sujeito do conhecimento e isento de vontade, alheio a dor e ao tempo, também refém dos conceitos contraditórios como uma razão pura, devemos entender que a vida é uma multiplicidade fluida de experiências, em sintonias com seus estados anteriores, o qual as vivências se formam em perspectivas, oriundas de tensões internas. O que temos portanto, não é uma realidade “lá fora”, estranha a nós mesmos, o que temos segundo Mattos, é um todo processual e dinâmico que não se deixa caracterizar por noção alguma a não ser a do próprio interpretar, que seria assim o caráter essencial do acontecer.

Todo acontecer é interpretação, e toda interpretação é acontecer: esta seria a descrição circular [...] dessa realidade de que fazemos parte, sem qualquer separação possível a não ser no plano de nossas ficções falseadoras- falseadoras justamente porque separadoras [...] não somos “nós” que interpretamos “o mundo”, é o próprio mundo que interpreta a si mesmo através de nós, ou melhor, é o interpretar que interpreta o interpretar, e nada além disso- nós a rigor, nada somos. A “objetividade” do “nosso” interpretar [...] só pode ser essa espécie de intensificação da “força interpretante”, que nada mais é do que a vontade de potência, entendida com a expressão que designa aquele caráter processual- volitivo- interpretativo que constitui a “realidade”: a medida que nos abrimos, “ou somos abertos”- já que só a própria realidade pode ser “sujeito” de qualquer ação- a esse movimento de intensificação, adquirimos “mais olhos” e “conhecemos” melhor a realidade de que fazemos parte (MATTOS, p.82-83).

Sendo assim, a colaboração da obra de Mattos para meus estudos, caminha pela posição em que esse dimensionou reflexivamente as obras de Nietzsche e também relatou que é preciso ultrapassar o seu mestre.

E também, diante das diversidades de potências, é que o termo potência relacionado aqui só poderá ter uma oposição em que seja ela mesma; assim tornando-a sempre vontade. Com isso, há o impedimento de recair essa vontade para uma filosofia do sujeito, já que para Nietzsche o “eu”, “sujeito” e “mundo”, são agentes fictícios. Por conseguinte, vistos pelos fatos que fomos nós que criamos a igualdade desses estados, modelos impostos a dar um único sentido à vida, absoluto, quando nesses são múltiplos sentidos a eles atribuíveis.

Esses modelos sobrecarregam o homem e o mundo e condiciona-nos de forma dogmática, que sejamos iludidos com caminhos simplórios, para enxergarmos a realidade como um todo único. Assim, o grande desafio é não ser dependente, mas sim, ser um protagonista, homem livre, desvencilhando-se de tudo que poderá influenciar no modo de ver e agir nesse mundo.

É preciso caminhar entre as diversas perspectivas do conhecimento, preservando o ir e o vir entre uma perspectiva e outra, ressaltando assim que o homem em , é importante como um todo, um homem de fluxos, diferente desse homem atual que aceita de forma irrestrita a si, com o desejo de que a realidade fosse diferente, que o mundo deveria ser visto como vontade de potência e não uma igualdade democrática.

4.5) Nietzsche e a filosofia em Deleuze

Gilles Deleuze foi outro grande pensador a debruçar seu pensar para um grande desafio, que é ingerir o pensamento Nietzscheano. O autor francês, em seu livro Nietzsche e a filosofia, percorre o filósofo alemão com uma intensidade, algo necessário para degustar e ruminar as obras do filósofo da suspeita.

Nietzsche no seu projeto mais geral consiste em introduzir na filosofia os conceitos de sentido e de valor, embora a filosofia moderna viva desses conceitos, mas

não da forma crítica como Nietzsche gostaria. Segundo Deleuze, na filosofia moderna essa teoria dos valores geraram um novo conformismo e por sua vez novas submissões. Desse modo, ele (1976,p.4) enfatiza que a filosofia dos valores, tal como ele concebe (Nietzsche) “é a verdadeira realização da crítica, a única maneira de realizar a crítica total, isto é, de fazer a filosofia a marteladas”.

Essa crítica total seria uma “inversão crítica”, que confere investigar o valor dos valores, dentro da avaliação que é apreciado os fenômenos. Nesse caso são os valores que necessitam de avaliação, diante dos inúmeros pontos de vista de sua apreciação, verificando o problema da sua criação. Não é o valor pelo valor na avaliação que corresponderá ao valor crítico, mas sua maneira de ser, modos de existência daqueles que julgam e ao mesmo tempo avaliam.

Por isso temos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou de nosso estilo de vida. Há coisas que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar “baixamente” de viver e pensar baixamente. Eis o essencial: o alto e o baixo, o nobre e o vil não são valores mas representam o elemento diferencial do que deriva o valor dos próprios valores. (Deleuze, 1976,p.4)

Não basta a crítica sob os valores, mas na concepção nietzschiana, é preciso ir na genealogia dos fatos, no seu valor da origem e por sua vez a origem dos valores. Com isso a genealogia em Nietzsche se opõe ao caráter absoluto dos valores, nele a crítica não será concebida como uma mera reação, mas sim fazendo parte de uma ação. E mais, a genealogia além de sua origem ou nascimento, também requer diferença ou sua distância da origem. Por isso, a crítica a golpe de martelos para aqueles que subtraem os valores à crítica, contendo-se em inventariar os valores estabelecidos, até mesmo aqueles que respeitam os valores estabelecidos fazendo derivar de simples fatos, como fatos objetivos: esses tidos para Nietzsche são como utilitaristas ou eruditos.

Nunca encontramos o tal sentido de alguma coisa (fenômeno humano, biologia ou até mesmo físico) se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime. Tal coisa é definida no fenômeno que

não é uma aparência, nem aparição, mas um signo, ou seja, um sintoma que encontra seu sentido numa força atual.

A filosofia inteira é uma sintomatologia, uma semiologia. As ciências são um sistema sintomatológico e semiológico. A dualidade metafísica da aparência e da essência e, também, a relação científica do efeito e da causa são substituídas por Nietzsche pela correlação entre fenômeno e sentido. Toda força é apropriação, dominação, exploração de uma quantidade da realidade. Mesmo a percepção em seus aspectos diversos é a expressão das forças que se apropriam da natureza. Isto quer dizer que a própria natureza tem uma história. A história de alguma coisa é geralmente a sucessão das forças que dela se apoderam. Um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido de acordo com a força que se apropria dela. A história é a variação dos sentidos, isto é “ a sucessão dos fenômenos de dominação mais ou menos violentos, mais ou menos independentes um dos outros. O sentido é então uma noção complexa. Há sempre uma pluralidade de sentidos- uma constelação, uma interpretação, uma arte, e toda subjugação, toda dominação, equivale a uma interpretação nova. (Deleuze, 1976, p.5)

Segundo Deleuze, Nietzsche não acreditava nos “grandes acontecimentos” ruidosos, mas na pluralidade silenciosa dos sentidos de cada acontecimento. Para ele não existe sequer um tal de acontecer, um fenômeno, uma palavra, só o pensamento múltiplo era viável, pois na sua visão, uma coisa é qualquer coisa a qualquer momento, depende daquele que se apodera.

Assim tal como a religião, a economia, a sociedade, a cultura não possuem um sentido único, visto que de cada um é possível extrair para cada força, um sentido diferente. Nesse caminho, essa força é oriunda de uma interpretação única capaz de revelar a complexidade ou até mesmo anular tal, logo esse uso, ato de interpretar, vive diante de artimanhas, máscaras que lhes fazem ser servis a tais condições, tidas como naturais. Há uma espécie de apropriação de outras formas já existentes.

Deleuze nesse momento discorre sobre a filosofia da vontade em Nietzsche. Segundo ele, a genealogia em Nietzsche não interpreta simplesmente, ela avalia. Não é apenas uma luta e uma sucessão por si só inerte, mas o próprio objeto é a tal força, como expressão da força. Portanto, há uma afinidade entre ambos. Não há objeto, fenômeno que já não seja possuído, visto que, nele mesmo, ele é, não uma aparência, mas o aparecer de uma força. Conforme Deleuze, a força é a sua multiplicidade de nuance, sua pluralidade que é exercida diante de um objeto sobre o qual uma dominação se exerce.

Assim, o conceito de força é, portanto em Nietzsche, o de uma força que se relaciona com outra força. Sob este aspecto a força é denominada uma vontade. A vontade (vontade de poder) é o elemento diferencial da força. explica Deleuze. Há uma relação de vontades, uma que comanda com uma vontade que obedece.

Conforme Deleuze, em Nietzsche:

Assim o pluralismo encontra sua confirmação imediata e seu terreno favorável a filosofia da vontade. [...] O filósofo Nietzsche, descola o que lhe parece ser a mistificação propriamente Schopenhauriana. A vontade é necessariamente negada quando se coloca sua unidade, sua identidade. [...] Nietzsche denuncia a alma, ou, o egoísmo, como os últimos refúgios do atomismo. O atomismo psíquico não vale mais do que o físico. Em todo querer, trata-se simplesmente de comandar e de obedecer no interior de uma estrutura coletiva complexa, feita de muitas almas (DELEUZE, 1976, p.6).

O sentido de alguma coisa é a relação desta coisa com a força que se apodera dela, o valor de alguma coisa é a hierarquia das forças que se exprimem na coisa, enquanto fenômeno complexo.

Outra contribuição de Deleuze diante da filosofia em Nietzsche, é sobre o caráter do filósofo alemão contra a dialética.

O não dialético em Nietzsche é o fato que em uma relação de forças onde um ordena e o outro se submete não é a condição negativa ou positiva entre ambos que confere o fato dessa condição. Mas há nesse interesse uma espécie de negociação e por sua vez um câmbio entre ambos diante de suas diferenças. O negativo ou positivo são resultados dessas atividades de forças. E nessa relação à vontade quer confirmar a sua diferença. Na diferença esse objeto se afirma. Portanto, a hierarquia é o motor essencial do conceito, mais eficaz e mais profundo do que todo pensamento da contradição. (DELEUZE, 1976,p.7).

Deleuze fala que devemos nos perguntar: o que querem tais forças de vontade da dialética?

Uma força esgotada que não tem força para afirmar sua diferença, uma força que não age mais, e sim reage e forças que a dominam; só uma força assim faz passar o elemento negativo para o primeiro plano em sua relação com o outro, ela nega tudo que ela não é e faz, desta negação, sua própria essência e o princípio de sua existência. Enquanto a moral aristocrática nasce de um triunfo de si mesma, a moral dos escravos é, desde o início, um não ao que não faz parte dela, ao que é diferente dela, ao que é seu não eu; e o não é o seu ato criador. (DELEUZE, 1976,p.7).

Em Nietzsche tal concepção é a do escravo, ele é a imagem que o homem do ressentimento faz do poder, no máximo um escravo realizado.

Para Deleuze, segundo o problema da tragédia, ao contrário de pensador trágico que lhe é conferido ao pensamento de Nietzsche, ele desloca esse trágico mundo a duas outras visões: dialética e cristã.

Outro fator recordado por Deleuze é sobre a evolução em Nietzsche. Será preciso então que o homem trágico, ao mesmo tempo em que descobre seu próprio elemento na afirmação pura, descubra seu inimigo mais profundo como aquele que conduz verdadeiramente, definitivamente, essencialmente, a tarefa da negação.

O problema da existência em Nietzsche, segundo Deleuze, foi verificado através do sofrimento, onde foi utilizado como meio para provar a injustiça da existência, mas ao mesmo tempo como um meio para encontrar uma justificação superior e divina. Desde que o homem pensa, introduziu nas coisas o bacilo da Vingança. No ressentimento (é tua culpa), na má consciência (é minha culpa), em seu fruto comum (a responsabilidade), mas Nietzsche não vê simples acontecimentos psicológicos, mas as categorias fundamentais do pensamento semita e cristão, nossa maneira de pensar e de interpretar a existência em geral.

Deleuze fala do ativo e reativo no corpo diante da filosofia de Nietzsche.

O que é consciência?

Em Nietzsche, a consciência é sempre consciência de um inferior em relação ao superior ao qual ele se subordina ou se incorpora. A consciência nunca é consciência de si, mas consciência de um “eu” em relação ao si que não é consciente. Não é consciência do senhor, mas consciência do escravo em relação a um senhor que não tem que ser consciente. Habitualmente a consciência só aparece quando um todo quer subordinar-se a um todo superior. A consciência nasce em relação a um ser do qual nós poderíamos ser função. Este é o servilismo da consciência, ela atesta apenas a “formação de um corpo superior”. [...] o que define um corpo é esta relação entre forças dominantes e forças dominadas. Toda relação de forças constitui um corpo: químico, biológico, social e político. Duas forças quaisquer, sendo desiguais, constituem um corpo desde que entrem em relação; por isso o corpo é sempre o fruto do acaso, no sentido Nietzscheano, e aparece como a coisa mais “surpreendente”, muito mais surpreendente na verdade do que a consciência e o espírito. Mas, o acaso, relação da força com a força, é também a essência da força. (DELEUZE, 1976, p.21)

Todo corpo é vivo como produto arbitrário das forças que o compõem. Na distribuição das forças, Deleuze fala que em Nietzsche as forças inferiores, apesar de obedecerem, não deixam de ser forças, distintas das que comandam. Para o filósofo, obedecer é uma qualidade da força enquanto tal e refere-se ao poder tanto quanto comandar. Desse modo, nenhuma força renuncia ao seu próprio poder.

Do mesmo modo, obedecer e comandar são as duas formas de um torneio. Deleuze lembra que para Nietzsche as forças inferiores definem-se como reativas, nada perdem de sua força, de sua quantidade de força que exercem diante dos mecanismos e das finalidades, preenchendo as condições de vida e as funções, as tarefas de conservação, de adaptação e utilidade.

O autor fala, que o ponto de partida do conceito de reação em Nietzsche, a consciência exprime apenas a relação de certas forças reativas, com as forças ativas que as dominam. Para o filósofo, a consciência é essencialmente reativa; por isso, não sabemos que um corpo pode, de que atividade é capaz.

E mais, Deleuze relata que para Nietzsche, o que dizemos da consciência devemos dizê-lo ainda da nutrição, da reprodução, da conservação, da adaptação. São funções reativas, especializações reativas, expressões de tais ou quais forças reativas. É inevitável que a consciência veja o organismo do seu ponto de vista e o compreenda à sua maneira, isto é, de maneira reativa.

Para Nietzsche comentado por Deleuze, o ativo tende ao poder(1976, p.22).

apropriar-se, apoderar-se, subjugar-se, dominar são os caracteres da força ativa. Apropriar-se quer dizer impor formas, criar formas explorando as circunstâncias. Nietzsche critica Darwin na sua visão reativa da evolução e do acaso como formas reativas. Reativo é uma qualidade original da força mas que só pode ser interpretada como tal em relação com o ativo, a partir do ativo.

Portanto, forças têm a quantidade, mas também tem a qualidade que corresponde às suas diferenças de quantidade, ativo reativo são as qualidades das forças.

A diferença de quantidade é pois, num sentido o elemento irreduzível da quantidade, num outro sentido o elemento irreduzível a própria quantidade. A qualidade não é outra coisa senão a diferença de quantidade e corresponde a esta em cada força em relação. Não nos podemos impedir de sentir simples diferenças de quantidades como alguma coisa e não são mais redutíveis umas das outras. E o que ainda é antropomórfico nesse deve ser corrigido pelo princípio nietzschiano no qual existe uma subjetividade do universo qual

precisamente não é mais antropomórfica e sim cósmica. Portanto queria reduzir a quantidade é loucura.(DELEUZE, 1976,p.23)

Sendo assim,Deleuze nos remete também para o que o filósofo compreende sobre a ciência. O autor é enfático em dizer que ele tem pouca competência e pouco gosto pela ciência, mas o que separa da ciência é uma tendência, que em sua manipulação da quantidade, procura igualar as quantidades. Deleuze fala que o que Nietzsche denuncia na ciência,é a sua mania científica de procurar compensação, o utilitarismo e o igualitarismo propriamente científicos.

Por isso, toda a sua crítica se exerce em três planos, conforme Nietzsche: contra identidade lógica, contra a igualdade matemática, contra o equilíbrio físico. Segundo o filósofo, é inevitável que a ciência fracasse e comprometa a verdadeira teoria da força.

Outro aspecto levantado por Deleuze sobre as obras de Nietzsche, é sobre o que é vontade de poder.

A vontade de potência é o elemento do qual decorrem ao mesmo tempo a diferença de quantidade das forças postas em relação e a qualidade que, nessa relação cabe a cada força. A vontade de potência revela que sua natureza: Ela é princípio para síntese das forças. E nesta síntese se relaciona com o tempo, e as forças e passam pelas mesmas diferenças o que o diverso se reproduz. A síntese é a das forças,De sua diferença e de sua reprodução. [...] a vontade de potência nunca é, na verdade, separável de tais ou quais forças determinadas, de suas quantidades, de suas qualidades, de suas direções; nunca é superior às determinações que ela opera numa relação de forças, sempre plástica e em metamorfose.[...] A força é quem pode, a vontade de potência é quem quer.(DELEUZE, 1976, p.25-26)

Nietzsche fez da síntese uma síntese de forças, porque a síntese não sendo vista como síntese de forças, seu sentido, sua natureza e seu conteúdo, permaneciam desconhecidos. Compreender a síntese de forças como o eterno retorno, encontrou, estabeleceu o princípio da síntese, a vontade de potência e determinou esta última como elemento diferencial e genético das forças em presença.

4.6) Verdade um batalhão móvel de metáforas

Assim, é em “verdade e mentira no sentido extra moral”, do livro de Friedrich Nietzsche “Obras incompletas”, que o filósofo discorre sobre o homem, como sendo um ser diante de situações singulares dentro do universo, esse homem inteligente inventa o conhecimento, fato esse que é um momento pequeno para o universo. E nesse momento

de eterna invenção intrínseco ao homem, essa condição começa na sua história penetrada na mais fabulosa fábula e nem assim o filósofo deixa de questionar, que para a natureza é um ato tão pequeno e insignificante. Para ele, não há nenhuma missão vasta, que justifique algo para além da vida. O homem assim no seu ato, tomou o “mundo”, sua criação de forma tão patética, como se tudo girasse em seu entorno.

Mediante o intelecto, o homem se mantém nesse disfarce que utiliza para a sua conservação, onde trava uma luta constante entre si, os outros e a natureza. O autor fala que o ápice do disfarce é a “ vaidade”, oriunda de todas as mazelas e artimanhas de que o homem, na sua maleável existência, vem imprimindo diante dos atos representativos, dentro desse jogo que é teatral, que teima em ditar.

O homem imerso em ilusões contenta-se em receber estímulos, trancafiado em uma consciência orgulhosa, como diz Nietzsche, uma consciência “charlatã”. E diante de tudo, esse homem imprime sua verdade, que são adequadas para a sua perpetuação, conservação, e que rege esse mundo para si, mediante suas linguagens proferidas e profetizas pelo seu conhecimento, unificado pelas suas verdades.

Todo conceito nasce por igualação do não igual. Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse “folha”, uma espécie de folha primordial segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, pintadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial. (NIETZSCHE, 1983 p.65)

Com isso o homem honesto é o homem que cria um pacto de honestidade, que agora, mediante a falta de processos, iguala tudo ao semelhante. Dessas ações individualizadas desiguais, o homem gera uma realidade oculta, que é oriunda dessa desconsideração individualizada, formando assim um conceito centralizado de mundo, mediante suas convicções para o todo.

Diante dessa realidade oculta, mas operante, o homem pratica e conhece o conceito, símbolo do seu projeto, para conhecimento e entendimento, mediante os

fenômenos observados diante das coisas e por sua vez, a “natureza” não conhece essas formas e nem esses conceitos tidos como verdades num sentido extra moral.

Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismo, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gestos e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 1983, p. 48).

Nesse batalhão de metáforas, o homem para existir, estabelece em sua conduta normas, regras para dizer essa “verdade”, como uma uniformidade sólida e convincente, para nesse caso, mentir em rebanho, ou seja, na sociedade, justificando suas atitudes ou negligências em cada processo de sobrevivência. O autor ressalta, que desse modo o homem esquece de suas práticas mentirosas e julga assim como verdades, que diante desses hábitos inconscientes geram um esquema que, através da “metáfora intuitiva, constrói um mundo regular e rígido. Esse mundo vinculado a uma teia rígida, torna para o homem essa “mundanidade” um lugar cômodo e somente pelo sonho, utopia que poderá haver tumulto dessa rigidez.

Sendo assim, o trabalhador braçal e os reis de cada tempo, diante desses sonhos, poderão usufruir de modos semelhantes de vida, de troca de papéis, sendo ora um ora outro, em épocas talvez diferentes. O homem tem uma propensão a deixar-se enganar e ficar enfeitado de felicidade com os espetáculos que lhe contam e lhe são passados durante os dias. Nesse intelecto o homem fica livre de sua escravidão e torna-se senhor da sua existência, disfarçado pela sua falsa plenitude e assim consumindo esse mundo pela cópia, e sentindo-se satisfeito e cômodo com tal situação. Diante disso, o homem age pelo “intuito”, tirando esse da indigência e lhe configurando como sendo um agente, um ator, ou sujeito de sua própria causa. Assim, esse homem se defende de sua própria instabilidade, nesse caso infelicidade, guiado por esses conceitos e abstrações, que vestidos de uma máscara lhe gera um equilíbrio para andar nesse mundo cômodo.

Em considerações extemporâneas Nietzsche declara que:

Quem entende sua vida apenas como um porto no desenvolvimento de uma espécie, ou de um Estado ou de uma ciência, e assim quer ser unicamente integrante da história do vir- a- ser da história, não entendeu a lição que lhe propõe a existência e têm de aprendê-la mais uma vez. –Esse eterno vir- a- ser é um mentiroso jogo de fantoches no qual o homem esquece de si mesmo, a verdadeira dispersão que desbarata o indivíduo [...] Por mais que o Estado enfatize o que faz de meritório pela cultura, ele a promove para se promover e não concebe nenhum alvo que seja superior de seu bem e à sua existência. O que os negociantes querem, quando exigem incessantemente instrução e cultura, é sempre, no final de contas, lucro. Se os carentes de formas atribuem a si os trabalhos específicos pela cultura e pensam, por exemplo, que toda a arte lhes pertence e tem de estar a serviço de sua carência, isso só evidencia que eles afirmam a si mesmo ao afirmarem a cultura que, portanto, nem mesmo eles superaram um mal- entendido (NIETZSCHE, 1983, p. 93-94).

Portanto, o autor é taxativo em dizer que quem se deixar interpor entre si e as coisas, terá uma vida condicionada pela história, será apenas mais um sem autenticidade, carregado por um sistema que lhe conduz e lhe dará uma acomodação diante de tais situações, pois as formas religiosas lhe exigirão uma renúncia, em prol de favorecimentos a si. Estas certamente serão os fatores que servirão para existir dentro desses cenários, como a figura dos experts.

Meta-ponto

Se a verdade não faz parte do mundo da vida, então o que é que as pessoas buscam nessa vida? Para uns a vida eterna, para outros uma felicidade paradoxal, para outros uma vida líquida e assim por diante. Portanto, cada situação tem que ter uma mesma correspondência ao real, com a mesma “coisa” você padroniza “coisas” diferentes. A mesma realidade de ontem não é a mesma realidade de hoje ou de amanhã, claro que há uma sequência de fatos, mas existe a cada instante, formas e condicionamentos para cada tempo, não que essas deixam de ter tal coisa, mas essa tal coisa flui para outros estados. Para Nietzsche, a verdade é um bem acabado de uma Muleta metafísica, engajada nos discursos, dentro dessa possibilidade de verdades, ilusões para todos os momentos, mas que não existe um só momento, uma só realidade, pois isso para ele é um absurdo. Não existe nenhuma possibilidade de que as palavras tomem conta do mundo da vida, é apenas um recorte, uma ideologia, determinado por um consciente, uma pequena ponta de um iceberg. E no caso do mundo da ilusão, para cada momento deveremos obter uma hipótese. Isso no mundo da vida, as coisas deixam de ser, elas transitam desde sempre.

Ao contrário do mundo da vida, o mundo da verdade, basta que essa coisa corresponda ao momento. A verdade fica estática enquanto o mundo da vida não. Há uma tendência psicológica de se fazer do mundo o que ele não é. Pertencente ao mundo da moral, ou seja da genealogia da moral, da sua origem, sua procedência como verdade absolutas em prol de justificativas de momentos.

4.7) Os ídolos em Nietzsche

Ou você possui uma vida em Crepúsculo dos Ídolos, ora iluminado, ora opaco, ou você vive uma vida a golpes de martelo, contrariando qualquer forma perpétua e errônea de viver a vida. Friedrich Nietzsche coloca a figura ídolos, onde a aristocracia sempre foi, desde os primórdios, a mais bárbara e em sua preponderância, procura não a força física, mas a força da alma.

Nesse ato é colocado que existe mais ídolos do que realidade no mundo. O autor declara que o livro é uma grande declaração de guerra, com suas máximas e sátiras. O que ele quer dizer com isso? Ele abre o questionamento com uma relação entre homem e Deus, que seria um equívoco entre esses dois entes. Nesse caminho, Nietzsche enfatiza, que na força de querer buscar a origem nos tornamos meros caranguejos e a figura do historiador é exemplificada como aquele que olha para trás e acaba crendo para trás.

O filósofo lança suas problemática para esse mundo, dentro dos casos da consciência. No primeiro caso, ele nos indaga: você corre à frente dos outros? Vive como pastor ou como exceção? No segundo caso de consciência, ele questiona sobre o viver verdadeiro, ou tão somente um comediante: O que representamos na vida? Ou então é isso tudo mesma coisa, pois como comediante somos apenas uma imitação de outro? No terceiro caso de consciência, Nietzsche pergunta: Somos só observadores, ou somos praticantes de colocar as mãos na coisa, de fazer as coisas acontecer? Por fim, ele questiona novamente sobre nossos caminhos. Queremos só participar? Ou queremos preceder a cada etapa? Ou, ainda trilhar sobre o nosso caminhar, projetar? Portanto,

nesse quarto caso de consciência Nietzsche fala que é preciso saber o que se deseja e se quer nessa vida.

Nesse viés, Nietzsche reconhece em Sócrates e Platão, sintomas de decadência, até questiona-se se eram sábios realmente. O caso de Sócrates representa um erro; toda moral de aperfeiçoamento, inclusive a moral Cristã foi um erro.

A crítica a razão na filosofia nesse caminho ocorre por esses sintomas. A razão é a causa de falsearmos os testemunhos dos sentidos. Estes não mentem quando nos mostram o vir a ser das coisas, o desaparecimento, a mudança. Mas em sua afirmação segundo você é uma ficção, Heráclito terá eternamente razão O mundo das aparências é o único real, o mundo verdade foi acrescentado pela mentira. (NIETZSCHE, 2006, p.22)

Para Nietzsche (p.23), atualmente só possuímos ciência enquanto aceitamos o testemunho dos nossos sentidos, ensinando a se dirigirem para o fim que nos propomos. O resto, é somente um aborto que não é ciência, mas metafísica, teologia, psicologia e epistemologia, ou então, é Ciência da forma, teoria dos signos, como a lógica ou a lógica aplicada pelos matemáticos. Nessa realidade, não aparece nem sequer como um problema, como tão pouco coloca a questão do valor, que possui em geral no sistema uma convenção ditada por signos como a lógica.

Na conclusão desse filósofo, o que podemos retirar, é que tudo que é de primeira ordem deve ser causa genealógica e querer outra origem é considerado como uma objeção, algo que faz duvidar do valor da coisa. Todos os valores superiores são de primeira ordem, todos os conceitos superiores, o ser, o absoluto, o bem, a verdade, a perfeição, tudo isso não pode vir a ser, é necessário que seja causa primeira.

Para Nietzsche o mundo verdade tornou-se enfim uma fábula. A História de um erro. Nesse erro ele destaca quatro grandes erros.

O erro da confusão entre a causa e o efeito. Não há erro mais perigoso que o de confundir o efeito com a causa. [...] o erro das causas imaginárias [...] representações que produzem um estado particular dos fatos tem sido mal interpretado como se fossem a causa desse estado. [...] Querer sempre que haja uma razão para justificar nossos estados, sentindo-se bem ou mal. Sucessões de motivações, interpretações errôneas das coisas, O que impede tal investigação. [...] explicação psicológica desse fato. Reduzir algo desconhecido a outro conhecido alivia, tranquilizar e satisfazer o espírito (Sentimento de poder). Uma explicação qualquer é preferível a falta de explicação, ou seja, uma causa tranquilizante. O que se deduz disso? É uma avaliação de causa é o que domina, se condena no sistema e acaba por

predominar até o ponto de desterrar as outras causas e as outras explicações. O banqueiro pensa imediatamente o negócio, o cristão no pecado, a cortesã no amor. Todo domínio da Moral e da religião deve ser explicado através dessa ideia das causas imaginárias. O erro do livre arbítrio. Vou me limitar a explicar a psicologia tendência a exigir responsabilidades. Onde quer que exijam responsabilidades, O instinto de julgar e de castigar anda, geralmente, mesclado na tarefa. Retira-se a inocência do Devir quando lhe atribui um estado de fato, o que é que seja, a vontade, a intenção, atos de responsabilidade. A doutrina dá vontade foi inventada, principalmente no ato de castigar, com intenção de achar um culpado. (NIETZSCHE, 2006 p.38-41)

Sendo assim, devemos entrar na corrente contrária e nós, ao seu ver os ‘imoralistas’, devemos trabalhar com todas as nossas forças para conseguir que desapareça, que sejamos um contraponto, ao mundo da moral, que contamina a inocência do devir no existir. Devemos nos colocar além desse mundo dual, que ora impõem o bem, ora impõem o mal, que coloca sobre nós a ilusão do juízo moral, que coloca-nos na ignorância, com uma interpretação parcial da realidade dos fenômenos, uma falsa interpretação.

4.8) Vontade de potência em Nietzsche.

A vontade de potencia como conhecimento. O filósofo Nietzsche faz uma crítica ao pensamento naquilo que Descartes menciona: “Pensa-se, logo existe algo que pensa”, reduz o pensamento a algo verdadeiro e único, como um postulado lógico- metafísico e com isso não se alcança nunca essa verdade, mas unicamente uma crença desse fato.

O autor é taxativo em dizer, que a realidade do pensamento nesse viés não é atingida, aquilo que vivenciamos é uma aparência do pensar. Nesse caso, o mundo das aparências enfatizado por Nietzsche, como a fenomenalidade do mundo interior, caracteriza-se por ser um mundo que é pré-concebido, pré-condicionado, preparado, esquematizado. Assim, o pensamento passa a ser e exercer a um simples arranjo artificial, para facilitar a sua compreensão.

O filósofo, fala do fenômeno do mundo interior, onde há uma reversão cronológica, de maneira que a causa atinge a consciência, mais tarde que o efeito, o que

acarreta em projetar o nosso mundo exterior, de forma indissociavelmente ligado aos velhos erros de causa, o que para ele, é um uma interpretação esquematizada do objeto. E é nessa relação com o mundo exterior que a nossa consciência é desenvolvida.

O que se torna consciente encontra-se nas relações de causalidade que não são inteiramente ocultas. A sucessão de pensamentos, de sentimentos, de ideias na consciência não deixa compreender que essa seqüência é causal: mas, é assim na aparência e no grau mais elevado. É sobre essa aparência que fundimos toda nossa representação de espírito, de razão, de lógica etc. (tudo isso não existe: são sínteses e unidades simuladas para projetar em seguida esta representação nas coisas, atrás das coisas). (NIETZSCHE, 20011, p.345)

Para Nietzsche, a consciência não é algo superior, mas somente um meio de comunicação. Ela se desenvolve nas relações, em consideração aos interesses de relação. Essa relação é colocada, como sendo a influência que o mundo exterior exerce sobre a consciência e por sua vez, suas reações que esta influência necessita, de nossa parte e mesmo para o efeito que nós exercemos.

O mundo verdade e o mundo das aparências (NIETZSCHE, 2011, p.347). O autor fala de uma capitalização de experiências, que imprimem uma certa determinação, que ajuda a espécie a conservar-se e crescer em potência. Com isso, é imposto uma concepção da realidade que aglomere um certo número de coisas calculáveis, que sejam difundidas sobre tal concepção, ou seja, um esquema de sua conduta. O autor enfatiza que a lógica seria um imperativo, não para o conhecimento do verdadeiro, mas para fixar e acomodar um mundo que devemos chamar verdadeiro.

Assim, por não compreendermos e por fazermos da lógica um critério do ser verdadeiro, estamos de antemão, em caminho de considerar como realidade, todas as hipóteses, substância, atributos, objeto, sujeito, ação etc.; quer dizer, conceber um mundo metafísico, um mundo verdade (mas este é uma repetição do mundo das aparências) (NIETZSCHE, 2011, p.348).

Portanto, a lógica é a tentativa de compreensão do mundo verdadeiro, segundo um esquema do ser fixado por nós e por sua vez, em Nietzsche, tudo o que pode ser pensado é necessariamente uma ficção, pela facilidade que a lógica imprime como meio

de expressão, mas que nesse caso, para o filósofo, é um caminho mais fácil do que o caminho do devir.

A coação é um mundo de casos idênticos para Nietzsche. Anossa imaginação interpreta essa coação como uma garantia de verdade (muletas). Segundo o autor:

Fomos nós quem criamos a “coisa”, a “coisa igual”, o sujeito, o atributo, a ação, o objeto, a substância, a forma, depois de estarmos muito tempo satisfeitos em representá-los iguais, grosseiros e simples. O mundo aparece lógico porque fomos nós quem primeiramente o logicizamos. (NIETZSCHE, 2011, p.357)

Para Nietzsche, a vontade de potência na natureza como lei natural(2011, p.378), é aqui que o filósofo critica a ideia de “causa”, onde psicologicamente a ideia de causa é o sentimento de potência, no que o autor chama de vontade, é a ideia de “efeito” é o preconceito em acreditar que o sentimento de potência é a própria potência que põe em movimento.

No mesmo caminho há uma crítica ao mecanicismo, oriundos de uma “necessidade” e de uma “lei”, segundo Nietzsche, a primeira é um falso constrangimento e a segunda tida como uma falsa liberdade. O mundo é uma tradução do mundo da ação, de efeitos num mundo visível, um mundo feito para os olhos, é a ideia de movimento, onde sujeito e objeto, numa relação onde há o agente para agir e por sua vez, há uma ação separada do seu genitor. E mais adiante há uma crítica a ideia de causa, onde haverá para tudo o que acontecer, a busca de um agente.

O filósofo (2011, p.388) fala que “em nossa ciência, em que a concepção de causa e efeito está reduzida a uma equação, com o nosso orgulho de demonstrar que cada lado há a mesma quantidade de força, falta à força ativa, somente consideramos os resultados, os quais são equivalentes quanto ao conteúdo e a força”.

A vontade de potência como vida é uma psicologia da vontade de potência.

O homem não busca o prazer e não se esquivava ao desprazer: compreende-se a que preconceito célebre quero contradizer aqui. O prazer e o desprazer são simples conseqüências, simples fenômenos secundários. O que o homem quer, e o que a menor parcela de organismo vivo quer, é um plus de potência. Na aspiração para um fim, há tanto prazer quanto desprazer; daquela vontade o homem busca a resistência, tem necessidade de algo que se lhe oponha. O

desprazer, obstáculo da vontade de potência, é, portanto, um fato normal, o ingrediente normal de todos os fenômenos orgânico; o homem não o evita, ao contrário, tem continua necessidade dele: qualquer vitória, qualquer sentimento de prazer, qualquer acontecimento pressupõe uma resistência vencida (NIETZSCHE, p.388).

O autor chama a atenção que o grande obstáculo são os estímulos da vontade de poder, não é o prazer e nem o desprazer à sua unidade, mas sim a soma de potências, pois não existe uma unidade. Assim, não é a satisfação da vontade que é a causa do prazer, esse sentimento reside precisamente, segundo Nietzsche, na não satisfação da vontade, na sua incapacidade da vontade em satisfazer, nesse ponto, o autor clama, que para esse homem feliz e satisfeito, o seu ideal pertence ao rebanho.

Em seu postulado Nietzsche diz que é necessário recolocar o agente na ação (estímulos), depois que o retiraram de uma forma abstrata, tendo sido a ação esvaziada de seu conteúdo; faz necessário retomar na ação o objeto da ação e o objetivo é o próprio fim a que se visa, vontade de ter desejo após serem retirados de forma artificial.

Potência é ter fins, escopo, intenções, querer e por sua vez, querer os meios para isso. Nesse viés, hoje quem comanda é o oculto, um ser misterioso, onde não podemos ver essa realidade pelas causas, mas sim pelos efeitos e obedecemos sempre à ordem, porque somos essa ordem.

Outros homens querem o poder, mesmo a custos de desvantagens e sacrifícios, visíveis em sua felicidade e em seu bem estar os ambiciosos. Outros querem o poder simplesmente porque do contrário cairiam em outras mãos das quais não querem depender (NIETZSCHE, p.418).

O filósofo Nietzsche, ratifica a sua ideia de egoísmo, onde coloca o indivíduo como seu erro. E segue sua ratificação, colocando que para o homem ultrapassar essa fronteira errática, será preciso que esse homem esteja em risco de perder algo, para daí sim, dar valor a esse “algo”. Para tanto, o homem deverá submeter-se ao eterno retorno a si, onde Nietzsche fala da transmutação de todos os valores.

Não mais o prazer causado pela certeza, mas pela incerteza, não mais a “causa” e o “efeito”, mas a criação contínua, não mais a vontade de conservação, mas a vontade de potência; não mais a expressão humilde tudo é subjetivo, mas é também a nossa obra! Sejamos orgulhosos! E para tudo isso os homens deverão ser livres da moral; que sejam encontrados meios novos para combater a realidade da dor. Esses meio oriundos da incerteza, de

tentativas contra o “fatalismo extremo”, supressão de toda ideia de necessidade, do conhecimento em si. (NIETZSCHE, P.450)

Nesse confronto, (p.450) haverá de ter finalidade, como sendo intenção desse homem transmutado. Para tanto, o “espaço deve ser a causa do movimento eterno, e, afinal, de toda imperfeição”, onde o devir deverá ser jus”.

MOMENTO V

5.1) A realidade sob metáforas

Parafrazeando Nietzsche: prefiro a sátira ao invés da santidade, assim é o começo dessa nova ordem, que é o momento que inicio expor para atingir os meus alvos, que começaram desde o primeiro momento dessa tese. Coloco-me com as minhas experiências, parte não da essência do meu ser, mas da minha existência. Pois como o filósofo Sartre: ‘a existência antecede a essência’.

Desse modo, recorro para Humberto Maturana, mais precisamente sua obra “A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. Assim, é de suma importância começar uma nova árvore de conhecimentos, visto que vivemos nesse mundo e portanto fazemos parte dele, coexistimos com os outros seres vivos e construímos o mundo dentro das nossas existências. Por sua vez, esse mundo da ilusão nos constrói da mesma forma, para tal. Devemos dentro das coexistências com os outros, rever alguns processos e nuances que colaboraram para nós negligenciarmos e do mesmo modo sermos passivos, com tais situações que o mundo da ilusão nos imprima.

Nossa trajetória de vida nos faz construir nosso conhecimento do mundo- mas este também constrói seu próprio conhecimento a nosso respeito. Mesmo que de imediato não percebamos, somos sempre influenciados e modificados pelo que experimentamos. [...] Para mentes condicionadas como as nossas não é nada fácil aceitar esse ponto de vista, porque ele nos obriga a sair do conforto e da passividade de receber informações, vindas de um mundo já pronto e acabado- tal como um produto recém saído de uma linha de montagem industrial e oferecido de consumo. (MATURANA, 2001, p.8)

Coloquei-me desde o início parte da tese, diante da minha história de vida em plena sintonia com a minha existência. Apesar de acreditar que sou predestinado a grandes tarefas, devo aqui contar os pequenos detalhes, as pequenas coisas, pois são mais importantes a tudo que se deu valor até agora. Precisamos rapidamente pensar a reaprender, pois cada ação aqui construída foi fruto desse modo de agir e pensar o mundo, mais precisamente fruto da quase totalidade forma de educar nesse mundo, quase que um padrão universal que me leva a questionar, pela suspeita, que foi tudo

errado até agora. Claro que o erro não foi por acaso, mas sim, um erro planejado, tolerado e consentido.

O que foi exaltado até aqui não é realidade, são meras imaginações, são mentiras provenientes da própria ideação reflexiva (inversão planejada) que o homem imprimiu. Quando exalto o ato de reaprender digo aqui a própria Geografia. Poderei não ser ouvido nesse instante para as minhas verdades, mas digo, procurei aqui a minha exaltação de vida, andando sem muletas e destruindo qualquer tipo de ídolos.

Assim, Geografias Invisíveis, nasce das mais turbulentas nuvens e ondas da minha vida, nasce como um discurso raro. Não venho aqui representar resultados de nenhum processo representativo de alguma objetividade, tratando o conhecimento como fenômeno baseado em representações mentais pelo qual o próprio mundo nos concebeu como verdade. Venho apresentar a minha coexistência dentro das geografias invisíveis como uma linguagem universal para todos os homens que queiram fazer parte de seu próprio marco epistemológico para uma nova série de experiências existencialistas na Geografia.

A metamorfose desse espaço foi visto pelo método progressivo-regressivo onde transitei pelo momento I para explicar as condições que o homem de ontem imprimiu ao de hoje e por sua vez traçou quase que fatalmente o homem do futuro.

Por outro lado, vejo dentro do transito nessa viagem que é o momento de produzir minha própria obra, dentro do momento de tese, que, acontece quase de forma espontânea que o rompimento com esse tipo de mundo era preciso aparecer e andar, conforme, o desenvolvimento dos outros momentos, nesse caso, do momento II, III e IV. Claro que os pontos permeados a cada passo dentro de cada momento eram para uma fuga desse mundo da metamorfose, chegando ao encontro da metáfora do espaço, processo que despotencializa o homem por inteiro, da sua objetividade para sua subjetividade.

É nesse momento que preciso de mais sensibilidade na minha conduta explicativa e argumentativa dentro de cada recorte e ponto, dentro do desenvolvimento

dos momentos emergentes. Portanto, antes de saber o homem do futuro, preciso saber como é esse homem atual? As ferramentas que utilizei para saber que condições estamos lidando e manejando, nessa construção da condição humana, foram do método progressivo- regressivo à análise institucional. Foram recursos importantíssimos para recriar esse homem adaptável, que além da sua adaptação material, precisou dentro do seu caminho de confortos psíquicos, como queiram de venenos.

Assim, mediante o caminho existencial aqui proposto como Geografia Invisível, surge como uma nova perspectiva geográfica, para analisar a condição humana, suas potencialidades e suas manifestações na existência.

5.2) Geografias Invisíveis

Cabe aqui, adiantar que uma realidade não cabe na outra, mas, acima de tudo, uma está na outra, pois tudo é vida, viver desse homem. Portanto, **Geografias Invisíveis** será o meu ponto confrontador, proferido por mim como meu meta-ponto, que, ao analisar uma realidade complexa saltarei de pontos dentro dos momentos, com o intuito de encontrar os elementos destes movimentos. A análise deve ser operada e situada por ‘momentos’, no processo genealógico das experiências, que, por sua vez, são suas coexistências analisadas dentro de cada perspectiva lançada dentro do caminho de tese.

Portanto, a analogia teve um papel muito significativo na resolução de problemas, tomada de decisão, percepção, memória, criatividade, emoção, explicação e comunicação, por fim, aglutinei todas as arestas, elencadas para por em prática um novo devir geográfico. Digo isto, porque a cada passo que dou na vida, é encarado por mim como fosse vivido em outras mil vidas, pelo fato que cada escolha, cada pauta, cada teórico, cada pensamento aqui colocado e elaborado, soma-se com a construção do mundo. Tudo isso, aliado em mim e nos outros, que por sua vez representa nesse mundo atual as nossas coexistências construtivas dentro de cada escolha.

Vejo o visível como um recorte insignificante do todo, seja em qualquer coisa, considero fator muito pequeno dentro das realidades. A contradição se caracteriza por aquilo que não é visto, quando fazemos um diagnóstico, condição da grande maioria dos

trabalhos científicos ou como queiram nas nossas vidas que justificam suas obras, suas vidas com recortes previsíveis e dentro de uma realidade ingênua e reativa.

Precisamos ir além das aparências, e aprofundar os fatos diante de suas reais condições que poderão ser ativa ou reativa na visão Nietzscheana de mundo. Assim, o termo invisível faz um contraponto às objetivações, conceituações que embora tenham uma genealogia profunda, na sua praticidade tornam-se sem sentido, pois sua função na grande maioria é servir como muletas, que faz com que a realidade seja descontextualizada havendo uma inversão de valores. Diante desse fato, o visível existe pela negligência induzida dos processos construtivos tanto das nossas experiências, como da nossa vida no geral. Assim o termo invisível é um contraponto que ao meu ver é mais real do que aquilo que os nossos olhos normais, já não enxergam mais.

A tese é composta por cinco capítulos: e aqui caminho neste último momento, o momento V, aqui tentarei fechar meu caminho, minhas escolhas. O momento V é de cunho geral e proposital para que Geografias Invisíveis entre como uma categoria de análise para as ciências humanas, em especial a Geografia, logo, em perspectiva maior, para a ciência geral. Por outro lado, os outros capítulos fazem coexistência diante da exposição dentro de um caráter indutivo dos fatos, que são recortes de momentos.

Assim, o conhecimento em suas características mais gerais que aqui exalto, são momentos específicos das minhas experiências de vida, sobre uma pesquisa ativa, onde cada parte é proposital, que começam com minhas experiências para elevar a nível teórico.

Assim, preciso expor o que o “momento” significa para mim nesse instante de produzir a minha obra. Portanto, momento é analisar uma realidade complexa e atingir seus elementos reais, é o mesmo que descobrir seus movimentos. A análise deve ter uma espacialidade e cronologia situadas no momento do processo criador. Assim, a análise de um ser humano desvendará o seu caráter, já a análise da sociedade desvendará o caráter em suas multiplicidades coexistentes, que ao mesmo tempo geram tensão e conflitos.

Portanto os momentos são pontos cruciais para desenvolvimento de uma análise, colocando cada ser na sua originalidade dos fatos, em permanente dialogo com aquilo que os diferencia dos outros ou aproxima. Portanto, junto com a indução dos fatos, ou seja, os recortes, os momentos tornam-se importantíssimo pela magnitude de cada movimento dentro do que se espera do momento.

Ao induzir minha história de vida, como recorte ativo da pesquisa busquei a genealogia das minhas experiências através da indução de outros recortes, ou seja, outras experiências para tentar explicar minha história de vida e minha existência. Assim, traço a ciência Geografia como domínio cognitivo, e por sua vez, constitui-se pela objetividade que apliquei em cada recorte de um grande momento que é a tese. Com isso, confirmo minhas experiências humanas como critério de validação da ciência existencialista dominando certas explicações diante do meu conhecimento cognitivo.

Todo conhecimento humano emerge incessantemente do mundo da vida, no sentido biológico do termo (Cf. La Méthode 3,1, pp. 35-36), insisto em observar que todo conhecimento filosófico, científico ou poético emerge da vida cultural comum. [...] É verdade que todo conhecimento, inclusive o científico, está enraizado, inscrito no e dependente de um contexto cultural, social, histórico. Mas o problema consiste em saber quais são estas inscrições, enraizamentos, dependências, e de perguntar-se se pode aí haver, e em que condições, uma certa autonomização e uma relativa emancipação do conhecimento e da ideia.(MORIN, 1998, p. 14 e 20)

Sobre esse caminho coloco a ciência em geral dentro de uma demanda modulada. A ciência é uma resposta adaptativa de compreender, interpretar os processos da produção do homem da sua existência, nesse caso homem cria o mundo, mundo cria o homem, da adaptação para uma constante intencionalidade. Acredito, que sob essa fraudulenta conduta da realidade encontram-se a essência dos nossos problemas, quero lembrar que a existência antecede nossas essências adaptativas, com isso, reforço que há muito mais para se mobilizar perante a existência humana, do que destruir na essência criada como ilusão. O conhecimento é uma aptidão material de todo o ser humano, que precisa estar dotado de poder.

O pesquisador dessas verdades procura no fundo, apenas a metamorfose do mundo em homem, luta por um entendimento do mundo como uma coisa à semelhança do homem e conquista,

no melhor dos casos, o sentimento de uma assimilação. Semelhante ao antropólogo que observa as estrelas a serviço do homem e em função de sua sorte e sofrimento, assim um tal pesquisador observa o mundo inteiro como ligado ao homem, como a imagem multiplicada de uma imagem primordial, do homem. Seu procedimento consiste em tomar o homem por medida de todas as coisas: no que, porém parte do erro de acreditar que tem essa coisa imediatamente, como objetos puros diante de si. Esquece, pois, as metáforas intuitivas de origem, como metáforas, e as torna pelas coisas mesmas (NIETZCHE, 1983, p. 58).

Não devo colocar a minha pesquisa dentro dos moldes atuais, no qual os trabalhos científicos tornam-se banalidades científicas, senso comum, devo descobrir e não repetir, devo trilhar novas metodologias, novas epistemologias. Não podemos ficar só na denuncia da vida atual, mas para isso teremos que discutir a humanidade nas suas nuances internas, encontradas nos indivíduos, na condição de sociedade de forma coexistente.

Para isso, é dever ultrapassar a questão social e individual dos moldes atuais. Por isso, a própria dialética que abastece essa lógica mais crítica até agora produzida como método, teve aqui no momento de tese o seu desuso, onde acredito que apesar de que o método dialético aproximar-se mais da realidade, mas como tudo no mundo da vida ele possui seus limites. A dialética nos conduz apenas a considerar o homem social, com isso, abandonando o homem sua dimensão existencial.

Embora, os fatores materiais determinem as causas humanas, não são fatores determinantes para a vida de um indivíduo e suas coexistências, o que acontece são condicionamentos dentro dessa demanda controlada. Há muito mais no ser que devemos co-relacionar entre homem e mundo. A existência é bem mais do que uma relação meramente materialista. Vivemos uma ambivalência das realidades, com o conhecimento fragmentado que nos impede de conhecer a verdadeira realidade. E dentro de um pensamento complexo devemos dissipar as artimanhas da realidade, com isso, desmistificar para uma nova clareza do espaço. Vivemos uma incoerência de nossas percepções, diante da organização dos nossos saberes e dos nossos sistemas de ideias, ou seja para uma inteligência cega e modulada.

Nenhuma prática esgota a teoria, nenhuma teoria da conta de todas as práticas. Devemos ultrapassar a intolerância dos debates acadêmicos, oriundos em parte pelas especializações que romperam com a unidade do conhecimento. Portanto não poderemos ignorar as diversas possibilidades teóricas e metodológicas dentro da ciência em geral. Onde os paradigmas nascem, desenvolvem-se e por sua vez, morrem. Ao contrário, do que passa com a morte dos indivíduos, a morte de um paradigma traz dentro de si paradigmas que não de lhe suceder. Toda mudança vem com efeitos elásticos, dentro de uma lógica elástica que por sua vez oscila dentro de cada onda de mudança. Por sua vez, essa oscilação geram tensões que nos imprimem tal lógica, que dentro das coexistências existenciais poderão regular ou emancipar.

Para tanto, esse caminho dentro desse experimentalismo que é cada recorte, cada momento foi desenvolvido pensando na minha história de vida, em coexistências com os outros. Os momentos foram plausíveis para essa realidade complexa, circundante, a cada etapa foram circunstanciados diversos elementos necessários para o desenvolvimento desse produzir o momento da obra tese. Portanto, os momentos são pontos cruciais para o desenvolvimento de uma análise, colocando cada ser na sua originalidade, cada fato, situação em diálogo com aquilo que o diferencia dos outros. Portanto, cada momento é a indução dos fatos, ou seja, recortes que farão de mim homem, pesquisador, não só o que penso, mas, também o que o mundo pensa?

Os momentos são recortes que não são a sucessão de fatos no tempo, não é o progresso das ideias, mas o modo como os homens determinados recriam os meios e as formas de sua existência. Assim, a história do homem sobre a terra é a história de uma ruptura progressiva entre homem e seu contexto e seu entorno. Até agora a humanidade suportou grandes ondas de mudanças, da apropriação da natureza, aos bens de produção, para a manipulação da vida.

Diante de um mundo de perspectiva há de ser elaborado uma nova forma de perceber e conceber o mundo, para uma nova reação do homem perante suas próprias mazelas que foram construídas pelo próprio homem. Devemos encarar as perspectivas atuais como nocivas para esse homem atual, pois esse mundo foi criado para anular

qualquer ordem que seja diferente dentro dessa ordem, que apropria homem, natureza, anulando a vida em prol de uma visão ilusória modulada.

Diante de um mundo prospectivo podemos prever com certa objetividade nossos momentos. Assim, com uma intenção de qualificar Geografias Invisíveis como ferramenta prospectiva para o mundo das experiências. Com isso, Geografias Invisíveis é um caminho de super-previsões, amparada em ações que deverão ser feitas ou até mesmo evitadas em favor dos cenários que os homem projetarão nesse caso em favor das coexistências nas curvas do previsível e imprevisível. Pois ambas coexistem de forma conflituosa nos cenários coexistente, onde o perspectivismo carrega vícios que condiciona cada momento em recortes simplórios. As previsões moldam nossas decisões, com isso moldam nossas vida.

Devemos desmistificar os padrões mentais que enquadram nossas aptidões em um único viés de conhecimento, colocando as múltiplas inteligências que afloram nossos corpos natureza para uma única via mental modulada, nesse caso para, esse mundo modulado.

Por fim, fica claro que não evoluímos mais pois os conhecimentos da mente, do mesmo modo que a ciência em geral, esta fragmentada em perspectivas fechadas, junto com as mentes ambas são moduladas para esse pequeno comprometimento no qual nós encaramos, é mais fácil deixar os outros exercerem por nós, do que todos, num mesmo ritmo avançar em prol da vida.

Fica claro que a negação do sofrimento psicossocial é negar a própria negação da existência. Não basta a ampliação do enfoque biológico, no sentido de abranger o psicológico e o social, como variáveis, para superar a dicotomia mente- corpo. Saúde é uma questão sócio- existencial portanto dentro de perspectivas, pois é um processo da ordem das coexistências sociais e das experiências pessoais.

Será que para mudarmos o mundo, só será possível mudando nossas consciências? Será que é só isso. Para tal dúvida os autores Álvaro vieira Pinto com o conjunto de suas obras sobre a consciência da realidade nacional, e Friedrich Nietzsche

com a origem dos valores, dentro da genealogia da moral e diante da vontade de potencia foram escolhidos dentro das minhas experiências para fazerem parte da minha coexistência do momento de tese.

O que observamos como conhecimento muitas vezes é tão distante da nossa realidade, somos bombardeados com todos os tipos de informações que muitas vezes são muito distantes a nós, via uma demanda modulada sem consentimento, mas uma pura exigência do discurso que rege o mundo. Assim, negamos o que realmente é importante para a vida. Assim devemos questionar, se o mais importante é o conhecer dentro desses moldes, ou recriar outro conhecimento, de um novo vir a ser que diante de perspectivas para um auto conhecimento de nós.

5.3) Fronteira do meu pensamento

Assim, as mudanças de poder não é boa e nem ruim, pois é um aspecto inevitável de todo o relacionamento humano, onde influencia tudo, somos o produto do poder que exercemos. Esse movimento muda a todo instante, conforme a mudança de estrutura de uma sociedade estão em todos os momentos formando novos hábitos, consentidos, tolerados e desejados. Portanto o poder veste-se de múltiplas roupagens, e sua metamorfose é visível e invisível dentro do espaço com certa cronologia e espacialidades nos mais diferentes topos.

Aqui será a minha fronteira do pensamento, visto que, como já disse anteriormente que toda a perspectiva tem o seu limite dentro desse cenário de arranjos institucionais, conjunturais que o homem construiu e o mundo aderiu e por sua vez o mundo imprime suas causas. Digo fronteira pelo alcance que cada recorte de forma tendenciosa foi aqui colocado e elaborado para esse momento da tese.

Ao meu ver o mundo visível que aprendi com os outros, comigo e com minhas constantes experiências de vida serão contemplados até o filósofo Álvaro Vieira Pinto. Quando falei sobre o método dialético que ele tinha limites, pois bem, chego ao seu limite, pois, acredito que alcancei satisfatoriamente, o que a dialética aqui explorada, dentro desse momento de exploração do visível pudera me proporcionar.

Deleuze fala que devemos nos perguntar o que querem tais forças de vontade da dialética? Seria uma força que esgotada que não tem força para afirmar sua diferença, uma força que não age mais, reage a tais fenômenos, mas não tem forças ativas para nutrir em si algo novo, ou seja, reage com a repetição.

O não dialético em Nietzsche é o fato que em uma relação de forças onde um ordena e o outro se submete não é a condição negativa ou positiva entre ambos que confere o fato dessa condição. Mas há nesse interesse uma espécie de negociação e por sua vez um câmbio entre ambos diante de suas diferenças. O negativo ou positivo são resultados dessas atividades de forças. E nessa relação à vontade quer confirmar a sua diferença. Na diferença esse objeto se afirma. Portanto, a hierarquia é o motor essencial do conceito, mais eficaz e mais profundo do que todo pensamento da contradição.(DELEUZE, 1976, p.7).

Por isso a fronteira é o meu rompimento com certas teorias, não poderei ver Nietzsche, diante de outras propostas metodológicas, pois as obras Nietzscheanas nos remete para outros estados conceituais de mundo.

Que fique claro que os paradigmas são carregados por toda a vida, de certo que o método dialético dentro do que almejo ele ficará somente dentro de outras perspectivas, haja visto, que aquilo que levantei diante do filósofo Nietzsche não cabe nenhum ídolo, nenhuma muleta, nesse caso, se persistisse com tais visões caminharia com tal idolatria, sem nenhuma função para tal esforço que proponho nessa tese. Como já dissera em outros momentos que a cada hora que passa num lapidar do diamante, descarto qualquer roupagem que poderá me manter sob muletas metafísicas ou até mesmo venenos modulados.

Para Nietzsche todo acontecer é interpretação, e toda interpretação é acontecer: esta seria a descrição perpétua dessa realidade de que fazemos parte. Não somos “nós” que interpretamos “o mundo”, é o próprio mundo que interpreta a si mesmo através de nós, ou melhor, é o interpretar que interpreta o interpretar. Nesse caso, é a objetividade do nosso interpretar, essa ação só pode ser essa espécie de intensificação da força que interpreta o mundo simbólico, que nada mais é do que a vontade de potência. Aqui, entendida com a expressão que designa tais processos interpretativos que constitui tal realidade.

No mundo atual já esgotamos todas as nossas escolhas, não possuímos nenhum topos firme, nenhum lugar seguro. Tal esgotamento procede por acreditarmos em algo superior, ou em qualquer ente superior dentro desse mundo verdade tido como absoluto. Nessa condição, o que proibi estarmos em outro estágio de comprometimento para a vida em geral. Nesse caso, a tese entra como tentativa de romper com essas amarras onde a nossa atualidade científica, e nossa consciência proibi tais rompimentos, que é fruto desse rigor, desse mundo verdadeiro e absoluto, que não cessa de criar sombras ao próprio homem. Sem sombras de dúvida, o rigor, neste caso, é oriundo desse projeto intelectual forjado para esse homem tal que aqui vive sob condições tais, fazemos qualquer coisa a qualquer preço, claro que no caminhar e no final pagamos por esse tão valorativo projeto de homem atual.

Para superação e transvaloração desses valores devemos suprimir esses condicionantes absolutos, tais como a moral. Assim, eu pego Nietzsche como esse fio condutor, pois ele vai nos apresentar uma realidade (imagem) que diante dos múltiplos pontos de vistas que são primordiais para a reflexão que estou desenvolvendo até aqui.

Quando coloquei que todas as verdades são verdades sangrentas, foram para uma auto reflexão que preciso retornar sobre mim mesmo, e me voltar contra mim mesmo para que o sofrimento não fique estático, mas que vire essa ferramenta multifacetada que a golpe de martelo e diante das minhas suspeitas poderão ser uma espécie de micro cataclismo que surtirá efeito de uma nova sensibilidade.

A morte dos ídolos nesse caso provem de uma mudança de método que perpassa qualquer utilitarismo mundano idealizado dentro dos recortes e cenários oriundos das múltiplas realidades que causam um déficit entre o mundo real e esse tal agente que retarda a supressão desse topos atual. Podemos destacar tais utilitarismos como democracia, socialismo, e todos os tipos de utilitarismos como conseqüências do que vemos com a política, com a religião e a própria moral são todos oriundos dessa genealogia da moral. Todos de alguma forma criticam tais modelos idealizadores de morais em sua perspectivas de avaliações, mas seguem crendo sempre nos mesmos modelos mentais modulados.

Diante das minhas experiências até aqui vividas em caráter de coexistência, vivi inúmeras situações que de certo modo foram elencados nesse momento de tese, fiz inúmeras escolhas, inúmeros caminhos que foram por mim direcionados para aquilo que penso e tenho como propósito de ação como vida. Isso mesmo, a vida foi posta em dúvida, pelo fato que acredito como o próprio Nietzsche diz na vida. Cada detalhe, cada recorte foi e é a minha missão como ser ativo nesse produzir minha própria obra, caberá ao leitor ruminar cada meandro pois como assim busquei diante de momentos teremos a concepção de pontos que se transformarão em meta-pontos.

Fica claro para mim diante da minha trajetória e diante das contextualizações vistas em perspectivas que esse mundo é um placebo para os nossos olhos, nossas mãos, nosso cérebro e nossas pernas, como foi dito um veneno que nos imprime uma extrema redução da nossa capacidade operante no qual o homem atual vive, viveu e caso siga a diante será o mesmo.

Procurei em cada passo, propor em momentos, uma lente multifacetada de pontos que diante da herança social que nasci, vivi, e por vez, como ser pensante tenho a oportunidade de colocar sob dúvida tudo que aprendi, passei e também rompi. Vejo que o espaço não é somente um sistema indissociável de objetos e de ações, que fazem de nós seres distantes das nossas ações dentro desse mundo que não para de nos construir. Até onde eu poderia ir nesse momento fui, coloquei em xeque muitos valores absolutos, e tentei colocá-los nos seus devidos lugares.

Não cabe nenhum pensamento absoluto, já não temos mais escolhas, não adianta colocar nenhum jargão novo, como sociedade do bem comum, da solidariedade, do progresso, pois nesse lugar não possuímos nem um topos existencial firme tão quanto um lugar seguro. Não é que tenhamos que viver em eterna crise, nostalgia crônica, devemos sim viver diante de novas possibilidades, ou caso contrário?

Nesse caso, devemos captar os movimentos dentro dos momentos que são questões vitais responsáveis pelos nossos rumos. Percebamos que os ideais são eternos movimentos que escreveram nossa história, desde um ideal superior, a sua supressão, o

advento de um mundo falso secular, pois o mundo coexiste em todas as realidades, essas não morrem. De tal forma, herdamos esse mundo com novas roupagens sob novos discursos, mas eles estão sempre ali, imbricados dentro desse movimento. Como uma onda eles são postos em dúvida, sobre suspeita, até onde podemos acreditar em tais mudanças, em tais adventos diante de novos modelos idealistas e por sua vez, esquecemos do seu ideal absoluto.

Pois bem, não posso trazer aqui para esse momento da tese um simples pensamento delirante, pois poderei correr o risco de determinar esse pensamento para um estado fechado, recaindo em dogmatismo. Onde os dogmas são vistos como modelos dentro de um esquema de interpretação, um simples recorte de um esquema de uma realidade. Como se aquilo que me proponho fazer em tal situação fosse um objetivo universal dentro de uma perspectiva unívoca do conhecimento atual.

Para tal, devemos dentro do levantamento da genealogia dos problemas saber que tal natureza humana em Nietzsche é colocada em questão. Saber que o devir humano existe devido uma espacialidade e uma cronologia, que confere a história humana, ligada as suas múltiplas naturezas, seja ela psicológica, geográfica, social, histórica e fundada na lingüística que estrutura por sua vez tudo em pensamento.

O que essa tese pretendeu foi aderir ao pensamento Nietzscheano dentro de alguns pressupostos metodológicos, que pressupõem disciplina e limpeza do pensamento adquirido e herdado como fontes verdadeiras de conhecimentos. Não podemos negar que tais forças, são colocadas ao simples interesse humanos e nada mais, e por sua vez, podemos diante de tais escolhas em prol dos nossos interesses assumir a máscara de escravo de tal tipo de dinâmica escolhida.

A tentativa de demonstrar essas questões se fez recorrendo a Geografias Invisíveis que desde meus primeiros estudos dentro das ciências humanas, nesse caso especial a geografia, foi formando um corpo mental, teórico e que dentro das minhas pretensões existencialistas foram experimentadas. Agarrei essa causa diante de todas as experiências vividas e tenho no invisível o suporte daquilo que o visível não me oferece

como explicação, mas sim uma negação daquilo que acredito como ciência geral, que diante do filósofo Nietzsche sustentarei uma nova ferramenta de análise para a geografia. Nada de receita pronta, como disse, é um lapidar do diamante que precisa matéria prima e também da sensibilidade para proceder com seus efeitos. Do mesmo modo, o homem no penhasco coloca suas fragilidades, suas superações dentro de uma realidade metafórica que conduz esse homem para o seu abismo. Precisamos rever nossas genealogias que não são o mundo absoluto quando nascemos, mas sim, todos os movimentos coexistentes que fizeram dessa humanidade uma consciência reativa, que anula suas potências em detrimento de uma ilusão.

Geografias Invisíveis foi um combate diante a realidade sob metáfora, com pequenos e grandes detalhes que coexistem diante das minhas experiências e das nossas experiências. Em fim, somos influenciados pelo que experimentamos, tanto minhas experiências quanto as nossas experiências há negligências de processos, que dentro das nossas experiências coexistem dentro da nossa trajetória onde construímos o mundo e ele por sua vez nos constrói.

Há com isso uma eterna metamorfose do espaço, onde o homem condicionado em seus ideais é formado pelo mundo. Temos nesse mundo atual o mundo visível que é visto por mim como recorte insignificante e o mundo invisível como recorte mais que significativo, essa diferente valoração refere-se para a construção do espaço que por sua vez contribui para uma realidade desconexa, onde há negligência induzida dentro das múltiplas realidades.

Diante disso, o homem atual foi conduzido até a obra do filósofo Álvaro Vieira Pinto que retrata as perspectivas nocivas, os vícios dentro das relações de força, onde um ordena e o outro obedece.

A tese respeitou a analogia dos momentos que foi a soma de pontos que foram transformados em meta-pontos. O objetivo desse caminho é que sirva para resolução de problemas, tomadas de decisões, com uma capacidade de ultrapassar do perspectivismo idealista para uma prospectiva para a vida. Pois é preciso ultrapassar a questão do social

e individual, pois são frutos de uma realidade ambivalente, dentro de uma demanda modulada para cada nicho social.

Ao meu ver devemos ultrapassar o visível que é materialista para entrarmos nas profundezas do invisível, que servirá como ferramenta de alcance do homem existencial. Geografias Invisíveis aparece como uma soma das perspectivas, aqui quanto mais for o número de perspectivas melhor (psíquica, social, cultural, geográfica, filosófica, histórica etc.) pois servirão para sustentar uma análise da condição humana. Nesse caminho foram analisadas pontos transformados em meta-pontos que possibilitam verificar a manifestação da existência que é vista pela vontade de potência no homem. Assim Geografias Invisíveis serve como ferramenta prospectiva de análise geográfica dentro do mundo existencial.

Para tanto a Geografia Invisível dentro da ciência em geral como categoria de análise poderá dar uma resposta adaptativa de compreensão, interpretação dos processos da produção do homem no mundo. Os momentos são coexistentes, a realidade é complexa e a Geografia Invisível torna-se uma arma de alcance de elementos reais, dentro dessa demanda modulada pelo mundo da vida viabilizadas pelo visível e invisível. É preciso induzir os movimentos nos momentos, onde a análise possui seu caráter espacial e cronológico, onde para cada ser humano, grupo humano possui uma genealogia das experiências coexistentes dentro de cada domínio cognitivo seja ele ativo ou reativo do conhecimento. Onde o alvo deve ser sempre o conhecimento do mundo da vida.

Para tanto a tese fez um rompimento de pensamento, traçando uma fronteira do pensamento, colocando a filosofia de Nietzsche como o grande marco para um rompimento paradigmático.

Em Nietzsche, tudo é colocado sob suspeita. A genealogia da moral entra como método, como instrumento de suspeita da moral. Diante do seu perspectivismo, o homem para Nietzsche não se vê como ele é, somente se idealiza.

Para Nietzsche em tudo nesse mundo há interesses, por sua vez, o autor naturaliza esse homem e tem como seu primeiro critério a vida. Para o autor a consciência é um subproduto insignificante da nossa psique. A consciência é uma espécie de holofote, um recorte, um ponto de vista dentro da manifestação existencial do homem. Nietzsche em todo o seu estudo nos remete a pergunta: quem movimenta o processo geral da nossa existência? Ele enfatiza que não é o “eu” que para ele é só um recorte dentro de um modelo mental que foi modulado dentro desse mundo dos contrários que fomos concebidos, ou seja, o mundo inteligível e o sensível. Nietzsche combate a golpe de martelo essa perspectiva de mundo que foi forjada diante ídolos para a formação de um homem absoluto e um mundo absoluto.

Assim, o autor começa a responder a pergunta quem comanda, e ele é categórico em dizer que o comando é fruto da vontade de potência (ativo ou reativo). Para ele a origem dessa potência é a mesma, ambos ativo e reativo são frutos da afirmação desse homem dual, onde ele destaca a moral dos nobres e a moral dos ressentidos. Devemos por sobre destaque que a moral surge como uma inversão dos valores, a moral dos ressentidos é uma reação a moral dos nobres. Essa relação entre ambos possui uma lógica e uma cronologia. Para Nietzsche não podemos escolher um pelo outro, pois dentro desse processo ambos coexistem, um é o outro. Assim, sob este viés coloco como limite, fronteira, para o método dialético.

Como já foi enfatizado o seu primeiro critério é a vida, vista como uma vontade orgânica que sente e pensa, é uma vontade de potencia como lei natural que não é causa e sim efeito. A vontade de potência em Nietzsche tem uma capacidade de destabilizar a lógica do pensar. Onde o mundo é energia em coexistência entre o homem ativo e o homem reativo no seu pensar e agir.

Para tanto, vejo e analiso o mundo como interpretação e representação através de uma lente multifacetada, sem fechar em perspectiva absoluta. Onde tudo é interpretação nesse mundo, o mundo interpreta a si mesmo através de nós, de mim em coexistência com os demais entes.

No decorrer da tese me servi da análise institucional como linha de pensamento e condução dentro dessa demanda modulada que cria essa realidade o qual faço parte e por sua vez sou construído de forma coexistente diante de outras vida. Portanto, qual é o problema da criação da realidade? Não é o valor pelo valor, mas sim a sua genealogia da moral na qual se faz parte dos fatos, nos seus valores de origem dos fenômenos que não são as causas e sim os efeitos modeladores.

Qual é a força que se apropria das coisas? Para a genealogia da moral não podemos interpretar simplesmente os fatos, mas avaliar . Pois, aqui não é uma luta dos contrários mas uma sucessão entre os entes coexistentes ativo e reativo. É importante sabermos que em Nietzsche a consciência é reativa. Pois não sabemos que o nosso corpo pode.

A consciência em Nietzsche é reativa, pois essa enxerga somente pelo seu ponto de vista, a sua maneira. Para o autor a consciência não é algo superior, é meio somente de conservação dentro de cada relação que por sua vez possuem interesses. O que temos não é a consciência de si, não é a consciência do senhor, mas do reativo em relação ao ativo que por sua vez não é consciente. Nessa externalidade do mundo, há um processo de coação que projeta vida para acontecer diante casos idênticos. Interpretamos o mundo como verdades que são muletas metafísicas. O grande erro é acharmos que a potencia em si é a causa, pelo contrário é o efeito. O mundo como concebemos e somos formados é medido mecanicamente, sistematicamente, oriundo dessa demanda modulada que precisa de necessidade e de lei para sua perpetuação e legitimação.

No mundo inteligível somos reduzidos a uma equação de causa e efeito, onde consideramos só os resultados equivalentes aos conteúdos e a força. No visível negamos a força ativa. Confundimos causa e efeito, diante de causas imaginárias como origem de interpretação. Erramos em achar razão para justificar tais estados seja bom ou ruim. No mundo da realidade metafórica vivemos diante de explicações psicológicas dos fatos que nos direcionam e condiciona para vivermos sob anestesia e veneno. Passamos reduzindo algo desconhecido a outro conhecido e isso até certo ponto nos alivia.

Projetamos qualquer explicação diante de tais avaliações de causas, pelo delírio justificamos cada fato através de interpretações. Nietzsche nos dá exemplos dentro dessas interpretações, coexistências explicativas onde o homem veste-se de máscaras sociais para cada ato representativo, ele nos apresenta o caso do banqueiro que pensa no negócio, o cristão no pecado e assim por diante.

Considerações finais

Diante de um mundo de perspectivismo há de ser elaborado uma nova forma de perceber e conceber esse mundo, cabendo ai a nós a tarefa de ultrapassar a questão social e individual dos moldes atuais. Devemos encarar as perspectivas atuais como nocivas para esse homem atual, pois esse mundo foi criado para anular qualquer ordem diferente da sua e será diante de um mundo prospectivo que poderemos prever, com certa objetividade, nossos momentos. É minha intenção qualificar Geografias Invisíveis como ferramenta prospectiva para o mundo da experiência, colocando a filosofia de Nietzsche como um grande marco para um rompimento paradigmático, pois para esse filósofo tudo tem interesse, e dentro desse caminho existencial a consciência é um subproduto insignificante da nossa psique.

A consciência é uma espécie de holofote, um recorte, um ponto de vista dentro da manifestação existencial do homem. Nesse caso fica a pergunta: quem movimenta tal processo? Nietzsche enfatiza que não é o “eu” que para ele é só um recorte dentro de um modelo mental que foi modulado. A vida não é uma permanente luta dos contrários, mas uma sucessão entre os entes coexistentes ativos e reativos. Ainda para o autor, a consciência é reativa no sujeito, pois não sabemos o que o nosso corpo pode, ele enxerga somente pelo seu ponto de vista que serve para sua conservação mediada de interesses.

A tese é uma condição existencial de coexistências, não sendo o que eu quero que seja simplesmente, como escolhas ou opções, mas, algo mais elevado do que um simples domínio de palavras. Nesse contexto o homem surge como responsável por tal elevação dentro da condição existencial do autor, das coexistências implícitas nas escolhas dos momentos imersos em cada detalhe que poderão representar uma consciência crítica, ou ingênua, uma existência ativa ou reativa, depende do alcance que o momento de produzir a obra, dentro do momento que a tese irá propor.

Foram levantados fatos, momentos, recortes, critérios de uso e desuso os quais transformaram-se em uma seleção de momentos para a tese. Embora as palavras tentam,

elas não dão conta do mundo da vida, só funcionando no mundo da ilusão; dessa forma, espero fugir dessa armadilha ilusória com pretensões falsas. Me instalei na incerteza, pois a verdade, como foi bem dito, é um bem acabado de uma muleta metafísica, onde não existe um só momento, uma só realidade, um só ponto de vista, há hipóteses de pontos conflitantes em eterna coexistência. Assim derrubar ídolos é a palavra para ideais.

A tese é a minha angustia, dentro do instinto decadente, simplório no qual fomos regidos; é nela que estão minhas experiências, escolhas, negações. Para haver uma transvaloração dos valores devemos trocar de perspectivas e, nessa troca, devemos valorar as pequenas coisas, os pequenos detalhes que são os mais importantes. Haverá de nascer novas instituições, novas formas de fazer geografia, quem sabe Geografias Invisíveis seja um algo novo. Nesse tempo não espero nenhuma consideração.

A pesquisa científica precisa de muito mais do que tempo e disciplina, pois há muito mais fronteiras no mundo da vida do que imaginamos, visto que hoje vivemos cada um em sua vitrine, conformado em seu nicho intelectual que prefere seus modelos, seus padrões que define cada capacidade psicológica planejada. Há sim um confronto entre realidade e existência. Pois, temos uma ausência de espaço existencial e uma ausência de tempo, ambos frutos de uma inversão e submissão ambos existenciais.

Dessa forma, para haver a minha coerência epistemológica fiz um esboço que foi minha blindagem teórica, a qual indica o meu momento dentro do movimento. O que fiz foi encontrar pontos de vistas e transformá-los em metapontos de vista, que deverão caminhar dentro de uma ação reflexiva e continua dos pontos. Assim, ao romper com esse homem fatiado em biológico, psicológico, econômico, social, etc. esquecemos que cada especialização não existe sem a outra. Criamos categorias sobre diferentes realidades, esquecemos que cada uma dessas partes são frutos dos desejos humanos. Portanto, devemos repensar a produção do conhecimento.

Os momentos são cruciais para análise, pois a indução dos fatos e dos momentos são importantes para a magnitude do estudo. Diante do método biográfico, apropriei-me

da minha existência para inserir em conformidade com as outras existências, inseridos em cada recorte, que funciona como indutor dos fatos, meus e dos outros, aqui transmitidos.

Na minha vida presenciei muitos aspectos que formaram e, de certo modo, também deformaram minhas percepções. Fui criado dentro de uma psicologia ofensiva e defensiva, as quais fizeram (e fazem até o presente momento) parte do meu crescimento e desenvolvimento dentro das minhas experiências de vida. Pois bem, para tal compreensão da realidade, em coexistência com outras realidades precisamos de micro cataclismos existenciais em nossas vidas, que serão vistos como dispositivos de ação e reação, pois, nesse atual ambiente existencial não temos condições para gerir nossa capacidade cognitiva em seu maior potencial. O fato de sermos criados em ciclos construtivos viciados e negligentes, frutos das nossas ações, resulta em ideações que foram mediadas por inúmeras finalidades dentro de demandas moduladas.

A tese foi uma conjunção, convergência entre um tema existencial carregada de recortes que conferiram tais angustias em forma de um efeito epistemológico mediado por Geografias Invisíveis. Nesse caso, a tese deverá ser além de minhas pretensões, caso contrário, será mais do mesmo.

A vontade de potência fica condicionada a uma realidade metafórica, oriunda de uma ruptura progressiva do homem com seu entorno e em si mesmo. Em cada capítulo, nessa tese nominado de ‘momento’, foi levantado pontos que condicionam nossas vidas para vivermos nesse mundo das ilusões. Assim, caberá a cada leitor ruminar cada ponto em prol de suas necessidades e até mesmo angústias para, diante disso, formar o seu meta-ponto e descobrir seus movimentos próprios (espaciais e cronológicos), situados dentro do processo genealógico coexistente com outros momentos diante da indução dos fatos.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hanna. **A condição humana**. 6. ed. Rio de Janeiro, Revista Forense Universitária, 1993.

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche e a dissolução da moral**. 2 ed- São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Unijuí. 2003.

BANDEIRA, Alexandre Eslabão. **Reflexões teóricas sobre os processos sociais da contradição exclusão/inclusão**. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós- Graduação em Geografia- PPGeo. Universidade Federal do Rio Grande, 2010.

_____. **O conceito de tecnologia sob o olhar do filósofo Álvaro Vieira Pinto**, Geografia Ensino & Pesquisa, V15, n.1, jan./ abr. 2011.

_____. **Geografias Invisíveis: a cidade na consciência e a consciência da cidade. Produção e reprodução da (in) justiça social**. Geografia Ensino & Pesquisa, V15, n.2, maio./ ago. 2011.

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, 5ª. Ed.- Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattarri, 2002.

BASTIDE, R. **Sociologia** / organizadora Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Ática. 1983.

BEAUD, M. **História do capitalismo: de 1500 aos nossos dias**. 4.ed. São.Paulo: Brasiliense, 1999.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: 1997

CANEVACCI, Massimo. **Dialética do indivíduo. O indivíduo na natureza, história e cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

.**Espaço- tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: contexto, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Convite à Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O Poder da Identidade**. v 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC. 1999.

CLASTRES, P. **A fala sagrada: Mitos e cantos sagrados dos índios Guaranis**.
Campinas-SP. Papirus 1990.

DEBORD, G (1931-1994). **A Sociedade do Espetáculo**. Disponível em: <http://www.geocities.com/projetoperiferia4/se.htm>. Acesso em 12 Out 2006.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Editora Rio, 1976

DEMO, Pedro. **Políticas sociais, educação e cidadania**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996.

DOLLFUS, O. **O espaço geográfico**. 5º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FERRAROTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: Najmanovich, Denise. **O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/ do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FERRATER, Mora, J. **dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.

Fornazari, Sandro Kobol. **Sobre o suposto autor da autobiografia de Nietzsche: reflexão sobre Ecce Homo**. São Paulo. Discurso editorial. Ijuí, RS. Editora Unijuí, 2004.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra 1987.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas**. Tradução Sandra Costa. Artes médicas, Porto Alegre, 1994.

_____. **Mentes que mudam: a arte e a ciência de mudar as nossas ideias e a dos outros**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed-Bookman, 2005.

- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GUATARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- _____. **Caosmose. Um novo paradigma estético**. 34 ed. São Paulo, 1992.
- HANSEN, G. L. **Espaço e tempo na modernidade**. Universidade de Londrina PR/ apresentado em conferência em 29/05/2000.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HESS, Remi. **Produzir sua obra: o momento da tese**. Trad. Sérgio da Costa Borba. Brasília: Liber Livro, 2005.
- IANNI, O. **Teoria da Globalização**. 2º ed; Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1996
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- _____. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- _____. **Lógica formal lógica dialética**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- Marton, Scarlet. **Nietzsche, filósofo da suspeita**. Rio de Janeiro: Casa da palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010.
- MATTOS, Fernando Costa. **Nietzsche, perspectivismo e democracia: um espírito livre em guerra contra o dogmatismo**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- MATURANA, H. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 2001.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

- MELLO, Marco. **Pesquisa participante e Educação Popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Isis, 2004.
- MORIN, Edgar. **O Método. 4 As ideias**. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre, Sulina 3ed, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gerard Lebrun. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. **Nietzsche I**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- NIETZSCHE. **A Genealogia da moral – uma polêmica**. Tradução, Notas e Posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **Obras Incompletas**. In: Os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1974a. v. XXXI.
- _____. **Aurora**. In: Os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1974a. v. XXXI.
- _____. **A Gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **Vontade de Potência**; tradução, prefácio e notas de Mário Ferreira dos Santos. – Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2011.
- NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- PINEAU, Gaston. **As histórias de vida como artes formadoras da existência**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 42-59.
- PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- _____. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Consciência e realidade nacional: A consciência ingênua.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1960.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

QUINTANA, Mario. **Caderno H.** 2ª Ed. São Paulo: Globo, 2006.

RECLUS, É. **Geografia.** Organizado por Manuel Correia de Andrade. Editora Ática. 1985.

Revolução industrial (verbete in: Sandroni, Paulo (org). Dicionário de economia. 5. ed. S.Paulo: Bestseller, 1994).

RIQUE, Lenyra Rique da Silva. **Do senso comum à geografia científica.** São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A natureza contraditória do espaço geográfico.** São Paulo: Contexto, 1981

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI.** 5. Edição- Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel. Terra, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método** . 2. ed., Trad. de Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SPINOSA, Baruch. **Pensamentos Metafísicos. Tratado da correção do intelecto**. Obras incompletas. Editora Victor Civita, 1973.

SAWAIA, Bader (org.) et all. **As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 6.edição editora Vozes Petrópolis 2006.

_____. **Exclusão ou inclusão perversa?** In: _____. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial de ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 7-13.

SAWAIA, Bader; LANE, T. M. (orgs.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHOPENHAUER. **O mundo como vontade e representação**.

SIGMUNT, FREUD. **Cinco lições de psicanálise**. Coleção os pensadores. Editora abril cultural, 1974.

SILVA, L. R. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto. 1981

SOUZA, M. L. **Planejamento Urbano e Ativismos sociais**. São Paulo: ed. UNESP, 2004.

. **Mudar a cidade:** uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda**. Trad. João Távora. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **Powershift. As mudanças do poder**. Um perfil da sociedade do século XXI pela análise das transformações na natureza do poder, 2 ed, Record, 1990.

TETLOCK, PHILIP e E, DAN GARDNER. **Superprevisões: a arte e a ciência de antecipar o futuro**. 1 edição- Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

.**Topofilia:** Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

YORY, C. M. **Ciudad y Sustentabilidad II**. Componentes y contenido de un proyecto sustentable de ciudad a partir del concepto de topofilia: Una aproximación al contexto urbano de América Latina. IN: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. 20 a São Paulo, 25 de março 2005 (cd Rom).

NARANJO, Claudio. **Mudar a Educação Para Mudar o Mundo**. Disponíveis em:
[:http://claudionaranjo.net/pdf_files/civilization/a_promessa_de_uma_civilizacao_moribunda_portuguese.pdf](http://claudionaranjo.net/pdf_files/civilization/a_promessa_de_uma_civilizacao_moribunda_portuguese.pdf)

[/http://claudionaranjo.net/pdf_files/education/education_ch_4_portuguese.pdf](http://claudionaranjo.net/pdf_files/education/education_ch_4_portuguese.pdf)

http://claudionaranjo.net/pdf_files/education/education_ch_5_portuguese.pdf

_____. **Caráter e Neuroses**. Disponíveis em:

http://claudionaranjo.net/pdf_files/personality/preambulo_de_caracter_e_neurose_portuguese.pdf

http://claudionaranjo.net/pdf_files/personality/character_neurosis_1_intro_portuguese.pdf

_____. **Ciencia y Conciencia**. Disponível em:

http://claudionaranjo.net/content_phoenix_spanish/theory_spanish.html

SAWAIA, Bader. **Psicologia e Desigualdade Social: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social**. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a10v21n3.pdf>

BARROS FILHO, Clóvis. **Uma introdução a Nietzsche**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=gHJzAAvISYU>

<https://www.youtube.com/watch?v=XsXCraUSPj8>